

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

Dissertação de Mestrado

**EFEITOS DO NÚMERO DE UNIDADES NO DESEMPENHO DA HABITAÇÃO DE
INTERESSE SOCIAL: O CASO DE MORADIAS ISOLADAS E CONCENTRADAS
NO MUNICÍPIO DE SANTIAGO – RS**

PATRÍCIA PRADO OLIVEIRA

Porto Alegre

2012

PATRÍCIA PRADO OLIVEIRA

**EFEITOS DO NÚMERO DE UNIDADES NO DESEMPENHO DA HABITAÇÃO DE
INTERESSE SOCIAL: O CASO DE MORADIAS ISOLADAS E CONCENTRADAS
NO MUNICÍPIO DE SANTIAGO – RS**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Planejamento Urbano e Regional
da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, como
requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Planejamento
Urbano e Regional

Orientadora
Maria Cristina Dias Lay, PHD

Porto Alegre
2012

CIP – Catalogação

Oliveira, Patrícia Prado

Efeitos do número de unidades no desempenho da habitação de interesse social: O caso de moradias isoladas e concentradas no município de Santiago - RS / Patrícia Prado Oliveira. -- 2012.

218 f.

Orientadora: Maria Cristina Dias Lay.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Habitação de interesse social. 2. Avaliação de desempenho. 3. Integração social. I. Lay, Maria Cristina Dias, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

EFEITOS DO NÚMERO DE UNIDADES NO DESEMPENHO DA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL: O CASO DE MORADIAS ISOLADAS E CONCENTRADAS NO MUNICÍPIO DE SANTIAGO – RS

PATRÍCIA PRADO OLIVEIRA

Dissertação de mestrado submetida à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial, exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional – PROPUR, para obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano na área de concentração da Percepção e Avaliação Ambiental.

Prof. Dr. Antônio Tarcísio da Luz Reis – Coordenador do PROPUR

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Dias Lay – Orientadora

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Dias Lay – Moderadora – PROPUR/UFRGS

Prof. Dr. Antônio Tarcísio da Luz Reis – PROPUR/UFRGS

Prof^a. Dr^a. Maria Soares de Almeida – PROPUR/UFRGS

Prof^a. Dr^a. Rosa Maria Locatelli Kalil – Universidade de Passo Fundo/UPF

Porto Alegre, 15 de março de 2012.

(Data de defesa)

DEDICATÓRIA

Aos meus avós Neuza e Alverolino,
sempre presentes na minha memória.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha fortaleza.

À minha orientadora Maria Cristina Dias Lay, por acreditar em mim e também por me fazer acreditar, pelo exemplo, pela paciência e capacidade de transmitir seus conhecimentos e por ter compartilhado comigo suas experiências.

Aos meus pais João César e Dilse, que me deram a vida, educaram-me e me apoiaram nos momentos em que precisei. Obrigada, mãe, pelo empurrão inicial, e pai, pela parceria, esforço e trabalho dobrado no escritório. E aos meus irmãos Rosana e Saulo. Obrigada, mana, pelo apoio em todos os sentidos: emocionais, técnicos, pelas noites mal dormidas, por assumir responsabilidades, e mano, pelo incentivo e pela criatividade em me descontraír. Minha família, obrigada pela participação e por terem saído a campo, literalmente.

Ao meu namorado Eduardo Uggeri Rodrigues, que esteve presente em todos os momentos, pelos puxões de orelha, pela tolerância, pela força nos momentos de desânimo, pelo companheirismo e persistência.

À minha madrinha Sônia pelas comidas e tele-entregas, aos meus avós Hermelindo e Nair, às tias Ângel e Maisa, também à Maria Inês e às minhas amigas Daniella, Lílian, sempre presentes com palavras, e-mails de incentivo. Obrigada pelo carinho, pela torcida e pelas orações. Também à Indianara, Katiane e Mônica pela acolhida sempre que precisei. Um obrigada, ainda, à Patrícia (amiga e mãe do meu afilhado Rafael), Sílvia, Jaqueline e Fabiane pelo apoio e a todos que souberam compreender a minha ausência.

À UFRGS e À URI, por viabilizarem o curso de Pós-Graduação, do qual fiz parte. A todo corpo docente e administrativo do PROPUR, em especial, ao professor Antônio Tarcísio da Luz Reis, pelos conhecimentos transmitidos e à Mariluz Grandó, pela receptividade, apoio, eficiência e amizade.

Às colegas Raquel Gorski (incentivadora da mudança de rumo deste trabalho), à Elenice Gindri de Lima (amiga, que me acompanhou e apoiou em todos os momentos), à Márcia e à Naiana, pelo apoio e disponibilidade, e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

O estudo trata do tema do processo de exclusão social resultante das políticas de produção de moradias voltadas à população de baixa renda, implementados no Brasil, que evidenciam o problema da uniformização e da falta de relação da habitação de interesse social com o entorno imediato e com a cidade. Considerando que não existem estudos conclusivos sobre o impacto de diferentes tamanhos de conjuntos na avaliação de desempenho dos moradores da habitação de interesse social, o estudo tem como objetivo principal investigar as relações entre a dimensão do conjunto (número de unidades) e os níveis de satisfação dos moradores da habitação de interesse social. Baseado na área Ambiente – Comportamento, é avaliado o desempenho em relação à satisfação dos moradores e à integração social entre os grupos (moradores de HIS e moradores do entorno) em duas áreas, nas quais houve a inserção de moradias isoladas e concentradas em conjuntos habitacionais diferenciados quanto ao número de unidades e qualidade da infraestrutura existente na área pelo programa Minha Casa, no município de Santiago, RS. O levantamento de dados foi realizado através de diferentes métodos, tais como levantamentos de arquivos, levantamentos físicos, aplicação de entrevistas, mapas mentais e questionários. Para a análise de dados, utilizou-se a estatística não paramétrica, que possibilitou uma maior precisão e validade da investigação. Diante das diferentes intervenções no espaço urbano, os dados evidenciaram que a qualidade da infraestrutura pode afetar na apropriação do local de moradia, no entanto, a avaliação de desempenho pode ser influenciada mais fortemente, por outros fatores, por exemplo, pelo tamanho do conjunto, assim como, por problemas sociais e econômicos dos moradores. Nesse contexto, os resultados sustentam que a integração dos moradores da habitação social com o entorno e com o bairro pode ser favorecida pela implantação dispersa de moradias inseridas de forma isolada em um contexto pré-existente e pela inserção de conjuntos de menor porte na malha urbana. Isto é, quanto menor for o número de unidades do conjunto, maior é a percepção de homogeneidade em relação ao entorno, menor é o “estigma” de morador de habitação social e maior é a possibilidade de integração com o entorno imediato e com a cidade. Portanto, espera-se fornecer subsídios para novas pesquisas sobre o tema e contribuir para a inserção da habitação de interesse social de forma mais adequada, na qual a moradia exerça o papel de elemento agregador do indivíduo na estrutura social.

Palavras chave:

Habitação de interesse social; número de unidades; níveis de satisfação; integração social.

ABSTRACT

The study deals with the process of social exclusion resulting from low-income housing production policies implemented in Brazil, which illustrate the problems of standardization and the lack of relationship between social housing, the immediate surrounding and the city. Considering that there are no conclusive studies about the impact of different sizes of social housing schemes on residents' performance evaluation, this study has the objective of investigate the relationships between the dimension of the scheme (number of units) and the level of resident satisfaction with social housing. Based on the Environment- Behavior research area, evaluation performance was assessed according to resident's satisfaction and the existent level of social integration among the groups (residents in social housing and the surrounding areas) of two areas, in which there was the insertion of single detached dwellings and concentrated dwellings provide in housing schemes, differentiated regarding the number of units and the quality of infrastructure existing in each area, built by the *Minha Casa* housing program, in the city of Santiago, RS. The survey data was conducted through different methods, such as files survey, physical survey, interviews application, mental maps and questionnaires. For data analysis, it was used the nonparametric statistics, which allowed a greater accuracy and validity of the investigation. Given the different interventions in the urban space, the data showed that the quality of infrastructure can affect the appropriation of the place of residence; however the assessment of performance may be more strongly influenced by other factors, for example, by the size o the scheme, as well as by social and economic issues of the residents. In this context, the results indicate that integration between residents from social housing with residents in the surrounding areas and the neighborhood may be favored by the dispersed arrangement of isolated dwellings inserted in a pre-existent context, as wells as by the insertion of smaller conjuncts in the urban context, since the smallest the number of units is, perception of "stigma" by social housing residents decrease and the larger is the possibility of integration of social housing with the immediate surroundings and the city. For that reason, it is expected to provide feedback information for future research on the topic and to contribute to the insertion of social housing in a more adequate manner, in which it can play the roll of aggregating element in the social structure.

Keywords:

Social housing; number of units; level of satisfaction; social interaction.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE TABELAS	13
LISTA DE FIGURAS	17
CAPÍTULO 1: CARACTERÍSTICAS DA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL E A AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO	19
1.1 INTRODUÇÃO	19
1.2 TEMA E PROBLEMA DA PESQUISA	19
1.2.1 Breve histórico da produção da habitação de interesse social	20
1.2.2 Características físicas da habitação de interesse social	26
1.2.3 O tamanho e o desempenho de conjuntos habitacionais	28
1.3 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	29
1.4 OBJETIVOS DA DISSERTAÇÃO	31
1.5 ESTRUTURA E CONTEÚDO DO TRABALHO	31
CAPÍTULO 2: FATORES QUE AFETAM A PERCEPÇÃO DOS INDIVÍDUOS EM RELAÇÃO AO DESEMPENHO DA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL	33
2.1 INTRODUÇÃO	33
2.2 ASPECTOS RELACIONADOS À QUALIDADE DE INFRAESTRUTURA URBANA NA SATISFAÇÃO COM A MORADIA	33
2.2.1 Localização	35
2.2.2 Acessibilidade e mobilidade	37
2.2.2.1 Meios de locomoção	38
2.2.3 Equipamentos, comércio e serviços	39
2.2.4 Espaços abertos públicos	42
2.2.4.1 Ruas	45
2.2.4.2 Praças	46
2.2.5 Segurança	47
2.3 ASPECTOS RELACIONADOS AO TAMANHO DOS CONJUNTOS E SATISFAÇÃO COM A MORADIA	49

2.3.1 Aparência e imagem	51
2.3.2 Apropriação e sentimento de pertencimento	54
2.3.3 Territorialidade	56
2.3.4 Sentido de comunidade e interação social	58
2.4 CARACTERÍSTICAS SÓCIO ECONÔMICAS, NÍVEIS DE SATISFAÇÃO E INTEGRAÇÃO SOCIAL	61
2.4.1 Nível sócio econômico e estilo de vida	62
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	66
3.1 INTRODUÇÃO	67
3.2 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS	67
3.3 ESTRUTURA METODOLÓGICA E HIPÓTESE DE PESQUISA	68
3.3.1 Definição do estudo de caso	69
3.3.1.1 <u>Breve descrição do município de Santiago – RS</u>	69
3.3.1.2 <u>Implementação do Programa Minha Casa</u>	70
3.3.2 Seleção do objeto de estudo	72
3.3.3 Métodos de coleta de dados	77
3.3.4 Levantamento de arquivo	77
3.3.5 Entrevistas e mapas mentais	78
3.3.6 Levantamento físico	79
3.3.7 Questionários	80
3.3.7.1 <u>Seleção da amostra de respondentes</u>	81
3.3.7.2 <u>Perfil dos respondentes</u>	81
3.3.8 Métodos de análise dos dados	82
3.4 CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS.....	83
3.4.1 Área 1: Bairro Missões e Bairro Vista Alegre	84
3.4.1.1 <u>Bairro Missões</u>	86
3.4.1.2 <u>Bairro Vista Alegre</u>	90
3.4.2 Área 2	96
3.4.2.1 <u>Bairro Vila Rica</u>	97
3.4.2.2 <u>Bairro Carlos Humberto</u>	105

CAPÍTULO 4: ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DO NÚMERO DE UNIDADES NA SATISFAÇÃO E INTEGRAÇÃO DA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL	111
4.1 INTRODUÇÃO	111
4.2 INFLUÊNCIA DA QUALIDADE DE INFRAESTRUTURA NA AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DAS UNIDADES E CONJUNTOS HABITACIONAIS DE INTERESSE SOCIAL	112
4.2.1 Área 1: Bairros Missões e Vista Alegre - Conjuntos Missões, Vista Alegre e Unidades Pulverizadas	114
<u>4.2.1.1 Localização e qualidade da infraestrutura</u>	116
<u>4.2.1.2 Apropriação e percepção de território</u>	116
<u>4.2.1.3 Imagem Percebida</u>	127
<u>4.2.1.4 Satisfação com o bairro</u>	129
<u>4.2.1.5 Satisfação com a rua</u>	132
<u>4.2.1.6 Satisfação com a moradia</u>	133
<u>4.2.1.7 Relacionamento entre vizinhos</u>	134
<u>4.2.1.8 Considerações sobre a Área 1</u>	136
4.2.2 Área 2: Bairros Vila Rica e Carlos Humberto - Conjuntos Dona Geane, Dom Moura, Dom Juridis, Vila Rica e Carlos Humberto e Unidades Pulverizadas	137
<u>4.2.2.1 Localização e qualidade da infraestrutura</u>	139
<u>4.2.2.2 Apropriação e percepção de território</u>	139
<u>4.2.2.3 Imagem Percebida</u>	147
<u>4.2.2.4 Satisfação com o bairro</u>	149
<u>4.2.2.5 Satisfação com a rua</u>	151
<u>4.2.2.6 Satisfação com a moradia</u>	153
<u>4.2.2.7 Relacionamento entre vizinhos</u>	153
<u>4.2.2.8 Considerações sobre a Área 2</u>	155
4.3 VERIFICAÇÃO DA INFLUÊNCIA DA QUALIDADE DA INFRAESTRUTURA NO NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A MORADIA	156
4.3.1 Localização e qualidade da infraestrutura	156
4.3.2 Apropriação e percepção de território	156
4.3.3 Imagem Percebida	160
4.3.4 Satisfação com o bairro	162
4.3.5 Satisfação com a rua	164

4.3.6 Satisfação com a moradia	166
4.3.7 Relacionamento entre vizinhos	168
4.3.8 Considerações sobre as Áreas 1 e 2	169
4.4 VERIFICAÇÃO DA INFLUÊNCIA DO TAMANHO DO CONJUNTO (NÚMERO DE UNIDADES) NO NÍVEL DE SATISFAÇÃO E NA INTEGRAÇÃO DOS MORADORES DE HABITAÇÃO SOCIAL	170
4.4.1 Apropriação e percepção de território	171
4.4.2 Imagem Percebida	172
4.4.3 Satisfação com o bairro	174
4.4.4 Satisfação com a rua	176
4.4.5 Satisfação com a moradia	177
4.4.6 Relacionamento entre vizinhos	178
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
CAPÍTULO 5: CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
5.1 INTRODUÇÃO	182
5.2 PROBLEMA DA PESQUISA OBJETIVOS E MÉTODOS	182
5.3 HIPÓTESE DE PESQUISA	184
5.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	186
5.5 LIMITAÇÕES DA PESQUISA	190
5.6 RELEVÂNCIA DOS RESULTADOS E SUGESTÕES	191
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	193
ANEXO A – ENTREVISTA	205
ANEXO B – QUESTIONÁRIO	207
ANEXO C – SÍNTESE DE FREQUÊNCIAS DOS QUESTIONÁRIOS	211

LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1: Etapas de construção das moradias concentradas e pulverizadas do Projeto Minha Casa	72
Tabela 3.2: Síntese das unidades pulverizadas e conjuntos selecionados	76
Tabela 3.3: Número de moradores entrevistados nas duas Áreas de estudo	79
Tabela 3.4: Perfil composicional dos respondentes	82
Tabela 3.5 - Intervalos adotados para a classificação da correlação de Spearman	83
Tabela 3.6: Características das Unidades Pulverizadas do Bairro Missões	89
Tabela 3.7: Características das Unidades Pulverizadas do Bairro Vista Alegre	93
Tabela 3.8: Características das Unidades Pulverizadas do Bairro Vila Rica	104
Tabela 3.9: Características das Unidades Pulverizadas do Bairro Carlos Humberto	109
Tabela 4.1: Síntese das principais características de infraestrutura de cada área .	113
Tabela 4.2: Atividades de lazer e convívio dos moradores de HIS e Entorno nos bairros Missões e Vista Alegre - Área 1	117
Tabela 4.3: Atividades de lazer e convívio dos moradores de UP, UC e UE dos bairros Missões e Vista Alegre – Área 1	117
Tabela 4.4: Atividades de lazer e convívio das crianças moradoras de HIS e Entorno dos bairros Missões e Vista Alegre – Área 1	119
Tabela 4.5: Atividades de lazer e convívio das crianças de UP, UC, UE dos bairros Missões e Vista Alegre – Área 1	120
Tabela 4.6: Indicadores de uso e fatores socioeconômicos dos moradores de UPs, UCs e UEs dos bairros Missões e Vista Alegre – Área 1	123
Tabela 4.7: Sensação de chegar em casa - moradores de HIS e E – Área 1	126
Tabela 4.8: Sensação de chegar em casa - moradores de UPs, UCs e UEs – Área 1	126
Tabela 4.9: Diferenças identificadas entre a própria moradia e a casa dos Vizinhos do bairro	128
Tabela 4.10: Diferenças identificadas entre a própria moradia e as casa dos vizinhos da rua	128
Tabela 4.11: Indicadores do nível de satisfação com os bairros Missões e Vista Alegre dos moradores de HIS e entorno e dos moradores de UPs, UCs e UEs	129

Tabela 4.12: Indicadores dos níveis de satisfação com o bairro dos moradores de UP, UC e EU dos bairros Missões e Vista Alegre	131
Tabela 4.13: Se pudesse se mudar onde gostaria de morar – moradores da Área 1	131
Tabela 4.14: Indicadores do nível de satisfação com a rua dos moradores de HIS e entorno e dos moradores de UPs, UCs e UEs dos bairros Missões e Vista Alegre	132
Tabela 4.15: Indicadores dos níveis de satisfação dos moradores de HIS e entorno com a moradia.....	133
Tabela 4.16: Indicadores do nível de satisfação com a moradia (amostra total) e (moradores de UPs, UCs e UEs) dos bairros Missões e Vista Alegre	134
Tabela 4.17: Atividades de lazer e convívio dos moradores de HIS e Entorno dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto - Área 2	140
Tabela 4.18: Atividades de lazer e convívio dos moradores de UP, UC e UE dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto – Área 2	140
Tabela 4.19: Onde as crianças (HIS, E) brincam - bairros Vila Rica e Carlos Humberto - Área 2	141
Tabela 4.20: Onde as crianças moradoras de UPs, UCs e UEs brincam – bairros Vila Rica e Carlos Humberto - Área 2	142
Tabela 4.21: Indicadores de uso e fatores socioeconômicos dos moradores de UPs, UCs e UEs dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto – Área 2	144
Tabela 4.22: Sensação de chegar em casa - moradores de HIS e entorno dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto – Área 2	146
Tabela 4.23: Sensação de chegar em casa - moradores de UPs, UCs e UEs dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto – Área 2	147
Tabela 4.24: Diferenças identificadas entre a própria moradia e as casas dos vizinhos do bairro – A2	148
Tabela 4.25: Diferenças identificadas entre a própria moradia e as casa dos vizinhos da rua – Área 2	148
Tabela 4.26: Indicadores do nível de satisfação com os bairros Vila Rica e Carlos Humberto dos moradores de HIS e entorno e dos moradores de UPs, UCs e UEs - Área 2	149

Tabela 4.27: Indicadores dos níveis de satisfação dos moradores de UPs, UCs e UEs com a iluminação do bairro	150
Tabela 4.28: Se pudesse se mudar onde gostaria de morar – moradores da Área 2.	150
Tabela 4.29: Indicadores do nível de satisfação com a rua dos moradores de HIS e entorno e dos moradores de UPs, UCs e UEs dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto	151
Tabela 4.30: Indicadores dos níveis de satisfação com a rua dos moradores de UPs, UCs e UEs do bairro Vila Rica.....	152
Tabela 4.31: Indicadores dos níveis de satisfação dos moradores de UPs, UCs e UEs do bairro Carlos Humberto com os vizinhos	154
Tabela 4.32: Atividades de lazer e convívio dos moradores de HIS e Entorno – Áreas 1 e 2	156
Tabela 4.33: Atividades de lazer e convívio dos moradores de UP, UC e UE – Áreas 1 e 2	157
Tabela 4.34: Atividades de lazer e convívio das crianças (HIS e Entorno) – Áreas 1 e 2	157
Tabela 4.35: Atividades de lazer e convívio das crianças (UP, UC, UE) - Áreas 1 e 2	158
Tabela 4.36 – Indicadores de uso e fatores socioeconômicos dos moradores de UPs, UCs e UEs das Áreas 1 e 2	159
Tabela 4.37: Diferenças identificadas entre a própria moradia e a casa dos vizinhos do bairro	161
Tabela 4.38: Diferenças identificadas entre a própria moradia e as casa dos vizinhos da rua	162
Tabela 4.39: Indicadores do nível de satisfação com os bairros nas Áreas 1 e 2 (amostra total)	163
Tabela 4.40: Relação dos indicadores de satisfação com o bairro dos moradores de HIS e Entorno da Área 1	163
Tabela 4.41: Relação dos indicadores de satisfação com o bairro dos moradores da amostra de UC, UP, UE da Áreas 1	164
Tabela 4.42: Indicadores do nível de satisfação com a rua dos moradores de HIS e entorno das Áreas 1 e 2	165
Tabela 4.43: Indicadores dos níveis de satisfação com a rua dos moradores	

das Áreas 1 e 2 (amostra total)	166
Tabela 4.44: Indicadores dos níveis de satisfação com a rua dos moradores de HIS e entorno da Área 1 e moradores de UP, UC, UE da Área 2 .	166
Tabela 4.45: Indicadores do nível de satisfação com a moradia dos moradores de HIS e entorno das Áreas 1 e 2	167
Tabela 4.46: Indicadores dos níveis de satisfação com: a) com o relacionamento com os vizinhos do bairro dos moradores das Áreas 1 e 2 e b) com a moradia, dos moradores de HIS e Entorno da Área 1	168
Tabela 4.47: Atividades de lazer e convívio dos moradores de UP, C1, C2 e C3..	171
Tabela 4.48: Atividades de lazer e convívio das crianças moradoras de UP, C1, C2 e C3	172
Tabela 4.49: Diferenças identificadas entre a própria moradia e as casa dos vizinhos da rua	173
Tabela 4.50: Diferenças identificadas entre a própria moradia e as casa dos vizinhos do bairro	174
Tabela 4.51: Indicadores do nível de satisfação com o bairro dos moradores de UP, UC1, UC2 e UC3	174
Tabela 4.52: Satisfação com o bairro	175
Tabela 4.53: Indicadores do nível de satisfação com a rua dos moradores da amostra total	176
Tabela 4.54: Satisfação com a rua.....	177
Tabela 4.55: Diferenças e semelhanças quanto ao tempo de moradia por grupo de morador	177
Tabela 4.56: Indicadores do relacionamento entre moradores de UP, UC1, UC2 e UC3 e vizinhos da rua	178
Tabela 4.57: Indicadores do relacionamento entre moradores de UP, UC1, UC2 e UC3 e vizinhos do bairro	179
Tabela 4.50: Relacionamento entre vizinhos	179

LISTA DE FIGURAS

Figura 3.1: Mapa de localização do município de Santiago no RS	69
Figura 3.2: Áreas 1 e 2 no mapa da cidade de Santiago, RS. Sem escala.	74
Figura 3.3: Planta Baixa e fachada das unidades habitacionais do Programa Minha Casa - variação somente na posição da porta de acesso principal: a) no centro da fachada frontal; b) no canto da fachada frontal e c) na fachada lateral	75
Figura 3.4: Localização da Área de Estudo 1 no mapa da cidade de Santiago, RS. Sem escala definida	84
Figura 3.5: Localização das UPs e UCs na Área de Estudo 1 no mapa da cidade de Santiago, RS	85
Figura 3.6: Equipamentos do Bairro Missões	86
Figura 3.7: Mapa de implantação do Conjunto Missões	87
Figura 3.8: Conjunto Missões	88
Figura 3.9: Presença de vegetação das moradias da primeira quadra do Conjunto Missões	88
Figura 3.10: Equipamentos do bairro Vista Alegre	90
Figura 3.11: Mapa de Implantação do Conjunto Vista Alegre	91
Figura 3.12: Unidades habitacionais em grupo no Conjunto Vista Alegre	92
Figura 3.13: Localização da Área de Estudo 2 no mapa da cidade de Santiago, RS - Sem escala definida	94
Figura 3.14: Localização das UPs e UCs na Área de Estudo 2 no mapa da cidade de Santiago, RS	96
Figura 3.15: Vista da via principal e dos equipamentos do bairro Vila Rica	97
Figura 3.16: Mapa de implantação do Conjunto Vila Rica	98
Figura 3.17: Conjunto Vila Rica	99
Figura 3.18: Mapa de implantação do Conjunto Dona Geane	100
Figura 3.19: Conjunto habitacional Dona Geane	101
Figura 3. 20: Mapa de implantação dos Conjuntos Dom Moura e Dom Juridis	102
Figura 3.21: Vistas dos Conjuntos Dom Moura e Dom Juridis	103
Figura 3.22: Conjunto Dom Juridis	103
Figura 3.23: Equipamentos do bairro Carlos Humberto	106
Figura 3.24: Mapa de implantação Conjunto Carlos Humberto	107

Figura 3.25: Conjunto Carlos Humberto	108
Figura 4.1: Localização das Áreas de Estudo 1 e 2 e respectivos bairros no mapa do perímetro urbano da cidade de Santiago. Sem escala definida	112
Figura 4.2: Área 1 – bairros Missões e Vista Alegre: equipamentos e raios de abrangência	115
Figura 4.3: Principais locais indicados pelos moradores da Área 1 nas entrevistas e mapas mentais	118
Figura 4.4: Mapas mentais mais detalhados da Área 1 – Mapa mental de morador de unidade do entorno (UE) do Conjunto Vista Alegre	119
Figura 4.5: Mapa mental de morador do entorno (UE) da Área 1-bairro Missões..	121
Figura 4.6: Mapa síntese da Área 1	122
Figura 4.7: Mapa mental de morador de HIS (UP) da Área 1 - bairro Missões	125
Figura 4.8: Área 2 – bairros Vila Rica e Carlos Humberto: equipamentos e raios de abrangência	138
Figura 4.9: Locais indicados como agradáveis pelos moradores da Área 2, nas entrevistas e mapas mentais.	141
Figura 4.10: Mapa síntese da Área 2	143
Figura 4.11: Mapas mentais mais detalhados da Área 2 – a) Mapa mental de morador do Conjunto Dom moura; b) Mapa mental de morador do Conjunto Carlos Humberto	145
Figura 4.12: Mapas mentais mais detalhados da Área 2 – a) Mapa mental de morador do entorno do bairro Vila Rica; b) Mapa mental de morador do entorno do bairro Carlos Humberto	146

CAPÍTULO 1: CARACTERÍSTICAS DA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL E A AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO

1.1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da análise dos efeitos da inserção de moradias de interesse social no contexto urbano, através da discussão das tradicionais políticas habitacionais, na tentativa de buscar subsídios para a qualificação de futuros projetos. Considerando-se que distintas formas de inserir a habitação na malha urbana podem produzir resultados e relações urbanas distintas (GUIMARÃES, 2005), apresenta a investigação da influência da dimensão dos conjuntos habitacionais no tocante ao número de unidades, nos níveis de satisfação com a moradia e na integração dos moradores com o entorno.

São apresentados, neste capítulo, o tema e o problema de pesquisa, a partir de breve análise das políticas de provisão habitacional, implementadas pelo governo, ao mesmo tempo em que ressalta a importância da apropriação, do sentimento de pertencimento e da integração dos moradores de habitação de interesse social na cidade, para a avaliação de desempenho da moradia e do conjunto habitacional. Posteriormente, são descritos os objetivos da investigação e a estrutura deste trabalho.

1.2 TEMA E PROBLEMA DA PESQUISA

Empreendimentos Habitacionais de Interesse Social (EHIS) constituem um tema de destaque nas políticas sociais do Brasil ao longo dos anos (BONDUKI, 2004), podendo-se perceber na atualidade a grande relevância que está sendo dispensada ao Programa Minha Casa Minha Vida. Contudo, observa-se uma tendência de privilegiar aspectos de ordem técnica para a avaliação dos programas habitacionais. Conforme Santos (1995), a qualidade da habitação tem sido associada à padronização do processo e do produto, com aplicação de parâmetros e de normas que, sozinhos, não são suficientes para se avaliar, convincentemente, a habitação.

Segundo Jobim (1997), o conhecimento do grau de satisfação dos usuários tem sido objeto de muitos trabalhos em várias instituições de ensino brasileiras.

Pesquisas realizadas verificaram problemas qualitativos que afetam o desempenho de conjuntos habitacionais executados desde a década de 60, que têm origem na inadequação de sua proposta arquitetônica, tendo, como atributo comum, a falta de relação com o contexto urbano. Isso é decorrente das formas de implantação do conjunto no sítio em que estariam originando relações diferenciadas entre os espaços abertos e as edificações, no modo de inserção do indivíduo no meio físico e no modo de inserção do conjunto no traçado urbano da cidade (por exemplo, LAY e REIS, 1995; 2003; LAY, 1998; CARVALHO, 1985).

Aspectos apresentados na literatura sustentam a necessidade de repensar os modelos tradicionais de políticas públicas, já que os problemas habitacionais existentes no país têm raízes antigas. Tais ponderações decorrem de a questão habitacional no Brasil, em geral, ser tratada como meramente quantitativa, sendo o sucesso ou fracasso dos programas medido pelo número de unidades construídas, enquanto outros fatores deveriam estar envolvidos, bem como a maior articulação deles com políticas urbanas e sociais (MARICATO, 2009).

1.2.1 Breve histórico da produção da habitação de interesse social

No final do século XIX, com o aparecimento de epidemias e endemias relacionadas à falta de salubridade das habitações e das cidades europeias, foram tomadas as primeiras medidas para o enfrentamento do problema através de leis sanitárias, de práticas de remoções, surgindo, na Europa, os primeiros programas habitacionais de construção de moradias populares com a intervenção do Estado. O modelo adotado, principalmente na expansão dos centros comerciais da Inglaterra do século XIX, foi a casa geminada, por ser uma solução de baixo custo, com cômodos de pequena dimensão e sem isolamento acústico nas paredes partilhadas de casas vizinhas (FARIA, 2003).

Nos Estados Unidos, os investimentos públicos foram significativos na área habitacional, com a construção de grandes conjuntos habitacionais. Segundo Harvey (1992, apud SAMORA, 2009), a suburbanização rápida e pouco controlada foi desenvolvida por particulares, mas subsidiada por sistema de habitação, mantido com recursos do governo e por investimentos públicos diretos na construção de estradas e em outras infraestruturas.

Na América Latina, os primeiros programas de habitação de interesse social surgiram entre 1930 e 1940, associados à dinamização do processo de industrialização. Contudo, no contexto brasileiro, as primeiras preocupações com as questões habitacionais surgem ainda no século XIX, quando a expansão das cidades começou a representar uma ameaça para as condições de saúde da população. Essa expansão foi decorrente do início da industrialização, da liberação do trabalho escravo e do incremento da imigração no final do século XIX (Sachs, 1999; Rifrano, 2006 apud BRITO, 2009). Assim, a partir de 1923, surgiram as Caixas de Aposentadorias e Pensões (CAP), que mais tarde serviram de modelo para a criação dos Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAP), que foram criadas, inicialmente, para atender às reivindicações dos ferroviários, estendendo-se, mais tarde, para outras categorias profissionais (BONDUKI, 2004).

Na década de 1930, período em que foi difundida a ideia da casa própria, o Estado passou a intervir na produção de moradias, porém dentro do ideário populista de Vargas, onde, segundo Valladares (2005), não seria mais sustentável incendiar as zonas urbanas ocupadas irregularmente ou simplesmente expulsar os pobres, uma vez que já não era mais aceitável a intervenção em espaços urbanos problemáticos, sem considerar a sua população. As Carteiras atuavam em certas cidades e regiões no território nacional, de forma pontual e fragmentada; sendo que a Fundação da Casa Popular foi instituída como a primeira entidade voltada para o fornecimento de moradia à população de menor renda em âmbito nacional, constituindo-se na primeira política nacional de habitação (Ministério das Cidades, 2010).

A década de 40 deu início ao conjunto de ações do Estado no setor habitacional, enfatizando a habitação como condição básica para reprodução da força de trabalho, período em que a maioria da população residia em casas de aluguel. Uma das estratégias para a redução dos gastos com a moradia foi o congelamento dos aluguéis através da Lei do Inquilinato, em 1942. No entanto, essa intervenção estatal, que tinha o intuito de regulamentar o mercado de aluguéis e difundir a pequena propriedade entre os trabalhadores (VALLADARES, 1982, BONDUKI, 1989), desestimulou a produção rentista, transferindo para o Estado e para os próprios trabalhadores a responsabilidade de produzir as suas moradias e teve, como consequência, o surgimento de outras formas de moradia, tais como as

favelas, os loteamentos periféricos e outros assentamentos informais (BONDUKI, 1992, BONDUKI, 2004).

Esse período de transição entre provisão privada e provisão pública também é marcado pelo surgimento do Instituto de Aposentadorias e Pensões (IAPs) e, particularmente, entre 1945 a 1950, houve significativa produção de habitação popular no Brasil. A habitação social surge, no país, como consequência da demanda de um grande número de habitações em decorrência de migrações acentuadas do meio rural para as cidades a partir de 1950, em função, fundamentalmente, da industrialização acelerada, assim como do próprio crescimento significativo da população brasileira (REIS, 1992). Entretanto, verifica-se, na forma de intervenção habitacional desenvolvida pelo IAPs, a falta de uma política global e de regras de financiamento que permitissem um retorno adequado dos investimentos, o que pulverizou a ação pública. Assim, tendo em vista que as habitações produzidas pela IAP beneficiavam somente os seus associados, o poder público tomou a iniciativa para enfrentar os problemas habitacionais da população de baixa renda, criando, em 1946, a Fundação da Casa Popular (FCP), que teve atuação bastante limitada em comparação ao IAPs, vindo a fracassar devido à desorganização e ao desinteresse do governo em uma política social (Azevedo; Andrade, 1982 apud HONDA, 2011; Rifrano, 2006 apud BRITO, 2009).

Diante da pulverização das ações públicas no campo da política habitacional, o governo resolve criar o Sistema Financeiro Habitacional – SFH e o Banco Nacional de Habitação – BNH, em 1964, o que significou uma nova fase para a política habitacional voltada para a população de baixa renda. Segundo Bonduki (1997), o déficit habitacional decorrente do aumento demográfico explosivo nos grandes centros é decorrente das políticas habitacionais adotadas no país ao longo dos últimos sessenta anos, fundamentadas no modelo “central-desenvolvimentista”, iniciado no Brasil, a partir do governo de Vargas (1930-45). Isso se consolidou durante o regime militar (1964-85) com o crescimento econômico das cidades, com a intensificação do processo de urbanização, período em que surgiram novas cidades, marcado também, pela desigualdade social, bastante agravada com a queda da remuneração do trabalho após 1964.

Essa política caracterizava-se na crença de que “o desenvolvimento e o crescimento a qualquer custo seriam sempre positivos e que a centralização de

poderes no Estado para intervir sobre a cidade traria as soluções adequadas para resolver seus problemas” (BONDUKI, 1997, p. 62).

As habitações populares e as infraestruturas financiadas pelo BNH foram promovidas pelas COHABs (cooperativas habitacionais municipais ou estaduais), entre outras, que geralmente produziam habitações para famílias com renda mensal de três a cinco salários mínimos. Entretanto, a falta de acesso dos trabalhadores ao mercado habitacional, mesmo aquele onde os financiamentos eram públicos (através do BNH), somada à crescente demanda, acentuou a favelização, isto é, a autoconstrução em terrenos invadidos (públicos ou privados), sendo que a intervenção estatal, na produção de habitação para estes setores, foi insuficiente.

Em geral, os conjuntos habitacionais para a baixa renda foram construídos longe dos locais de trabalho e dos serviços, o que provocava custos elevados de transporte (monetário e em tempo de percurso) para os moradores (LAY et al, 2006). Também são apontadas, como razões para esse insucesso, a desarticulação entre as ações dos órgãos responsáveis pela construção das habitações e dos serviços urbanos, resultando na construção de grandes conjuntos habitacionais e a inadequação do modelo financeiro adotado pelo banco frente ao processo inflacionário da economia brasileira da época (MINISTÉRIO, 2010).

Em 1986, o BNH foi extinto e as suas atribuições passaram a ser de responsabilidade da Caixa Econômica Federal (CAIXA), que assumiu a função de controlar os recursos e obteve autonomia para a definição e implementação da política vinculada ao SFH, demonstrando a falta da resolução, por parte do governo, de problemas como o desequilíbrio financeiro e institucional do sistema e de uma política clara para o setor. Para Azevedo (1996):

[...] a incorporação das atividades do BNH à Caixa Econômica Federal fez com que a questão urbana e, especialmente a habitacional, passassem a depender de uma instituição em que esses temas, embora importantes, fossem considerados meros objetivos setoriais. (AZEVEDO, S., 1996, p.81).

Depois de décadas de política habitacional, a permanência de um elevado déficit habitacional, concentrado na baixa renda, evidencia o fracasso dos programas públicos e a incapacidade dos mecanismos de mercado para o enfrentamento do problema (BONDUKI, 2008). Dentro desse panorama, percebe-se que, ao longo da história, as políticas habitacionais reproduziram o processo de exclusão territorial no país, de forma que os empreendimentos construídos

receberam, mais tarde, muitas críticas, principalmente, em relação à inserção urbana dos conjuntos, à monotonia relacionada à padronização das casas de má qualidade construtiva e à segregação social dos moradores em relação ao restante da cidade.

Contudo, num contexto de profundas mudanças desde a extinção do BNH, constata-se, no cenário habitacional brasileiro, um efetivo processo de descentralização e de municipalização das políticas habitacionais a partir de meados dos anos 80 (CARDOSO e RIBEIRO, 2002), quando foram lançados e finalizados diversos programas com caráter provisório em função de oscilações da economia ou pelas trocas de governo. A Constituição de 1988 marcou essa fase, em que os estados e municípios passaram a ser responsáveis pela gestão dos programas sociais, inclusive de habitação. Em contrapartida, o que ocorreu, de fato, foi mais fruto de uma descentralização por ausência, sem uma repartição clara e institucionalizada de competências e de responsabilidades, sem que o governo federal definisse incentivos e alocasse recursos significativos para que os governos dos estados e dos municípios pudessem oferecer programas habitacionais de fôlego para enfrentar o problema (MINISTÉRIO, 2010).

Para Bonduki (2008), essa fase é marcada pela diversidade de iniciativas na esfera municipal e estadual, surgindo programas com pressupostos inovadores como desenvolvimento sustentável, diversidade de tipologias, estímulo a processos participativos e autogestionários, emergindo uma nova postura de enfrentamento do problema habitacional. Segundo o autor, a regulamentação do crédito habitacional passou para o Conselho Monetário Nacional, tornando-se um instrumento de política monetária, o que levou a um controle mais rígido do crédito, dificultando e limitando a produção habitacional.

Em 1990, durante o governo Collor, decisões políticas equivocadas e marcadas por suspeitas de corrupção como a liberação de contratos acima da capacidade do FGTS, levou à paralisação total dos financiamentos com recursos do FGTS entre 1991 e 1995. Entretanto, em 1994, o Governo Federal lançou os programas Habitar Brasil e Morar Melhor, alimentados com recursos do Orçamento Geral da União (OGU). A partir de 1995, durante o governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), ocorreu a retomada nos financiamentos de habitação e saneamento com base nos recursos do FGTS, depois de vários anos de paralisação dos financiamentos, num contexto de alterações significativas na concepção vigente sobre política habitacional. Em 1996, a Secretaria de Política Urbana, passa a ser a

gestora do setor habitacional, divulgando o documento da Política Nacional de Habitação.

Dentre os programas criados nesse período e que continuaram a existir no primeiro ano do governo Lula, incluiu-se, como principal alteração, a criação de programas de financiamento voltados ao beneficiário final (Carta de Crédito individual e associativa) que passaram a absorver a maior parte dos recursos do FGTS. Além destes, o governo FHC criou um Programa voltado para o poder público, focado na urbanização de áreas precárias (Pró-Moradia), paralisado em 1998, quando se proibiu o financiamento para o setor público (BONDUKI, 2008). O autor também cita o Projeto Moradia, formulado pelo Instituto Cidadania, organização não governamental dirigida por Lula e que, com o apoio de especialistas de diferentes áreas, desenvolveu uma série de propostas para o país no longo período em que o Presidente se preparou para governar (1990-2002).

Conforme Bonates (2008), a partir de 1999, ao invés de ações isoladas, percebeu-se certa continuidade nos programas como o Habitar Brasil e a criação de outros novos, pelo governo: o Programa de Subsídio à Habitação (PSH) e o Programa de Arrendamento Residencial (PAR). Assim, o Projeto Moradia, realizado entre 1999 e 2000, tornou-se a base do programa eleitoral do futuro presidente para a área da habitação e desenvolvimento urbano (BONDUKI, 2008).

Seguindo essa tendência, em 2003, foi criado o Ministério das Cidades, que passou a ser o órgão responsável pela Política de Desenvolvimento Urbano (MINISTÉRIO, 2010). Nesse mesmo ano, foi realizada a 1ª Conferência Nacional das Cidades, que consolidou as bases da atuação do governo e propôs a criação e a composição do Conselho Nacional de Habitação, instalado em 2004. Em 2006, deu-se a criação do Fundo Nacional de Habitação e, entre julho de 2007 e janeiro de 2009, foi elaborado o Plano Nacional de Habitação (PlanHab). Segundo Bonduki (2009), essa conjuntura foi determinante para a decisão governamental de investir com vigor no setor habitacional.

Em 2009, foi lançado o Programa Habitacional Popular – Minha Casa Minha Vida - Entidades – PMCMV-E, que, atualmente, funciona por meio da concessão de financiamentos a beneficiários organizados de forma associativa por uma Entidade Organizadora – EO (Associações, Cooperativas, Sindicatos e outros), com recursos provenientes do Orçamento Geral da União – OGU, aportados ao Fundo de Desenvolvimento Social – FDS, que pode ter contrapartida complementar de

estados, do Distrito Federal e dos municípios, por intermédio do aporte de recursos financeiros, bens e/ou serviços economicamente mensuráveis, necessários à composição do investimento a ser realizado. O PMCMV-E, ora em extensiva implantação, já teve os primeiros resultados avaliados por alguns autores (por exemplo, BONDUKI, 2009; FERNANDES e RIBEIRO, 2011), sendo que ainda são necessárias análises mais acuradas dos efeitos desse novo modelo.

Ainda, na última década, algumas experiências municipais, como o programa de habitação social em São Paulo, no governo Erundina (1989/1992) e o Programa Novo Alternativas, no Rio de Janeiro, criaram referências inovadoras, restabelecendo o vínculo entre arquitetura e habitação (BONDUKI, 2009). Adiciona-se o caso de Porto Alegre, onde houve a reinserção e a regularização de comunidades carentes em áreas consolidadas e centrais da cidade, ocupadas irregularmente por essas populações (GAMBIM, 2007).

No contexto de políticas criadas pelos municípios, que antecederam o programa Minha Casa Minha Vida, está inserido o Projeto Minha Casa, da cidade de Santiago – RS, objeto de estudo desta pesquisa, que se destaca pela maneira como as unidades habitacionais foram inseridas na malha urbana, isoladas e concentradas em conjuntos habitacionais de diferentes dimensões (número de unidades). Essa nova forma de inserção no tecido urbano diferencia-se das tradicionais políticas públicas, que produziram grandes conjuntos habitacionais, implantados em áreas periféricas e que parece fazer sugerir uma relação diferenciada com o contexto urbano no qual estão inseridas.

1.2.2 Características físicas da habitação de interesse social

Não somente a quantidade das moradias produzidas pelas políticas habitacionais brasileiras foi insuficiente para atender às necessidades, como também as características físicas das unidades e dos conjuntos habitacionais tiveram seu desempenho avaliado negativamente pelos moradores (LAY, REIS 2002). Segundo Bonduki (2009), a produção dos conjuntos habitacionais financiados pelo BNH, fora da malha urbana existente, impôs o modelo de expansão periférica para as cidades.

Essa localização, que apresentava o custo do solo mais baixo, contava com a disponibilidade de extensas áreas, permitindo a construção em escala e com

barateamento das unidades. Os conjuntos habitacionais são, geralmente, localizados na periferia urbana, em lotes de grandes dimensões, muitas vezes construídos a alguns quilômetros do centro da cidade, não apresentando equipamentos de saúde, educação e lazer nas suas proximidades (REIS, 1992; LAY, 1992).

A monotonia do espaço, das cores e dos detalhes são, também, elementos arquitetônicos comuns, prevalecendo, ainda, a falta de manutenção dos edifícios e dos terrenos, isso devido à prática de construção que começou a adotar soluções nos conjuntos baseadas em padronização pronunciada indiscriminadamente, repetindo um modelo “pronto” em todo país, sem considerar as especificidades locais e não permitindo estabelecer elo entre as necessidades dos diferentes usuários e os “produtos” oferecidos (FARIA, 2003). Dessa forma, os aspectos financeiros e a massificação da produção predominaram sobre a qualidade, gerando uniformidade, desrespeito às diferenças regionais e culturais, despreocupação com a inserção urbana e os impactos ambientais (BONDUKI, 2009).

No Brasil, a construção de casas isoladas no terreno e casas geminadas são práticas comuns na produção da habitação social. Sabe-se de avaliações pós-ocupação, que a casa unifamiliar isolada é o modelo preferido, pois apresenta possibilidades de intervenções individuais na moradia e, ainda, entre a população de baixa renda, o sobrado figura como “casa do sonho”, expressando desejo de status (FARIA, 2003).

Nos projetos originais de conjuntos habitacionais de casas isoladas no terreno, financiados pelo BNH, que contemplavam um (01) ou dois (02) dormitórios, sem lazer, saúde e facilidades recreacionais, telefone e transporte público (REIS, 1992), em geral, são percebidas modificações feitas pelos residentes, que vão desde o aumento, até alterações de uso das mesmas, tornando-as de uso misto (comércio e residência). Por tais motivos, ao mesmo tempo em que ocorre o aumento na área construída das casas, há uma redução expressiva das áreas de espaços abertos privados e as atividades de recreação são desenvolvidas nos pátios das casas (espaços privados), nas calçadas, em frente à moradia (espaços semipúblicos) e nos espaços abertos comunais, as praças de uso coletivo (espaços públicos), quando elas existem no conjunto (LAY e REIS, 2002).

Conforme Sachs (1999, p.150, apud BRITO, 2009), os grandes conjuntos construídos foram predominantemente formados por casas individuais ou blocos de

edifícios de até quatro pavimentos, apoiados nas diretrizes modernistas, que “ainda acreditavam na possibilidade de dominar a questão da habitação popular através de sua produção em massa”. Até a década de 80, os conjuntos habitacionais brasileiros, destinados à população de baixa renda, foram caracterizados por diferentes tipos arquitetônicos: blocos de apartamento com quatro andares, casas unifamiliares em pequenos lotes individualizados e casas unifamiliares em fita construídas nos limites do lote.

Quanto ao tamanho, foram produzidos conjuntos, considerados conforme se apresentam a seguir: a) de pequeno porte - aqueles com menos de 500 unidades habitacionais; b) de médio porte - apresentando de 500 a 1000 unidades habitacionais e c) de grande porte - aqueles com mais de 1000 unidades habitacionais. Segundo Bonduki (2004), a espacialização periférica dos conjuntos do BNH, aliada à sua grande dimensão, gerou uma transformação na estrutura e na paisagem urbana da maioria das cidades brasileiras. O autor ainda acrescenta que essa solução reduziu o custo das moradias, mas ampliou a distância física entre as classes sociais, conferindo às habitações de perfil social uma clara identificação com a imagem de território excluído, sobretudo nas grandes cidades (GUIMARÃES, 2005). Esse tipo de conglomerados contribuiu, ainda mais, para a segregação social e para o surgimento de diversos problemas enfrentados por seus moradores.

1.2.3 O tamanho e o desempenho de conjuntos habitacionais

Neste trabalho, a dimensão, ou seja, o tamanho dos conjuntos é considerada um indicador relevante de desempenho de conjuntos habitacionais e está associada à provisão de moradias pelas políticas habitacionais brasileiras de produção em série e em grande escala, na busca por solucionar o déficit habitacional, acima do interesse em atender as necessidades dos usuários (VALLADARES, 1978; LAY e REIS, 2005; BONDUKI, 2004). Como consequência disso, projetos dos conjuntos habitacionais, apresentando diversos problemas, afetaram, negativamente, os níveis de satisfação dos moradores.

Várias pesquisas realizadas (p. ex. LAY e REIS, 1992; 1999; 2003) constataram diferenças no nível de desempenho em conjuntos habitacionais no Rio Grande do Sul, em projetos executados desde a década de 60. Essas diferenças são atribuídas, entre outros fatores, às diferentes formas de implantação do conjunto

no sítio, que estariam originando relações diferenciadas entre os espaços abertos e as edificações. Sob esse viés, percebe-se a importância do conceito introduzido por Lynch (1980), denominado de legibilidade, que é a “facilidade com que o sítio pode ser reconhecido e organizado em um padrão coerente”. Tendo por base isso, fica evidente que aspectos, tais como o modo de inserção do indivíduo no meio físico e o modo de inserção do conjunto no traçado urbano da cidade, podem influenciar nos níveis de satisfação dos moradores de habitação de interesse social.

Para melhor ilustrar o que foi exposto, adiciona-se o estudo comparativo de conjuntos habitacionais localizados nas diferentes áreas do município do Rio de Janeiro, realizado por Guimarães (2005, p. 61), que, conforme Carmo et. al (2011) destacam aspectos recorrentes, tais como características de massa construída uniforme, contrastante com o entorno e localizada em região periférica, cujo número de unidades habitacionais supera o do território circunvizinho, apresentando volumetria repetida, modular e edificada com material de baixa qualidade. O autor salienta que a produção em série de moradias configuradas, morfologicamente, sob um padrão avesso ao predominante na maior parte da cidade, constitui uma intervenção segregacionista, que traz implicações para o sentido de pertencimento do indivíduo pelo lugar que ocupa, interfere no contato com a história e com a cultura da cidade, segundo a forma pela qual se apropria do espaço e as trocas sociais com os ocupantes do restante do território.

Nesse sentido, o estudo realizado por Coelho (2009), que avalia a experiência portuguesa de implantação de conjuntos habitacionais visando maior integração urbana através de intervenções de dimensões menores, sugere que tenderiam a ser melhor assimiladas, e facilitariam a integração dos moradores com o entorno, diminuindo o estigma de pobreza social.

1.3 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Dentro do contexto atual, a retomada da habitação de interesse social pelo governo, com o Programa Minha Casa Minha Vida, deve ser incorporada à questão da moradia enquanto política urbana, através da qual a habitação de interesse social deve atender não somente à função de abrigo, proporcionando segurança e provimento das necessidades básicas, mas elencar as necessidades de reconhecimento e inserção num marco cultural e econômico, sendo hoje entendida

pelo Estado brasileiro como instrumento de inclusão social e acesso à cidadania (MEDVEDOVSKI, 2009).

Tomando isso por base, salienta-se a importância do reconhecimento dos moradores da habitação social pelos demais moradores do entorno para que os primeiros recuperem a autoestima e se processe a integração entre ambos, já que o fato de viver em habitações populares pode ser um rótulo, que, no caso das famílias pobres, causa-lhes a sensação de serem marginais, fazendo-os se perceberem como uma espécie de resíduo social, capaz de gerar a segregação e os efeitos profundos de desintegração social. Conforme Sabatini e Sierralta (2006) a segregação está associada à percepção das pessoas de fazer parte de um grupo social que tem uma forma peculiar de ocupar o espaço, cuja identidade e reputação atribuídas a bairros ou a áreas inteiras da cidade são consideradas como estigmas territoriais.

Pesquisas realizadas, (por exemplo, Gans, 1968; Michelson, 1968; Rapoport, 1976; Darke, 1984; Coulson, 1980 apud LAY e REIS, 2002), sugerem que os frequentes erros de concepção encontrados nos conjuntos habitacionais são decorrentes da falta de informação dos profissionais responsáveis (instituições e projetistas) sobre o tipo de residente para quem os projetos são destinados, que poderiam ter sido adequadamente incorporados no projeto original dos conjuntos habitacionais, desde que fossem levados em consideração os aspectos ligados à percepção dos moradores e ao uso dos espaços (LAY e REIS, 2005, 2002; GAMBIM, 2007). Assim, o problema de pesquisa surge através da constatação da avaliação negativa do desempenho de conjuntos habitacionais de grandes dimensões implementados pelo poder público e a falta de relação destes com a cidade.

Embora muitos estudos tenham sido realizados com esse mesmo intuito, indicando que as formas de implantação desses conjuntos habitacionais podem ter afetado a satisfação dos moradores, ainda não foram realizados outros estudos que enfoquem, especificamente, o impacto da inserção de conjuntos de diferentes tamanhos (número de unidades habitacionais) na avaliação de desempenho da moradia e enquanto elemento de integração do indivíduo na cidade, ficando evidente a necessidade desta pesquisa. Portanto, este estudo pretende explorar aspectos relativos à dimensão dos conjuntos habitacionais (número de moradias) que podem

estar afetando a satisfação dos moradores, o sentimento de pertencimento e a integração com o entorno.

1.4 OBJETIVOS DA DISSERTAÇÃO

A partir de um estudo de caso, este trabalho busca compreender se a maneira como as unidades de habitação de interesse social são inseridas, (isoladas ou em conjuntos de diferentes dimensões), contribui positiva ou negativamente como elemento agregador do indivíduo na estrutura social e até que ponto influencia a avaliação de desempenho da moradia. Em relação ao tamanho do conjunto, pretende-se verificar se, quanto menor a dimensão do conjunto habitacional, maior é a integração dos moradores com o entorno por ser maior a semelhança com a implantação de uma unidade isolada.

Ainda, será verificado se a qualidade da infraestrutura das áreas onde as moradias estão inseridas estaria afetando os níveis de satisfação e a integração dos moradores de habitação social com os moradores do entorno. A partir desse enfoque, espera-se fornecer subsídios para qualificar o espaço habitacional e adequar os futuros projetos de habitação de interesse social à necessidade de integração dos moradores com o entorno imediato e com a cidade.

1.5 ESTRUTURA E CONTEÚDO DO TRABALHO

O trabalho está estruturado em cinco capítulos. No primeiro, foram definidos o tema abordado e o problema de pesquisa e explicitados os objetivos que norteiam o trabalho. O segundo capítulo estabelece a sua base teórico-conceitual a partir da revisão da literatura, destacando as variáveis que possam contribuir para esclarecer a hipótese levantada.

O terceiro capítulo apresenta a estrutura metodológica do trabalho, com a descrição do estudo de caso, dos procedimentos e dos critérios para a seleção da amostra e da definição dos métodos de coleta e análise de dados, ao mesmo tempo em que são definidos os meios para operacionalização das variáveis de pesquisa e a investigação da hipótese.

No quarto capítulo, são apresentados e discutidos os resultados obtidos na pesquisa, segundo os múltiplos métodos nos quais se baseia esta investigação, sendo verificada a sustentação ou não das hipóteses.

O quinto capítulo apresenta a conclusão do trabalho. São revistos os principais resultados obtidos na dissertação, discutindo a relevância deste estudo para a compreensão da problemática abordada.

CAPÍTULO 2: FATORES QUE AFETAM A PERCEPÇÃO DOS INDIVÍDUOS EM RELAÇÃO AO DESEMPENHO DA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL

2.1 INTRODUÇÃO

No capítulo 1, constatou-se que a inserção da habitação de interesse social em larga escala, especialmente quando constituída de conjuntos de grandes dimensões, gera um processo de segregação física e social no espaço urbano, agravando a diferenciação entre áreas para ricos e para pobres e a estigmatização de áreas ocupadas pela população de menor poder aquisitivo (Zanatta, 2010). Conseqüentemente, a implantação desses conjuntos habitacionais tende a afetar negativamente a relação com o contexto urbano, que repercute em problemas para os residentes desses conjuntos, como também para o entorno no qual foram inseridos, dificultando a integração social (Lay e Reis, 1995; 2003). Essa constatação evidenciou a necessidade de estudos sobre a relação entre as formas de inserção de conjuntos habitacionais de diferentes tamanhos e os níveis de satisfação e integração social dos moradores.

Neste capítulo, serão revisados os fatores que afetam o nível de satisfação do morador com a sua unidade e o seu conjunto, e serão identificados os atributos que podem contribuir para medir a influência do número de unidades habitacionais, no sentimento de pertencimento e na integração dos moradores das unidades providas pelo programa de habitação social com os moradores do entorno, buscando compreender se a dimensão do conjunto, relativa ao número de unidades, estaria influenciando na avaliação de desempenho da moradia de interesse social. Pretende-se ainda verificar a capacidade da moradia em corresponder às necessidades dos moradores, enquanto elemento de inserção do indivíduo na estrutura social.

2.2 ASPECTOS RELACIONADOS À QUALIDADE DE INFRAESTRUTURA URBANA NA SATISFAÇÃO COM A MORADIA

A satisfação dos usuários com a habitação de interesse social é influenciada por aspectos físicos e não físicos (Francescato et al., 1979). Os aspectos físico-espaciais ou aspectos de projeto, apesar de não determinarem o comportamento

dos usuários ou o nível de satisfação em relação à moradia, estabelecem um conjunto de qualidades físicas e espaciais que apóiam ou inibem os padrões de comportamento e desempenham um papel importante na qualidade da habitação de interesse social (LAY, 1992; REIS, 1992; LAY e REIS, 2010). Essas manifestações comportamentais incluem tipo, freqüência de uso, manutenção e apropriação dos espaços, além de modificações físicas decorrentes de adaptações feitas no ambiente pelo usuário.

No entanto, a percepção ambiental depende das motivações que guiam o comportamento de cada indivíduo, sendo o comportamento dos indivíduos direcionado para a satisfação de suas necessidades (LANG, 1987). Tomando como base de avaliação a satisfação e o comportamento do usuário, torna-se possível identificar elementos de desenho urbano e características ambientais que significativamente afetam a vida das pessoas em um dado lugar, incluindo a qualidade da infraestrutura.

Assim, a estrutura do ambiente construído (em termos de tamanho de quadras, número de conexões entre as ruas, adequação das calçadas e do fluxo de veículos) tende a minimizar as diferenças de perfil comportamental de grupos, pois afeta a apropriação de espaços abertos, influenciando também na maior ou menor intensidade de deslocamentos a pé pelo bairro e interferindo no potencial de encontros entre grupos socioeconômicos distintos (GAMBIM, 2007), embora aspectos relacionados à configuração do espaço não sejam considerados nesta pesquisa.

Conforme argumenta Lynch (1980), a qualidade de um espaço é o resultado do efeito conjunto entre o espaço e a sociedade que o ocupa. Deste modo, a diversidade de atividades ofertadas é defendida por Jacobs (1967) como dinamizadora do uso dos espaços. Por exemplo, o trabalho realizado por Gambim (2007) sugere que quanto mais adequado o ambiente construído, em termos de qualidade de infraestrutura, equipamentos, serviços próximos à residência que apóiem as atividades desejadas e necessárias aos moradores da habitação social e aos moradores do bairro, maior será a intensidade de apropriação da área e maior a probabilidade de interação social (contato) entre os grupos heterogêneos.

Portanto, aspectos como a localização, a acessibilidade, os meios de locomoção, os equipamentos, que compõem a qualidade da infraestrutura de uma

área, parecem ser determinantes na maneira como as pessoas interagem e se apropriam dos espaços, conforme será verificado a seguir.

2.2.1 Localização

A localização é um fator de diferenciação espacial: terrenos com uma vista privilegiada, ou situados em locais de fácil acesso, ou muito bem protegidos, ou próximos a rodovias ou ferrovias, tornam-se mais valiosos para interesses variados. Dessa forma, podem ser mais agradáveis para o uso habitacional, ou melhor situados para escoar a produção de uma fábrica, ou para atrair mais consumidores para uma loja, e assim por diante (FERREIRA, 2005). A localização de um espaço, o seu relacionamento com os demais espaços na malha urbana e a clareza com que é possível entender essa relação, tende a influenciar no padrão de movimento e, portanto, nos padrões de uso daquele espaço (BASSO, 2001).

Neste sentido, Ferreira (2005) argumenta que a localização urbana não pode ser individualizada: ela dependerá sempre da aglomeração em que se situa, ou seja, do entorno urbano na qual está, e da intervenção do Estado para construí-la e equipá-la de tal forma que ela ganhe interesse.

Dentre os aspectos que influenciam as condições de habitabilidade e a satisfação dos usuários, Moraes (2006) destaca a importância da localização dos conjuntos de habitações de interesse social em relação à proximidade com o centro da cidade, à infraestrutura que retrata a existência dos equipamentos urbanos, à estrutura física destas habitações para satisfazer as necessidades básicas de moradia, entre outros.

Segundo Santos (1998), a localização da moradia na cidade, ocupada em função das classes sociais, é determinada pelo estilo de vida adotado pelo indivíduo, influenciado pelo seu nível socioeconômico. Assim, o local em que os indivíduos residem pode determinar o acesso diferenciado a serviços e equipamentos públicos, sendo que a implantação dos grandes conjuntos habitacionais, em locais mais distantes do centro principal de serviços e comércio pode ter influência significativa sobre a condição de segregação dos seus moradores (MARQUES e TORRES, 2005) e sobre o nível de satisfação com a moradia.

A ineficácia na provisão de equipamentos e serviços urbanos que atendam à população é uma realidade percebida em grande parte das cidades brasileiras,

sendo que mais especificamente, os projetos de habitação destinados à população de baixa renda, geralmente localizados na periferia das cidades, sofrem as conseqüências da inadequação de infraestrutura e serviços por ter como prioridade a diminuição dos custos de produção (MARICATO, 1995). A localização desses conjuntos nessas áreas, onde os lotes são mais baratos, faz com que as distâncias entre as residências e o centro da cidade sejam cada vez maiores, resultando em longos deslocamentos diários da população moradora de conjuntos habitacionais. Neste sentido, a diferenciação e a fragmentação econômica e social da população são acompanhadas pela distinção de imagem e localização do produto habitação, criando uma relação direta entre o nível econômico do usuário e as características da tipologia habitada, além da localização urbana, numa dupla segregação (LUCINI, 2003).

Conforme constatou Dreux (2004), quanto mais longe o conjunto habitacional estiver localizado do centro da cidade, mais baixa tende a ser a autoestima dos moradores, que tendem a avaliar negativamente a imagem do conjunto onde moram. Dessa forma, considera-se que a localização constitui um fator importante para a comparação de conjuntos habitacionais, pois a proximidade ou a distância de áreas melhor servidas de serviços e equipamentos públicos, afeta a qualidade de vida das pessoas (HOURI, 2008). A literatura apresenta critérios utilizados por alguns autores (por exemplo, ALEXANDER, 1980; DEBIAGI, 1978; FERRARI, 1991) para determinar dimensionamentos e raios de abrangência para a implantação dos equipamentos, serviços urbanos e áreas de lazer nos conjuntos habitacionais, tais como: raios de abrangência de 500 a 1000 m para creches, 400 a 600 m para playgrounds e parques de recreio, as escolas devem localizar-se próximas às praças, sendo possível acessar a pé, enquanto as escolas de 1º grau devem estar localizadas na vizinhança imediata das habitações e as escolas de 2º grau devem atender bairros ou, quando especializadas, à toda a cidade.

Outro aspecto a ser considerado é que muitas cidades não possuem a preocupação com a localização da habitação de interesse social, desconsiderando sua relação com o contexto urbano e com os próprios usuários. No entanto, para definir a localização destas no corpo da cidade, deve - se ter em mente que o meio social no qual serão inseridas proporcionará ou não um desenvolvimento sustentável para a cidade e um crescimento cultural dos próprios mutuários (SIMONI, 2007). Assim, considera-se que a localização da habitação de interesse social em relação

às áreas consolidadas da cidade pode facilitar ou dificultar a acessibilidade aos equipamentos, serviços e atividades próximos ao local de moradia e estimular os contatos entre moradores da habitação de interesse social e moradores do entorno. Nesta pesquisa será investigada a influência desses aspectos na satisfação com a moradia e na integração dos moradores da habitação de interesse social com o entorno.

2.2.2 Acessibilidade e mobilidade

A noção de acessibilidade está fortemente associada à estrutura do ambiente construído, sendo uma condição básica à existência de atividades sociais num lugar (CARR et al. 1992; GEHL, 1987) possibilitando o acesso igualitário, pelos diferentes grupos da população, à diversas atividades (LYNCH, 1980).

Na literatura são destacados três principais aspectos da acessibilidade: o físico, o visual e o simbólico (CARR et al., 1992). A acessibilidade física pode ser entendida em termos de distâncias e percepção de espaço disponível para a realização de atividades (GEHL, 1987) e apresenta-se como um atributo fundamental para o uso dos espaços, permitindo que as pessoas neles penetrem e se desloquem em seu interior, e ainda relaciona-se diretamente à localização, à configuração do espaço na malha urbana (central ou periférica), à facilidades como vias de acesso adequadas, layout prezando a acessibilidade universal e a disponibilidade de transporte urbano, entre outras (CARR, et al., 1992; BASSO, 2001).

A acessibilidade visual está associada à possibilidade de perceber o que acontece nos espaços públicos e privados, simultaneamente, facilitando a percepção de potencial de perigo ou de segurança de um lugar (GEHL, 1987). Por sua vez, a acessibilidade simbólica é a possibilidade de identificar sinais (pessoas e objetos) indicativos de que alguém ou algo não é bem vindo no espaço (CARR et al., 1992).

Em relação aos conjuntos habitacionais, a acessibilidade dos espaços abertos comuns é definida pela maneira como esses conjuntos estão inseridos e sua localização na cidade. Por exemplo, a delimitação de espaços públicos e privados pode facilitar o acesso e o controle e com isso, diminuir o potencial de ocorrência de conflitos entre os residentes, aumentando a frequência de uso (LAY, 1992). Os

espaços próximos às casas também são entendidos como elemento de ligação entre o indivíduo e a sociedade local (Taylor, 1988 apud GAMBIM, 2007) a presença de elementos, tais como, as paradas de ônibus nas áreas próximas à moradia (relacionados aos meios de locomoção utilizados), podem estimular os contatos entre os moradores. Neste sentido, serão investigados os aspectos relativos à facilidade de acesso físico a serviços e espaços públicos que afetariam a intensidade de uso, o potencial de encontros e convívio entre os moradores da habitação de interesse social e entorno.

2.2.2.1 Meios de locomoção

Estudos afirmam (por exemplo, Michelson, 1987 apud GAMBIM, 2007), que os meios de locomoção afetam a mobilidade e as possibilidades de escolha dos indivíduos e estas são influenciadas pelo status socioeconômico, que diferenciam o comportamento espacial dos grupos. Dessa forma, os moradores com menor status socioeconômico despendem mais tempo nos deslocamentos casa-moradia e utilizam mais os espaços do bairro, deslocando-se a pé ou de ônibus para a realização de suas atividades, quando comparados aos grupos de maior status, que utilizam mais freqüentemente o automóvel. Essas diferenças tendem a afetar a interação social, reduzindo as possibilidades de contato passivo entre os moradores nos deslocamentos diários pelas calçadas e nos locais como paradas de ônibus (GAMBIM, 2007).

O estudo realizado por BASSO (2001) evidencia que a atividade de caminhar nas ruas é caracterizada como função de variáveis físicas e culturais. Para que as caminhadas ocorram é necessário que o ambiente dê suporte a essa atividade através do conforto, do grau de interesse que desperta e do sentimento de satisfação que induz e é principalmente através do caminhar/circular que o indivíduo monta a imagem mental de seu ambiente (Rapoport, 1987; Hillman, 1993 apud BASSO, 2001).

Por outro lado, possuir e usar um automóvel, além de favorecer tanto a privacidade quanto o controle sobre o próprio comportamento, torna-se uma forma de reconhecimento pelos outros. Para os que buscam esse reconhecimento, com maior intensidade, há uma forte valorização deste objeto, ao mesmo tempo em que é desvalorizado o hábito de caminhar (LANG, 1987). O uso intenso, e muitas vezes

exclusivo do automóvel particular, como meio de locomoção, mesmo em casos nos quais as distâncias não o tornam necessário, também diminuem a necessidade de estar na rua e tendem a dificultar a apropriação desta, para outras atividades, que não só deslocamentos (GEHL, 1987; Appleyard, 1981 apud BASSO, 2001).

Já o transporte público é para a comunidade uma forma de atender o requisito de equidade, que conforme Vasconcellos (2006) deve ser entendido como uma necessidade e um meio de realizar atividades (MOUETTE, 1993). Assim, o transporte urbano tem impactos no acesso aos serviços, às atividades sociais básicas e às oportunidades de trabalho dos mais pobres (GOMIDE, 2003).

Portanto, quando comparados os usuários desses diferentes meios de locomoção, os pedestres têm um conhecimento muito mais detalhado dos lugares do que os motoristas e os usuários de transportes coletivos, sendo os mais aptos a ter uma idéia clara dos significados dos lugares da cidade e a aproveitar as atividades ligadas ao ficar nos espaços (BASSO, 2001).

A partir do exposto, parece importante investigar as diferenças no padrão de uso dos meios de locomoção dos moradores das áreas de estudo, que podem estimular ou inibir os contatos dos moradores da habitação de interesse social e moradores do entorno, e verificar a sua influência na integração social.

2.2.3 Equipamentos, comércio e serviços

Conforme foi visto acima, a localização da habitação em relação aos locais de trabalho (indústria, comércio e serviços), bem como o acesso a equipamentos de centros comunitários de bairro determina, em grande parte, a qualidade dos padrões de vida, que deve ser o objeto máximo a ser atingido pelo planejamento comprometido com o desenvolvimento e com a evolução sociocultural e humana da comunidade (Gonzalez, 1994 apud GOMES, 2006). Conforme Santos (1988), há equipamentos voltados para vizinhanças e bairros, como as creches, escolas, praças e postos de saúde. Segundo o autor:

[...] as creches e as escolas de 1º grau devem estar localizadas na vizinhança imediata das habitações ou grupos de habitações. As escolas de 2º grau devem atender bairros, ou quando especializadas, a toda a cidade. Os postos de saúde devem servir aos bairros para atendimentos freqüentes e imediatos. As praças e áreas verdes podem ser pequenas, servindo a grupos de vizinhança ou quarteirões. (SANTOS, 1988).

Assim, a habitação não pode ser concebida como mero abrigo, pois ela representa a porta de entrada dos serviços urbanos. Na Carta de Atenas, de 1933, Le Corbusier (1993) diz que “a morada” não é suficiente e enfatiza a necessidade de equipamentos formando a “unidade de habitação”, com a finalidade de proporcionar condições de existência, facilidades ou “comodidades essenciais”.

Deste modo áreas destinadas ao uso residencial tendem a oferecer diferentes distribuições de serviços, tipos de comércio, proporcionais ao poder aquisitivo dos moradores: enquanto as áreas residenciais ocupadas por população de faixa de renda mais elevada oferecem maior quantidade e qualidade de serviços e amenidades, as áreas ocupadas por população de faixa de rendas mais baixa, muitas vezes não possuem sequer os serviços essenciais (SANTOS, 1998).

Sabe-se que a produção de habitação de interesse social pelo Estado pode influir de maneira positiva ou negativa sobre o processo de segregação, de acordo com a localização e a escala da produção de moradia (por exemplo, MARQUES e SARAIVA, 2005). Contudo, as políticas de produção de moradias geralmente tendem a gerar espaços especializados, atuando no sentido de reforçar esta segregação, principalmente quando promovem a implantação de grandes conjuntos habitacionais destinados à população de baixa renda em áreas periféricas.

Nesse sentido, o projeto da habitação de interesse social tende a apresentar particularidades quando comparado ao projeto da habitação para os setores da população que têm acesso ao mercado imobiliário, por exemplo, no que diz respeito ao número normalmente expressivo de unidades habitacionais (muitas vezes, sem o tipo de conexões adequadas entre os espaços), às relações entre essas unidades e os espaços abertos (muitas vezes sem tratamento adequado) e na maior parte dos casos, à inexistência de equipamentos, serviços e comércio (LAY, 1996; REIS, 1999; LAY e REIS, 2010).

Parte-se da premissa de que, em geral, nos conjuntos habitacionais, esses serviços são inexistentes, ou não atendem às necessidades dos moradores obrigando-os a adaptar a infraestrutura para a realização das atividades. Foi constatado que quando não há previsão de locais para os serviços urbanos de necessidades básicas, como padaria, mercearia, açougue, entre outros, estes normalmente surgem de maneira “espontânea”, através de alterações no uso das unidades habitacionais, que gradativamente tendem a ser transformadas em unidades de uso misto, conforme as demandas da população (REIS, 1992, p. 141).

Assim, a localização do comércio local também depende muito do nível de renda da população e quanto mais baixo o nível de renda, mais a população estará forçada a desenvolver um comércio na sua própria residência, que resulta em modificações realizadas tanto na unidade habitacional quanto nos espaços abertos comunais.

Estudos realizados sobre a produção da habitação social em Porto Alegre (por exemplo, LAY e REIS, 2003; 2010), confirmam que o número de alterações nas moradias e a ocupação dos espaços abertos coletivos dos conjuntos, com construções destinadas ao uso comercial, evidenciam a falta de planejamento no provimento dessas atividades, afetando negativamente a avaliação de desempenho do conjunto, quanto à aparência das edificações e espaços abertos, segurança, legibilidade e satisfação com a moradia, mas também um forte indício do esforço de obter trabalho e renda.

Adiciona-se que os moradores da habitação de interesse social, em função de seu menor poder aquisitivo, quando comparados aos moradores de classes médias, tendem a utilizar espaços próximos da moradia, que não demandem despesas ou maiores despesas (por exemplo, BASSO, 2001). Assim, a classe de baixa renda necessita ter espaços abertos comuns para recreação e socialização próximos a sua habitação, enquanto a classe alta e média não necessitam tanto deles, já que tem condições de pagar para ter acesso a diferentes lugares e formas de diversão.

Outros estudos (por exemplo, GAMBIM, 2007), afirmam que a existência de estabelecimentos de comércio e serviços básicos (tais como mini-mercados, padarias, fruteiras, chaveiros, bancas de revista, e lancherias), instituições de ensino, praças e parques, propicia a intensificação de caminhadas pelo bairro para a realização de atividades desejadas. Essas caminhadas favorecem contatos passivos e eventuais entre os moradores do mesmo grupo e de grupos socioeconômicos distintos e conseqüentemente a intensificação do uso do bairro de moradia propicia maior ligação e a satisfação com o lugar de moradia.

A apropriação de uma área também pode ocorrer através da quantidade de movimento do pedestre, estimulada por paradas de ônibus, locais de consumo e de atividades próximos à residência (por exemplo, BASSO, 2001; GAMBIM, 2007) que contribuem para as atividades sociais e estas, geralmente acontecem espontaneamente, como conseqüência direta do movimento de pessoas no mesmo local (GEHL, 1987).

Coelho (2009) também lembra o conceito de unidade de vizinhança, onde a cidade é o empreendimento habitacional, enquanto um fato urbano e dependendo da escala, uma porção urbana com complexidade social, deve oferecer uma série de equipamentos sociais, de educação, convívio, lazer, além de outros serviços, que animem a vida dos indivíduos e que lhes dêem suporte. Nesse sentido quando os projetos de habitação social são realizados de maneira mais adequada às necessidades dos usuários, em termos de apropriação do espaço urbano e de interação social desejadas, são maiores as possibilidades de uso simultâneo de lugares comuns pelos diversos grupos, sendo menor a segregação sócio-espacial e maior o potencial de promover a igualdade de direitos sobre o uso da cidade (GAMBIM, 2007).

Segundo a literatura, os serviços e equipamentos urbanos, assim como, os espaços abertos públicos, são de fundamental importância para o indivíduo na realização de diversas atividades, tais como: circulação, comércio, passeio, recreação, contato com a natureza, socializar ou simplesmente observar a vida que neles acontece. E é basicamente através dessas manifestações comportamentais que ocorre a apropriação desses espaços, e conseqüentemente da cidade (LYNCH, 1985; LANG, 1987). A combinação de elementos que favorecem a interação social, embora não garanta a realização dessas práticas sociais parecem indicar que determinadas ações sejam viáveis. Portanto, pretende-se verificar se a presença de equipamentos, comércio e serviços nas áreas estudadas, fatores influentes nos usos e atividades realizadas no bairro, parecem afetar a apropriação dessas áreas, podendo contribuir nos níveis de satisfação e integração dos moradores da habitação social com o entorno e serão verificados nesta pesquisa.

2.2.4 Espaços abertos públicos

A habitação não se restringe à unidade de moradia, mas também às ruas, praças, calçadas, já que entre o espaço privado da residência e o espaço público da cidade, constituem-se áreas de transição, de uso mais ou menos coletivo, pontos de encontro, de socialização (BONDUKI, 2004). A função dos espaços abertos comuns é a de apresentar-se como sendo uma arena para a vida pública (GEHL, 1987), palcos para diversas atividades como: circulação, comércio, passeio, recreação,

contato com a natureza ou apenas observação da vida que acontece nestes espaços (CARR et al., 1992; LYNCH, 1985; LANG, 1987).

A diversidade de usos mais complexa e densa apresenta uma sustentação tanto econômica quanto social e as pessoas tendem a usar mais e ficar mais tempo nos espaços públicos, contribuindo também para a segurança do local (Jacobs, 2000). Conforme constatou Silva (2009), a existência de atratores, como escolas, comércio e outras atividades de uso necessário, influenciam fortemente a dinâmica de apropriação e a intensidade de uso dos espaços públicos. Deste modo, a diversidade de usos traz a diversidade de usuários, tanto na rua quanto na praça pública (JACOBS, 2000) e as experiências vividas em espaços públicos, especialmente, as interações sociais contribuem para a identidade do lugar e a própria identidade do indivíduo (Proshansky apud CARR et al. 1992).

No entanto, para que ocorram interações sociais nos espaços públicos é importante que exista um denominador comum entre as pessoas, como interesses, problemas ou até mesmo um passado comum (BASSO, 2001). Além disso, essas atividades sociais também dependem de qualidades ambientais favoráveis à permanência e ao movimento (GEHL, 1987). Assim, esses espaços também são considerados fundamentais para definir a qualidade de vida urbana (JACOBS, 2000; COOPER, 1975).

A literatura destaca que os espaços abertos coletivos e principalmente, os espaços abertos com a finalidade de recreação deveriam ser o lugar comum, onde residentes têm a oportunidade de realizar as atividades recreacionais, sociais e funcionais que propiciam vínculos entre a comunidade, podendo facilitar a interação entre as pessoas, ou seja, os contatos, estimulando trocas de experiências e influências recíprocas, sendo a base para a formação de uma organização social e fortalecendo o senso de comunidade (por exemplo, ATTADIA da MOTTA, 1975, LANG, 1987, LAY; REIS, 2002).

No entanto, nota-se que, na prática, quando considerada a eficiência dos projetos de conjuntos habitacionais de caráter social, o papel dos espaços abertos coletivos tem sido relegado, tanto em termos de seu desempenho físico, quanto social (LAY; REIS, 2002). Neste sentido, mesmo que não existam locais específicos para recreação nos conjuntos, a necessidade de uso desses espaços comunais pode superar a falta de condições espaciais mais apropriadas, o que não exclui, entretanto, a necessidade de provisão de tais locais (LAY e REIS, 2010). Segundo

Francis (1987), além dos espaços abertos tradicionais, surgiram nas últimas décadas os espaços comunitários, desenvolvidos e administrados por residentes locais e os espaços abertos de vizinhança, como as calçadas, esquinas, lotes vazios, que são muito utilizados por crianças e adolescentes. Portanto, o uso dos espaços públicos pode ser importante para a estrutura de uma cidade com a criação de pontos de encontro, que podem tornar-se o foco e a síntese de um bairro (LYNCH, 1985).

A apropriação de espaços públicos está vinculada a acessibilidade dos usuários e cidadãos a esses espaços (GRAUMANN, 2001; Altman & Zube, 1989 apud GOMES, 2006). Conforme salientado anteriormente, a acessibilidade também é destacada dentre os aspectos que influenciam no uso dos espaços abertos públicos, em conjunto com outras variáveis ligadas ao ambiente físico, tais como, a imagem do local, a aparência, a segurança (Francis, 1987). A localização de um espaço público em bairros periféricos ou em zonas que tenham uma imagem negativa, tende a reduzir a atratividade e a intensidade de uso, criando uma imagem de locais inseguros, 'repulsivos' ao uso (Velho, 1973; Bordieu, 1997; Serpa, 2007 em SILVA, 2009).

A partir da maneira como os espaços abertos coletivos são diferentemente apropriados pelos residentes, é possível medir o grau de responsividade do ambiente construído em preencher as necessidades de seus usuários (LAY, 1992). Dessa forma, quanto mais os equipamentos próximos à residência apoiarem as atividades desejadas e necessárias aos moradores da habitação social e aos moradores do bairro, maior a possibilidade de apropriação da área e maior a probabilidade de contato entre os diferentes grupos socioeconômicos (GAMBIM, 2007).

Portanto, os espaços abertos públicos podem servir como local para novos contatos não especializados ou não usuais, e quando bem sucedidos, com suas características de espaço de encontro e de troca, podem facilitar a participação em atividades de grupo e favorecer o sentimento de ser parte da comunidade e da vida da cidade (BASSO, 2001). Neste sentido, o uso e a apropriação dos espaços abertos, como ruas e praças, próximos ao ambiente residencial, pode promover contatos entre os moradores e afetar o sentimento de pertencimento e a avaliação de desempenho da moradia, conforme será visto a seguir.

2.2.4.1 Ruas

Do ponto de vista antropológico, a rua apresenta-se como uma expressão da estrutura de relações da cultura, em que aparece e serve como um instrumento através do qual estas relações podem ser mantidas ou desafiadas (Levitas, 1991 apud BASSO, 2001). A rua é o elemento que delimita e configura o espaço urbano, constituindo o melhor cenário de integração para os equipamentos coletivos e oferecendo um lugar de consenso possível, elo de continuidade urbana e espaço de ligação entre vizinhanças (COELHO, 2009).

Em áreas onde predominam famílias de rendas mais altas, o estilo de vida tende a favorecer o esvaziamento do espaço das ruas, enquanto os moradores de menor renda tendem a estruturar seus hábitos de vida de forma característica, o que normalmente induz a um maior uso do espaço público da rua para atividades sociais, (BASSO, 2001). Assim, as ruas podem oferecer um potencial de atividades e significados, sendo parte integral do movimento das pessoas e redes de comunicação (JACOBS, 1993).

Neste sentido, as ruas e as calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais e permitem que contatos sejam estabelecidos entre as pessoas. Embora pareçam triviais, quando somados esses contatos, feitos por moradores do entorno de uma praça ou de uma rua, por exemplo, podem resultar numa rede de respeito e confiança mútuos e no apoio eventual em dificuldades pessoais ou da vizinhança (JACOBS, 2000).

Conforme Gehl (1987), os atos de andar, ficar, sentar, olhar, ouvir e falar necessitam de qualidades físicas no espaço que os favoreçam. Por exemplo, andar demanda espaço, dimensionamento de ruas de acordo com o fluxo de pessoas, pavimentação favorável e em boas condições, distâncias aceitáveis e contrastes espaciais que tornem interessante a caminhada. O uso das ruas também pode ser influenciado pela iluminação, conforme Jacobs (2000) as luzes induzem os indivíduos a contribuir com seus olhos para a manutenção da rua, já que a iluminação amplia cada par de olhos, fazendo com que o alcance dos olhos seja maior, contribuindo para a percepção de segurança. Assim, a segurança é outro aspecto que pode contribuir para o maior uso da rua, sendo que as ruas sem saída são consideradas aparentemente mais seguras para crianças (CARR et al., 1992).

Em estudo sobre a vida nas ruas centrais de Copenhague, Gehl (1987), identifica a rua como sendo o maior espaço livre da cidade, não existindo outro, que a tão baixo custo possa oferecer tantas oportunidades de prazer a um tão amplo e variado número de pessoas. O autor destaca a importância das calçadas no ambiente residencial, devido à sua capacidade em permitir aos usuários desenvolver atividades no espaço da rua. Do mesmo modo, Basso (2001) sugere que se nos bairros destinados à população de baixa renda a calçadas fossem projetadas de forma a comportar melhor as atividades de permanência, o retorno seria vigoroso.

Assim, a importância do espaço público (no caso das áreas residenciais, o espaço aberto próximo à residência) é destacada enquanto possibilitador da interação social (CARR et al., 1992) podendo influenciar na avaliação de desempenho da moradia, o que será verificado nesta pesquisa. A partir dos argumentos apresentados sobre a importância da adequação das ruas para a apropriação das áreas residenciais pelos moradores, pretende-se verificar o potencial desses espaços na avaliação de desempenho e na integração dos moradores da habitação de interesse social ao entorno

2.2.4.2 Praças

A praça é um elemento morfológico, nascido na cidade ocidental como elemento intencional, criado com o objetivo de proporcionar o encontro entre indivíduos, onde ocorrem as práticas sociais e manifestações da vida urbana (LAMAS, 1990). A facilidade de acesso, gerada pela proximidade da residência ou do local de trabalho do indivíduo, tende a ser um dos principais atratores para o uso das praças (WHYTE, 1980; SILVA, 2009).

Geralmente, nos conjuntos habitacionais, as praças e equipamentos mal dimensionados e mal localizados repercutem negativamente na avaliação de desempenho destes espaços pela população moradora e populações vizinhas (CARVALHO, 1985).

O uso dos espaços públicos de lazer parece ser fortemente influenciado pela qualidade do espaço aberto, assim como pela oportunidade de encontrar com outras pessoas. As conversas nos ambientes públicos podem ocorrer entre acompanhantes, pessoas que se encontram no caminho, ou com estranhos (WHYTE, 1980). Assim, as praças e os parques servem para vários propósitos,

dentre eles, arejar e iluminar áreas urbanas densas, criar um núcleo para uma vizinhança, sendo um local de encontro, condizente com a vocação de mesclar pessoas e diversificar atividades (Sennet, 1998 apud BASSO, 2001).

Neste sentido, a qualidade desses espaços, decorrente da oferta de locais adequados e suficientes para sentar e a iluminação artificial são importantes fatores para a permanência e utilização por períodos mais prolongados das praças (WHYTE, 1980; BASSO, 2001). As características de uso do entorno também influenciam na forma de apropriação destes espaços, sendo que quando estiverem localizados em áreas mais residenciais, seu uso se dará mais nas horas em que as pessoas retornam para casa, após seus afazeres (FRANCIS, 1987).

Portanto, a importância de praças e espaços abertos próximos à residência é destacada enquanto possibilitadores da interação social (CARR et al., 1992), e serão considerados nesta pesquisa como indicadores dos níveis de satisfação com o bairro.

2.2.5 Segurança

Segundo vários estudos, o ser humano tem a necessidade de sentir-se seguro no local onde vive (por exemplo, PARKER, 2000; FRANCIS, 1987; COOPER MARCUS, 1975) e sentir-se seguro em um lugar tem sido identificado como um importante pré-requisito para o uso dos espaços (REIS e LAY, 1996; FRANCIS, 1987; JACOBS, 2000) já que a percepção de segurança é também um dos componentes da qualidade ambiental (RAPOPORT, 1977).

Conforme Jacobs (2000) a presença natural de pessoas pode ser o meio primário pelo qual o espaço é policiado naturalmente. A autora defende o uso misto do solo e quarteirões de dimensões curtas, pois a vigilância natural seria um meio de trazer uma sensação de segurança a estas ruas, já que as ações da comunidade, através da vigilância natural, classificada como controle social informal, juntamente com territorialidade de espaço defensivo, tenderiam a tornar o espaço mais seguro (Newman, 1972).

Assim, a segurança também pode ser considerada como um fator indicativo de satisfação do morador na avaliação de desempenho de conjuntos habitacionais (VIEIRA, 2002), sendo que muitos moradores associam a falta de segurança com o lugar onde moram e consideram que a aparência das edificações e dos espaços

abertos também pode proporcionar percepção de segurança adequada nos espaços urbanos (Newman, 1978; Voordt & Wegem, 1996; Saville & Cleveland 2001, em ZANOTO, 2002). Um dos problemas que pode ocorrer devido à falta de segurança nos espaços públicos é o afastamento dos filhos do perigo das ruas, pelos pais, limitando-os ao espaço de dentro de casa (Marcellino, 1983 apud SILVA, 2009).

Muitas pesquisas têm demonstrado os problemas de segurança e criminalidade enfrentados por moradores de conjuntos habitacionais em países como Inglaterra, Estados Unidos, entre outros e no Brasil (NEWMAN, 1972; CARVALHO, 1985; NEILD e PAYLOR, 1996). Em estudos realizados na cidade de Porto Alegre (por exemplo, REIS e LAY, 1996) foram constatados problemas de falta de segurança tanto das edificações como nos espaços abertos de conjuntos habitacionais. Neste sentido o tema da segurança nos conjuntos habitacionais de interesse social vem desafiando os estudos em arquitetura e urbanismo, na busca de soluções físico-espaciais que possam contribuir para minorar e prevenir a incidência de crimes e delitos nas áreas privativas das unidades habitacionais, nas áreas comuns e no seu entorno imediato (CPTED, 2009; DAVIES, 2004, NEWMANN, 1996).

Segundo Newman (1978 apud ZANOTO, 2002), o tamanho do projeto habitacional (o número de unidades) pode influenciar também o aumento das taxas de crimes e para o autor duas variáveis podem ser consideradas neste caso, a quantidade de unidades residenciais e a altura dos edifícios. Por exemplo, o premiado conjunto habitacional Killingworth, no nordeste da Inglaterra, com 740 unidades habitacionais em blocos de 6 e 10 pavimentos foi construído em 1972 e demolido em 1988, após aumento de vandalismo e aglomeração de moradores com problemas sociais, facilitados pela própria escala do conjunto e pelas conexões entre os blocos (KELLETT, 1987).

Outros autores (por exemplo, LYNCH, 1980; COOPER, MARCUS e SARKISSIAN, 1986) afirmam que as pessoas precisam do suporte moral de uma comunidade para defenderem os seus direitos territoriais comuns, sendo que grupos de baixa renda freqüentemente dependem do senso de comunidade entre residentes para superar problemas de segurança (LAY, 1992). Dessa forma, os moradores percebem a vizinhança como um importante aspecto que pode contribuir para a satisfação em relação à segurança (FRANDESCATO et al., 1979), pois a presença de relações sociais na quadra ou no bairro parece ajudar os moradores a

alcançar maior sentimento de segurança e coesão social (Perkins, Meeks e Taylor, 1992 apud GAMBIM, 2007).

Com base nestes argumentos, nesta pesquisa será verificada a influência da percepção de segurança nos níveis de satisfação e integração dos moradores de habitação social com o entorno.

2.3 ASPECTOS RELACIONADOS AO TAMANHO DOS CONJUNTOS E SATISFAÇÃO COM A MORADIA

A idéia de conjunto habitacional está, geralmente, associada a um número razoável de unidades habitacionais reunidas, que fisicamente se apresentam como edificações isoladas, geminadas, agrupadas em fita, ou superpostas, formando um todo com espaços de uso comuns; um plano urbanístico e arquitetônico implantado, que serve de cenário para que as relações indivíduo/espço físico e relação pessoal, familiar e social aconteçam (MORETTI, 2002; MORAES, 1996). A dimensão do conjunto habitacional está diretamente ligada às características predominantes das políticas habitacionais de produção em série e em larga escala, que segundo Guimarães (2005) é responsável pela identificação de um espaço segregado.

Estudos argumentam (por exemplo, SABATINI, et al., 2004) que quanto maior o tamanho de áreas homogêneas pobres, maior a gravidade dos problemas sociais e urbanos para seus moradores. Os tempos de viagem crescem já que estas pessoas percorrem grandes distâncias para encontrar algo diferente de sua vizinhança carente, como por exemplo, locais de trabalho, moradias de outros grupos sociais, e serviços e equipamentos de algum nível. Assim, as altas densidades são justificadas pela maior eficiência na provisão dos equipamentos urbanos, serviços e infraestrutura enquanto as baixas densidades significam longas redes de infraestrutura para poucos consumidores, gerando altos custos de investimento (Acioly & Davidson, 1998, p. 31 apud DREUX, 2004), como ocorre nos conjuntos habitacionais de baixa densidade, distantes do centro da cidade, onde os moradores percorrem longos percursos para ter acesso às escolas, postos de saúde, ao trabalho e às áreas de comércio.

Outras pesquisas (por exemplo, BASSO, 2001; GAMBIM, 2007), sugerem que o aumento de quantidade de unidades residenciais de uma área envolve maior quantidade de acessos privados na relação com o espaço público, sugerindo maior

possibilidade de encontros entre os moradores ao entrarem e saírem das residências, favorecendo a interação social e os laços de amizade, que tratam do contato social informal, como contato visual e conversas rápidas entre residentes e de interação social local sem laços afetivos, que podem ser incentivados por componentes do ambiente residencial, como caminhos e acessos comuns às residências.

Na pesquisa realizada recentemente por Lima (2011) os resultados sugerem que a dimensão do conjunto habitacional pode influenciar o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato, sendo que quanto menor for o número de unidades do conjunto, maior é o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato e, por outro lado, quanto maior for o conjunto, menor a interação com o entorno imediato e, conseqüentemente, com a cidade.

Também são destacadas na literatura, experiências positivas na habitação de interesse social portuguesa, onde conjuntos habitacionais de pequena dimensão e apresentando qualidade arquitetônica, foram implantados visando à integração urbana (COELHO, 2009). Para o autor essa experiência foi fundamental para a habitação de interesse social, pois permitiu a inserção de conjuntos de menor porte que tendem a ser mais facilmente assimilados, sendo que a diversidade sociocultural associada à estas intervenções e à opção de manutenção dos moradores originais nos seus sítios de habitar, também podem contribuir para a maior integração das diversas partes da cidade.

Soma-se o estudo realizado por Carmo et al. (2011) com o objetivo de avaliar a implementação de programas habitacionais em municípios de pequeno porte na Zona da Mata de Minas Gerais, que se destacam, dos demais programas, por possuírem unidades habitacionais implantadas isoladamente, e em conjuntos habitacionais com número de moradias quase sempre inferiores a 100 unidades. Nesses programas, as famílias receberam unidades implantadas de maneira pulverizada nos seus terrenos, ou em uma gleba adquirida e parcelada pela administração municipal, quando as famílias não possuíam terreno próprio. Além disso, o fato das famílias já residirem na comunidade parece ter favorecido a manutenção das relações sociais, preservando a inserção e a integração sócio-espacial dos moradores, ao contrário da maioria dos programas habitacionais, em que os conjuntos constituem espaços fisicamente e visualmente segregados.

A seguir, são identificadas as variáveis mencionadas na literatura, que estariam relacionadas com o tamanho do conjunto habitacional (número de unidades), o nível de satisfação com a moradia e o sentimento de pertencimento.

2.3.1 Aparência e imagem

Várias pesquisas têm mencionado a importância da aparência para a satisfação dos usuários com o ambiente (por exemplo, LAY e REIS, 2003; COOPER MARCUS e SARKISSIAN, 1986). A percepção de aparência é afetada pelo grau de espacialidade e clareza da estrutura do lugar, somado às atratividades das construções e da paisagem (LAY, 1992). A aparência também é indicada como um importante fator influenciando o nível de satisfação dos residentes com conjuntos habitacionais (por exemplo, COOPER, 1970; FRANCESCATO et al., 1979; COULSON, 1980).

A uniformidade no tratamento das edificações é uma característica comum dos conjuntos habitacionais, sendo que o aspecto visual idêntico das edificações, além de ter um efeito negativo quando se diferencia da paisagem, também pode dificultar a orientação dos próprios habitantes do local. Assim, os moradores de conjuntos habitacionais tendem a reforçar ou modificar a definição física dos espaços, alterando as relações entre os componentes do sítio, o que pode ocasionar sérios problemas relativos à legibilidade, à segurança, ao conforto ambiental e à orientação (LAY e REIS, 2002). Conforme visto anteriormente, as semelhanças desses projetos repercutem no desempenho destes espaços, prejudicando a imagem da população moradora (CARVALHO, 1985). Assim sendo, a uniformidade das edificações também pode contribuir para a estigmatização dos moradores das áreas nas quais estão inseridas, sendo identificados com uma marca, ou seja, um rótulo de moradores de habitação popular.

Sob essa perspectiva, a literatura tem mencionado a necessidade do residente em personalizar o seu ambiente (MOUDON, 1986) e a importância da personalização, ou seja, de possuir uma fachada individual para a satisfação do residente com o projeto da habitação (FRANCESCATO et al., 1979). A ação realizada com o propósito de alterar a aparência interna ou externa da habitação tem sido, principalmente, relacionada à necessidade do usuário por variedade, por expressar-se e dar significado a sua habitação (COOPER MARCUS & SARKISSIAN,

1986). Deste modo, a personalização parece estar relacionada à manifestação da autoestima e do orgulho que o morador sente em relação ao local de moradia.

A personalização das fachadas também está entre os aspectos relacionados a uma estética atraente no exterior dos conjuntos, assim como a qualidade dos materiais e acabamento, limpeza e manutenção dos espaços abertos coletivos, e alguma consistência formal entre as edificações (REIS, 2001). Isto é, uma imagem satisfatória sugere a percepção de uma qualidade estética satisfatória do conjunto por parte dos residentes e visitantes e a imagem do conjunto tende a ser afetada pela interação social entre os residentes (LAY e REIS, 2003). Por não ser o foco deste trabalho, nesta pesquisa não serão consideradas as questões estéticas, no entanto, a aparência dos conjuntos, resultante das características físicas e de manutenção das edificações e dos espaços abertos é um aspecto importante na avaliação de desempenho de conjuntos habitacionais a ser verificada.

A aparência percebida do conjunto habitacional é também fortemente afetada pelo tipo de apropriação dos espaços abertos, onde atitudes negativas em relação ao conjunto habitacional estariam motivando manifestações comportamentais também negativas, tais como mau uso e negligência na manutenção dos espaços coletivos, abertos ou edificados, e vice-versa, o que sustenta resultados de outras investigações (LAY, 1995).

Neste sentido, estudos comparativos de conjuntos habitacionais (por exemplo, REIS e LAY, 1995, LAY, 1992) revelam que a aparência satisfatória da edificação, contrariamente a várias afirmações na literatura, não parece estar necessariamente ligada à uma variedade de formas, texturas e cores, mas à homogeneidade, isto é, a percepção de ser igual ao entorno, o que na opinião dos moradores, denota “justiça social” e percepção de comunidade. Por outro lado a má aparência do conjunto, relacionada à falta de manutenção e ao uso indevido dos espaços abertos, nos conjuntos de blocos de apartamentos, são aspectos que afetam negativamente a satisfação dos moradores e a imagem do conjunto, isto é, a uniformidade do conjunto e a percepção de ser diferente do entorno.

Ainda, conforme Lynch (1980) a organização simbólica do ambiente construído e a possibilidade de leitura do espaço, a partir de imagens claras e reconhecíveis, podem gerar menor insegurança, menor ansiedade e maior confiança, favorecendo o pertencimento e a familiaridade com o lugar para o grupo. Assim, a percepção da imagem visual faz parte do processo de construção da

imagem descrito por Lynch (1980) que sugere que seus componentes físicos ou simbólicos têm um importante papel em inibir ou facilitar a criação de uma imagem coletiva positiva do lugar, afetando a avaliação do usuário sobre o ambiente residencial, tornando esse ambiente construído mais ou menos atraente e fácil de compreender e usar e, portanto, afetando também a legibilidade.

No entanto, a percepção do ambiente não depende apenas da forma visual e de sua natureza, mas também da natureza do indivíduo, sua história, cultura, suas necessidades e propósitos, e seu ambiente social (LYNCH, 1991; NASAR, 1998). Assim, a imagem de um determinado espaço pode variar significativamente entre os observadores, mas geralmente existe um consenso entre os membros do mesmo grupo (LYNCH, 1997). A avaliação da imagem do local de moradia percebida pelo residente afeta seus sentimentos de autoestima, sua posição social na comunidade, o relacionamento com os vizinhos e a sensação de pertencer e identificar-se com o lugar em que vive (LAY, 1995, LAY e REIS 2002, GAMBIM, 2007). Portanto, a aparência das áreas residenciais pode influenciar a criação da imagem social, expressando valores, atitudes, gostos (Becker, 1997 apud LAY, 1992:90), contribuindo também, para a identificação dos diferentes grupos (TAYLOR, 1988).

Neste contexto, a heterogeneidade parece propiciar um distanciamento maior entre os indivíduos, reduzindo o contato e suas relações comunitárias a apenas uma vizinhança, no aspecto físico, enquanto a homogeneidade de grupos acarretaria maior sentido de comunidade (Proshansky, Ittelson & Rivlin, em GANS, 1976).

Conforme verificou Gambim (2007), a maior percepção de diferenças entre os moradores e a maior percepção de que existem grupos distintos no bairro influi na percepção de segregação no uso dos espaços próximos ao local de moradia, pois os grupos identificando-se como heterogêneos parecem manifestar a preferência por não se relacionarem, utilizando serviços ou equipamentos separados, quando possível. Um exemplo disso é o conjunto Jardim Planetário, cujas tipologias das moradias são uniformes entre si (casas térreas e sobrados), mas se diferenciam do entorno, rompendo com a paisagem, e influenciam fortemente a imagem do grupo de baixa renda, inibindo e reduzindo o potencial de interação social entre moradores do conjunto e do bairro, tornando os moradores do conjunto estigmatizados.

Por outro lado a homogeneidade entre os moradores, caracterizada pela menor percepção de diferenças entre os moradores e menor segregação, parece estar associada à menor possibilidade de identificação dos moradores da habitação

social pelos moradores do bairro e tende a favorecer a interação social entre moradores, estimulando as atividades sociais (conversas) nas calçadas do bairro, a satisfação e a identificação com os vizinhos e melhores relacionamentos na vizinhança, ou seja, menor conflito. O estudo também exemplifica o aspecto positivo da homogeneidade, através da qual o projeto da habitação social “Condomínio Princesa Isabel” possibilitou que os moradores se sentissem mais semelhantes e integrados ao entorno, em termos de volumetria, recuos e aparência estética, apresentando melhor potencial de interação social entre os grupos distintos (moradores da habitação social e moradores do entorno).

Os resultados obtidos por Gambim (2007) indicam que quanto maior a semelhança entre a aparência das edificações da habitação de interesse social e das edificações da área em geral, maior é a probabilidade de contato entre os moradores dos dois grupos socioeconômicos. Assim, conjuntos cujas moradias apresentem tipologias semelhantes ao entorno tendem a tornarem-se mais integrados, enquanto os conjuntos que se destacam na paisagem, pelas diferenças em relação ao entorno, tendem a tornarem-se mais “segregados”. Em face dessas considerações, serão verificados nesta pesquisa se a maneira como estão inseridos e o tamanho dos conjuntos habitacionais afetam a imagem e o nível de satisfação com a moradia, influenciando no sentimento de pertencer ao entorno e sentir-se integrado à cidade.

2.3.2 Apropriação e sentimento de pertencimento

Segundo Graumann (2001) apropriação do espaço pode ser entendida através de duas perspectivas: antropológica/histórica e psicológica, cabendo, neste estudo, a perspectiva psicológica. Assim, a apropriação é um processo psicológico no qual a intervenção no espaço tem a finalidade de transformar e personalizar, fazendo parte de um sistema de influência, revelado pelo tipo de ocupação do espaço, peculiar a cada indivíduo ou grupo (FISCHER, 1981). Esse processo permite que o indivíduo se sinta identificado ou pertencente a um entorno, ou seja, de alguma forma, ligado ao lugar, e que este lhe pertence, mesmo que dele não tenha a posse legal.

Neste sentido, a apropriação pode ser vista, também, como uma necessidade humana de enraizamento (MOLES e ROHMER, 1998) e de pertencimento, que

associado a um lugar é formador da identidade do sujeito. Conforme LYNCH (1985), muitas pessoas sentem a necessidade de fazer parte de um grupo e de pertencer a um lugar e o sentido de ligação com o lugar acontece através da identificação simbólica com um local reconhecido como diferente de outros e que, portanto, possui um caráter próprio. Sob essa perspectiva faz-se referência aos conceitos de identidade de lugar e identidade social.

Para que o sujeito se sinta afiliado, pertencente a uma determinada categoria urbana, é necessário que alguns significados sejam socialmente elaborados e compartilhados. Assim, os vínculos emocionais com o entorno, ou cognições, são importantes na formação da identidade de lugar (PROSHANSKY et al., 1983). Já identidade social é construída não somente no grupo, através de algo que o indivíduo recolhe do grupo para si, mas é formada através do sentimento de pertencimento do sujeito a um grupo social (MOURÃO & CAVALCANTE, 2006). Portanto, através da apropriação, o ser humano dialoga com o ambiente e sua identidade vai se construindo ao mesmo tempo em que ele contribui para a construção ativa do contexto. Assim, o entorno físico e social vivenciado pelo sujeito pode significar um componente fundamental para a construção de sua identidade.

Os níveis de satisfação em relação ao espaço urbano também influenciam na sua apropriação e através desta, o sujeito interage dialeticamente com o entorno, resultando numa transformação mútua (GEHL, 1987; MOURÃO e CAVALCANTE, 2006), ocorrendo, também a interação social entre as pessoas. Rapoport (1977) argumenta que o meio físico, antes de qualquer coisa, deve ser um meio de comunicação suportando estruturas sociais das mais variadas e a maneira como os espaços são fisicamente definidos pode afetar a maneira como os mesmos são socialmente utilizados (GEHL, 1987). Dessa forma, as atitudes em relação ao ambiente revelam um dinamismo das relações de apropriação do espaço (Altman & CHEMERS, 1989) e a capacidade que o projeto possui de permitir que o usuário atribua valores pessoais aos ambientes influencia na apropriação espacial, contribuindo para a qualidade da habitação.

Os resultados obtidos por Gambim (2007) confirmam que quanto mais a estrutura do ambiente construído apoiar a acessibilidade de atividades, maior será a apropriação dos espaços abertos públicos próximos ao lugar de moradia e a probabilidade de interação social entre os moradores de grupos socioeconômicos distintos, existentes na mesma área.

Neste sentido, para que ocorra a apropriação dos espaços públicos é importante que os ambientes permitam a permanência das pessoas e não sejam usados somente como passagem. Elementos como árvores, vegetação, pavimentação e mobiliário são alguns dos fatores que podem contribuir para a boa adequação das ruas, sua qualidade de uso e visual (KAPLAN, KAPLAN & RYAN, 1998; JACOBS, 1993) e a presença de calçadas também é destacada por Whyte (1980) como um importante elemento de conexão e de circulação das ruas que pode favorecer o contato social (COOPER e FRANCIS, 1990). Assim, caminhar pelas ruas do bairro favorece o contato entre as pessoas, aumentando o senso de segurança e de pertencimento ao lugar (por exemplo, BASSO, 2001; GAMBIM, 2007). Estas constatações confirmam o importante papel da apropriação coletiva de áreas próximas à moradia e os contatos entre moradores, o que pode afetar o sentido de comunidade, a manutenção e a imagem do conjunto habitacional. Assim, essas relações, serão verificadas nesta pesquisa.

2.3.3 Territorialidade

A cidade é um espaço de concentração de oportunidades de satisfação de necessidades básicas materiais – como saúde e moradia – e imateriais – como cultura e educação, onde as pessoas se organizam e interagem baseadas em interesses diversos, formando grupos de afinidade (SOUZA, 2003). Assim, os habitantes distribuem-se nas cidades em territórios diferenciados por nível social e de renda (SANTOS, 1998).

A definição de território está intimamente ligada à organização do espaço físico. O território implica numa área geográfica personalizada e marcada, de forma a permitir o seu controle por parte dos indivíduos e o reconhecimento de território, ordem e manutenção consistente são aspectos importantes que afetam a percepção de adequação do espaço e a organização de pistas, sugerindo comportamentos (LAY, 2001, 1998; REIS, 1999). Dessa forma, o comportamento territorial é considerado parte de um sistema que possibilita a organização social: organizar espaços físicos socialmente, em termos de categorias (público – acesso irrestrito; semipúblico – acesso com certo nível de restrição; semiprivado – acesso com maior nível de restrição; ou privado – acesso restrito) é um requisito essencial entre os residentes como meio de compreender a natureza de seu território.

As pessoas, individualmente ou de forma coletiva, necessitam identificar territórios como próprios, para construir sua personalidade, estruturar suas cognições e relações sociais e ao mesmo tempo suprir suas necessidades de pertencimento e identificação (Pol, 1996 apud MOURÃO E CAVALCANTE, 2006), considerando que não existe território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes (ARAÚJO & HAESBAERT, 2007). Nesse sentido, a variedade encontrada nas habitações, num mesmo local ou sociedade, denota uma importante característica humana: transmitir significados e traduzir as aspirações de diferenciação e territorialidade dos habitantes em relação a vizinhos e pessoas de fora de seu grupo (RAPOPORT, 1977).

Outro aspecto a ser considerado é que o grau de clareza da definição física dos espaços produz efeitos na definição social em termos espaciais que na literatura é chamado territorialidade (LAY, 1998; LAY, 1992; LAY e REIS, 2010). A territorialidade e o senso de controle sobre um espaço representam um direito do indivíduo ou grupo de se apropriar dos espaços para usá-los, trazendo consigo a mensagem de que alguém se preocupa com tal espaço, que ele pertence a alguém (BASSO, 2001).

Nos projetos onde há falta de identidade do sítio, ocorre a falta de controle sobre o mesmo, e isso afeta a territorialidade e os comportamentos específicos dela, como apropriação e controle, que podem ser considerados indicadores do grau de clareza na definição física dos espaços (LAY, 1992). Assim, as indefinições da propriedade, e conseqüentemente de responsabilidades sobre os espaços coletivos de conjuntos habitacionais, fazem com que se encontrem muitas vezes, abandonados ou “privatizados” por uma apropriação indevida de alguns moradores do conjunto (MEDVEDOVSKI, 1997). Ainda pode ser observada a ausência de manutenção dos espaços exteriores, destacando que os moradores mantêm controladas, unicamente, as áreas que são claramente demarcáveis como sua propriedade (NEWMAN, 1996).

Considera-se que através da definição e do controle de territórios também se regula as regras de funcionamento social promovendo segurança, identidade, status, estabilidade social, sentimento de pertencimento e sentido de lugar (Edney apud LAY, 1998; ALTMAN & CHEMERS, 1989). Em pesquisa realizada por Lay e Reis (2010), os moradores perceberam maior facilidade de orientação nos conjuntos com

sobrados, provavelmente devido ao fato de serem conjuntos com menor número de unidades habitacionais e de possuírem claros acessos e delimitações, com visível definição de implantação. Portanto, percebe-se que se a demarcação do território de um ambiente é suficientemente clara, ele passará uma sensação de proteção e domínio para seus usuários e será usado de forma adequada.

Observa-se que o comportamento territorial também está relacionado às definições do grau e do tipo de ligação entre os indivíduos e as diferentes partes do ambiente, envolvendo um sistema estruturado de transações entre pessoas e o lugar: a delimitação do território, a partir de marcas e personalização do espaço, permite a distinção de uma entidade social de outra, evoca a possibilidade de defesa contra estranhos, reforçando o sentido de responsabilidade sobre o lugar (Taylor, 1988; Bonnes & Secchiarolli, 1995 apud GAMBIM, 2007). Gambim (2007) ainda argumenta que os fatores que influenciam o comportamento territorial *são culturais, sociais, individuais e físicos*, e modelam o significado ou a imagem de um lugar, a partir das definições e sentimentos dos indivíduos e do grupo em relação ao espaço.

A necessidade de autoestima e reconhecimento também são comuns à maioria das pessoas e grupos, no entanto, são sentidas em diferentes graus, tanto pelos indivíduos quanto pelos grupos ou culturas e sub-culturas. (Lang, 1994 apud Basso, 2001). Para Taylor (1988), o reconhecimento é um dos componentes da identidade que confere importância aos indivíduos ou grupos, podendo, a falta de reconhecimento ser percebida como um ato de desconsideração por meio do qual a identidade do grupo seria negada ou rejeitada. Dessa forma, a idéia do não reconhecimento é importante para a discussão da problemática de reconhecimento de grupos excluídos ou marginalizados, como ocorre, muitas vezes com os moradores da habitação de interesse social, que sofrem a estigmatização, que significa a condição social de descrédito ou uma marca de inferioridade social.

Com base nessas considerações, percebe-se que a investigação dos efeitos relativos à apropriação e à percepção de território pode ser relevante para a compreensão dos fatores que exercem influência na autoestima, no sentimento de pertencimento e no fato dos moradores da habitação de interesse social se sentirem integrados no entorno e na cidade.

2.3.4 Sentido de comunidade e interação social

A cidade possui uma estrutura espacial, mas também social, onde as pessoas esperam poder compreender uns aos outros para poder estabelecer um melhor convívio (RAPOPORT, 1977). As relações sociais manifestadas no espaço são dependentes de estímulos sociais e conseqüentes respostas, num processo contínuo que envolve ao menos dois indivíduos (GAMBIM, 2007). Através do entendimento do homem como um ser que sobrevive em sociedade, não podendo dispensar outras características que são inerentes à sua cidadania, à sua necessidade habitacional e de condições ambientais, nas quais possa viver em comunidade, esses aspectos devem ser considerados pelas políticas habitacionais (ROMERO & VIANNA, 2002).

O sentido de comunidade, além de ser uma variável sócio-psicológica, ligada ao sentido de lugar, também pode ser definido como a sensação de pertencer a algo, estando relacionado a resultados sociais positivos, como relações de vizinhança, companheirismo, identidade, união vivenciada e participação em um contexto de coletividade (Wilson & Baldassare, 1996; Bucker, 1988 apud GOMES, 2006 p. 40). Segundo Attadia da Motta (1975) habitar um conjunto pressupõe viver em comunidade, e para isso é importante que os moradores estejam razoavelmente integrados e que exista certa coesão entre eles.

Conforme constatado por Gomes (2006), o sentido de comunidade parece evidenciar a intensidade de convívio entre moradores de um mesmo bairro ou grupo, sendo que as relações sociais são influenciadas e explicadas pela homogeneidade de grupos de pessoas com respeito à variedade de características. Neste sentido, a interação social compreende um mecanismo de comunicação a partir da definição de um sistema social, caracterizado por indivíduos com valores e objetivos comuns e por um ambiente físico adequado às atitudes e aos padrões de comportamento existentes: se nenhum fator comum é encontrado, não há como haver interação social (GEHL, 1987).

A interação entre os moradores e o sentido de comunidade são aspectos que influenciam na aparência de espaços abertos coletivos e de equipamentos, ou seja, quanto melhores são as relações, mais organizada é a comunidade na provisão e a manutenção de espaços abertos. Conforme visto anteriormente, a interação social também influencia na percepção de segurança de certas áreas, sendo que grupos de baixa renda, freqüentemente dependem do senso de comunidade entre residentes para superar problemas de segurança (LAY, 1992). Assim, o nível de

interação em áreas de baixa renda aumenta a sensação de segurança dos residentes, estimulando a apropriação e o uso dos espaços próximos à moradia.

Manifestações quanto ao desejo de interação e à necessidade de privacidade e segurança no ambiente construído, expressas através dos meios utilizados para demarcar o território, variam de acordo com os grupos e classes sociais (Appleyard, 1979 apud TAYLOR, 1988). Nas classes altas, as relações entre familiares, amigos ou grupos especiais são mais importantes do que a vida da vizinhança, enquanto nos bairros da classe trabalhadora ocorrem muitos tipos de dependências e de inter-relações na própria vizinhança (RAPOPORT, 1978 apud BASSO, 2001).

Ainda, as moradias mínimas das populações de baixas rendas, diferentemente das classes mais altas que tem acesso à especialização de funções, continuam a contar com o espaço habitacional para cuidar dos seus doentes, manter as crianças até a idade mínima escolar, fazer a maior parte das refeições, lavar e passar as roupas e ter o descanso no fim-de-semana. Assim, para estes grupos sociais, é no espaço do entorno imediato à moradia onde ocorre a socialização das crianças, onde se desenvolvem os primeiros contatos fora da família, as primeiras relações de vizinhança, as brincadeiras e os jogos nos espaços abertos das ruas e praças locais (PICCINI e MELLO, 2011).

A interação social na vizinhança está relacionada às oportunidades de contato social formal (planejado) e informal (casual) pelas quais moradores podem desempenhar com qualidade os seus relacionamentos (Kim & Kaplan, 2004 apud GAMBIM, 2007). Assim, a ligação com a vizinhança pode ser definida através de características físicas relacionadas à atratividade do lugar, à possibilidade de realização de atividades desejadas e está relacionada com sentimentos de comunidade e conexões com o lugar, que parecem favorecer o surgimento de relações de amizade (SKJAEVELAN & GARLING, 1997; TAYLOR, 1988).

Skjaeveland et al. (1996, 1997) apresentam quatro dimensões da interação social na vizinhança: atos de apoio na vizinhança, conexão com a vizinhança, desavenças na vizinhança e laços sociais superficiais. Os atos de apoio mútuo na vizinhança consistem da combinação de sentimento de proteção e ajuda mútua, comportamentos que parecem sofrer influência dos componentes do ambiente residencial, tais como, espaços semiprivados, aparência visual, controle, ambientes para sentar, quantidade de residências, entre outros. No entanto, o relacionamento social na vizinhança também trata do reconhecimento dos aspectos negativos, como

conflitos e insatisfações (Skjævelan & Garling, 1997; Kim & Kaplan, 2004 apud GAMBIM, 2007).

Outros estudos (por exemplo, Keller, 1979; Rapoport, 1978 apud BASSO, 2001) consideram que o aumento da auto-suficiência em indivíduos ou famílias tende a promover a perda da necessidade de laços de vizinhança, ocorrendo, principalmente nas classes altas, onde as relações primárias (familiares, amigos ou grupos especiais), diferentemente do que ocorre nos bairros da classe trabalhadora, são mais importantes do que a vida da vizinhança. Conforme foi visto anteriormente, as maiores concentrações de população em uma determinada área estão normalmente associadas à população de baixa renda, neste sentido, alguns argumentos destacam que variações no tamanho de uma vizinhança podem influenciar a intensidade de interação social sendo que o fator proximidade é destacado pela possibilidade de promover o contato face a face dos indivíduos, incentivando o contato social (TALEN, 1999; GAMBIM, 2007).

Portanto, as dimensões da interação social entre vizinhos e do sentido de comunidade parecem importantes para a compreensão do sentimento dos moradores de pertencer a um grupo que poderia afetar os níveis de satisfação e integração entre moradores da habitação de interesse social e moradores do entorno e, portanto, serão verificadas nesta pesquisa.

2.4 CARACTERÍSTICAS SÓCIO ECONÔMICAS, NÍVEIS DE SATISFAÇÃO E INTEGRAÇÃO SOCIAL

Conforme a literatura, características individuais dos usuários referentes à classe social, estágio do ciclo de vida e nível socioeconômico e cultural, afetam a sua percepção e o seu comportamento e conseqüentemente influenciam o uso dos espaços (CARR et al., 1992; RAPOPORT, 1977). O ajuste entre o ambiente, o comportamento e a diversidade de lugares e atividades definidas por um grupo também depende dessas características do indivíduo (LANG, 1987). Dimensões diferenciadas como ciclo de vida, sexo, etnia, ocupação, renda, são formas de compreender os grupos sociais nas suas relações com o comportamento, o projeto e o ambiente (RAPOPORT, 2003). Os fatores culturais também podem afetar a cognição e as avaliações afetivas do sistema de espaços e, portanto, seu uso (BASSO, 2001).

2.4.1 Nível sócio econômico e estilo de vida

O nível socioeconômico é um importante aspecto, considerado na literatura, que influencia a vida do indivíduo, a área da cidade em que reside, seu nível de instrução ou suas experiências e expectativas. O estilo de vida adotado pelo indivíduo também é muito influenciado pelo seu nível socioeconômico (BASSO, 2001) e cada grupo possui uma maneira de organizar e estruturar seu espaço, traduzidos nos seus estilos de vida, devido às suas diferentes características (ALTMAM & CHEMERS, 1989).

Assim, o estilo de vida pode ser definido como o modo pessoal pelo qual cada indivíduo ajusta sua vida cotidiana ou a forma pela qual um grupo de pessoas vivencia o mundo, se comporta e faz escolhas, podendo definir seus padrões de consumo e hábitos de lazer (Dumazedier, 2004 apud SILVA, 2009). Ainda, o tempo de moradia caracteriza o estilo de vida dos moradores, sendo associado à realização de atividades sociais nas ruas próximas à residência (VIEIRA 2002), permitindo avaliar diferenças de relacionamento social e padrão de uso do lugar.

No estilo de vida, também são influentes os padrões de comportamento culturalmente diferenciados no que se refere a hábitos de compras, de trabalho e recreação (GEHL, 1987). Conforme Amaral (2008 apud SILVA, 2009), o estilo de vida também pode ser expresso através de vestimentas, linguagens, posturas/attitudes e consumo, sendo determinado por um conjunto de preferências diferenciadoras que podem ser definidas por variáveis de livre escolha como preferências estéticas, artísticas e religiosas, mas principalmente, por variáveis condicionantes como renda, escolaridade e faixa etária.

O nível de renda, que é um componente do status socioeconômico que pode afetar a intensidade de uso dos espaços para atividades sociais (BASSO, 2001) permitindo maior ou menor acesso às atividades distribuídas pela cidade, sendo que pessoas com mais recursos econômicos, por apresentarem maior capacidade de mobilidade social que permitem que elas se envolvam em um maior número de atividades, parecem ter menor ligação com a vizinhança e menor necessidade de acesso ao comércio e a serviços locais do que pessoas com menos recursos, onde ocorrem muitos tipos de dependências e inter-relações na própria vizinhança (por exemplo, BASSO, 2001; GAMBIM, 2007). Além disso, a falta de opções de lazer e de conforto dentro de casa, faz com que as famílias pertencentes à faixas de rendas

menores, utilizem a rua como espaço de lazer e passem a considerá-la como uma extensão de sua casa (BASSO, 2001).

Algumas pesquisas demonstram que o nível das atividades praticadas no tempo livre está relacionado diretamente ao grau de formação escolar e a obtenção de uma visão de mundo mais ampla. Estima-se que os indivíduos que têm acesso amplo e fácil à educação, são menos vulneráveis ao conformismo, tendo maiores possibilidades críticas e criativas ao lazer, sendo a escolaridade um fator influenciável nas motivações de lazer (Marcellino, 1983 apud SILVA, 2009).

Outros estudos (por exemplo, FRANCESCATO, *et. al.*, 1979), revelam que o nível de satisfação dos moradores de conjuntos habitacionais aumenta quando percebem que os outros usuários são semelhantes a eles em relação aos níveis educacionais e econômicos. Por outro lado, diferenças em relação aos aspectos culturais, étnicos e socioeconômicos implicam em maior ou menor necessidade de interação, assim como, em diferentes graus de tolerância à diversidade ou homogeneidade dos grupos em contato (Rapoport, 1978 apud GAMBIM, 2007; ALTMAN & CHEMERS, 1989).

Também o status afeta a possibilidade de escolha, sendo dependente da natureza e da quantidade de um bem desejado e dos recursos disponíveis para a aquisição deste bem (Rapoport, 1985 apud GAMBIM, 2007). Segundo Coulson (1980 apud GAMBIM, 2007), a localização da residência numa área de bom status e de caráter amigável, inclusive pela proximidade dos amigos, seria mais importante na determinação da satisfação com o bairro do que a localização conveniente em relação ao local de trabalho e às lojas.

A literatura também destaca o papel do estilo de vida no uso de espaços públicos, sendo que a faixa etária do indivíduo modifica a sua forma de usar esses espaços, pois suas necessidades, tempo disponível e preferências são diferenciados pela etapa no ciclo de vida em que se encontra (BASSO, 2001), ou seja, em todas as fases: crianças, adolescentes, adultos e idosos. Assim, a faixa etária é evidenciada como um dos elementos condicionantes para a percepção da atratividade e para o uso e apropriação dos espaços públicos (CARR *et al.*, 1992; BASSO, 2001; SILVA, 2009). De acordo com a idade, cada indivíduo tende a expressar padrões de comportamentos diferentes, bem como necessidades variadas, por equipamentos, por tipos de atividades de recreação (SILVA, 2009).

Neste sentido, o maior número de idosos ou de crianças na residência, famílias sem filhos, com pais que trabalham fora, também são aspectos que se relacionam à faixa etária dos indivíduos e que influenciam diferentemente o padrão de uso dos espaços abertos, devido às necessidades, aos recursos de tempo e dinheiro (Rapoport, 1998 apud GAMBIM, 2007).

As crianças são os principais usuários dos espaços com possibilidades de lazer, pois passam uma boa parte do dia brincando (Eubank-Ahrens, 1987 apud BASSO, 2001) e não se afastam muito de suas casas, usando mais os espaços próximos à residência, quando disponíveis e adequados (Coulson, 1980 apud LAY e REIS, 2002). Assim, locais onde há muitas crianças são propícios às relações sociais, promovendo certa cooperação entre os pais ou responsáveis (Sodeur, 1986 apud GAMBIM, 2007). Já os adolescentes valorizam o grupo de amizades, necessitando de espaços agradáveis para se encontrar e participar de atividades podendo ou não utilizar espaços próximos à residência (Eubank-Ahrens, 1987 apud BASSO, 2001).

Por sua vez, os adultos apresentam maior mobilidade e são mais independentes do que as demais faixas etárias, podendo escolher os lugares para suas atividades, enquanto os idosos, apesar de possuírem maior flexibilidade e disponibilidade de tempo, muitas vezes têm sua mobilidade limitada, preferindo atividades contemplativas, como observar a vizinhança (por exemplo, BASSO, 2001; GAMBIM, 2007). Os idosos também necessitam de espaços que lhes proporcionem algum conforto maior, por exemplo, através do mobiliário urbano, já que tendem a concentrar-se em locais onde possam permanecer sentados (GOMES, 2006).

Com base no exposto acima, as características socioeconômicas podem afetar o tipo e a intensidade de uso do bairro e de locais próximos à residência pelos moradores das áreas de estudo. Dessa forma, a realização de atividades, tais como, trabalho e estudo fora ou dentro do bairro de moradia, também parecem afetar as possibilidades de interação entre moradores da habitação de interesse social e o entorno. Portanto, essas variáveis serão consideradas neste estudo, no sentido de garantir que a seleção do estudo de caso adote a similaridade de estilo de vida como critério importante, de forma a garantir que os resultados relativos à influência do tamanho dos conjuntos na integração social não sejam influenciados por elas.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na revisão de literatura foram identificados os fatores que podem afetar o sentimento de pertencimento, os níveis de satisfação e integração dos moradores de conjuntos habitacionais com o entorno, como segue:

- Diferenças relativas à qualidade de infraestrutura das áreas, como localização, acesso à equipamentos, comércio, serviços, transporte e meios de locomoção, que tenderiam a estimular a realização de atividades, parecem afetar o grau de apropriação de áreas adjacentes à residência, a intensidade de contatos entre os moradores de HIS e do entorno e conseqüentemente a integração social.

- Diferenças nos aspectos físicos da habitação de interesse social em relação às moradias do entorno tenderiam a favorecer a distinção da imagem do grupo de moradores de habitação de interesse social, ampliando a percepção de heterogeneidade e reduzindo as possibilidades de contatos e integração dos grupos distintos (moradores da habitação social e moradores do entorno).

- Diferenças relativas às características dos usuários, como idade, nível sócio econômico, estilo de vida, tempo de moradia, podem afetar o uso do bairro, incrementando ou restringindo a apropriação das áreas próximas à residência, influenciando o sentimento de pertencimento e a integração social.

Portanto, todas as características sócio-econômicas serão consideradas neste estudo, no sentido de garantir que a seleção do estudo de caso adote a similaridade de estilo de vida como critério importante, de forma a garantir que os resultados relativos à influência do tamanho dos conjuntos na integração social não sejam influenciados por elas.

Da mesma forma, as características físico-espaciais, ou seja, aspectos relacionados à qualidade da infraestrutura referentes à melhores ou piores condições urbanas e localização na malha, abordadas neste capítulo, serão investigados de forma a verificar se essas diferenças na qualidade da infraestrutura estariam afetando tão fortemente a avaliação de desempenho da moradia pelos usuários, de forma que poderiam influenciar os resultados finais, relativos à dimensão dos conjuntos investigados, o que poderia até mesmo impossibilitar a verificação desta hipótese.

Desse modo, nesta pesquisa será verificado se quanto menor a dimensão do conjunto habitacional, maior é a integração do morador de habitação de interesse

social no entorno e melhor é a avaliação de desempenho da habitação de interesse social pelos moradores, e vice-versa. Para a verificação dessas relações, serão investigados unidades e conjuntos habitacionais de interesse social inseridos pelo Projeto Minha Casa, na cidade de Santiago - RS, e seus entornos. O Projeto se diferencia dos programas tradicionais pela inserção de conjuntos de diferentes tamanhos (que vão de 1 até 50 unidades habitacionais), localizados em áreas distintas quanto à qualidade de infraestrutura.

No próximo capítulo será apresentada a estrutura metodológica para operacionalização das hipóteses de trabalho. Será abordado o estudo de caso, com os critérios para definição da amostra e os conjuntos habitacionais selecionados. Em seguida, são definidos os métodos de coleta, registro e análise dos dados.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

3.1 INTRODUÇÃO

No capítulo anterior, foram identificadas as variáveis que, de acordo com a literatura, podem afetar a avaliação de desempenho da unidade habitacional, trazendo implicações importantes no nível de satisfação dos residentes de moradias de interesse social.

Neste capítulo, a partir da síntese do problema de pesquisa e de seus objetivos, é formulada a hipótese e é estabelecida a estrutura metodológica para a operacionalização das variáveis. Também é apresentada a caracterização do estudo de caso e um breve histórico do município de Santiago-RS, bem como a descrição detalhada dos critérios de seleção das duas áreas de análise e dos vários métodos utilizados para a coleta e análise dos dados.

Destaca-se ainda que a metodologia proposta nesta pesquisa é baseada na área de estudos ambiente-comportamento, de abordagem multidisciplinar, que tem como objetivo investigar as relações existentes entre características físico-espaciais do ambiente construído e o comportamento dos indivíduos. O entendimento dessas relações visa facilitar a construção de espaços mais congruentes com as necessidades humanas (LANG, 1987).

3.2 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

O problema de pesquisa trata da compreensão dos efeitos de se inserir a habitação de interesse social, valendo-se de programas de políticas habitacionais, visando à integração social dos moradores de baixa renda na cidade. Destaca, para tanto, áreas urbanas com características de infraestrutura diferenciadas, caracterizadas pela inserção de moradias isoladas e concentradas em conjuntos de diferentes tamanhos pelo mesmo programa habitacional.

Conforme indicado na literatura, problemas como a falta de relação de conjuntos habitacionais com o contexto urbano, decorrentes das formas de implantação e da qualidade da infraestrutura existente, têm efeitos visíveis no modo de inserção do indivíduo no meio físico, afetando a avaliação da imagem percebida

dos moradores, seus sentimentos de pertencimento e a avaliação de desempenho da habitação de interesse social.

Nesse sentido, partindo-se da premissa de que o número de unidades habitacionais influencia a satisfação e a interação dos residentes, este estudo tem como objetivo compreender de que maneira a dimensão, decorrente do número de unidades habitacionais, afeta o nível de satisfação relacionado à moradia e à integração dos moradores com o entorno imediato e com a cidade, de forma a qualificar futuros projetos.

3.3 ESTRUTURA METODOLÓGICA E HIPÓTESE DE PESQUISA

Esta pesquisa investiga como o lugar e a maneira como as moradias de baixa renda são implantadas (no tocante ao número de unidades) pode contribuir de forma positiva (na integração) ou negativa (na estigmatização) desses moradores na cidade. A fim de verificar se o tamanho do conjunto influencia na avaliação de desempenho da habitação de interesse social pelos moradores, a hipótese é investigada em duas partes:

Primeiramente serão investigados os fatores relacionados à qualidade da infraestrutura, de forma a verificar se os mesmos poderiam influenciar a avaliação de desempenho da moradia, pelos usuários, e afetar os resultados finais, relativos ao tamanho dos conjuntos investigados. Em seguida, é verificada a influência da dimensão (número de unidades habitacionais) no nível de satisfação, no sentimento de pertencimento e na integração dos moradores da habitação de interesse social com o entorno e com a cidade, ou seja, se quanto menor a dimensão do conjunto, relativo ao número de unidades habitacionais, maior é o nível de satisfação com a moradia e a integração dos moradores da habitação de interesse social com o entorno.

A hipótese da pesquisa será investigada através de um estudo de caso, onde serão selecionados, conjuntos de diferentes dimensões, resultantes do número de unidades, classificados desde unitários até conjuntos pequenos, médios e grandes, localizados em áreas urbanas com características de infraestrutura diferenciadas, que serão definidos a seguir.

3.3.1 Definição do estudo de caso

Com o objetivo de aprofundar as questões anteriormente expostas e investigar os efeitos da dimensão na maneira como os moradores de habitação social se integram com o entorno e a cidade, foi selecionado o município de Santiago, localizado no Estado do Rio Grande do Sul. A cidade, caracterizada como de pequeno porte, foi escolhida para estudo por ter sido implantado, recentemente, o Projeto Minha Casa, que veio a possibilitar a investigação por ser um programa habitacional destinado à população de baixa renda, com características específicas quanto à forma de inserção das unidades habitacionais na malha urbana: isoladas e em conjuntos diferenciados, no tocante ao número de unidades. Apresenta-se, a seguir, uma breve descrição do estudo de caso e da seleção do objeto de estudo a ser considerado nesta pesquisa.

3.3.1.1 Breve descrição do município de Santiago – RS

O município de Santiago está localizado na região centro-ocidental do Estado do Rio Grande do Sul (Figura 3.1), distando 450 km da capital gaúcha. Tem como limite ao norte, os municípios de Bossoroca e Itacurubi, ao sul, São Francisco de Assis, Nova Esperança do Sul e Jaguari, a leste, Jari e Capão do Cipó e a oeste Unistalda e a rodovia Federal BR 287, a qual faz ligação com São Borja (140 km) e Santa Maria (150 km). Segundo estimativas do IBGE (2010), o município possui, atualmente, a população de 49.071 habitantes numa área de 2.413,143 km², divididos em 32 bairros (densidade demográfica de 20,33 hab./km²).



Figura 3.1: Mapa de localização do município de Santiago no RS
Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Santiago_\(Rio_Grande_do_Sul\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Santiago_(Rio_Grande_do_Sul))

As referências sobre o local onde se situa o Município de Santiago datam desde a época em que ocorreu a ampliação das Missões do Paraguai, quando os jesuítas, alcançando a margem oriental do rio Uruguai, fundaram povoações em territórios do Rio Grande do Sul, em 1626, como a redução jesuítica de São Nicolau.

A base econômica de Santiago está calcada na agricultura e na pecuária, sendo caracterizada também por um forte comércio, predominando o comércio varejista, (41,22%), seguida pelos serviços (17,97%), indústria (8,79%) e o comércio atacadista e setor informal (1,40%). Santiago, em virtude de sua localização, também se destaca por possuir diversas Organizações Militares do Exército Brasileiro: 1ª BdaCMec, 11ª CiaCom, 5º RPMon, 5ª Seção de Combate ao Incêndio, 9º BLog, 19º GAC, Hospital da Guarnição de Santiago e Cindacta II, bem como órgãos públicos de nível estadual e federal, a exemplo da Justiça Federal, do Cartório Eleitoral e da Receita Federal.

A urbanização de Santiago avançou a partir de 1930, quando se iniciaram as obras de pavimentação do perímetro urbano. A partir da década de 80, o crescimento populacional de Santiago resultou em maior ocupação da zona periférica da cidade por famílias em situação de extrema vulnerabilidade social. Em 2001, a cidade possuía 4.000 famílias em condições precárias de moradia e infraestrutura básica, o que aumentava o número de casos de doenças endêmicas e o índice de mortalidade infantil. A baixa autoestima dessas pessoas era resultado dessa situação e da falta de opção para melhoria, haja vista não terem capacitação profissional e o mercado local não oferecer opções de empregos para todos.

No ano de 2006, foi criada a Lei nº068/2006, atual Plano Diretor de Santiago e, portanto, atualmente, conforme preconiza a Lei nº10. 257/01, Estatuto da Cidade, o município possui o seu Plano Diretor, que estabelece diretrizes de desenvolvimento, bem como institui instrumentos legais para garantir esse desenvolvimento, tais como a política de implementação da habitação popular descrita no Artigo 23 do Plano Diretor.

3.3.1.2 Implementação do Programa Minha Casa

A Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (órgão da Prefeitura Municipal de Santiago – RS) realizou um diagnóstico no ano de 2002, no qual foi constatado um número expressivo e preocupante de desempregados sem

qualificação e também de pessoas carentes em condições precárias de habitabilidade, sobrevivendo, em sua maioria, através da ajuda do poder público através de sacolas básicas e bolsa família. Essas famílias faziam parte do alto índice de déficit habitacional identificado na cidade, a partir do qual foi possível perceber a necessidade de priorizar as demandas básicas da população que estava vivendo marginalizada do convívio social, por não conseguir atingir padrões minimamente aceitáveis para uma integração satisfatória.

Dessa forma, visando o desenvolvimento comunitário e o atendimento das necessidades de grupos sociais de baixa renda, foi criado o Projeto Minha Casa, que antecede o atual programa da política nacional de habitação: Minha Casa Minha Vida. Através da integração das instituições representativas da comunidade organizada e da política de concessão de financiamento habitacional para viabilizar o acesso à moradia em área urbana, no âmbito do Programa de Subsídio de Habitação de Interesse Social – PSH, possibilitou-se a implementação do Projeto, iniciado em dezembro de 2002. Os recursos financeiros vieram através da Caixa Econômica Federal (CEF), em parceria com a Prefeitura Municipal e os beneficiários receberam unidades habitacionais idênticas, porém, implantadas em conjuntos de diferentes dimensões (concentradas) ou isoladas na malha urbana (dispersas ou pulverizadas).

O Projeto Minha Casa recebeu distinção em Brasília, Distrito Federal, em 22 de novembro de 2005, com uma das vinte melhores práticas desenvolvidas em todo o país pela CEF, práticas essas que apresentam a inclusão de ações geradoras de renda, sendo o processo de produção constituído das seguintes etapas: (1) Convênio com a municipalidade para a doação de terrenos com infraestrutura básica para construção; (2) processo seletivo para as famílias atendidas por meio de critérios de análise sócio-econômica; (3) processo educativo: responsável pela orientação educacional sobre o funcionamento do projeto, os procedimentos legais envolvidos e, também, a integração com outros projetos sociais; (4) processo construtivo: trabalho de construção com a participação dos beneficiários (que receberam curso profissionalizante de pedreiro no Senac); (5) processo educativo pós-entrega das moradias que visa a acompanhar as famílias, proporcionar melhorias através da introdução em programas de geração de emprego e renda e integrar esses moradores na comunidade (Prêmio Caixa - Melhores Práticas em

Gestão Local - 2005/2006 Disponível em
<<http://www.caixa.gov.br/resources/minhacasa.pdf>> Acesso em 23.11.2009 (CAIXA).

3.3.2 Seleção do objeto de estudo

Em cartilha publicada pela Caixa Econômica Federal, para o Projeto Minha Casa, estão descritos os tipos de implantação das unidades habitacionais na malha urbana que, segundo o número de unidades podem ser: concentrada ou dispersa. Denomina-se implantação concentrada o conjunto composto por unidades habitacionais contíguas e implantação dispersa, as unidades habitacionais pulverizadas.

Assim, para esta pesquisa, serão consideradas as seguintes denominações: Unidades Habitacionais Concentradas (UCs), Unidades Habitacionais Pulverizadas (UPs), e também Unidades do Entorno (UE) para os moradores do entorno da habitação de interesse social. As moradias do Projeto Minha Casa foram construídas em diferentes etapas, conforme a Tabela 3.1.

Tabela 3.1: Etapas de construção das moradias concentradas e pulverizadas do Projeto Minha Casa

Etapa	Nº de unidades	Tipo de implantação
Minha Casa 1	50	Pulverizadas
Minha Casa 2	50	Concentradas (Conjunto Missões)
Minha Casa 3	34	Pulverizadas
Minha Casa 4	35	Concentradas (Conjuntos D. Geane, D. Moura e D. Juridis)
Minha Casa 5	20	Concentradas (Conjuntos Vila Rica e Carlos Humberto)
Minha Casa 6	50	Concentradas (Conjunto Vista Alegre) e Pulverizadas
Minha Casa 7	41	Pulverizadas
Minha Casa 8	200	Concentradas e Pulverizadas
Minha Casa 9	50	Concentradas (não estão concluídas)
Minha Casa 10	140	Concentradas (não estão concluídas)

A definição dos critérios de seleção das unidades e dos conjuntos foi realizada a partir de investigações preliminares nas dez etapas do Projeto Minha Casa. Através do banco de dados, disponível na Secretaria de Desenvolvimento Social do município, foi possível o mapeamento das UPs e UCs na malha urbana.

A seleção das unidades e conjuntos que farão parte do estudo de caso foi baseada nos seguintes critérios: tempo de residência similar, localização em contexto urbano diferenciado em termos de provisão de serviços, pequeno comércio

e infraestrutura, diferenças quanto à dimensão - inserção de moradias isoladas e em conjuntos de diferentes tamanhos na malha, semelhantes características físico-espaciais, funcionais e de uso das habitações, características sócio-econômicas similares, como segue:

(1) Tempo de residência similar

Para a seleção das áreas, foram escolhidas as unidades e conjuntos habitacionais construídos nas primeiras sete etapas do Programa, com a finalidade de atender ao critério tempo de residência mínimo superior a dois anos.

(2) Localização em contexto urbano diferente em termos de qualidade de infraestrutura (provisão de serviços, pequeno comércio, transporte e equipamentos urbanos)

A partir de estudos urbanos (Marques & Torres, 2005) que afirmam que o local em que os indivíduos residem pode determinar o acesso diferenciado a serviços e a equipamentos públicos, pondera-se que a implantação dos grandes conjuntos habitacionais implantados em locais mais distantes ou mais próximos do centro, de serviços e de comércio, pode ter influência significativa sobre a condição de integração de seus moradores. Assim, para a análise do desempenho dos conjuntos habitacionais de diferentes tamanhos, foi necessário identificar, a partir do mapeamento das unidades isoladas e conjuntos, áreas em que essas mesmas características fossem diferentes, permitindo a verificação da influência da qualidade de infraestrutura no desempenho das habitações dispersas e concentradas, sendo definidas duas áreas, denominadas Área 1 e Área 2 (Figura 3.2). A existência de conjuntos de diferentes dimensões em cada área também possibilitou a comparação entre unidades isoladas e concentradas inseridas em contextos similares.

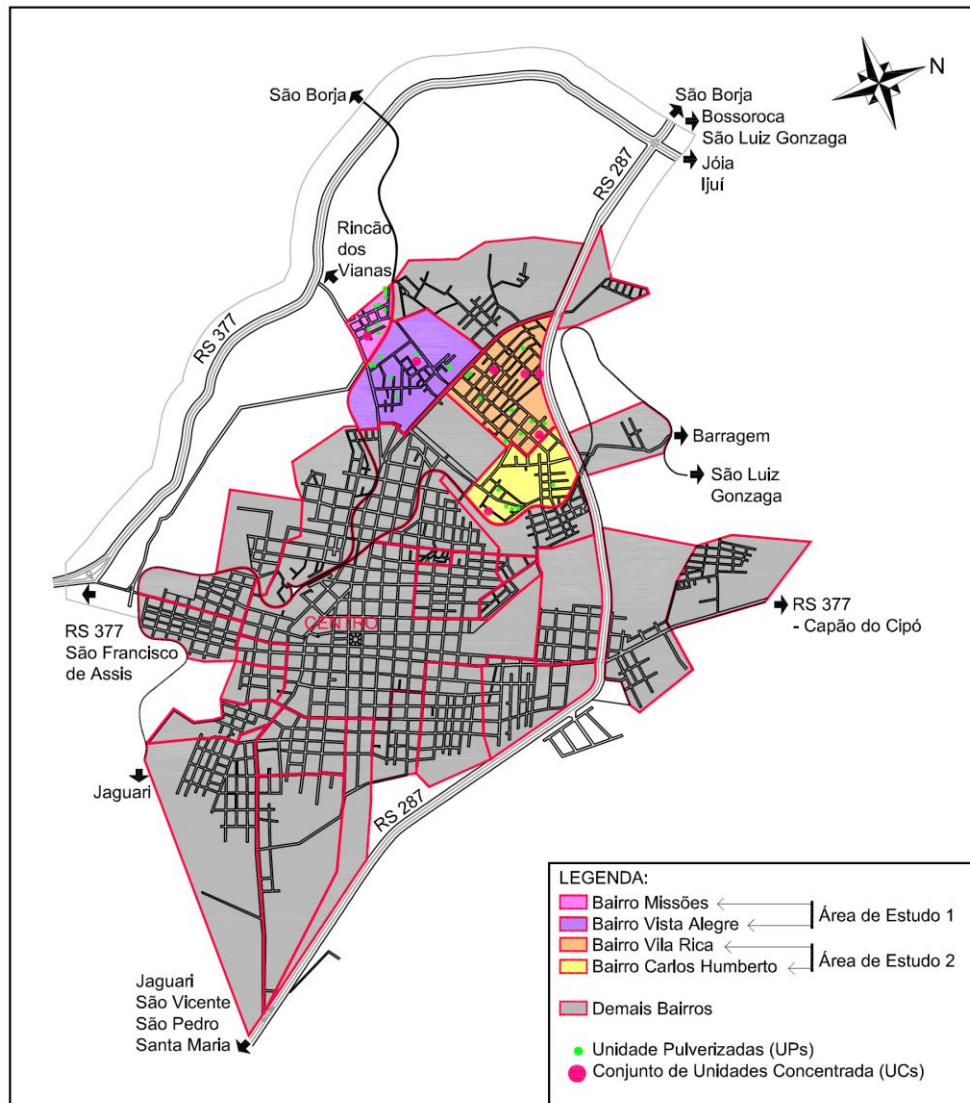


Figura 3.2: Áreas 1 e 2 no mapa da cidade de Santiago, RS. Sem escala.

(3) Diferenças quanto ao tipo de implantação na malha e dimensão dos conjuntos

Para análise das relações entre a implantação da habitação de interesse social e o grau de satisfação dos usuários com a moradia, ou seja, para medir a influência da quantidade de unidades habitacionais implantadas em cada núcleo no comportamento ambiental dos moradores, foram realizadas investigações através de avaliação pós-ocupação de unidades habitacionais implantadas dispersas e concentradas, pelo Projeto Minha Casa. Para a investigação da relação entre o tamanho do conjunto e a avaliação de desempenho pelos moradores, foram investigados conjuntos formados por diferentes números de habitações, classificados de acordo com a dimensão que pode variar de 1 a 50 unidades habitacionais, conforme foi dito anteriormente.

Portanto, para esta pesquisa, foram selecionadas as unidades habitacionais isoladas e concentradas em conjuntos formados por diferentes números de habitações, classificados como: 1) Unidades Habitacionais Pulverizadas (UPs) – 1 unidade; 2) Unidades Habitacionais Concentradas (UCs) - em conjuntos: a) pequenos (UC1) – de 6 e de 7 unidades, b) médios (UC2) – de 11, 12 e 13 unidades ou c) grandes (UC3) – de 50 unidades habitacionais.

(4) Características físico-espaciais, funcionais e de uso das unidades

Todas as unidades habitacionais, tanto as pulverizadas como as concentradas, possuem a mesma tipologia: casa – unidade residencial unifamiliar, sendo que, em alguns empreendimentos, estão presentes tanto unidades isoladas como geminadas. O padrão de acabamento das moradias é semelhante e pode ser considerado mínimo- baixo, as casas são de alvenaria, com paredes rebocadas externa e internamente, a estrutura do telhado é de eucalipto e as telhas de fibrocimento, esquadrias externas de ferro, portas internas de madeira semi-oca. As habitações são compostas pelos seguintes ambientes: sala, cozinha, circulação, dois dormitórios e um banheiro, todos com as mesmas dimensões, o mesmo arranjo e área privativa de 41,88 m². A única variação existente é a posição da porta da sala, que, nas unidades concentradas, está voltada para frente do lote e, nas unidades pulverizadas, localiza-se na lateral, conforme apresenta a Figura 3.3.

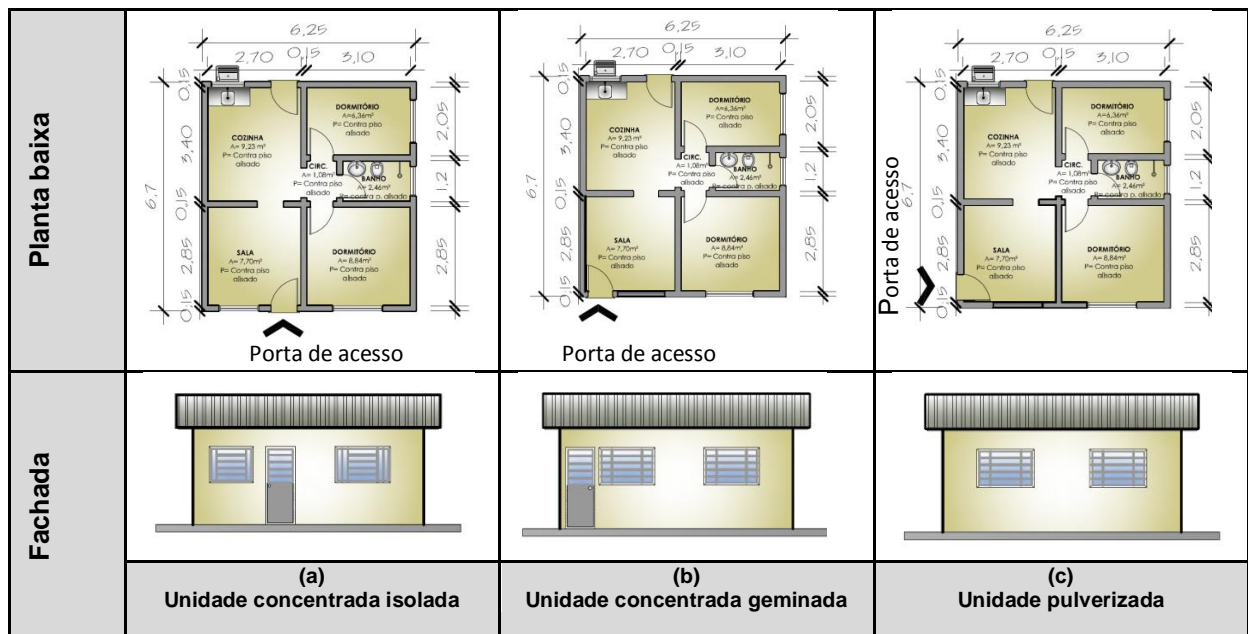


Figura 3.3: Planta Baixa e fachada das unidades habitacionais do Programa Minha Casa - variação somente na posição da porta de acesso principal: a) no centro da fachada frontal; b) no canto da fachada frontal e c) na fachada lateral.

(5) Características sócio-econômicas

Conforme identificado na revisão da literatura, o status socioeconômico (renda, ocupação e escolaridade), o tempo de moradia, o ciclo de vida e a composição familiar permitem a definição de grupos distintos, caracterizados por estilos de vida específicos. Baseado nisso, e através da análise dos relatórios de acompanhamento das famílias, feitos pelos dos assistentes sociais da Prefeitura, que indicavam que a seleção das famílias beneficiadas pelo Programa Minha Casa, deu-se através do seguinte diagnóstico socioeconômico: condição de miserabilidade, ou seja, pessoas sem moradia regular, de renda inferior a 1 salário mínimo, residentes no município há no mínimo 5 anos ou naturais, com dependentes, preferencialmente crianças, pessoas desempregadas ou sem qualificação, com nível escolar baixo, muitos trabalham como biscateiros, predominando como chefe de família a mulher, tendo renda irregular, através de faxinas e serviços domésticos. Portanto, todas as famílias estão no mesmo patamar socioeconômico, o que veio a corroborar com a necessidade de um perfil similar e que não afetasse os resultados.

Com base nesses critérios, das dez etapas do Projeto Minha Casa, foram consideradas sete, conforme a Tabela 3.2, ficando estabelecido que sete conjuntos habitacionais fariam parte dessa pesquisa permitindo a comparação entre conjuntos com número de unidades diferentes e também similares nas duas áreas, que, por possuírem o mesmo tipo arquitetônico, possibilitam a comparação com a unidade isolada.

Tabela 3.2: Síntese das unidades pulverizadas e conjuntos selecionados

Áreas	Bairros	Conjuntos - número de Unidades Concentradas (UCs)	Tipos Arquitetônicos	UPs	Dimensão Nº (UH)s
Área 1	Missões	Missões – 50 UCs	casas isoladas e geminadas	9	59
	Vista Alegre	Vista Alegre – 6 UCs	casas isoladas	8	14
Total A1					65
Área 2	Vila Rica	Dona Geane – 12 UCs	casas isoladas	9	51
		Dom Moura – 11 UCs	casas isoladas		
		Dom Juridis – 12 UCs	casas isoladas		
	Vila Rica – 7 UCs	casas isoladas e geminadas			
Carlos Humberto	Carlos Humberto – 13 UCs	casas isoladas e geminadas	5	18	
Total A2					69

3.3.3 Métodos de coleta de dados

Para alcançar os objetivos propostos, utilizaram-se métodos e técnicas de coletas de dados que fazem parte da área de estudos Ambiente – Comportamento, que visa a avaliar o ambiente construído através da percepção e avaliação do usuário. A importância dos mesmos consiste, principalmente, no fato de disponibilizar informação baseada na evidência produzida por aqueles que usam os espaços edificados (REIS e LAY, 1995). Utilizou-se a Avaliação Pós-Ocupação, tendo como critérios a satisfação, as atitudes e o comportamento dos usuários para a avaliação de desempenho da implantação da unidade habitacional dispersa e concentrada. Para isso, foram utilizados múltiplos métodos quantitativos e qualitativos que, segundo Reis e Lay (1995) permitem aumentar a validade dos resultados, a confiabilidade e a qualidade da pesquisa.

De acordo com os tipos de dados necessários à investigação, foram aplicados os seguintes métodos: levantamento de arquivo, entrevistas e mapas mentais, levantamento físico e questionários.

3.3.4 Levantamento de arquivo

O procedimento de coleta de dados teve início em outubro de 2009, com a realização dos levantamentos de arquivo. Nessa etapa, foram coletados mapas, imagens de satélite, fotos e documentos, tais como, as plantas com a localização das unidades e conjuntos de cada etapa do Projeto Minha Casa e os projetos originais dos conjuntos, obtidos a partir de documentos da Secretaria de desenvolvimento social da Prefeitura Municipal, que, dentre outras funções, estabeleceu diretrizes, monitorou e revisou planos para a implantação do Projeto Minha Casa, no município.

Outros dados, referentes às metas, às ações e à metodologia do Projeto, foram obtidos através de entrevista com técnicos, com o objetivo de obter um melhor entendimento das características do processo de ocupação das áreas em estudo, da construção das unidades e também dos critérios adotados para distribuição e localização das UCs e UPs na malha urbana e foi analisado, ainda, um panorama da situação atual do Projeto Minha Casa.

A complementação do levantamento de dados deu-se através do acesso às fichas cadastrais e aos relatórios de acompanhamento do trabalho técnico social da Secretaria de Desenvolvimento Social da Prefeitura Municipal, o que exigiu bastante tempo da pesquisadora devido à necessidade de selecionar e catalogar, por etapa, as fichas dos beneficiários das primeiras sete etapas do Programa, o que permitiu uma primeira análise do perfil socioeconômico e comportamental dos moradores de UCs e UPs das duas áreas investigadas.

3.3.5 Entrevistas e mapas mentais

A entrevista é um método de coleta de dados que tem a vantagem de poder esclarecer eventuais distorções da interpretação de observações ou das respostas dos questionários. Permite uma abordagem mais aprofundada de determinadas questões que não são explicadas nos questionários ou nas observações (REIS e LAY, 1995). Já os mapas mentais incluem elementos obtidos em experiências diretas e impressões sobre a estrutura ou aparência do lugar, sua localização relativa, seu uso e seus valores (Neisser, 1977, apud LANG, 1987, p. 135).

As entrevistas e os mapas mentais foram utilizados com o objetivo de identificar: a) os limites do bairro - a percepção de território; b) a imagem percebida pelos moradores dos diferentes grupos, e c) as características que poderiam afetar os níveis de satisfação dos usuários com o bairro, bem como obter informações sobre os espaços mais utilizados e conhecidos pelos indivíduos nos bairros.

Foi solicitado aos moradores que desenhassem o seu bairro, localizando, no desenho, a sua moradia, com a identificação das ruas consideradas mais importantes, apontando os pontos positivos e negativos do bairro, a utilização de equipamentos e serviços e a identificação de locais agradáveis e desagradáveis em relação ao bairro.

Assim, entre os dias 14 de julho a 20 de setembro de 2010, foram aplicadas 32 entrevistas com mapas mentais, sendo: 15 na Área 1 e 17 na Área 2. Em cada área, essa coleta foi realizada, procurando seguir, com rigor, a aplicação das entrevistas nas unidades habitacionais que haviam sido selecionadas em cada amostra, conforme a Tabela 3.3, permitindo que fossem identificados os limites do bairro, percebidos pelos moradores.

Tabela 3.3: Número de moradores entrevistados nas duas Áreas de estudo

Área de Estudo		Área 1			Área 2		
Bairro		Missões	Vista Alegre	Total	Vila Rica	Carlos Humberto	Total
Tipo de Implantação	UCs	3	2	5	5	1	6
	UPs	3	2	5	4	1	5
	UEs	2	3	5	4	2	6
Total		8	7	15	13	4	17

Nota: UCs = Unidades Concentradas; UPs = Unidades pulverizadas; UEs (Unidades do entorno)

Essas informações resultantes da aplicação das entrevistas e mapas mentais, nessa etapa, possibilitaram a aferição das repercussões dos diferentes tipos de implantação (concentrada e dispersa ou pulverizada) na percepção da imagem das áreas urbanas pelos moradores da habitação de interesse social e do entorno, auxiliando, também, na formulação do questionário que foi aplicado posteriormente.

3.3.6 Levantamento físico

No período de 21 de outubro de 2009 a 28 de novembro de 2009, foi realizada a coleta de dados referente às variáveis físicas das duas áreas, dos sete conjuntos habitacionais e das 31 unidades isoladas, sendo utilizados levantamento físico e observações de traços físicos como métodos para obter a atualização da situação física existente. Tendo como base as plantas originais dos conjuntos, foram detectadas as alterações realizadas pelos moradores em algumas edificações.

Dessa forma, foi registrada a localização das unidades habitacionais dispersas e concentradas nas áreas selecionadas através do levantamento físico detalhado das UPs, UCs e de suas áreas adjacentes, bem como infraestrutura, equipamentos e demais características. O levantamento físico dos conjuntos e das unidades habitacionais inclui a verificação das modificações externas feitas em seus projetos originais.

Posteriormente, os registros fotográficos e as anotações com base em observação de campo foram digitalizados na planta base da área através do software AutoCAD, e utilizadas no cruzamento das informações quando da análise dos dados. Ainda, o mapa atualizado da área foi parte de uma das atividades do mapa mental, na qual os indivíduos desenhavam o mapa do bairro, identificando a moradia, serviços, equipamentos, áreas de lazer e convívio, locais agradáveis e desagradáveis e aspectos positivos e negativos do bairro.

3.3.7 Questionários

O questionário, como método quantitativo de coleta de dados, busca investigar uma maior variedade de fenômenos e determinar a confiabilidade das medidas adotadas, o que possibilita a generalização dos resultados (Lay & Reis, 2005). Devido a essas características, a aplicação de questionários tem sido um dos procedimentos mais comuns para a coleta de informações sobre o grau de satisfação do usuário com seu ambiente (Lay & Reis, 1993).

Nesta pesquisa, o questionário aplicado teve por objetivo verificar o grau de satisfação dos respondentes com fatores relacionados às variáveis físicas da habitação (implantação isolada ou concentrada e número de unidades) e sua relação com o desempenho da moradia e com a interação social. Foram aplicados questionários com questões fechadas de escolha múltipla e questões abertas. A construção do questionário foi orientada pelas variáveis a serem investigadas e auxiliada pelas entrevistas realizadas com os usuários, observações preliminares nas áreas em questão e execução de alguns mapas mentais.

Foi aplicado um estudo-piloto para testar a validade do questionário em uma amostra de dez respondentes abordados em suas moradias, nas duas áreas investigadas e com o objetivo de verificar a clareza, a estrutura e a abrangência do método, bem como testar frases ou palavras ambíguas e também o tempo estimado para o preenchimento do mesmo (SOMMER & SOMMER, 1997). Com base nessa amostra, as questões foram reformuladas (ver Anexo B, pág. 187).

O questionário foi aplicado diretamente pela pesquisadora à amostra selecionada para o trabalho e o tempo médio de preenchimento ficou entre 15 e 20 minutos. O tamanho da amostra seguiu a sugestão de Leddy (em REIS, 1992) onde, para dados não paramétricos, amostras de 30 unidades seriam satisfatórias para serem representativas da população considerada.

No entanto, o grupo de moradores de unidades pulverizadas foi reduzido e houve a necessidade de aplicação dos questionários para todos os moradores de unidades pulverizadas nas duas áreas, totalizando 31 respondentes. Por conseguinte, foram aplicados 155 questionários: 79 para residentes na Área 1 (32 moradores de UCs, 17 moradores de UPs e 30 moradores do entorno) e 76 para residentes na Área 2 (32 moradores e UCs, 14 moradores de UPs e 30 moradores de UEs). Os questionários foram aplicados no período de 23 de novembro de 2010 a

05 de janeiro de 2011. As respostas obtidas através dos questionários serviram como base para estabelecer o nível de satisfação dos moradores com diversos aspectos de seu conjunto, sua moradia e seu bairro, especificamente relacionados a questões de interação social, além de identificar padrões de comportamento e uso dos espaços.

3.3.7.1 Seleção da amostra de respondentes

Os grupos de respondentes limitados a este estudo dividem-se em duas categorias: moradores de habitação de interesse social (HIS) e moradores do Entorno (E). Entretanto, o grupo HIS subdivide-se em: moradores de unidades concentradas (UCs) e pulverizadas (UPs), sendo que o grupo de unidades concentradas também possui uma subdivisão: moradores de conjuntos pequenos (UC1), médios (UC2) e grandes (UC3). Logo, considerando a coleta de dados desta investigação, realizada em duas áreas, tem-se uma amostra total de 155 indivíduos. Essa amostra de respondentes consistiu em 84,5% de adultos, 7,7% de jovens e 7,7% de idosos. Do total de respondentes, 83,9% eram mulheres. Do total de respondentes 61,3% são moradores de HIS e destes 41,3% são moradores de Conjuntos (UCs) – (5,2% moradores de UC1, 18,1% moradores de UC2 e 18,1% moradores de UC3), 20% residem em unidades pulverizadas (UPs) e 38,7% são moradores de unidades do entorno (UEs).

3.3.7.2 Perfil dos respondentes

O perfil composicional dos respondentes foi verificado através dos questionários, conforme a Tabela 3.4.

Tabela 3.4: Perfil composicional dos respondentes

	Área 1						Área 2					
	Bairro Missões			Bairro Vista Alegre			Bairro Vila Rica			Bairro Carlos Humberto		
Tipo de moradia	UP (9)	UC (28)	UE (20)	UP (8)	UC (4)	UE (10)	UP (9)	UC (26)	UE (20)	UP (5)	UC (6)	UE (10)
Gênero												
masculino	33,3	10,7	25,0	25,0	0,0	30,0	0,0	11,5	15,0	20,0	0,0	20,0
feminino	66,7	89,3	75,0	75,0	100,0	70,0	100,0	88,5	85,0	80,0	100,0	80,0
Tempo de moradia												
Mais de 10 anos	33,3	0,0	40,0	0,0	0,0	60,0	11,1	0,0	40,0	40,0	0,0	40,0
De 6 a 10 anos	11,1	75,0	35,0	0,0	0,0	0,0	33,3	0,0	20,0	20,0	0,0	20,0
De 3 a 5 anos	55,6	17,9	10,0	75,0	75,0	0,0	11,1	84,6	10,0	0,0	83,3	30,0
De 1 a 2 anos	0,0	7,1	15,0	25,0	25,0	40,0	44,4	15,4%	30,0	40,0	16,7	10,0
Escolaridade												
Fund. incompleto	66,7	46,4	45,0	75,0	100,0	30,0	88,9	76,9	75,0	60,0	83,3	40,0
Fund. completo	0,0	10,7	10,0	12,5	0,0	50,0	0,0	3,8	0,0	0,0	0,0	20,0
Médio incompleto	0,0	25,0	25,0	0,0	0,0	10,0	0,0	11,5	11,5	20,0	0,0	20,0
Médio completo	11,1	14,3	15,0	12,5	0,0	0,0	0,0	3,8	3,8	0,0	0,0	20,0
Superior incompleto	0,0	3,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	16,7	0,0
Superior completo	22,2	0,0	5,0	0,0	0,0	10,0	11,1	3,8	3,8	20,0	0,0	0,0
Faixa etária												
Até 20 anos	0,0	10,7	10,0	0,0	0,0	0,0	0,0	7,7	15,0	20,0	16,7	0,0
De 21 a 59 anos	77,8	89,3	75,0	87,5	100,0	100,0	100,0	80,8	75,0	80,0	83,3	90,0
Acima de 60 anos	22,2	0,0	15,0	12,5	0,0	0,0	0,0	11,5	10,0	0,0	0,0	10,0
Faixa de renda familiar												
Abaixo de 3 SM	88,9	92,9	85,0	100,0	100,0	60,0	100,0	96,2	80,0	100,0	100,0	80,0
De 3 SM a 5 SM	11,1	7,1	15,0	0,0	0,0	40,0	0,0	3,8	20,0	0,0	0,0	20,0

3.3.8 Métodos de análise dos dados

A análise de dados, levantados através dos diferentes métodos de investigação, permite interpretar e explicar as informações coletadas com o objetivo de responder às questões formuladas na pesquisa. Segundo Kruskal e Wish (1978, apud LAY, 1992), a utilização de múltiplos meios é válida e útil, pois favorece a complementaridade de compreensão de dados e aumenta a validade dos resultados. Nesse sentido, os dados obtidos através de métodos qualitativos – levantamentos físicos, mapas mentais e entrevistas - foram analisados a partir dos registros e frequências.

As informações coletadas a partir dos questionários (métodos quantitativos) foram analisadas através de testes estatísticos não paramétricos que permitem identificar as relações entre as variáveis investigadas. Conforme Lay e Reis (1995, p. 24), a utilização de testes paramétricos para a análise desses tipos de variáveis pode ocasionar erros ao estabelecerem-se relações entre elas devido ao

comportamento não normal, logo, não paramétrico, dos dados. Dessa forma, os testes não paramétricos não dependem de formas precisas de distribuição da amostra, pois permitem inferências, independentemente das características de distribuição da frequência dos dados (REIS e LAY, 2005).

Os dados dos questionários foram tabulados no programa computacional estatístico, SPSS/PC (Statistical Package for Social Sciences). A partir dele, foram realizados testes não paramétricos, como frequências (percentagens), tabulação cruzada entre variáveis nominais (X^2 e Phi), teste Kruskal-Wallis entre variáveis nominais e ordinais e testes inferenciais de correlação Spearman entre variáveis ordinais (indicando a força e a direção da correlação entre as variáveis). Através da verificação das frequências das respostas e da realização de testes como Kruskal-Wallis e Spearman, o programa permite inferir relações e correlações entre variáveis, em função de sua natureza nominal ou ordinal (LAY e REIS, 2005).

Para os testes de correlação Spearman, foram adotados os intervalos representados na tabela 3.5, conforme adaptação da classificação de Rowntree, sugerida por Lay e Reis (2005).

Tabela 3.5 - Intervalos adotados para a classificação da correlação de Spearman

Intensidade de correlação	Classificação
0,0 a 0,3	Fraca, baixa
0,3 a 0,5	Moderada
0,5 a 0,7	Forte, alta
0,7 a 0,9	Muito forte, muito alta
0,9 a 1,0	Excepcional

Quanto à análise dos dados obtidos através desses testes estatísticos, foram elaboradas tabelas, de modo a apresentar todos os resultados considerados pertinentes a esta investigação. Os dados com valores de significância iguais ou superiores a 0,05 foram considerados estatisticamente relevantes.

3.4 CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS

As áreas selecionadas para a análise são identificadas neste estudo como: Área 1 (que faz parte dos bairros Missões e Vista Alegre) e Área 2 (que faz parte dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto). A seguir, é realizada a descrição das

características das áreas, dos bairros, das unidades e dos conjuntos de habitação de interesse social inseridos.

3.4.1 Área 1: Bairro Missões e Bairro Vista Alegre

A Área 1, que inclui os bairros Missões e Vista Alegre, está localizada a uma distância média de 1.250 m do bairro Centro e é caracterizada por topografia acidentada. Tanto o bairro Missões quanto o bairro Vista Alegre apresentam densidade populacional de 1200 a 1300 habitantes (Figura 3.4).

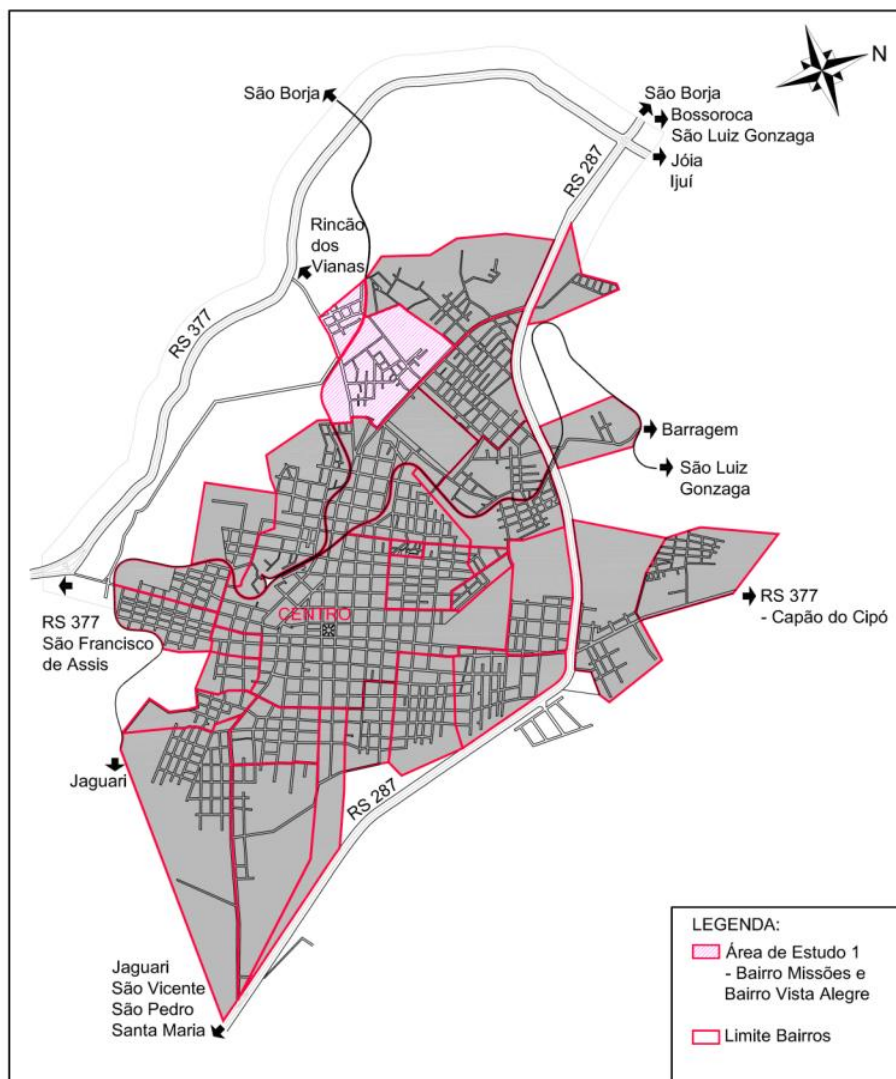


Figura 3.4: Localização da Área de Estudo 1 no mapa da cidade de Santiago, RS. Sem escala definida

Essa área é composta por 2 Conjuntos de UCs: 1 - Conjunto Missões (50 unidades) e 2 - Conjunto Vista Alegre (6 unidades), classificados, nesta pesquisa, de

acordo com os critérios adotados, como conjunto de grande (C3) e pequeno porte respectivamente (C1) e 17 UPs, conforme a Figura 3.5.

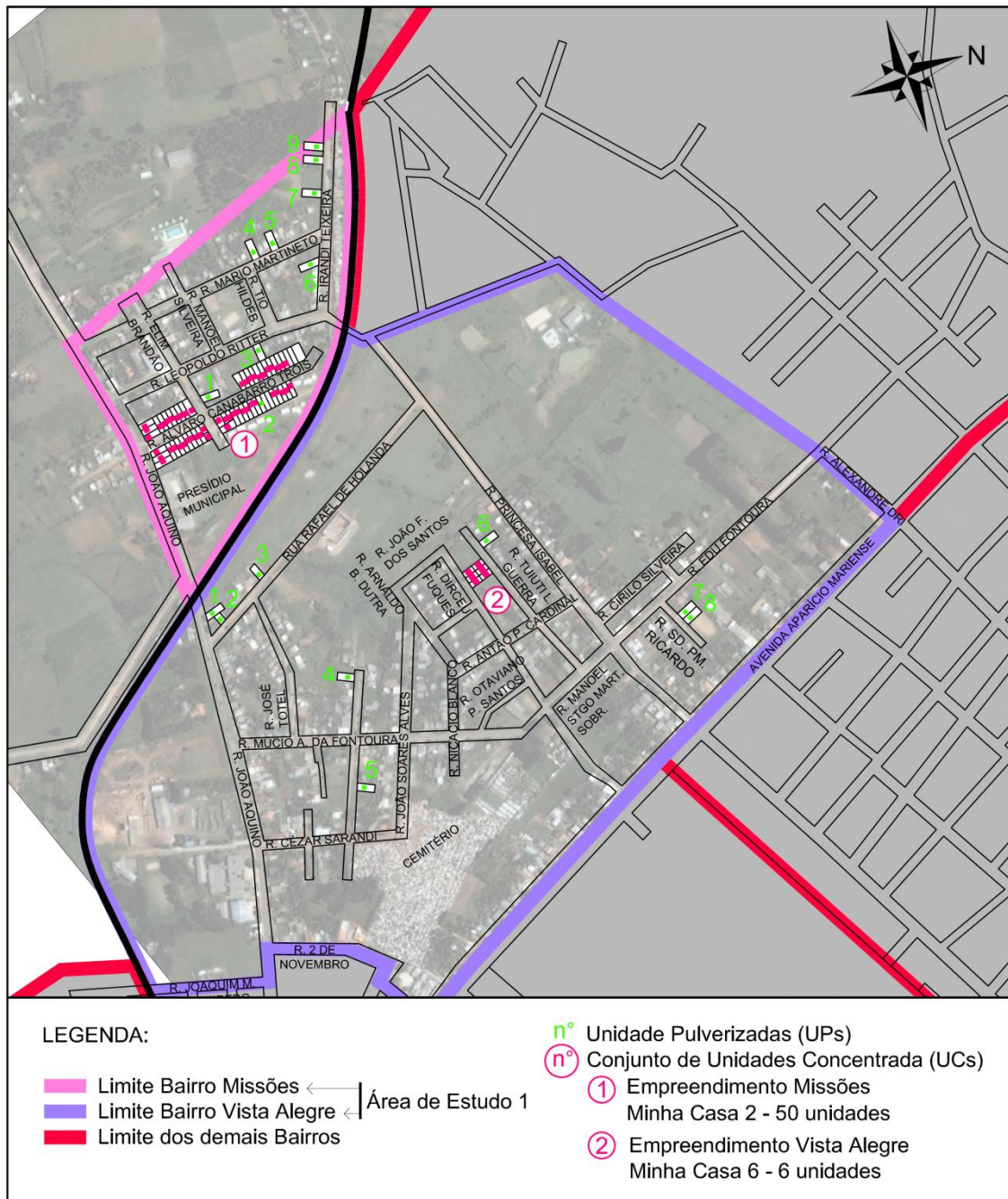


Figura 3.5: Localização das UPs e UCs na Área de Estudo 1 no mapa da cidade de Santiago, RS. Fonte: Adaptado de Google Earth/acesso em 7/09/2011. Sem escala definida

Essa área caracteriza-se como periferia em área de expansão com uso predominantemente residencial unifamiliar e padrão usual de acabamento das edificações entre mínimo e baixo. Em geral, possui soluções de infraestrutura e os equipamentos disponíveis são: 3 escolas, 1 posto de saúde, 5 espaços abertos e espaços públicos de lazer, 2 associações de moradores e 6 estabelecimentos

comerciais/de serviço. Também é importante destacar que essa região possui dois fatores desvalorizantes, que, de acordo com os parâmetros de análise de viabilidade de empreendimentos da Caixa Econômica Federal (CEF), podem provocar risco ou insalubridade nas edificações, que são o Presídio e o Cemitério municipais (Figura 3.5), além disso, recentemente, foram implantados mais três conjuntos do Projeto Minha Casa na Área 1. Quanto à estrutura viária, em geral, a Área 1 apresenta duas vias coletoras, uma delas ligando a cidade à Rodovia RS 377 e uma via principal, e em relação ao transporte, possui 4 linhas de ônibus, mais acessíveis ao Bairro Vista Alegre do que ao Bairro Missões.

3.4.1.1 Bairro Missões

O bairro Missões é um dos menores bairros da cidade e localiza-se há uma distância aproximada de 1,5 km do centro da cidade, numa periferia em área de expansão, onde se situa o Presídio municipal (Figura 3.6 a), o Conjunto Missões, que, conforme os critérios de seleção adotados, é de porte grande (50 unidades – UC3) e 9 unidades pulverizadas (UPs). Quanto à estrutura viária, o Bairro Missões possui duas vias coletoras que ligam o bairro ao centro da cidade e à Rodovia RS377 e permitem a ligação entre os dois bairros da Área 1. Como principais equipamentos, o bairro apresenta o posto de saúde, a Escola Municipal de Educação Fundamental Manoel Abreu (Figura 3.6 b), a creche - Escola Municipal de Educação Infantil Atílio Nicola (Figura 3.6 c) e a Praça Missões, que consiste em espaço público destinado às atividades de recreação e lazer.



(a) Presídio Municipal



(b) Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Abreu



(c) Escola Municipal de Educação Infantil Atílio Nicola

Figura 3.6: Equipamentos do Bairro Missões

A maioria das ruas do bairro possui iluminação e pavimentação de paralelepípedos, porém não existem calçadas pavimentadas e, em geral, as ruas são arborizadas, destacando-se o canteiro central da Rua João Aquino, as ruas ao

redor da Praça Missões e em frente à Escola Manoel Abreu. Quanto ao transporte público, o bairro é servido por duas linhas de ônibus. Em relação ao comércio, constata-se que existe, no bairro, um mini-mercado, alguns bares (botecos), e uma mercearia. Não há padaria nem farmácia nas proximidades do bairro.

O padrão construtivo das casas do bairro, em geral, é baixo, a maior parte das edificações são unifamiliares com altura de no máximo dois pavimentos e há muitas moradias do programa Minha Casa no bairro, além do conjunto Missões e das unidades pulverizadas, também foram entregues, recentemente, moradias em um novo conjunto próximo a algumas unidades pulverizadas.

Conjunto Missões

Esse conjunto (Figura 3.7), classificado nesta pesquisa, como de tamanho grande (C3), é formado por 50 unidades habitacionais geminadas e isoladas no terreno.

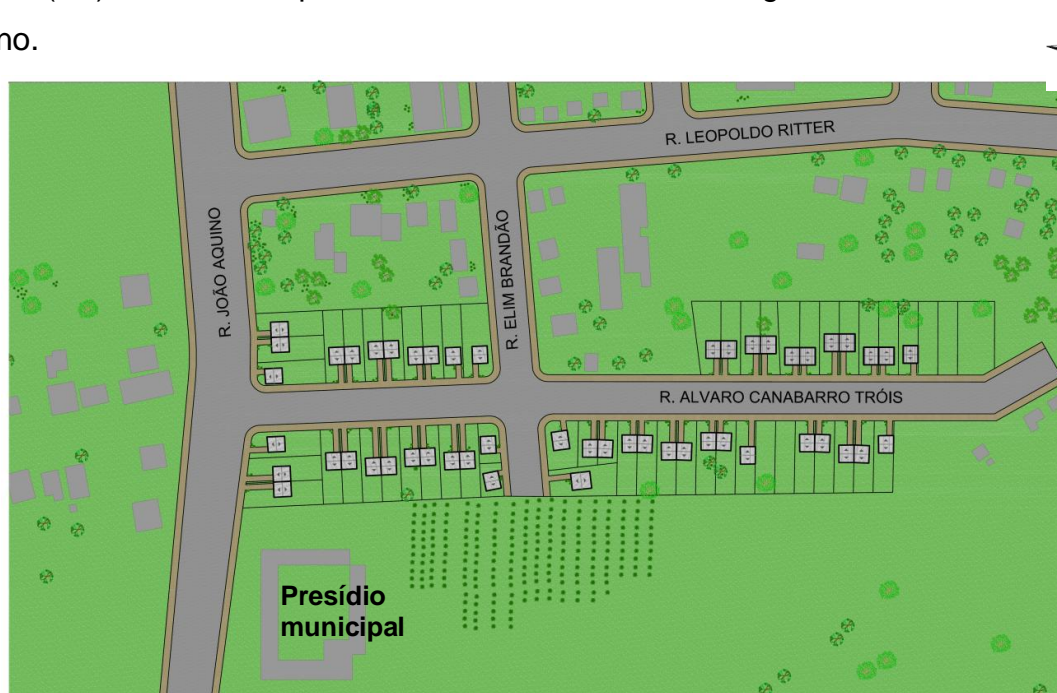


Figura 3.7: Mapa de implantação do Conjunto Missões

O Conjunto Missões (Figura 3.8 a) foi o primeiro a ser construído pelo Programa Minha Casa, sendo entregue aos moradores em 2004. Está localizado ao lado do Presídio municipal (Figura 3.7), distando 200m do quarteirão onde estão localizados os principais equipamentos do bairro e a sede da associação de moradores do bairro. As construções estão implantadas isoladas (Figura 3.8 b) e

geminadas no lote (Figura 3.8 c). Observa-se que diversas moradias sofreram modificações a partir da construção sobre os recuos de fundos, atendendo à falta de espaço interno. Os principais usos contemplados nas adaptações realizadas são área de serviço e dormitório.



(a) Vista do Conjunto Missões a partir da Av. João Aquino



(b) Casas isoladas do conjunto



(c) Casas geminadas do conjunto

Figura 3.8: Conjunto Missões

A presença de vegetação no Conjunto Missões é notada na maioria dos jardins frontais das casas localizadas no primeiro quarteirão do conjunto (Figura 3.9). Próximo ao conjunto existem paradas de ônibus e as linhas que servem ao bairro possibilitam maior facilidade de acesso ao centro do que a outros bairros da cidade.



Figura 3.9: Presença de vegetação das moradias da primeira quadra do Conjunto Missões

Unidades pulverizadas do Bairro Missões

As 9 unidades pulverizadas (UPs) estão localizadas no Bairro Missões conforme o mapa (Figura 3.5). Duas UPs estão próximas ao Conjunto Missões e, além dessas, outras três possuem as mesmas características quanto à infraestrutura e à proximidade dos equipamentos urbanos: a escola, o posto de saúde, a creche, a associação de moradores do bairro, a praça e as demais casas estão mais retiradas no bairro. As principais características das UPs estão descritas na Tabela 3.6.

Tabela 3.6: Características das Unidades Pulverizadas do Bairro Missões

Unidade Pulverizada	Nome	Nível de manutenção	Presença de cerca	Presença de jardim	Pavimentação da rua	Anexos ou ampliação
	UP1	Bom	Sim	Não	Sim	dormitório, fundos
	UP2	Bom	Sim	Não	Sim	abrigo na frente e galpão nos fundos
	UP3	Regular	Sim	Sim	Sim	garagem
	UP4	Péssimo	Sim	Não	Sim	galpão nos fundos
	UP5	Bom	Sim	Não	Sim	abrigo na frente
	UP6	Bom	Sim	Não	Sim	garagem
	UP7	Regular	Sim	Não	Não	Não
	UP8	Bom	Não	Sim	Não	Abrigo e fundos
	UP9	Bom: sem pintura	Não	Sim	Não	Não

Em geral, as UPs do bairro Missões assemelham-se ao entorno em relação ao padrão construtivo baixo, ao estado de manutenção entre bom e regular e ao Conjunto Missões em relação à tipologia das casas. No entanto, destacam-se: a) a UP1 por ter sido construída uma varanda na frente da moradia, alterando a tipologia, ter recebido pintura recentemente e pelo melhor estado de manutenção em relação

ao entorno, ou seja, quando comparada às demais casas da rua, pois está inserida na segunda quadra do conjunto Missões, onde as casas estão em pior estado de manutenção do que as moradias localizadas na primeira quadra; b) a UP4 é atípica e destaca-se pelo péssimo estado de manutenção em relação às moradias do entorno, decorrente dos problemas sociais dos moradores, identificados nos relatórios das assistentes sociais da prefeitura e c) na UP6 foi construída uma garagem fechada e um dormitório nos fundos, destacando-se das demais UPs do bairro Missões, pela alteração de tipologia, pelo melhor estado de manutenção, e pela semelhança em relação às moradias do entorno, que possuem melhor padrão construtivo e estado de manutenção, quando comparadas à outras ruas do bairro.

3.4.1.2 Bairro Vista Alegre

No bairro Vista Alegre, está o Cemitério Municipal e o bairro localiza-se a uma distância aproximada de 800 m do centro da cidade, numa área inserida na malha urbana. Nesse bairro, que faz divisa com os bairros Missões e Vila Rica, estão o Conjunto Vista Alegre e 8 unidades pulverizadas, conforme a Figura 5. A ligação do bairro com o centro da cidade se dá através da Avenida Aparício Mariense, que se caracteriza por possuir comércio e mercados de maior porte, ser asfaltada e dar acesso à cidade pela BR 287.

A Escola Estadual Monsenhor Assis (Figura 3.10 a) é o único equipamento educacional existente em todo o bairro Vista Alegre, também desprovido de creche, posto de saúde. Entretanto, o bairro possui sede de associação dos moradores (Figura 3.10 b), que recebeu pintura nova recentemente e, como equipamento de lazer, uma praça com quadra de futebol de areia na Rua Rafael de Holanda (Figura 3.10 c). Os moradores, quando precisam de atendimento, utilizam o posto de saúde do bairro Missões, que está a uma distância maior do que 1 km do bairro.



(a) Escola Estadual Monsenhor Assis



(b) Sede da associação dos moradores do bairro



(c) Praça na Rua Rafael de Holanda

Figura 3.10: Equipamentos do bairro Vista Alegre

As ruas do bairro, em geral, são arborizadas e possuem iluminação pública e, embora ainda existam algumas sem pavimentação, a maioria apresenta paralelepípedos, porém poucas ruas apresentam passeios públicos. Quanto ao transporte público, no bairro há duas linhas de ônibus que permitem somente acesso ao centro da cidade. A maioria das edificações apresenta padrão construtivo baixo, entretanto há moradias com padrão construtivo melhor do que as do bairro Missões. Além do conjunto Vista Alegre e das unidades pulverizadas existentes no bairro, foi entregue recentemente, outro conjunto do Programa Minha Casa, com aproximadamente 50 unidades idênticas, todas isoladas no lote.

Conjunto Vista Alegre

Conjunto habitacional, classificado nesta pesquisa, como sendo um conjunto de tamanho pequeno (C1), formado por 6 unidades isoladas no terreno (Figura 3.11).



Figura 3.11: Mapa de Implantação do Conjunto Vista Alegre.

O Conjunto Vista Alegre possui melhor localização na malha urbana do que o Conjunto Missões, distando 300m da Avenida Aparício Mariense, caracterizado pelo uso comercial e de serviços, fazendo divisa com o bairro Vila Rica (Figura 3.5). Entretanto, o conjunto está isolado em relação à malha urbana consolidada e as

ruas do entorno possuem infraestrutura precária, não apresentando pavimentação e canalização do esgoto. Há poucos postes de iluminação e não há pontos de parada de ônibus em nenhuma das duas ruas do conjunto, somente no entor. Das seis unidades do conjunto, três possuem frente do lote voltada para a Rua Dirceu Fuques (Figura 3.12 a) e as outras três para a Rua Tuiuti Leandro Guerra (Figura 3.12 b).



a) Casas com frentes dos lotes voltadas para a Rua Dirceu Fuques



b) Casas com frentes dos lotes voltadas para a Rua Tuiuti Leandro Guerra

Figura 3.12: Unidades habitacionais em grupo no Conjunto Vista Alegre.

Por ser um conjunto habitacional mais recente, a rua é desprovida de vegetação de porte, existem poucas árvores, apenas pequenos arbustos mais localizados no interior dos lotes das residências, ocorrendo o mesmo nas imediações do conjunto. Quanto ao comércio existente, próximo ao conjunto, há um bar e mercearia a uma distância de 300m do conjunto e um mercado de pequeno porte. Em geral, as casas do conjunto estão em bom estado de conservação, em uma das moradias funciona um salão de beleza, onde se observa um acréscimo que ocupa praticamente todo o terreno e, nas demais, não foram feitas alterações.

Unidades Pulverizadas do Bairro Vista Alegre

As 8 unidades pulverizadas localizadas no mapa da Figura 5, onde se percebe a inserção mais esparsa das unidades em relação ao bairro Missões. Além da localização, as UPs possuem diferenças quanto às características físicas, conforme a Tabela 3.7, destacando-se que a UP7 e UP8 estão localizadas em terrenos vizinhos.

Tabela 3.7: Características das Unidades Pulverizadas do Bairro Vista Alegre

Unidade Pulverizada	Nome	Nível de manutenção	Presença de cerca	Presença de jardim	Pavimentação da rua	Ampliação alteração
	UP1	Bom: sem pintura	Não	Não	Sim	troca de esquadrias
	UP2	Bom: pintura nova	Sim	Sim	Não	dormitório e sala, fundos
	UP3	Bom: pintura nova	Sim	Sim	Não	Dormitório, fundos
	UP4	Bom: sem pintura	Sim	Não	Não	Não
	UP5	Bom: pintura nova	Sim	Não	Sim	Não
	UP6	Regular	Sim	Não	Não	Não
	UP7	Bom: sem pintura	Sim	Sim	Não	Não
	UP8	Bom	Sim	Sim	Não	Não

A maioria das UPs do bairro Vista Alegre são semelhantes entre si quanto ao estado de manutenção e em relação às casas do entorno, destacando – se: a UP1 pela troca das esquadrias originais por esquadrias de padrão superior, de madeira com veneziana, porém de tamanho menor. Já a UP2 destaca-se das demais UPs pela alteração na tipologia, com a construção de uma garagem lateral, muros e grades de fechamento no terreno, pintura nova, sendo constatado que a moradora beneficiada vendeu a casa e a nova família possui melhores condições sócio-econômicas do que as demais famílias do Projeto Minha Casa. A UP7 e a UP8 não se destacam em relação ao entorno, no entanto diferem das demais UPs por estarem localizadas numa rua sem saída, em terrenos vizinhos, ao lado de uma

pracinha de brinquedos com quadra de futebol de areia, sendo que a UP8 está em melhor estado de manutenção e com jardim melhor cuidado do que a UP7.

3.4.2 Área 2

A Área 2 está localizada a uma distância média de 1000 m do Bairro Centro e é caracterizada por topografia plana e constitui-se pelos bairros Vila Rica e Carlos Humberto (Figura 3.13).

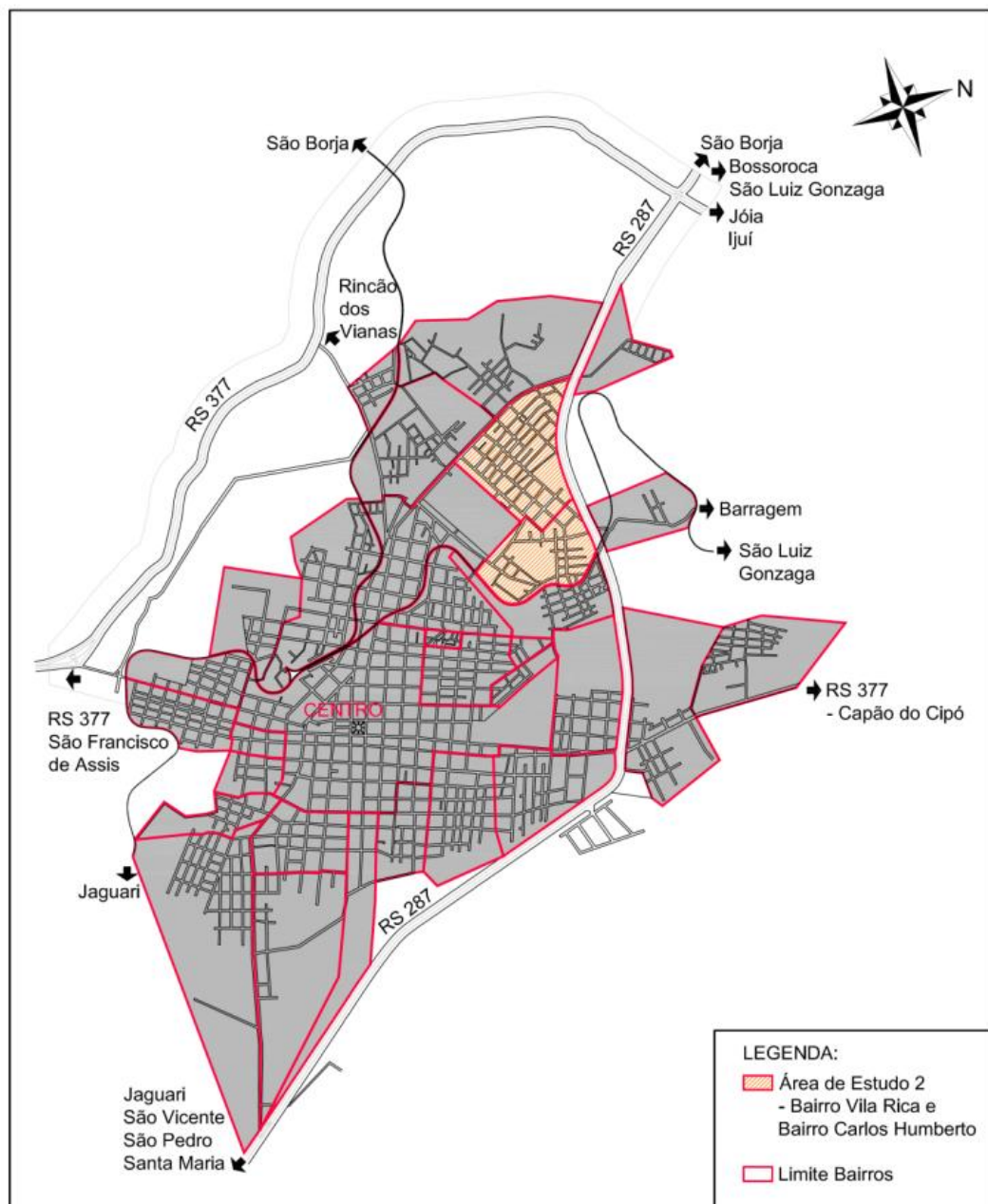


Figura 3.13: Localização da Área de Estudo 2 no mapa da cidade de Santiago, RS - Sem escala definida.

Essa área apresenta qualidade de infraestrutura superior a Área 1, possuindo mais acesso ao centro, a serviços, ao comércio e a 5 linhas de ônibus. Também é importante destacar a presença de equipamentos atratores como supermercados e um atacado, além disso, está melhor localizada na malha urbana em relação à Área 1. Formada por 5 Conjuntos de UCs 1 – Empreendimento Dona Geane (12 unidades), 2 – Empreendimento Dom Moura (11 unidades), 3 - Empreendimento Dom Juridis (12 unidades), classificados de acordo com os critérios desta pesquisa em conjuntos de médio porte (C2), 4 – Empreendimento Vila Rica (7 unidades), 5 – Empreendimento Carlos Humberto (13 unidades), classificados como conjuntos de médio e pequeno porte respectivamente e 14 UPs, conforme a Figura 3.14. Quanto à estrutura viária, o bairro Vila Rica possui uma via principal e 3 vias coletoras, que permitem o acesso à Rodovia BR 287.

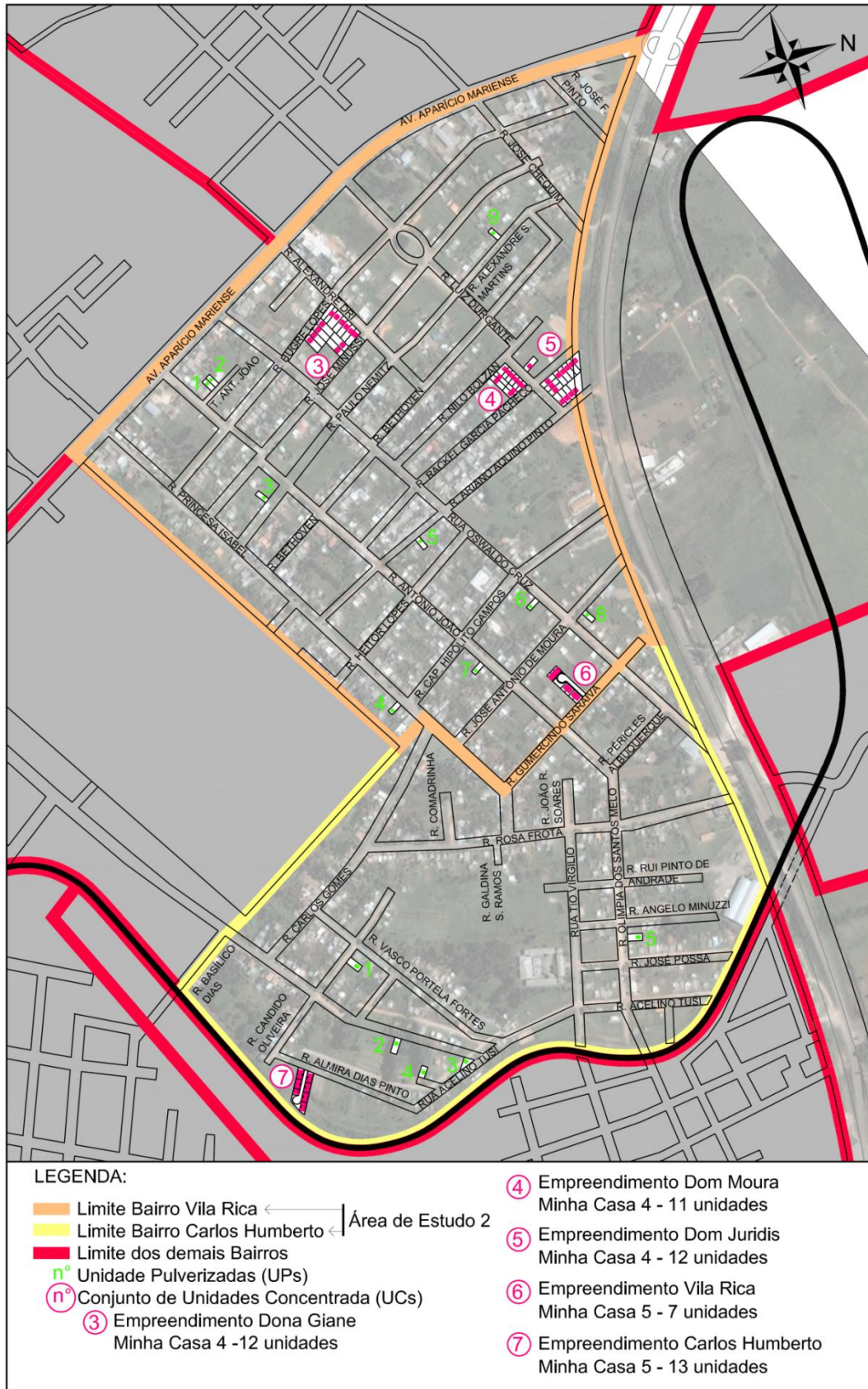


Figura 3.14: Localização das UPs e UCs na Área de Estudo 2 no mapa da cidade de Santiago, RS. Sem escala definida.

3.4.2.1 Bairro Vila Rica

O bairro Vila Rica está situado a uma distância de aproximadamente 1 km em relação ao centro e é o bairro com maior densidade demográfica da pesquisa, 2100 a 2200 habitantes. Nesse bairro, estão situados os 4 conjuntos: Vila Rica, Dona Geane, Dom Moura, Dom Juridis e 9 unidades pulverizadas conforme a Figura 3.14.

Quanto à estrutura viária, o bairro Vila Rica possui uma via principal (Av. Aparício Mariense – conforme a Figura 3.15 a, e 2 vias coletoras, sendo que uma delas dá acesso à Rodovia BR 287. Nessas ruas, há pavimentação de asfalto e maior concentração de paradas de ônibus, assim como de telefones públicos. As demais ruas são pavimentadas com paralelepípedos, mas ainda há algumas ruas sem pavimentação no bairro e a falta de calçadas pavimentadas é uma característica geral do bairro Vila Rica, assim como dos demais bairros estudados.

Como equipamento de lazer do bairro, observa-se o Parque da Lagoa e, quanto aos equipamentos educacionais, o bairro é servido pela Escola Municipal de Ensino Fundamental São José (Figura 3.15 b) e pela creche - Escola Municipal de Ensino Infantil Gente Miúda (Figura 3.15 c). A associação de moradores de bairro e o posto de saúde localizam-se próximos ao Parque da Lagoa.



(a) Avenida Aparício Mariense



(b) Escola São José



(c) Creche Gente Miúda

Figura 3.15: Vista da via principal e dos equipamentos do bairro Vila Rica.

Em relação ao transporte público, há quatro linhas de ônibus que passam na Avenida Aparício Mariense, caracterizada pela presença de comércio, de mercados de pequeno e médio porte, inclusive um atacado, bares, mercearias, oficinas mecânicas. Há outros mercados de pequeno porte e mercearias distribuídos no bairro, entretanto percebe-se ausência de farmácia no mesmo.

Conjunto Vila Rica

Conjunto habitacional (Figura 3.16), classificado, nesta pesquisa, como de tamanho pequeno (C1), formado por 7 unidades habitacionais, sendo 3 delas isoladas no terreno e 4 geminadas. Está localizado no limite entre os bairros Vila Rica e Carlos Humberto, nos fundos do 9º BELOG, sendo o conjunto mais distante do bairro, aproximadamente 2,0 km do centro e próximo de uma via coletora que se liga com a BR 287.



Figura 3.16: Mapa de implantação do Conjunto Vila Rica

Como área de lazer, identifica-se somente uma área particular com campo de futebol, cercados com tela e bem próximos ao conjunto. O conjunto possui um acesso para entrada e saída de veículos e culd-sac para manobra, pavimentados com paralelepípedo e calçada para pedestres na frente dos lotes, com algumas partes pavimentadas e outras somente com brita. Esse acesso se dá pela Rua General Gumercindo Saraiva, que não possui pavimentação e arborização, mas possui dois postes de luz.

O transporte público é de fácil acesso, as paradas de ônibus estão localizadas próximas ao conjunto numa rua por onde passam duas linhas de ônibus, que permitem o acesso ao centro e a praticamente todos os bairros da cidade. Ainda, quanto ao mobiliário, há uma lixeira e um orelhão na entrada do Conjunto Vila Rica e outro, bem próximo, na Rua Osvaldo Cruz. Em relação ao acesso a comércio e serviços, observa-se um salão de beleza e uma mercearia próximas ao conjunto.

Apesar das moradias geminadas (Figura 3.17 a) e isoladas (Figura 3.17 b) possuírem o mesmo padrão construtivo, apresentam diferenças quanto ao estado de manutenção e algumas possuem os terrenos fechados com cercas (Figura 3.17 c).



(a) Casas geminadas



(b) Casas isoladas



(c) Casa geminada, cercada

Figura 3.17: Conjunto Vila Rica

Conjunto Dona Geane

Classificado nesta pesquisa como de tamanho médio (C2), o Conjunto Dona Geane (Figura 3.18) é formado por 12 unidades habitacionais isoladas no terreno, localizadas a 1,5 km do centro e próximas à Avenida Aparício Mariense.



Figura 3.18: Mapa de implantação do Conjunto Dona Geane

O conjunto apresenta frentes dos lotes voltadas para três ruas: Alexandre Dri (Figura 3.19 a), José Minussi (Figura 3.19 b) e Bugre Lopes, na qual, destaca-se a Ervateira Santiago. A pavimentação, o passeio público e a arborização estão ausentes no entorno do conjunto, observando-se arbustos apenas no interior de alguns lotes. Nesse conjunto, observa-se a existência de “acréscimos” em algumas moradias localizadas, principalmente, na Rua Bugre Lopes (Figura 3.19 b), com construções de abrigos de carros.



(a) Frentes das moradias voltadas para a Rua Alexandre Dri



(b) Moradia na Rua Bugre Lope



(c) Frentes das moradias voltadas para a Rua José Minussi

Figura 3.19: Conjunto habitacional Dona Geane

Em geral, as fachadas externas das casas do conjunto estão em bom estado de manutenção, a maioria dos terrenos é cercada com telas e alguns possuem partes de muro de alvenaria. Quanto à iluminação do conjunto, a Rua Bugre Lopes é mais bem atendida. Há paradas de ônibus, assim como telefone público, próximo ao conjunto. Dos equipamentos existentes no bairro Vila Rica, localizam-se próximos do conjunto: o posto de saúde, a associação de moradores do bairro e o Parque da Lagoa.

Conjuntos Dom Moura e Dom Juridis

Os Conjuntos Dom Moura e Dom Juridis (Figura 3.20) possuem algumas semelhanças, tais como: a) mesma localização na malha urbana, na mesma rua, a uma distância aproximada de 2 km do centro e próximos, tanto da Avenida Aparício Mariense, quanto do Conjunto Dona Geane e do Parque da Lagoa, porém, no final do bairro Vila Rica, fazendo limite com a BR 287; b) mesma classificação, nesta pesquisa, como conjuntos de tamanho médio (C2), sendo que o Conjunto Dom Moura possui 11 unidades habitacionais isoladas no terreno, enquanto o Conjunto Dom Juridis possui 12 unidades também isoladas; e c) terrenos de dimensões semelhantes. Estes dois conjuntos, embora muito semelhantes quanto às características físicas, localizados na mesma rua, no mesmo contexto, possuem diferenças quanto ao nível de manutenção identificadas pelos próprios moradores.



Figura 3. 20: Mapa de implantação dos Conjuntos Dom Moura e Dom Juridis

Os equipamentos educacionais estão mais próximos dos Conjuntos Dom Moura (Figuras 3.21 a) e Dom Juridis (Figuras 3.21 b), no entanto, o posto de saúde e o Parque da Lagoa estão um pouco mais distantes. Em relação às moradias,

percebe-se que algumas casas estão em péssimo estado de manutenção no Conjunto Dom Moura (Figura 3.21 c), enquanto no Conjunto Dom Juridis, que fica no quarteirão seguinte, no lado oposto da rua, algumas moradias apresentam jardins bem cuidados.



(a) Dom Moura



(b) Dom Juridis



(c) fundos das casas do Conjunto Dom Moura em estado de manutenção ruim

Figura 3.21: Vistas dos Conjuntos Dom Moura e Dom Juridis

As ruas do entorno se caracterizam pela ausência de pavimentação e também não há arborização, somente uma árvore de porte em frente ao conjunto Dom Juridis (Figura 3.22 a, b e c), e arbustos no interior de alguns dos terrenos. Há postes de iluminação em todas as ruas dos dois conjuntos, porém não há telefone público em nenhuma delas. Há duas linhas de ônibus na Rua Osvaldo Cruz, pavimentada com asfalto, onde também estão as paradas de ônibus mais próximas e, na Avenida Aparício Mariense, há mais três opções de linhas de ônibus.



(a) Frente dos lotes para a Rua Raquel Garcia Pacheco



(b) Frente dos lotes para a Rua Ariano Aquino Pinto



(c) Pátios/fachada dos fundos das moradias










Figura 3.22: Conjunto Dom Juridis

Quanto ao comércio, não há mercearias, nem mercados de pequeno porte no entorno próximo, entretanto uma das moradias do Conjunto Dom Moura também funciona como bar durante a noite.

Unidades pulverizadas do bairro Vila Rica

As 9 unidades pulverizadas estão localizadas de forma esparsa no bairro Vila Rica, conforme o mapa (Figura 3.14). As UPs possuem diferenças quanto às características físicas, conforme a Tabela 3.8, destacando-se que, assim como no bairro Vista Alegre, no bairro Vila Rica também, há um caso de duas UPs localizadas na mesma rua em terrenos vizinhos, próximas à Avenida Aparício Mariense (onde está localizado o comércio).

Tabela 3.8: Características das Unidades Pulverizadas do Bairro Vila Rica

Unidade Pulverizada	Nome	Nível de manutenção	Presença de cerca	Presença de jardim	Pavimentação da rua	Ampliação ou alteração
	UP1	Ruim	Sim	Não	Não	Não
	UP2	Bom: pintura nova	Sim	Não	Não	Casa nos fundos
	UP3	Bom: pintura nova	Sim	Sim	Sim	Troca de esquadrias, garagem fechada e área frontal
	UP4	Bom	Sim	Não	Sim	Abrigo lateral
	UP5	Bom	Sim	Não	Sim	Não
	UP6	Regular	Não	Não	Sim	Fechamento do vão de uma esquadria
	UP7	Regular	Sim	Não	Sim	Não
	UP8	Bom: sem pintura	Sim	Sim	Não	Dormitório, fundos
	UP9	Regular	Sim	Não	Não	Não

Quanto às características das UPs do bairro Vila Rica, em geral são semelhantes entre si e ao entorno quanto à tipologia e ao estado de manutenção. A UP1 e a UP2 diferem das demais UPs por localizarem-se numa rua sem saída em terrenos vizinhos, no entanto a UP2, por ter sido construída recentemente, destaca-se positivamente no entorno e em relação à UP1 pelas melhores condições de manutenção, não possuindo acréscimos. Já a UP3 destaca-se de forma positiva em relação às demais UPs quanto ao estado de conservação, ao padrão construtivo, sendo que a tipologia foi bastante alterada com a construção de uma garagem fechada e de uma varanda em toda a frente da moradia, no entanto por localizar-se numa rua com moradias de melhor padrão construtivo está bem integrada ao entorno.

3.4.2.2 Bairro Carlos Humberto

O Bairro Carlos Humberto (Figura 3.14), localiza-se a uma distância de, aproximadamente, 1,2 km do centro, nos fundos dos 9º BELOG, com densidade demográfica de 1400 a 1500 habitantes, possui uma via coletora (Rua Rosa Frota), que permite o acesso a BR 287 e tem, como limites, os bairros Vila Nova, Vila Rica, a BR 287 e a linha férrea que impede sua ligação com o bairro Jardim dos Eucaliptos e o acesso mais direto ao centro só pode ser feito a pé.

Em relação aos equipamentos urbanos existentes, percebe-se grande deficiência nesse bairro, que não possui associação de moradores e posto de saúde. Quando necessitam de atendimento médico, ou creche para os filhos, os moradores têm que se deslocar quase 1 km até outro bairro, no entanto há um espaço onde a pastoral atende, uma vez por semana, as crianças do bairro, próximo ao Conjunto Carlos Humberto. A Escola Estadual João Eduardo Witt Schmitz (Figura 3.23 a) é o único equipamento educacional do bairro Carlos Humberto e, próximo à escola, há uma quadra de futebol de areia e uma pequena pracinha de brinquedos (Figura 3.23 b). Ao lado da escola, existe um local previsto para implantação de uma Escola Municipal de Educação Infantil (creche), um Centro de Referência em Assistência Social e um posto de saúde, porém ainda encontra-se em construção (Figura 3.23 c).



Figura 3.23: Equipamentos do bairro Carlos Humberto

Nessa área, predominam edificações residenciais unifamiliares de padrão construtivo mais baixo do que no bairro Vila Rica e, recentemente, foram entregues novas unidades concentradas em novo empreendimento do programa Minha Casa, localizado próximo ao conjunto Carlos Humberto.

A maioria das ruas do bairro possui pavimentação de paralelepípedos, a via coletora, que liga o bairro à Avenida Aparício Mariense, possui asfalto, porém está em péssimas condições e não há passeios públicos no bairro. O bairro, em geral, possui iluminação pública, arborização e, em relação ao transporte público, há duas linhas de ônibus que atendem o bairro. O comércio também não oferece muitas opções, há dois mercados, o Bonato e o Santiago, de pequeno e médio porte, poucas mercearias e pequeno comércio para atender o bairro.

Conjunto Carlos Humberto

Conjunto habitacional, caracterizado, nesta pesquisa, como de tamanho médio (C2), formado por 13 unidades habitacionais, sendo 12 geminadas e 1 isolada no terreno (Figura 3.24), localizado a uma distância aproximada de 1 km do Conjunto Vila Rica, com o qual possui semelhanças, tais como acesso aos veículos e casas geminadas e isoladas no lote. Uma característica do conjunto é estar localizado em uma área onde não há muitas casas no entorno.



Figura 3. 24: Mapa de implantação Conjunto Carlos Humberto

A Rua Almira Dias Pinto, que dá acesso ao conjunto, não possui pavimentação e passeio público, assim como outras ruas do bairro Carlos Humberto. O conjunto possui um acesso pavimentado com paralelepípedos para entrada e saída de veículos, culd'sac, porém as calçadas para pedestres não são pavimentadas, somente gramadas e percebe-se que alguns moradores fizeram uma pequena calçada ligando a rua à porta da casa. Há uma área no final do conjunto com pracinha de brinquedos.

Não há arborização no conjunto, porém algumas ruas do entorno possuem árvores de porte e há muitas áreas que ainda não foram ocupadas. Quanto à iluminação, há somente um poste de luz no conjunto e outros na rua de acesso ao mesmo e no entorno próximo. Em relação ao mobiliário urbano, há um telefone público próximo do conjunto, sendo o único do entorno. Não há nenhuma parada de ônibus na rua que dá acesso ao conjunto, e a mais próxima está a uma distância aproximada de 250 m do conjunto, por onde passam duas linhas de ônibus. Quanto ao comércio e aos serviços básicos em geral, o mercado mais próximo (Mercado Bonato - de médio porte) fica a 700 m do conjunto e não há mercearias ou padarias no entorno, somente um salão de beleza.

Observa-se que, praticamente, todas as casas do conjunto possuem acréscimos de construções (Figura 3.25 a), a maioria construiu um abrigo na saída da cozinha para os fundos do terreno (Figura 3.25 b), que serve como varal para secar roupas. Uma moradia localizada no final do conjunto possui um abrigo para carro na frente em um espaço ínfimo, cercado, com portão de acesso, e outra residência alterou a posição da porta de acesso principal e construiu um abrigo para carro (Figura 3.25 c).



(a) Vista dos acréscimos nas casas do conjunto



(b) Acréscimo de abrigo nos fundos da moradia



(c) Construção de abrigo para carro na lateral da moradia






Figura 3. 25: Conjunto Carlos Humberto

Esse conjunto possui semelhança com o Conjunto Vila Rica, com casas isoladas e geminadas, localizadas em cul-de-sac, sendo que as condições de moradia estão piores em relação aos demais conjuntos da Área 2, devido à maiores problemas socioeconômicos dos moradores.

Unidades Pulverizadas do bairro Carlos Humberto

No bairro Carlos Humberto, foram inseridas somente cinco unidades pulverizadas (UPs) pelo Projeto Minha Casa (Figura 3.14), sendo que destas, quatro estão localizadas próximas ao conjunto, e somente duas estão em ruas pavimentadas. As características das unidades pulverizadas são apresentadas na tabela 3.9.

Tabela 3.9: Características das Unidades Pulverizadas do Bairro Carlos Humberto

Unidade Pulverizada	Nome	Nível de manutenção	Presença de cerca	Presença de jardim	Pavimentação da rua	Ampliação alteração
	UP1	Bom	Sim	Sim	Não	Dormitório, fundos
	UP2	Bom	Sim	Não	Sim	Não
	UP3	Bom	Sim	Não	Sim	Casa de madeira, fundos
	UP4	Bom	Sim	Não	Não	Abrigo lateral
	UP5	Bom	Sim	Não	Sim	Não

No bairro Carlos Humberto, as UPs possuem semelhanças com as moradias do entorno quanto ao padrão construtivo, à tipologia e ao estado de manutenção. A UP1 destaca-se positivamente em relação às demais UPs pelos cuidados com o jardim, horta e pátio e também pelos acréscimos, tais como, o dormitório nos fundos e o abrigo com churrasqueira na lateral, que está em construção. No entanto está localizada ao lado de uma moradia de dois pavimentos e de padrão construtivo superior. A moradora comentou que ela e a mãe se inscreveram no Projeto Minha Casa e as duas foram beneficiadas, sendo que alugam uma das moradias para aumentar a renda, conseguindo, dessa forma, fazer melhorias na casa onde moram. A UP3 foi alugada para outras pessoas, sendo que nos fundos do terreno há um galpão de madeira, onde a proprietária, que se mudou para a zona rural, costuma ficar quando vem à cidade.

CAPÍTULO 4: ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DO NÚMERO DE UNIDADES NA SATISFAÇÃO E INTEGRAÇÃO DA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL

4.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo são analisados os dados coletados e apresentados os resultados da investigação realizada nas duas áreas, conforme indicado no capítulo anterior. Assim, pressupondo que o lugar e a maneira como as unidades habitacionais são implantadas, no tocante ao número de unidades (isoladas e em grupos de diferentes tamanhos), atuam sobre a avaliação de desempenho da moradia, é investigado se: as características das áreas (mais consolidadas ou menos consolidadas) e a dimensão da habitação de interesse social (número de moradias) contribui para o desempenho da moradia como elemento de inserção no contexto urbano, sendo que quanto menor o número de unidades de habitação de interesse social maior a probabilidade de integração com o entorno e o sentimento de pertencimento dos moradores, quando comparados conjuntos de diferentes tamanhos, e vice-versa.

A verificação da hipótese de trabalho será realizada em duas partes. Primeiramente serão investigados fatores relacionados à qualidade da infraestrutura (melhores ou piores condições urbanas e localização na malha), conforme enfatizado na literatura, de forma a verificar se diferenças na qualidade da infraestrutura poderiam influenciar a avaliação de desempenho da moradia pelos usuários e afetar os resultados finais relativos ao tamanho dos conjuntos investigados. Esta avaliação baseia-se em normas urbanísticas e critérios de distribuição de equipamentos e serviços urbanos adotados pelos autores, conforme visto no capítulo 2 (pag. 34). Em seguida, à partir da verificação da influência da qualidade da infraestrutura na avaliação de desempenho das unidades e conjuntos selecionados, é verificada a influência da dimensão (número de unidades habitacionais) no nível de satisfação, no sentimento de pertencimento e na integração dos moradores da habitação de interesse social com o entorno e com a cidade.

4.2 INFLUÊNCIA DA QUALIDADE DE INFRAESTRUTURA NA AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DAS UNIDADES E CONJUNTOS HABITACIONAIS DE INTERESSE SOCIAL

Para a investigação da influência do número de unidades da habitação de interesse social no sentimento de pertencimento e na integração dos moradores no bairro e na cidade, adota-se uma abordagem perceptiva que utiliza os níveis de satisfação dos moradores como indicadores de desempenho, relacionando-os com o número de moradias - de 1 (isolada) até 50 (concentradas), classificadas como: 1) Unidades Habitacionais Pulverizadas (UPs) – 1 unidade; 2) Unidades Habitacionais Concentradas (UCs) - em: a) conjuntos pequenos (UC1) – de 6 e de 7 unidades, b) conjuntos médios (UC2) – de 11, 12 e 13 unidades ou c) conjuntos grandes (UC3) – de 50 unidades habitacionais e 3) unidades dos moradores do entorno (UEs). Conforme descrito no capítulo 3, esta avaliação foi estabelecida a partir da seleção de duas áreas com características de localização e infraestrutura diferenciadas, nas quais houve a inserção de moradias pulverizadas e concentradas pelo Projeto Minha Casa, denominadas Área 1 e Área 2 (Figura 4.1).

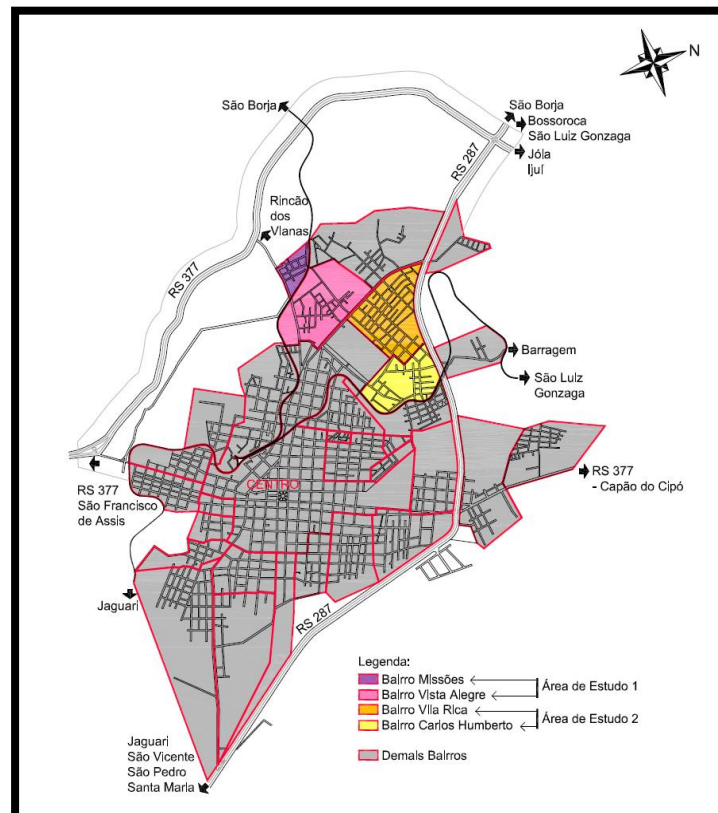


Figura 4.1: Localização das Áreas de Estudo 1 e 2 e respectivos bairros no mapa do perímetro urbano da cidade de Santiago, RS. Sem escala definida

As normas e critérios adotados neste estudo para avaliar a distribuição de equipamentos e serviços urbanos recomendam raios de abrangência de 400 a 600 m, admitindo-se no máximo 700 m para creches e também para playgrounds e parques de recreio; escolas de 2º grau devem atender bairros (Santos, 1988); em relação ao comércio, serviço e áreas de recreação, os critérios na literatura são totalmente distintos, o que comprova a falta de parâmetros para sua determinação. Conforme o Plano Diretor da cidade de Santiago, as recomendações para os equipamentos educacionais são raios de abrangência de 500 m (escola de ensino médio), de 250 m (escola de ensino fundamental), 100 m para áreas verdes, 1 posto de saúde e 1 associação de moradores por bairro. A partir desses critérios será verificada a qualidade de infraestrutura de cada área. As principais características das áreas estão sintetizadas na tabela 4.1

Tabela 4.1: Síntese das principais características de infraestrutura de cada área

Área de estudo		Área 1		Área 2	
Bairro		Missões	Vista Alegre	Vila Rica	Carlos Humberto
Tipo de implantação (Nº de unidades)	Concentradas (UC3)	Conjunto Missões (50)			
	Concentradas (UC2)			Conjuntos: Dona Geane (12) Dom Moura (11) Dom Juridis (12)	Conjunto Carlos Humberto (13)
	Concentradas (UC1)		Conjunto Vista Alegre (6)	Conjunto Vila Rica (7)	
	Dispersas Pulverizadas(UPs)	(9)	(8)	(9)	(5)
Total		56 UCs + 17 UPs		55 UCs + 14 UPs	
Qualidade da infraestrutura	Localização– distância em relação ao centro	1,5 Km – periferia em área de expansão	800 m – inserido na malha	1,0 Km – inserido na malha	1,2 Km – inserido na malha
	Equipamentos educacionais	2	1	2	1
	Equipamentos de saúde	1	-	1	(1 posto de saúde em construção)
	Espaços de lazer	Praça Missões com quadra de futebol de areia	2 pracinhas de brinquedos, 1 área verde com campo de futebol (particular) e 1 área verde (portão cemitério)	Parque da lagoa, 1 área verde com quadra de futebol (particular), 1 quadra de futebol de areia (areião)	1 pracinha de brinquedos com quadra de futebol de areia
	Outros equipamentos	Presídio, 3 Igrejas, Sede associação de moradores	Cemitério, 1 Igreja, Sede associação de moradores, 1 Ginásio	3 Igrejas, Sede associação de moradores.	1 Igreja
	Sistema viário	1 via coletora	2 vias coletoras e 1 via principal	2 vias coletoras, 1 via principal e 1 rodovia (BR 287)	2 vias coletoras e 1 rodovia (BR 287)
	Transporte público	2 linhas de ônibus	4 linhas de ônibus	5 linhas de ônibus	2 linhas de ônibus
	Comércio/serviços	1 mercado, 1 mercearia-bar e 1 mercearia, 1 xerox	1 mercado, 2 mercearias, 1 mecânica, 1 conserto de bicicletas, 1 oficina, 1 madeireira	1 atacado, 2 supermercados, 2 mercados, 1 mercearia, 3 bares, 1 xerox, 4 salões de beleza, 1 loja confecções, 1 eletrônica, 1 oficina	1 mercado, 1 mercearia, 1 padaria, 1 salão de beleza, 2 bares, 1 sucata, 1 ferro-velho, 1 oficina e 1 pastoral

Primeiramente, é analisado o desempenho das duas áreas de estudo e seus respectivos bairros de forma a possibilitar a verificação da influência da qualidade de infraestrutura na avaliação de desempenho dos moradores da habitação de interesse social e do entorno, realizada à seguir no item 4.3. Em seguida, são comparadas as moradias implantadas isoladas e em conjuntos de diferentes números de unidades e seus entornos e é verificada a hipótese de trabalho, com o propósito de medir a influência da dimensão do conjunto (número de unidades) na satisfação, no sentimento de pertencimento e na integração dos moradores da habitação de interesse social com o entorno imediato e o contexto urbano.

4.2.1 Área 1: Bairros Missões e Vista Alegre - Conjuntos Missões e Vista Alegre e Unidades Pulverizadas

A Área 1, que inclui os bairros Missões e Vista Alegre, de acordo com a legislação, traduzida através dos raios de abrangências dos equipamentos, destacados na Figura 4.2, está melhor atendida por equipamentos de lazer (5 equipamentos de lazer, dentre praça, áreas verdes, pracinha de brinquedos) e escola de ensino médio (2 escolas), sendo que ainda está dentro do raio de abrangência de outra escola localizada em bairro vizinho. Os dois bairros da Área 1 também apresentam características específicas quanto à infraestrutura, que serão analisadas a seguir.

CAPÍTULO 4: ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DO NÚMERO DE UNIDADES NA SATISFAÇÃO E INTEGRAÇÃO DA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL

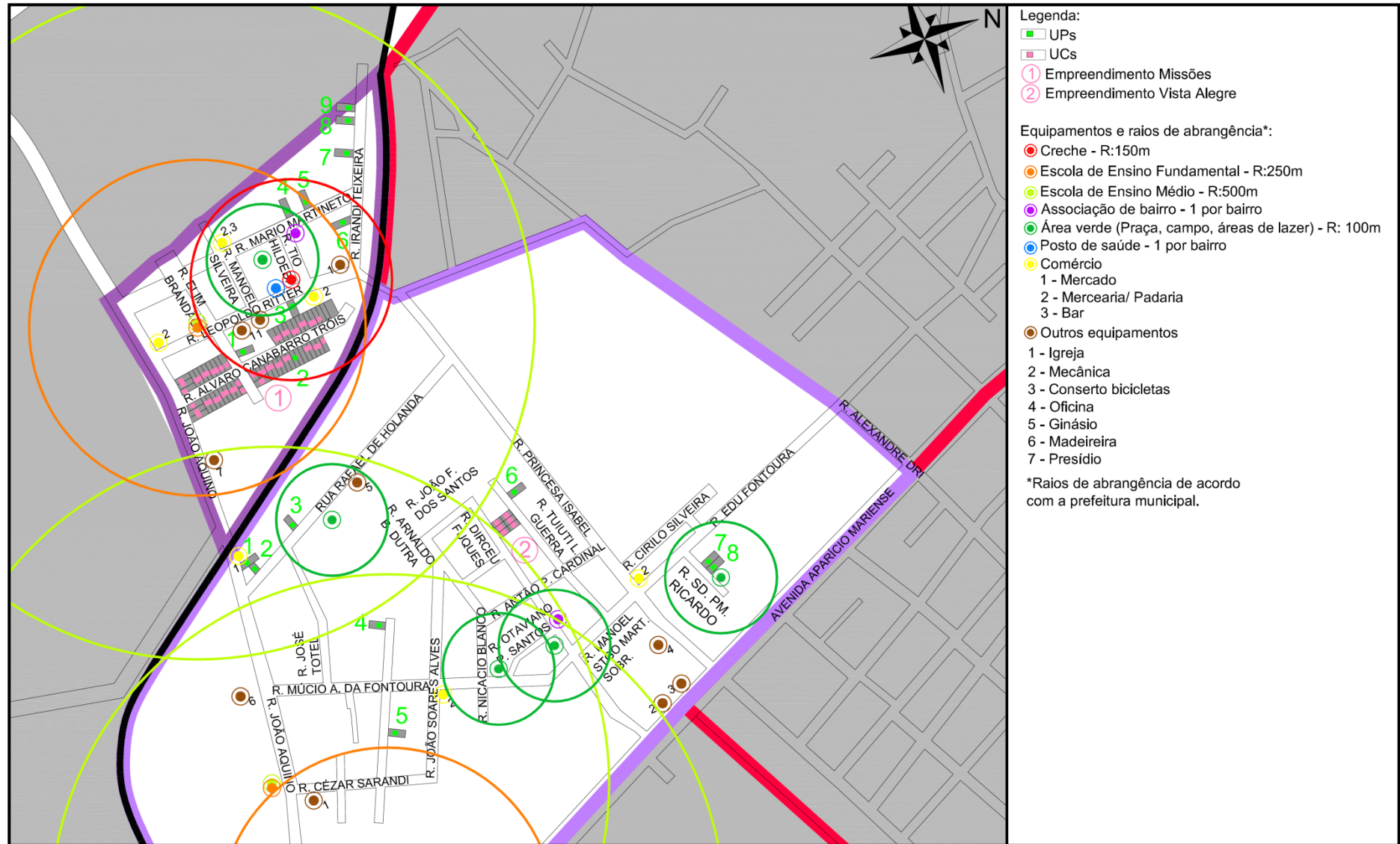


Figura 4.2: Área 1 – bairros Missões e Vista Alegre: equipamentos e raios de abrangência

4.2.1.1 Localização e qualidade da infraestrutura

O bairro Missões inclui as 50 unidades do Conjunto Missões (UC3) e 9 UPs, inseridas no bairro. Quanto à qualidade de infraestrutura, permite aos moradores o acesso a equipamentos educacionais, de lazer, de saúde e à associação de moradores. De acordo com os critérios e normas citados anteriormente, identifica-se que os raios de abrangência das escolas de ensino fundamental e de ensino médio estão de acordo com a legislação e atendem o bairro, conforme demonstra a Figura 4.2, enquanto a creche, o posto de saúde e o espaço público de lazer, atendem a parte mais central do bairro, não abrangendo a primeira quadra do Conjunto Missões e partes do bairro onde estão localizadas algumas UPs e outros conjuntos implantados recentemente. Verifica-se também, poucos pontos de comércio e serviços. No entanto, estão presentes, a associação de moradores, algumas paradas de ônibus no entorno do Conjunto Missões e outras próximas de UPs.

O bairro Vista Alegre inclui as 6 unidades habitacionais do Conjunto Vista Alegre e 8 UPs, está melhor inserido na malha urbana e por isso possui mais acesso às linhas de ônibus quando comparado ao bairro Missões. Quanto aos raios de abrangência, os equipamentos de lazer estão de acordo com a legislação do município, atendendo o bairro, no entanto, em relação aos equipamentos educacionais, os raios de abrangência das escolas de ensino médio não atendem a maior parte do bairro, verificando-se também a ausência de creches e de equipamento de saúde no bairro Vista Alegre. Portanto, em geral, o bairro Missões está mais bem servido por equipamentos educacionais e de saúde, enquanto o bairro Vista Alegre, por estar localizado próximo a outro bairro, possui melhores conexões com o centro, e melhor acesso a serviços e comércio na Área 1.

4.2.1.2 Apropriação e percepção de território

A partir da análise da amostra total de moradores de HIS e moradores do entorno dos bairros Missões e Vista Alegre, foi constatado que, apesar da Área 1 possuir 5 espaços de lazer (entre praças, pracinhas e áreas verdes), as praças são locais pouco freqüentados por moradores de HIS e do entorno. Dentre as atividades de lazer e social, mais freqüentemente mencionadas, os moradores da Área 1 tendem a permanecer em casa nos momentos de lazer, freqüentam a casa de

vizinhos e a igreja. Essas atividades não implicam necessariamente no uso mais intenso do bairro, mas podem estar estimulando o contato entre os moradores do bairro. Os moradores do entorno da HIS no bairro Missões, diferentemente dos moradores do entorno da HIS no bairro Vista Alegre, participam das atividades na sede da associação, o que indica maior potencial de convívio e trocas entre moradores de HIS e entorno no bairro Missões do que no bairro Vista Alegre (Tabela 4.2).

Tabela 4.2: Atividades de lazer e convívio dos moradores de HIS e Entorno nos bairros Missões e Vista Alegre - Área 1

Atividades adultos	Área 1			
	Bairro Missões		Bairro Vista Alegre	
	HIS (37)	E (20)	HIS (12)	E (10)
praças, áreas verdes	10,8%	15,0%	0,0%	20,0%
associação	13,5%	20,0%	16,7%	0,0%
igreja	37,8%	25,0%	50,0%	20,0%
clube social esportivo	0,0%	10,0%	0,0%	0,0%
rua	0,0%	0,0%	0,0%	10,0%
casa de vizinhos	54,1%	55,0%	33,3%	30,0%
própria casa	97,3%	100,0%	100,0%	90,0%

Quando comparados separadamente os moradores de unidades concentradas (UCs), os moradores das unidades pulverizadas (UPs) e os moradores do entorno (UEs) dos dois bairros, foi constatado que todos os grupos além permanecerem em casa, costumam freqüentar a casa de vizinhos e a igreja. No bairro Missões, somente os moradores de UCs e UEs participam de atividades na sede da associação de moradores do bairro, enquanto no bairro Vista Alegre é percebida uma tendência maior de trocas entre moradores de HIS (UPs e UCs), e também com os moradores do entorno na igreja, conforme a Tabela 4.3.

Tabela 4.3: Atividades de lazer e convívio dos moradores de UP, UC e UE dos bairros Missões e Vista Alegre – Área 1

Atividades adultos	Área 1					
	Bairro Missões			Bairro Vista Alegre		
	UP (9)	UC (28)	UE (20)	UP (8)	UC (4)	UE (10)
praças, áreas verdes	10,7%	10,7%	15,0%	0,0%	0,0%	20,0%
associação moradores do bairro	0,0%	17,9%	20,0%	25,0%	25,0%	0,0%
igreja	33,3%	39,3%	25,0%	37,5%	75,0%	20,0%
rua	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	10,0%
casa de vizinhos	44,4%	57,1%	55%	37,5%	25,0%	30,0%
própria casa	100,0%	96,4%	100,0%	100,0%	100,0%	90,0%

No bairro Missões há uma tendência maior dos moradores se visitarem, do que no bairro Vista Alegre, e os moradores de UCs são os que mais freqüentam a

casa dos vizinhos, o que sugere maior convívio entre moradores de UCs, UPs e UEs no bairro Missões do que no bairro Vista Alegre. Quando comparados os dois bairros, os moradores de UCs do bairro Vista Alegre freqüentam mais a igreja do que todos os outros, e os moradores de UEs do bairro Vista Alegre freqüentam mais praças do que os moradores de UEs do bairro Missões, entretanto, é importante destacar que nas entrevistas, os moradores do bairro Missões comentaram que levam as crianças para brincar na pracinha de brinquedos do centro da cidade, nos finais de semana, o que pode ter influenciado as respostas.

As entrevistas e questionários confirmam que os moradores do bairro Missões freqüentam mais a praça (Figura 4.3 a) quando comparados aos moradores do bairro Vista Alegre, já que os moradores de HIS não freqüentam as praças. Alguns moradores de UPs e UEs disseram que não utilizam a pracinha e o campo de futebol porque outros moradores deixam animais soltos nesta área (Figura 4.4 b) tornando o espaço impróprio para o uso. Os moradores de UCs indicaram como locais agradáveis o posto de saúde, os moradores de UPs indicaram o asfalto novo para caminhar e os moradores do entorno citaram a própria moradia e a escola no bairro Missões. Já no bairro Vista Alegre, foram citados como locais agradáveis, a Sede da associação de moradores, o ginásio e a pracinha de brinquedos, e como área de lazer o portão do cemitério (Figura 4.3 c), utilizado como ponto de encontro para tomar chimarrão.



(a) Praça Missões



(b) Pracinha de brinquedos do bairro Vista Alegre



(c) Portão de acesso ao Cemitério.

Figura 4.3: Principais locais indicados pelos moradores da Área 1 nas entrevistas e mapas mentais

No bairro Vista Alegre, os moradores do entorno apresentaram mais informações nos mapas mentais do que no bairro Missões, tais como: locais agradáveis (a Escola Monsenhor Assis e a pracinha de brinquedos) e um local desagradável (o Cemitério), conforme demonstrado na Figura 4.4.



Figura 4.4: Mapas mentais mais detalhados da Área 1 – Mapa mental de morador de unidade do entorno (UE) do Conjunto Vista Alegre.

A Praça Missões foi citada como local agradável durante o dia, por moradores de UCs e UPs e também como local desagradável, tanto pelos moradores de UCs, quanto pelos moradores de UEs, que consideram a praça um local inapropriado, por ser freqüentado pelos moradores da segunda quadra do Conjunto Missões.

No bairro Missões há um número maior de moradores com crianças, do que no bairro Vista Alegre. Além de brincarem na própria casa, nos dois bairros, há uma tendência maior de crianças moradoras de HIS, do bairro Missões, brincarem nas ruas, e na praça do bairro (Tabela 4.4) e no bairro Vista Alegre, no clube/associação que pode estar relacionado à participação em projetos na sede da associação de moradores e à presença de uma área particular com quadra de futebol de areia.

Tabela 4.4: Atividades de lazer e convívio das crianças moradoras de HIS e Entorno dos bairros Missões e Vista Alegre – Área 1

Atividades crianças	Área 1			
	Bairro Missões		Bairro Vista Alegre	
	HIS (37)	E (20)	HIS (12)	E 10
praças, áreas verdes	29,7%	25,0%	25,0%	20,0%
ruas	37,8%	5,0%	25,0%	10,0%
casa vizinhos	32,4%	20,0%	25,0%	10,0%
própria casa	62,2%	65,0%	41,7%	40,0%
clube/associação bairro	0,0%	0,0%	16,7%	0,0%
outro	0,0%	10,0%	16,7%	10,0%

Considerando-se a amostra de moradores de UPs, UCs e UEs, percebe-se que os espaços abertos do bairro Missões são mais compartilhados, pelas crianças, do que os espaços abertos do bairro Vista Alegre (Tabela 4.5), destacando-se que somente as crianças de UCs do bairro Vista Alegre não brincam nas praças, o que pode estar associado à localização do conjunto Vista Alegre, mais distante desses equipamentos. Contudo as crianças de todos os grupos do bairro Vista Alegre, brincam nas ruas, o que não foi constatado nos questionários do bairro Missões, embora tenham sido observado, durante os levantamentos de arquivo, muitas crianças jogando bola, na segunda quadra da Rua do Conjunto Missões, no final da tarde, no verão.

Tabela 4.5: Atividades de lazer e convívio das crianças de UP, UC, UE dos bairros Missões e Vista Alegre – Área 1

	Área 1					
	Bairro Missões			Bairro Vista Alegre		
	UP (9)	UC (28)	UE (20)	UP (8)	UC (4)	UE (10)
praças, áreas verdes	44,4%	25,0%	25,0%	37,5%	0,0%	20,0%
ruas	0,0%	0,0%	0,0%	25,0%	25,0%	10,0%
casa vizinhos	33,3%	32,1%	20,0%	25,0%	25,0%	10,0%
própria casa	66,7%	60,7%	65,0%	37,5%	50,0%	40,0%
associação bairro	0,0%	0,0%	0,0%	12,5%	25,0%	0,0%
outro	0,0%	0,0%	0,0%	25,0%	0,0%	10,0%

Foi constatado que as crianças, moradoras de UPs são as que mais brincam mais nas praças, nos dois bairros. Nas entrevistas, alguns comentários de moradores de UP e EU do bairro Missões, como por exemplo, que ‘a pracinha está demolida’ e que na praça ‘usam drogas’, referem-se aos moradores do Conjunto Missões que freqüentam a praça, o que demonstra a rejeição dos moradores do conjunto pelos moradores de UPs e de UEs. A rua do conjunto também foi mencionada como local desagradável por uma moradora do entorno do bairro Missões (Figura 4.5), pela falta de segurança e imagem negativa, atribuídos à chegada do conjunto residencial ao bairro. O reconhecimento dos moradores do Conjunto Missões (UC) pelos moradores do entorno (E) também foi constatado, nos mapas mentais, sendo as UC percebidas como pertencentes ao bairro pelos moradores do entorno.



Figura 4.5: Mapa mental de morador do entorno (UE) da Área 1 - bairro Missões.

Ainda, uma entrevistada do entorno do bairro Missões comentou que devido à chegada dos moradores do conjunto, o bairro ‘piorou muito’, se tornando mais ‘perigoso’. Alguns moradores de UCs comentaram que ‘é perigoso para pessoas de fora do bairro, caminhar na segunda quadra’. Outros moradores de UCs consideram a praça um local perigoso à noite por ter se estabelecido como ponto de drogas. Assim, os moradores do conjunto são rejeitados tanto pelos moradores do entorno, quanto pelos próprios moradores do conjunto.

Os motivos apontados para as indicações de locais desagradáveis do bairro Missões estão relacionados à questão da insegurança, que pode estar afetando a imagem percebida e a autoestima dos moradores. Os relatórios das assistentes sociais da Prefeitura Municipal corroboram esse argumento, evidenciando problemas socioeconômicos dos moradores do conjunto Missões, como por exemplo, prisão por porte ilegal de armas, envolvimento com drogas, relacionados à proximidade do Presídio. Já no bairro Vista Alegre, somente um local foi citado como desagradável por um morador do bairro Vista Alegre: um pontilhão (construído pelos próprios moradores), que ligava este bairro ao bairro Missões e que caiu recentemente. A partir dessas informações obteve-se um mapa síntese da Área 1 (Figura 4.6).

Foi verificado se o local de estudo dos filhos, os meios de locomoção, o local de trabalho e os hábitos de compras desempenharam papel importante na apropriação do bairro pelos moradores (Tabela 4.6).

Tabela 4.6: Indicadores de uso e fatores socioeconômicos dos moradores de UPs, UCs e UEs dos bairros Missões e Vista Alegre – Área 1

	Bairro Missões			Bairro Vista Alegre		
	UP (9)	UC (28)	UE (20)	UP (8)	UC (4)	UE (10)
Local de estudo dos filhos						
no bairro	77,8%	25,0%	60,0%	87,5%	0,0%	30,0%
em outro bairro	11,1%	53,6%	15,0%	0,0%	75,0%	30,0%
em outra cidade	0,0%	0,0%	5,0%	0,0%	0,0%	0,0%
não tem filhos/não estudam	11,1%	21,4%	10,0%	12,5%	25,0%	40,0%
Meio de locomoção						
à pé	11,1%	25,0%	10,0%	50,0%	25,0%	10,0%
bicicleta	33,3%	7,1%	0,0%	12,5%	0,0%	10,0%
motocicleta	11,1%	21,4%	10,0%	12,5%	25,0%	0,0%
carro	11,1%	0,0%	25,0%	0,0%	0,0%	40,0%
ônibus	33,3%	46,4%	55,0%	25,0%	50,0%	40,0%
Local de trabalho						
em casa	11,1%	14,3%	35,0%	0,0%	25,0%	30,0%
no bairro	0,0%	3,6%	5,0%	0,0%	0,0%	0,0%
em outro bairro	44,4%	39,3%	20,0%	12,5%	0,0%	0,0%
no centro	22,2%	39,3%	25,0%	75,0%	50,0%	50,0%
não trabalha	22,2%	3,6%	15,0%	12,5%	25,0%	20,0%
Hábitos de compra						
no bairro	11,1%	21,4%	25,0%	37,5%	50,0%	50,0%
no centro	55,6%	42,9%	50,0%	62,5%	50,0%	30,0%
outros bairros	33,3%	21,4%	25,0%	0,0%	0,0%	20,0%
outro	0,0%	14,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

Em geral, a maioria dos filhos de moradores do bairro Missões e do bairro Vista Alegre estudam no bairro, o que sugere maior número de moradores circulando no bairro, o que tende a aumentar o potencial de contatos entre os moradores. No bairro Vista Alegre há um percentual maior de moradores que não têm filhos ou que os filhos não estudam, do que do bairro Missões. O fato da maioria dos moradores de UPs, UCs e UEs do bairro Missões, estudarem no bairro, e dos moradores de UCs do bairro Vista Alegre não estudarem no bairro, indicam uma tendência de que ocorram mais encontros entre moradores de HIS e entorno no bairro Missões, ou seja, que mais moradores caminhem nas ruas, e que ao levar os filhos na escola se encontrem, havendo maior contato e integração entre eles.

O local de trabalho, assim como os hábitos de compras no dia-a-dia, podem estar relacionados aos meios de locomoção. Quando analisados os grupos, separadamente, foi constatado o uso do ônibus nos dois bairros pela maioria dos moradores de todos os grupos, exceto pelos moradores de UPs, do bairro Vista

Alegre, que costumam se deslocar a pé para o trabalho. Também observa-se um percentual de moradores de UPs do bairro Missões que utiliza a bicicleta como meio de locomoção para ir ao trabalho. O fato dos moradores utilizarem o ônibus e andarem a pé favorece o encontro dos moradores nas paradas de ônibus e nas ruas do bairro.

Por outro lado, foi constatado que a maioria dos moradores tanto do bairro Missões quanto do bairro Vista Alegre trabalha fora dos bairros. Moradores de HIS trabalham em outros bairros (40,5%) e no centro, tanto do bairro Missões (35,1%), quanto no bairro Vista Alegre (66,7%). Comparando-se os grupos, no bairro Missões, moradores de UPs trabalham em outro bairro, moradores de UCs, em outro bairro e no centro e a maioria dos moradores de UEs não trabalha ou trabalha em casa. Já no bairro Vista Alegre, os moradores de UPs trabalham no centro e os moradores de UCs e UEs no centro ou em casa. O fato da maioria dos moradores trabalharem em outros bairros indica menor permanência nos dois bairros de moradia e menor uso dos lugares próximos à residência, diminuindo as oportunidades de encontro dos moradores e conseqüentemente o sentimento de pertencimento ao bairro.

Em relação às compras diárias, os moradores têm hábitos semelhantes nos dois bairros da Área 1. No bairro Missões, os moradores, de HIS (45,9%), e do entorno (50%) costumam comprar no centro da cidade, na volta do trabalho, o que também diminui o uso de locais próximos à moradia, as possibilidades de encontro entre os moradores do bairro e que pode estar sendo influenciado pela falta de comércio e serviços básicos no bairro. Já no bairro Vista Alegre, a maioria dos moradores do entorno costuma fazer as compras no bairro (50%), enquanto moradores da HIS tendem a comprar no centro (58,3%), destacando-se que alguns moradores, por falta de percepção de limites do bairro, disseram que compram no bairro, referindo-se aos supermercados e estabelecimentos comerciais do bairro Vila Rica.

Quando considerados os grupos, separadamente, os moradores de UPs, UCs e UEs do bairro Missões costumam fazer as compras no centro, o que sugere menor uso e interação destes moradores no bairro. No bairro Vista Alegre, os moradores de UPs compram no centro, os moradores do entorno compram no bairro e os moradores de UCs compram tanto no centro quanto no bairro, sugerindo maiores possibilidades de encontros e integração entre moradores de UCs e UEs neste

bairro. Foram constatadas diferenças na percepção de território entre os moradores de HIS e os moradores do entorno dos conjuntos nos dois bairros, que expressam o sentimento de pertencimento dos moradores. No bairro Missões, os moradores de HIS, parecem ter uma percepção mais restrita do local de moradia do que os moradores do entorno, indicando como limites somente a rua onde moram ou algumas ruas do entorno imediato, ao desenhar ou descrever o bairro de moradia. Por exemplo, os moradores de UCs identificaram no mapa somente a rua do conjunto e as ruas do entorno próximo, o que sugere que o bairro coincide com o conjunto, enquanto para os moradores de UPs, a percepção de território tende a ser mais ampla. Isto foi considerado a partir da indicação de um número maior de informações do que as fornecidas pelos moradores de UCs, o que sugere uma percepção mais ampla dos limites do bairro por moradores de UPs, na Área 1 (Figura 4.7).



Figura 4.7: Mapa mental de morador de HIS (UP) da Área 1 - bairro Missões

Foram constatadas diferenças entre os moradores dos dois grupos (HIS e entorno) em relação à percepção de território, medida, também, através do questionamento sobre a sensação de chegar em casa. Os moradores do entorno do bairro Missões reconhecem o território quando chegam à quadra de moradia, enquanto os moradores de HIS, somente, quando chegam dentro de casa. Essa percepção mais restrita dos limites do bairro tende a ocorrer devido à maior dimensão do conjunto, que faz com que os moradores percebam o bairro como sendo o próprio conjunto. Já no bairro Vista Alegre os moradores do entorno reconhecem o território quando chegam ao bairro, enquanto os moradores de HIS

reconhecem o território ao chegar na quadra e também na frente de casa. Assim, tanto os moradores de HIS quanto os moradores do entorno do bairro Vista Alegre têm uma percepção mais ampla de território do que os moradores do bairro Missões (Tabela 4.7).

Tabela 4.7: Sensação de chegar em casa - moradores de HIS e E – Área 1

Quando você sente que chegou em casa?	Área 1			
	Bairro Missões		Bairro Vista Alegre	
	HIS (37)	E (20)	HIS (12)	E (10)
quando chega no bairro (na parada de ônibus)	18,9%	25,0%	0,0%	40,0%
quando está próximo (por ex. na quadra)	29,7%	40,0%	50,0%	20,0%
quando chega na frente da sua casa	16,2%	30,0%	50,0%	20,0%
quando chega dentro de casa	35,1%	5,0%	0,0%	20,0%

No bairro Missões, foi constatada diferença na percepção de território entre os moradores das UPs, que reconhecem o território quando chegam ao bairro, os moradores do entorno, que reconhecem o território quando chegam na quadra onde moram, e os moradores do Conjunto Missões, que somente reconhecem o território quando chegam dentro de casa. No bairro Vista Alegre, os moradores de UPs e UCs reconhecem o território quando chegam na quadra e na frente de casa e os moradores de UEs quando chegam ao bairro (Tabela 4.8).

Tabela 4.8: Sensação de chegar em casa - moradores de UPs, UCs e UEs – Área 1

	Área 1					
	Bairro Missões			Bairro Vista Alegre		
	UP (9)	UC (28)	UE (20)	UP (8)	UC (4)	UE (10)
chega no bairro	44,4%	10,7%	25,0%	0,0%	0,0%	40,0%
chega na quadra	11,1%	35,7%	40,0%	50,0%	50,0%	20,0%
chega na frente de casa	33,3%	10,7%	30,0%	50,0%	50,0%	20,0%
chega dentro de casa	11,1%	42,9%	5,0%	0,0%	0,0%	20,0%

Dessa forma, constata-se que os moradores das unidades Pulverizadas (UPs) do bairro Missões e os moradores de unidades do entorno (UEs) do bairro Vista Alegre, têm percepção mais ampla dos limites do bairro quando comparados aos demais grupos. Os moradores de UCs do bairro Vista Alegre tendem a ter percepção mais ampla dos limites do bairro do que os moradores de UCs do bairro Missões, o que sugere que a dimensão do conjunto pode estar afetando a percepção de território dos moradores, já que o Conjunto Vista Alegre tem menor dimensão.

4.2.1.3 Imagem Percebida

A partir das informações obtidas nas entrevistas e nos questionários, constatou-se a percepção de imagem negativa em relação ao bairro Missões, tanto pelos moradores da HIS quanto pelos moradores do entorno, que ressaltaram a insegurança no bairro e o preconceito de moradores de outros bairros em relação ao bairro Missões. Segundo comentários de alguns moradores do Conjunto Missões 'todos dizem que este é um bairro de marginais'. Já no bairro Vista Alegre, os moradores de HIS não tem uma imagem nem positiva nem negativa do bairro (58,3%) e os moradores do entorno tendem a ter uma imagem negativa (40%). Portanto, os moradores do bairro Missões, em geral, tendem a perceber mais negativamente o bairro do que os moradores do bairro Vista Alegre.

Quando considerados os moradores de UPs, UCs e UEs foi constatado que moradores de Unidades Pulverizadas tendem a perceber uma imagem mais positiva tanto do bairro Missões quanto do bairro Vista Alegre do que os demais grupos, o que sugere maior satisfação com o bairro. A percepção de imagem também foi medida através da identificação de semelhanças e diferenças em relação à aparência das casas dos moradores de HIS e do entorno em relação às demais casas do bairro e da rua, que podem afetar o sentimento de pertencimento e de integração em relação ao entorno. Tanto os moradores da HIS quanto os moradores do entorno do bairro Missões e do bairro Vista Alegre percebem como semelhantes a sua casa e as demais casas do bairro, apesar de ter sido constatado, nos levantamentos físicos, que as casas do bairro Vista Alegre possuem mais diferenças quanto ao padrão construtivo (entre normal e baixo) do que as casas do bairro Missões (entre baixo e mínimo). Alguns moradores de HIS e do entorno do bairro Missões percebem como diferenças entre a sua casa e as demais casas do bairro a manutenção enquanto moradores de HIS e do entorno do bairro Vista Alegre percebem as diferenças de cores.

No bairro Missões, os moradores de UPs, UCs e do entorno percebem diferenças quanto à manutenção das casas do bairro (Tabela 4.9), o que é confirmado nos levantamentos físicos, principalmente em relação às casas da primeira quadra (melhores condições de manutenção) e as casas da segunda quadra (piores condições de manutenção) do Conjunto Missões. Já no bairro Vista

Alegre os moradores de UPs, UCs e UEs percebem mais diferenças de cores, o que também é confirmado nos levantamentos físicos.

Tabela 4.9: Diferenças identificadas entre a própria moradia e a casa dos vizinhos do bairro

	Área 1					
	Bairro Missões			Bairro Vista Alegre		
	UP (9)	UC (28)	UE (20)	UP (8)	UC (4)	UE (10)
tipos de casas	11,1%	17,9%	25,0%	25,0%	0,0%	20,0%
materiais das casas	11,1%	17,9%	25,0%	25,0%	0,0%	30,0%
cores das casas	11,1%	25,0%	25,0%	50,0%	25,0%	40,0%
manutenção das casas	22,2%	35,7%	50,0%	37,5%	0,0%	20,0%
cuidados com o jardim/pátio	22,2%	21,4%	35,0%	25,0%	0,0%	20,0%
nenhuma acho parecidas	55,6%	50,0%	50,0%	50,0%	75,0%	50,0%

Os moradores de UPs, UCs e UEs (Tabela 4.10) do bairro Missões tendem a identificar semelhanças entre a sua casa e as demais casas da rua, enquanto moradores de UPs também identificam diferenças nas cores, os moradores de UCs e de UEs, nos cuidados com o jardim/pátio. Já no bairro Vista Alegre os moradores de UPs tendem a identificar diferenças entre as cores da sua casa e as demais casas da rua, enquanto moradores de UCs e UEs tendem a perceber como semelhantes.

Tabela 4.10: Diferenças identificadas entre a própria moradia e as casa dos vizinhos da rua

	Área 1					
	Bairro Missões			Bairro Vista Alegre		
	UP (9)	UC (28)	UE (20)	UP (8)	UC (4)	UE (10)
tipos de casas	0,0%	10,7%	25,0%	37,5%	0,0%	20,0%
materiais das casas	22,2%	14,3%	25,0%	37,5%	0,0%	20,0%
cores das casas	33,3%	21,4%	25,0%	75,0%	25,0%	30,0%
manutenção das casas	22,2%	35,7%	25,0%	37,5%	25,0%	10,0%
cuidados com o jardim/pátio	22,2%	39,3%	35,0%	25,0%	50,0%	30,0%
nenhuma, parecidas	44,4%	50,0%	50,0%	25,0%	50,0%	40,0%

Portanto, quanto à percepção da aparência das casas, tanto os moradores de HIS quanto os moradores do entorno tendem a perceber semelhanças entre a sua casa e a casa dos vizinhos da rua e do bairro, com exceção dos moradores de UPs do bairro Vista Alegre, que percebem outros aspectos. Esse resultado sugere que os moradores, tanto de conjuntos quanto do entorno, tendem a perceber menos as diferenças por morarem em contextos semelhantes, principalmente os moradores de UCs, onde todas as casas possuem a mesma tipologia.

4.2.1.4 Satisfação com o bairro

Foi constatado que a maioria dos moradores de HIS (67,6%) e do entorno (75%) estão satisfeitos com o bairro Missões e quase a totalidade de moradores de HIS (91,7%) e do entorno (90%) está satisfeita com o bairro Vista Alegre. Não foram identificadas diferenças significativas entre os dois grupos em relação à satisfação com os bairros, no entanto, respondentes do entorno tendem a estar mais satisfeitos com o bairro Missões e moradores de HIS tendem a estar mais satisfeitos, com o bairro Vista Alegre.

A partir dos dados coletados, verificou-se que o nível de satisfação com o bairro Missões, tanto da amostra total (moradores de HIS e entorno), quanto separadamente (moradores de UPs, UCs e de UEs), é influenciado positivamente pela proximidade de praças, segurança, vizinhança, e pela proximidade do posto de saúde. Também foi constatado que o nível de satisfação dos moradores do bairro Vista Alegre, é influenciado positivamente pela satisfação com a vizinhança, quando considerada a amostra total (HIS e E) e também os moradores de UPs, UCs, e UEs. No entanto, a correlação entre a satisfação com o bairro e a satisfação com a vizinhança tende a ser mais forte entre moradores do bairro Missões (Tabela 4.11). Isso pode estar relacionado aos problemas de relacionamento entre vizinhos, identificados nos relatórios das assistentes sociais da prefeitura, e à imagem negativa que os moradores do entorno e os moradores do próprio conjunto têm do Conjunto Missões, conforme foi constatado nas entrevistas e nos questionários.

Tabela 4.11: Indicadores do nível de satisfação com os bairros Missões e Vista Alegre dos moradores de HIS e entorno e dos moradores de UPs, UCs e UEs.

Indicadores de satisfação com o bairro	Bairro Missões	Bairro Vista Alegre
	Amostra total	Amostra total
Prox. de praças	(Spearman, $c = 0,551$; sig.=0,000)	-
Segurança	(Spearman, $c = 0,457$; sig.= 0,000)	-
Vizinhança	(Spearman, $c = 0,452$; sig.=0,000)	(Spearman, $c = 0,565$; sig.=0,006)
Prox. posto saúde	(Spearman, $c = 0,448$; sig.=0,000)	-

O fato da proximidade de equipamentos influenciarem somente o nível de satisfação dos moradores do bairro Missões e não estar afetando o nível de satisfação dos moradores do bairro Vista Alegre pode ser explicado pelas diferenças de infraestrutura entre os bairros, já que o bairro Missões está melhor provido do

que o bairro Vista Alegre, o que sugere que a presença destes equipamentos, ou seja, a qualidade da infraestrutura pode estar afetando a satisfação dos moradores com o bairro.

Os moradores do entorno estão mais satisfeitos com a proximidade de praças (55%), do posto de saúde (100%) e com a vizinhança (85%) do que os moradores de HIS no bairro Missões e os moradores de HIS tendem a estar mais insatisfeitos com a segurança (51,3%) do que os moradores do entorno. Quando comparados os níveis de satisfação de UPs, UCs e UEs, os moradores de UPs do bairro Missões tendem a estar mais satisfeitos com a proximidade do posto de saúde, de praças, com a vizinhança e com a segurança do bairro. Já no bairro Vista Alegre, os moradores de HIS estão mais satisfeitos com a vizinhança (91,7%) do que os moradores do entorno e quando comparados moradores de UPs, UCs e UEs, os moradores de UPs tendem a estar mais satisfeitos com a vizinhança, o que sugere que eles podem estar mais integrados.

Foram constatadas diferenças significativas entre moradores de UPs, UCs e UEs no bairro Missões em relação aos níveis de satisfação com a proximidade de praças (K-W, $\chi^2 = 7,412$; sig. = 0,25) e com a segurança (K-W, $\chi^2 = 6,571$; sig. = 0,37), sendo que os moradores de UEs estão mais satisfeitos com a proximidade de praças e os moradores de UPs com a segurança (Tabela 4.12). Em relação à percepção de segurança no bairro Missões, o percentual mais elevado de insatisfação dos moradores de UCs vem ao encontro dos relatórios das assistentes sociais da prefeitura, que revelam os problemas socioeconômicos, tais como, envolvimento de moradores do Conjunto com porte ilegal de armas, drogas que afetam negativamente a imagem que os moradores têm do bairro.

No bairro Vista Alegre, foram constatadas diferenças significativas entre os moradores de HIS e entorno do bairro Vista Alegre em relação aos níveis de satisfação com proximidade do centro (K-W, $\chi^2 = 6,063$; sig. = 0,14). Os moradores de HIS estão mais satisfeitos com a proximidade do centro do que os moradores do entorno (Tabela 4.12), provavelmente por estarem mais próximos da parada de ônibus, ou da Avenida Aparício Mariense, que é melhor servida pelas linhas de ônibus.

Tabela 4.12: Indicadores dos níveis de satisfação com o bairro dos moradores de UPs, UCs e UEs dos bairros Missões e Vista Alegre.

Moradores do bairro Missões	Satisfação com a proximidade de praças	Satisfação com a segurança do bairro	Moradores do bairro Vista Alegre	Satisfação com a proximidade do centro
UPs	27,17	34,61	UPs	14,00
UCs	24,16	23,48	UCs	14,75
UEs	36,60	34,20	UEs	8,20

Nota: Os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis.

A satisfação dos moradores com os bairros também foi medida através do questionamento sobre onde gostariam de morar se pudessem se mudar, sendo verificado que existe correlação negativa entre o desejo de se mudar e o nível de satisfação com o bairro, isto é, quanto menor a satisfação dos moradores com o bairro, maior é o desejo de mudar. Quando comparados os dois bairros, nota-se que essa correlação é mais forte no bairro Missões (Spearman, $c = -0,388$; sig.= 0,003) do que no bairro Vista Alegre (Spearman, $c = -0,446$; sig.= 0,038). Foi constatado que a maioria dos moradores tanto do bairro Missões quanto do bairro Vista Alegre gostariam de se mudar para mais próximo do centro. No entanto, a maioria dos moradores de UCs do bairro Vista Alegre e de UEs do bairro Missões gostariam de permanecer no mesmo bairro (Tabela 4.13), o que sugere maior satisfação destes moradores com o bairro, apesar das diferenças na qualidade da infraestrutura.

Tabela 4.13: Se pudesse se mudar onde gostaria de morar – moradores da Área 1

	Área 1					
	Bairro Missões			Bairro Vista Alegre		
	UP (9)	UC (28)	UE (20)	UP(8)	UC (4)	UE (10)
No mesmo bairro	33,3%	14,3%	40%	25,0%	50,0%	30,0%
No bairro que morava antes	11,1%	28,6%	15%	0,0%	25,0%	10,0%
Mais próximo do centro	55,6%	39,3%	20,0%	62,5%	25,0%	30,0%
Em outro bairro	0,0%	17,9%	25,0%	12,5%	0,0%	30,0%

Quando comparados os níveis de satisfação com o bairro dos moradores de UPs, UCs e UEs, apesar de não haver diferenças significativas entre eles, no bairro Missões, os moradores de UPs (88,9%) tendem a estar mais satisfeitos do que os moradores de UEs (75%) e do que os moradores de UCs (60,7%). Já no bairro Vista Alegre, os moradores de UCs (100%) tendem a estar mais satisfeitos com o bairro do que os moradores de UPs (90,5%) e do que os moradores de UEs (90%). Há um percentual de moradores de UCs do bairro Missões (17,9%) e de moradores do entorno do bairro Vista Alegre (10%) que tendem a estarem mais insatisfeitos.

Quando comparados os níveis de satisfação dos moradores de UCs nos dois bairros, os moradores do Conjunto Vista Alegre (o de menor dimensão) estão mais satisfeitos do que os moradores do Conjunto Missões (o de maior dimensão), o que sugere que a dimensão pode estar afetando o desempenho.

4.2.1.5 Satisfação com a rua

Foi constatado que a maioria dos moradores tanto do bairro Missões (70,2%) quanto do bairro Vista Alegre (86,40%) tendem a estar satisfeitos com a rua de moradia. Apesar de não ter sido constatada diferença significativa entre os grupos, os moradores de HIS tendem a estar mais satisfeitos com a rua do que os moradores do entorno nos dois bairros. No entanto os moradores de HIS (91,6%) e do entorno (89%) do bairro Vista Alegre, tendem a estar mais satisfeitos com a rua do que os moradores de HIS (70,2%) e do entorno (70%) do bairro Missões.

Quando comparados os moradores de UPs, UCs e UEs, foi constatado que os moradores mais satisfeitos com a rua, no bairro Missões, tendem a ser os moradores de UPs (100%, dos quais 22,2% muito satisfeitos) e no bairro Vista Alegre, os moradores de UCs (100% dos quais 50% muito satisfeitos). Também foi constatado um percentual de moradores de UCs do bairro Missões insatisfeitos com a rua (25%).

A partir dos dados coletados, verificou-se os aspectos mais influentes no nível de satisfação com a rua, dos moradores de UPs, UCs e UE, do bairro Missões e Vista Alegre, conforme a Tabela 4.14. Destaca-se que a vizinhança e a proximidade de praças afetam a avaliação de desempenho da rua pelos moradores, nos dois bairros.

Tabela 4.14: Indicadores do nível de satisfação com a rua dos moradores de HIS e entorno e dos moradores de UPs, UCs e UEs dos bairros Missões e Vista Alegre.

Indicadores de satisfação com a rua	Bairro Missões	Bairro Vista Alegre
	Amostra total (HIS e E)	(HIS e E) e (UP, UC, UE)
Vizinhança	(Spearman, $c = 0,598$; sig.=0,000)	(Spearman, $c = 0,595$; sig.=0,006)
Segurança	(Spearman, $c = 0,456$; sig.=0,000)	-
Prox. praças	(Spearman, $c = 0,442$; sig.=0,000)	(Spearman, $c = 0,474$; sig.=0,026)
Prox. posto de saúde	(Spearman, $c = 0,384$; sig.=0,003)	-
Prox. do centro	(Spearman, $c = 0,366$; sig.=0,005)	-
Esgoto	(Spearman, $c = 0,362$; sig.=0,006)	-
Prox. comércio/serv.	-	(Spearman, $c = 0,550$; sig.=0,008)

O fato de haver correlações entre a satisfação com a rua e proximidade de equipamentos nos dois bairros sugere que a qualidade da infraestrutura (presença de facilidades e recursos no bairro ou próximos à rua de moradia) pode estar afetando o desempenho. No entanto, apesar do bairro Missões ser melhor provido destes equipamentos, os moradores do bairro Vista Alegre tendem a estar mais satisfeitos, tanto com o bairro, quanto com a rua, indicando que outros fatores, além da qualidade da infraestrutura podem estar influenciando os níveis de satisfação dos moradores.

4.2.1.6 Satisfação com a moradia

Foi constatado que, em geral, quase a totalidade dos moradores tende a estar satisfeita com o local de moradia, tanto no bairro Missões (96,5%), quanto no bairro Vista Alegre (95,4%). Foram constatadas diferenças significativas entre os moradores de HIS e entorno em relação aos níveis de satisfação com a moradia (K-W, $\chi^2 = 4,186$; sig. = 0,041), somente no bairro Missões, sendo que os moradores de HIS estão mais satisfeitos do que os moradores do entorno (Tabela 4.15).

Tabela 4.15: Indicadores dos níveis de satisfação dos moradores de HIS e Entorno com a moradia.

	Satisfação com a moradia	
	Bairro Missões	Bairro Vista Alegre
HIS	31,88*	12,88
Entorno	23,68*	9,85

Nota: Os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis; * Valores destacados apresentam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

No entanto, considerando-se a amostra total (moradores de HIS e entorno), os moradores de HIS (100%) tendem a estar mais satisfeitos do que os moradores do entorno (90%), nos dois bairros.

Quando comparados os grupos, separadamente, os moradores de UPs e UCs tendem a estar mais satisfeitos com a moradia do que os moradores do entorno, nos dois bairros, sendo que os moradores de UCs tendem a estar mais satisfeitos, no bairro Missões, (100% dos quais, 53,6% muito satisfeitos) e também no bairro Vista Alegre (100% dentre os quais, 75% muito satisfeitos). O que revela que apesar dos

moradores de UCs estarem menos satisfeitos do que os demais grupos com o bairro Missões, a satisfação com a moradia parece não estar sendo afetada pela satisfação com o bairro. A partir dos dados coletados verificou-se os aspectos que influenciaram, nos dois bairros, o nível de satisfação com a moradia, conforme a Tabela 4.16, que demonstra que o relacionamento entre vizinhos afeta a satisfação com a moradia, tanto no bairro Missões quanto no bairro Vista Alegre.

Tabela 4.16: Indicadores do nível de satisfação com a moradia (amostra total) e (moradores de UPs, UCs e UEs) dos bairros Missões e Vista Alegre.

Indicadores de satisfação com a moradia	Bairro Missões	Bairro Vista Alegre
	Amostra total (HIS e Entorno)	Amostra total (HIS e Entorno)
relacionamento moradores da rua	-	(Spearman, $c = 0,434$; $\text{sig.} = 0,044$)
relacionamento moradores do bairro	(Spearman, $c = 0,417$; $\text{sig.} = 0,001$)	(Spearman, $c = 0,432$; $\text{sig.} = 0,045$)
Atritos com os vizinhos	(Spearman, $c = 0,342$; $\text{sig.} = 0,009$)	-

Foi constatado que moradores do bairro Vista Alegre estão mais satisfeitos com os moradores da rua (86,4%) e com os moradores do bairro (72,7%) do que os moradores do bairro Missões (68,4% satisfeitos com os moradores da rua, e 61,4% satisfeitos com os moradores do bairro). No bairro Vista Alegre os moradores do entorno estão mais satisfeitos com os moradores da rua (90%) do que os moradores de HIS (83,4%) e os moradores de HIS (75%) tendem a gostar mais dos moradores do bairro do que os moradores do entorno (70%). Os moradores de todos os grupos, nos dois bairros, tendem a estar satisfeitos com o local de moradia, sendo que os moradores de UPs e UCs estão mais satisfeitos com a rua do que com o bairro e os moradores de UEs tendem a estar mais satisfeitos com o bairro do que com a rua.

4.2.1.7 Relacionamento entre vizinhos

Na caracterização de relacionamento social entre vizinhos do bairro Missões, a percepção de amizade está correlacionada positivamente com a satisfação com os vizinhos da rua (Spearman, $c = 0,520$; $\text{sig.} = 0,000$) e com a satisfação com os vizinhos do bairro (Spearman, $c = 0,477$; $\text{sig.} = 0,000$). Assim, considerando a amostra total, os moradores do entorno tendem a estar mais satisfeitos com os

vizinhos do bairro e os moradores de HIS tendem a estar mais satisfeitos com os vizinhos da rua.

Considerando os grupos, separadamente, os moradores de UPs do bairro Missões tendem a avaliar mais positivamente o relacionamento com os vizinhos da rua (88,9%) e do bairro (77,8%) do que os demais grupos. Ainda, no bairro Missões, a percepção de homogeneidade entre os vizinhos está correlacionada negativamente com a percepção de atritos com os vizinhos (Spearman, $c = -0,341$; sig.=0,009). A percepção de ruídos dos vizinhos está correlacionada positivamente com atritos entre vizinhos (Spearman, $c = 0,331$; sig.=0,012) e o sentimento de não se sentir em casa na vizinhança está correlacionado negativamente com a satisfação com os moradores da rua (Spearman, $c = -0,597$; sig.=0,009). Dessa forma, foi constatado no bairro Missões, que os moradores do entorno (55,0%) tendem a perceber maior homogeneidade na vizinhança do que os moradores de HIS (40,5%) e os moradores de HIS tendem a ter mais atritos com os vizinhos (24,3%) do que moradores do entorno (15%) e a perceber mais o ruído dos vizinhos (48,6%) do que os moradores do entorno (30,0%). Considerando os moradores de UPs, UCs e UEs, os moradores de UCs (46,4%) e UEs (55,0%) tendem a perceber a homogeneidade na vizinhança, moradores de UCs tendem a ter mais atritos (32,2%) e a perceber os ruídos dos vizinhos (60,7%). É importante destacar que, no caso do bairro Missões a homogeneidade na vizinhança refere-se ao Conjunto Missões, de maior dimensão, onde todos são iguais e se destacam no contexto, apresentando conseqüências negativas, sendo discriminados pelos moradores do entorno e do próprio conjunto.

No bairro Vista Alegre a percepção de ruídos dos vizinhos está fortemente correlacionada com atritos entre os vizinhos (Spearman, $c = 0,865$; sig.=0,000) e com a sensação de não se sentir em casa na vizinhança (Spearman, $c = 0,610$; sig.=0,003). A sensação de não se sentir em casa na vizinhança também está correlacionada negativamente com a sensação dos moradores, de que teriam mais contato com amigos e familiares se morassem em outra parte da cidade (Spearman, $c = -0,525$; sig.=0,012). Considerando a amostra total, os moradores do entorno tendem a perceber mais atritos com os vizinhos (10,0%), e ruído (30,0%), e acreditam que teriam mais contato com amigos e familiares se morassem em outra parte da cidade (40,0%), do que os moradores de HIS, enquanto os moradores de HIS percebem mais fortemente a sensação de não se sentir em casa (25,0%) do

que os moradores do entorno. Considerando os grupos, separadamente, os moradores de UCs percebem mais fortemente a existência de atritos com os vizinhos (25,0%) e consideram que teriam mais contato com amigos e familiares se morassem em outra parte da cidade (25%) do que os outros grupos. Os moradores do entorno são os que percebem mais ruídos dos vizinhos (30,0%), sendo que os moradores de UPs percebem menos atrito e menos ruídos dos vizinhos, sugerindo que estão mais integrados e satisfeitos. Este resultado indica que o ruído gerado por vizinhos é o principal motivo de atrito entre vizinhos.

Os resultados demonstram também, que os moradores de UCs percebem a existência de mais atritos com os vizinhos nos dois bairros da Área 1, no entanto, os moradores de UCs do bairro Missões tendem a perceber mais intensamente relações de amizade entre os vizinhos, o que não ocorre no bairro Vista Alegre. Destaca-se que os moradores de UPs são os que percebem menos atritos e problemas entre vizinhos.

4.2.1.8 Considerações sobre a Área 1

A partir dos dados coletados, foram identificadas as características específicas da Área 1 e também as diferenças dentro da área, de aspectos referentes à qualidade de infraestrutura e a localização na malha, que devido ao fato dos conjuntos estarem inseridos em diferentes bairros e possuírem tamanhos diferenciados (Conjunto Vista Alegre – 6 unidades e Conjunto Missões – 50 unidades), permite tecer algumas considerações a respeito dos efeitos da qualidade da infraestrutura na avaliação de desempenho pelos moradores. O fato dos moradores do bairro Vista Alegre (que possui melhores conexões com a cidade, é melhor provido de transporte, comércio e serviços), em geral, estarem mais satisfeitos com o bairro e com a rua do que os moradores do bairro Missões (melhor provido de equipamentos de saúde, educacionais e associação de moradores) sugere que outros fatores, além da qualidade da infraestrutura, podem estar influenciando mais fortemente os níveis de satisfação dos moradores.

Outros aspectos relevantes são: a) no bairro Vista Alegre, os moradores de UC1 (conjunto de pequeno porte) estão mais satisfeitos com o bairro, com a rua e com o local de moradia e b) no bairro Missões, os moradores de UPs estão mais satisfeitos com o bairro e com a rua de moradia, enquanto os moradores de UC3

(conjunto de grande porte) consideram o próprio conjunto problemático, o que foi evidenciado nas entrevistas e nos relatórios da Prefeitura, levantam a questão de que, talvez o tamanho do conjunto (maior número de moradias) possa estar interferindo na apropriação, na percepção de território, na imagem percebida e nos níveis de satisfação e integração dos moradores da habitação de interesse social. Essas relações também serão investigadas na Área 2, conforme segue.

4.2.2 Área 2: Bairros Vila Rica e Carlos Humberto - Conjuntos Dona Geane, Dom Moura, Dom Juridis, Vila Rica e Carlos Humberto e Unidades Pulverizadas

A Área 2, que inclui os bairros Vila Rica e Carlos Humberto, e conforme observa-se no mapa (Figura 4.8) de acordo com a legislação, os equipamentos de lazer (possui 3 equipamentos de lazer), educacionais de ensino médio (possui 2 escolas de ensino médio e 1 creche) e de saúde (possui 1 posto de saúde e 1 posto que ainda está sendo construído) são insuficientes para atender toda esta área, no entanto destaca-se a presença de comércio e serviço. Conforme se observa na Tabela 4.1 (p.104) os dois bairros da Área 2

também apresentam características específicas quanto à infraestrutura, que serão analisadas a seguir.

4.2.2.1 Localização e qualidade da infraestrutura

O bairro Vila Rica inclui 9 UPs e 4 conjuntos habitacionais do Projeto Minha Casa: os Conjuntos Dona Geane, Dom Moura e Dom Juridis - UC2, o Conjunto Vila Rica - UC1, diferenciando-se dos demais bairros que apresentam somente um conjunto, cada. Quanto à qualidade de infraestrutura, de acordo com os critérios e normas citados anteriormente, identifica-se que os raios de abrangência das escolas de ensino fundamental, de ensino médio, a creche, o posto de saúde e o espaço público de lazer não estão de acordo com legislação e não atendem o bairro (Figura 4.8), atendendo mais as extremidades do mesmo e dos conjuntos, somente o Conjunto Vila Rica está dentro dos raios de abrangência de creche e escola. O bairro Vila Rica apresenta o maior número de linhas de ônibus dos bairros estudados e verifica-se também, muitos pontos de comércio e serviços (atacado, supermercado, bares) no bairro, associação de moradores, igrejas e outros.

O bairro Carlos Humberto inclui o Conjunto Carlos Humberto (UC2) e 5 UPs. Está mais próximo do centro da cidade, contudo, possui menos acesso às linhas de ônibus do que o bairro Vila Rica. O equipamento de lazer existente não atende todo o bairro; os raios de abrangência da escola de ensino médio atendem parte do bairro e verifica-se também, a ausência de creche e de equipamento de saúde no bairro, que está em construção. Portanto, em geral, o bairro Vila Rica está mais bem servido por equipamentos educacionais, de saúde e o bairro Carlos Humberto está mais próximo do centro, em termos de distância, porém existem maiores possibilidade de conexões com a cidade no bairro Vila Rica.

4.2.2.2 Apropriação e percepção de território

A partir da análise das atividades de lazer e convívio realizadas por moradores de HIS e do entorno, dos dois bairros, foi constatado que, além de permanecerem em casa nos momentos de lazer, no bairro Vila Rica, os moradores de HIS e do entorno freqüentam a casa de vizinhos e a igreja e os moradores de HIS do bairro Carlos Humberto freqüentam a sede da associação de moradores, as ruas e a casa de vizinhos e não freqüentam praças, o que pode ser explicado pela existência somente de uma pracinha de brinquedos com quadra de futebol de areia, sem mobiliário, no bairro (Tabela 4.17).

Tabela 4.17: Atividades de lazer e convívio dos moradores de HIS e Entorno dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto - Área 2

Atividades adultos	Área 2			
	Bairro Vila Rica		Bairro Carlos Humberto	
	HIS (35)	E (20)	HIS (11)	E (10)
praças, áreas verdes	8,6%	15,0%	0,0%	0,0%
associação	11,4%	10,0%	27,3%	10,0%
igreja	22,9%	25,0%	0,0%	20,0%
rua	14,3%	15,0%	27,3%	10,0%
casa de vizinhos	48,6%	50,0%	27,3%	30,0%
própria casa	88,6%	85,0%	63,6%	70,0%
outro	0,0%	0,0%	0,0%	10,0%

Considerando os grupos separadamente, foi constatado que os moradores de UPs UCs e UEs, no bairro Vila Rica, além de permanecerem em casa nos momentos de lazer, também freqüentam a casa de vizinhos e a igreja, sendo a praça pouco utilizada. No bairro Carlos Humberto, os moradores de UCs freqüentam mais as ruas, o que pode ser explicado pela ausência de recuos de jardim e pela presença do cul-de-sac. na rua do conjunto. Já os moradores de UPs freqüentam a associação de moradores, enquanto os moradores de UEs freqüentam a casa de vizinhos, conforme a Tabela 4.18.

Tabela 4.18: Atividades de lazer e convívio dos moradores de UP, UC e UE dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto – Área 2

	Área 2					
	Bairro Vila Rica			Bairro Carlos Humberto		
	UP (9)	UC (26)	UE (20)	UP (5)	UC (6)	UE (10)
praças, áreas verdes	0,0%	11,5%	15,0%	0,0%	0,0%	0,0%
associação moradores do bairro	0,0%	15,4%	10,0%	20,0%	33,3%	10,0%
comunidade religiosa	22,2%	23,1%	25,0%	0,0%	0,0%	20,0%
rua	11,1%	15,0%	15,0%	0,0%	50,0%	10,0%
casa de vizinhos	44,4%	50,0%	50,0%	20,0%	33,3%	30,0%
própria casa	100,0%	84,6%	85,0%	80,0%	50,0%	70,0%
outro	0,0%	11,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

Através da aplicação de entrevistas e mapas mentais, foram indicados os principais equipamentos e serviços utilizados pelos moradores e os locais mais e menos agradáveis da Área 2. No bairro Vila Rica foram citados como locais agradáveis o posto de saúde (Figura 4.9 a), a Escola São Jorge (Figura 4.9 b), o Parque da Lagoa (Figura 4.9 c) e o Mercado Bazana.



Figura 4.9: Locais indicados como agradáveis pelos moradores da Área 2, nas entrevistas e mapas.

Apesar de ter sido constatado nos levantamentos físicos, a presença de crianças jogando bola e jovens conversando no Parque da Lagoa, os resultados dos questionários indicam que as crianças tendem a brincar mais em praças no bairro Carlos Humberto do que no bairro Vila Rica. As crianças de HIS e entorno dos dois bairros brincam na própria casa, no bairro Vila Rica na casa de vizinhos e no bairro Carlos Humberto somente as crianças moradoras de HIS tendem a brincar em praças enquanto as crianças do entorno brincam na casa de vizinhos, conforme a Tabela 4.19.

Tabela 4.19: Onde as crianças (HIS, E) brincam - bairros Vila Rica e Carlos Humberto - Área 2

Atividades crianças	Área 2			
	Bairro Vila Rica		Bairro Carlos Humberto	
	HIS (35)	E (20)	HIS (11)	E (10)
praças, áreas verdes	11,4%	5,0%	54,5%	0,0%
ruas	11,4%	20,0%	18,2%	10,0%
casa vizinhos	20,0%	25,0%	9,1%	20,0%
própria casa	65,7%	60,0%	72,7%	30,0%
clube/associação bairro	0,0%	0,0%	0,0%	10,0%
outro	0,0%	5%	0,0%	0,0%

Os percentuais de moradores de HIS e entorno sem filhos pequenos, são semelhantes nos dois bairros. Quando realizados os testes considerando os grupos separadamente, foi constatado que há um percentual maior de moradores de UPs que não tem crianças em casa, no bairro Vila Rica (55,6%) e que as crianças moradoras de UPs não frequentam praças enquanto as crianças de UCs e UEs brincam na casa de vizinhos e nas ruas. Contudo, moradores entrevistados do Conjunto Dona Geane e do entorno comentaram que deixam as crianças andar de bicicleta e jogar bola no Parque da Lagoa. No bairro Carlos Humberto, a maioria das crianças moradoras de UCs brinca na praça, o que justifica-se pela presença da pracinha de brinquedos no conjunto. Moradores de UPs também citaram que as

crianças brincam na praça, enquanto crianças moradoras de UEs não utilizam praças (Tabela 4.20).

Tabela 4.20: Onde as crianças moradoras de UPs, UCs e UEs brincam - bairros Vila Rica e Carlos Humberto - Área 2

	Área 2					
	Bairro Vila Rica			Bairro Carlos Humberto		
	UP (9)	UC (26)	UE (20)	UP (5)	UC (6)	UE (10)
pracas	0,0%	15,4%	5,0%	20,0%	83,3%	0,0%
ruas	0,0%	15,4%	20,0%	20,0%	16,7%	10,0%
casa vizinhos	0,0%	26,9%	25,0%	20,0%	0,0%	20,0%
própria casa	44,4%	73,1%	60,0%	100,0%	50,0%	30,0%
associação	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	10,0%

Moradores do Conjunto Vila Rica indicaram a entrada do Conjunto, onde os jovens ficam conversando e o cul-de-sac onde as crianças jogam bola, como locais de lazer e convívio com os vizinhos. Os moradores de UEs indicaram o Parque da Lagoa, no verão, como local agradável e foi citado como local desagradável a esquina da Rua Gumercindo Saraiva com a Rua Osvaldo Cruz, próxima ao conjunto Vila Rica, por ser ponto de brigas entre jovens. No bairro Carlos Humberto, foi citado como local agradável, a pracinha de brinquedos, próxima ao CIEP e um morador do conjunto citou como local desagradável a esquina do CIEP (escola), por ser 'local perigoso'. O mapa síntese da Área 2 (Figura 4.10) foi obtido a partir do somatório dos mapas mentais de todos os entrevistados e revelou a percepção do bairro pelos moradores dos diferentes grupos (Unidades Concentradas - UCs, Pulverizadas - UPs e do Entorno - UEs).

reduz as possibilidades de trocas, de encontro e de integração entre os moradores de HIS e do entorno nos dois bairros.

Foi verificado que os moradores dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto utilizam, predominantemente, o ônibus como meio de locomoção, seguido de deslocamentos a pé (36,4%). Isso sugere maior possibilidade de contatos entre os moradores nas paradas de ônibus e maior circulação destes no bairro, facilitando a interação e a integração dos moradores de HIS e entorno. Em relação ao local de trabalho, a maioria dos moradores dos dois bairros trabalha em casa. No bairro Vila Rica a maioria dos moradores de HIS e do entorno trabalha em casa, enquanto que no bairro Carlos Humberto, moradores de HIS trabalham no bairro (36,4%) e no centro (36,4%) e moradores do entorno trabalham em casa (50%).

Quanto às compras diárias, em geral, a maioria dos moradores tanto do bairro Vila Rica quanto do bairro Carlos Humberto faz as compras no próprio bairro. Os moradores, tanto da HIS (80%), quanto do entorno (65%) do bairro Vila Rica costumam comprar no bairro. No bairro Carlos Humberto foi constatado que os moradores de HIS também costumam fazer as compras no centro (36,4%).

Tabela 4.21: Indicadores de uso e fatores socioeconômicos dos moradores de UPs, UCs e UEs dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto – Área 2

	Área 2					
	Bairro Vila Rica			Bairro Carlos Humberto		
	UP (9)	UC (26)	UE (20)	UP (5)	UC (6)	UE (10)
Local de estudo dos filhos						
No bairro	44,4%	53,8%	30,0%	60,0%	33,3%	10,0%
Em outro bairro	11,1%	26,9%	55,0%	40,0%	50,0%	40,0%
Em outra cidade	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Não tem filhos/não	44,4%	19,2%	15,0%	0,0%	16,7%	50,0%
Meio de locomoção						
à pé	22,2%	19,2%	20,0%	20,0%	50,0%	10,0%
bicicleta	0,0%	11,5%	5,0%	0,0%	16,7%	10,0%
motocicleta	11,1%	3,8%	10,0%	0,0%	0,0%	0,0%
carro	0,0%	0,0%	20,0%	20,0%	0,0%	20,0%
ônibus	66,7%	65,4%	45,0%	60,0%	33,3%	60,0%
Local de trabalho						
em casa	55,6%	34,6%	45,0%	60%	16,7%	50,0%
no bairro	22,2%	15,4%	5,0%	0,0%	16,7%	0,0%
outro bairro	11,1%	15,4%	15,0%	0,0%	0,0%	0,0%
no centro	11,1%	34,6%	30,0%	40,0%	33,3%	20,0%
outra cidade	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	10,0%
não trabalha	0,0%	0,0%	5,0%	0,0%	33,3%	20,0%
Hábitos de compra						
No bairro	88,9%	76,9%	65,0%	60,0%	16,7%	60,0%
No centro	0,0%	11,5%	25,0%	20,0%	50,0%	30,0%
Outros bairros	11,1%	7,7%	10,0%	20,0%	33,3%	10,0%
outro	0,0%	3,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

do bairro Vila Rica tem uma percepção mais ampla de território do que os moradores do entorno do bairro Carlos Humberto.



(a) Mapa mental UE- Conjunto Carlos Humberto – Bairro Carlos Humberto



(b) Mapa mental UE- Conjunto Dona Geane – Bairro Vila Rica

Figura 4.12: Mapas mentais mais detalhados da Área 2 – a) Mapa mental de morador do entorno do bairro Vila Rica; b) Mapa mental de morador do entorno do bairro Carlos Humberto.

Os limites percebidos pelos moradores e o sentimento de pertencer ao bairro, também foram medidos através do questionamento sobre a sensação chegar em casa. A maioria dos moradores de HIS e do entorno do bairro Vila Rica reconhecem o território quando chegam no bairro (por exemplo, na parada de ônibus). No bairro Carlos Humberto, os moradores de HIS reconhecem o território quando estão na quadra onde moram e os moradores do entorno, quando chegam à frente da casa. Isso demonstra a percepção mais restrita dos limites do bairro pelos moradores do entorno do que pelos moradores de HIS, no bairro Carlos Humberto, conforme mostra a Tabela 4.22.

Tabela 4.22: Sensação de chegar em casa - moradores de HIS e entorno dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto – Área 2

Quando você sente que chegou em casa?	Área 2			
	Bairro Vila Rica		Bairro Carlos Humberto	
	HIS (35)	E (20)	HIS (11)	E (10)
quando chega no bairro (na parada de ônibus)	22,9%	25,0%	27,3%	10,0%
quando está próximo (por ex. na quadra)	45,7%	35,0%	36,4%	20,0%
quando chega na frente da sua casa	17,1%	20,0%	9,1%	40,0%
quando chega dentro de casa	14,3%	20,0%	27,3%	30,0%

Os moradores de UPs dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto tem a sensação de chegar em casa ao chegar no bairro (por exemplo, na parada de ônibus) e os moradores de UCs e UEs do bairro Vila Rica tem essa sensação quando chegam na quadra de moradia. No bairro Carlos Humberto, os moradores de UCs têm essa sensação ao chegar dentro de casa e os moradores de UEs, ao chegar à frente de casa, conforme a Tabela 4.23.

Tabela 4.23: Sensação de chegar em casa - moradores de UPs, UCs e UEs dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto – Área 2

	Área 2					
	Bairro Vila Rica			Bairro Carlos Humberto		
	UP (9)	UC (26)	UE (20)	UP (5)	UC (6)	UE (10)
chega no bairro	44,4%	15,4%	25,0%	60,0%	0,0%	10,0%
chega na quadra	11,1%	57,7%	35,0%	40,0%	33,3%	20,0%
chega frente casa	33,3%	11,5%	20,0%	0,0%	16,7%	40,0%
chega dentro	11,1%	15,4%	20,0%	0,0%	50,0%	30,0%

Portanto, nos dois bairros, os moradores de UPs têm uma percepção mais ampla do território do que os moradores dos demais grupos. O fato dos moradores de UCs, do bairro Carlos Humberto, se sentirem em casa, somente quando chegam dentro de casa, evidencia a percepção de isolamento desses moradores e pode ser explicada pela forma como este conjunto está inserido na malha urbana, no limite do bairro, numa rua sem saída.

4.2.2.3 Imagem Percebida

A partir das informações obtidas nas entrevistas e nos questionários, constatou-se que os moradores do bairro Vila Rica, tanto de HIS (40%) quanto do Entorno (30%) tendem a perceber positivamente o bairro assim como os moradores de HIS (18,2%) e do entorno (40%) do bairro Carlos Humberto. Quando considerados os moradores de UPs, UCs e UEs constatou-se que tanto no bairro Vila Rica quanto no bairro Carlos Humberto, os moradores de UPs tendem a perceber o bairro mais positivamente (44,4%) do que os moradores de UCs e do entorno. Também foi possível medir a imagem percebida através da identificação de semelhanças e diferenças em relação à aparência das casas dos moradores de HIS e do entorno em relação às demais casas do bairro e da rua, que podem afetar a autoestima, a percepção de homogeneidade da vizinhança (dos moradores da

habitação de interesse social em relação aos moradores do entorno), influenciando na integração.

Quando considerados os grupos, separadamente, os moradores de UPs, UCs e UEs no bairro Vila Rica consideram as suas casas semelhantes às demais casas do bairro ou percebem somente os cuidados com o jardim/pátio. Já no Bairro Carlos Humberto, os moradores de UPs e UCs percebem os cuidados com o jardim/pátio, destacando-se que os moradores de UPs também percebem a manutenção das casas, enquanto a maioria dos moradores de UEs não percebe diferenças entre a sua casa e as demais casas da rua, conforme a Tabela 4.24.

Tabela 4.24: Diferenças identificadas entre a própria moradia e as casas dos vizinhos do bairro – A2

	Área 2					
	Bairro Vila Rica			Bairro Carlos Humberto		
	UP (9)	UC (26)	UE (20)	UP (5)	UC (6)	UE (10)
tipos de casas	33,3%	42,3%	20,0%	20,0%	33,3%	10,0%
materiais das casas	11,1%	23,1%	25,0%	0,0%	0,0%	10,0%
cores das casas	33,3%	38,5%	15,0%	20,0%	16,7%	10,0%
manutenção das casas	33,3%	26,9%	30,0%	40,0%	16,7%	30,0%
cuidados jardim/pátio	44,4%	42,3%	35,0%	40,0%	50,0%	10,0%
Nenhuma/parecidas	44,4%	42,3%	35,0%	20,0%	16,7%	70,0%

Foi constatado que no bairro Vila Rica a maioria dos moradores de UPs e UEs identificam como diferença entre a sua casa e as demais casas da rua os cuidados com o jardim e a maioria dos moradores de UCs não identificam diferenças, justamente por morarem em um contexto onde as moradias possuem a mesma tipologia. (Tabela 4.25).

Tabela 4.25: Diferenças identificadas entre a própria moradia e as casa dos vizinhos da rua – Área 2

	Área 2					
	Bairro Vila Rica			Bairro Carlos Humberto		
	UP (9)	UC (26)	UE (20)	UP (5)	UC (6)	UE (10)
tipos de casas	22,2%	11,5%	20,0%	40,0%	0,0%	10,0%
materiais das casas	22,2%	11,5%	20,0%	0,0%	0,0%	10,0%
cores das casas	33,3%	15,4%	20,0%	20,0%	0,0%	20,0%
manutenção das casas	33,3%	15,4%	40,0%	20,0%	33,3%	50,0%
cuidados jardim/pátio	55,6%	19,2%	50,0%	20,0%	0,0%	30,0%
nenhuma, parecidas	44,4%	65,4%	40,0%	40,0%	66,7%	40,0%

No bairro Carlos Humberto, a maioria dos moradores de UPs e de UEs, não identificam diferenças e os moradores de UCs percebem a manutenção das casas dos vizinhos da rua.

4.2.2.4 Satisfação com o bairro

Foi constatado que a totalidade de moradores (HIS e entorno) do bairro Carlos Humberto tende a estar satisfeita com o bairro de moradia. No bairro Vila Rica os moradores de HIS tendem a estar mais satisfeitos (82,8%) do que os moradores do entorno (75%). Quando considerados os grupos, separadamente, os moradores de UPs tendem a estar mais satisfeitos com o bairro Vila Rica (88,8%), do que os moradores de UCs (80,7%) e UEs (75%). A partir dos dados coletados, verificou-se os aspectos que mais afetam o nível de satisfação em morar no bairro dos moradores de HIS e do entorno, conforme a Tabela 4.26. Esses resultados sugerem que na Área 2, a qualidade da infraestrutura pode não estar afetando os níveis de satisfação com o bairro.

Tabela 4.26: Indicadores do nível de satisfação com os bairros Vila Rica e Carlos Humberto dos moradores de HIS e entorno e dos moradores de UPs, UCs e UEs – Área 2

Indicadores de satisfação com o bairro	Bairro Vila Rica	Bairro Carlos Humberto
	(amostra total)	(amostra total)
Vizinhança	(Spearman, $c = 0,502$; sig.=0,000)	(Spearman, $c = 0,675$; sig.=0,001)
Aparência das casas	(Spearman, $c = 0,388$; sig.=0,000)	-
Prox. centro	-	(Spearman, $c = 0,439$; sig.=0,047)

Considerando a amostra total, foi constatado que no bairro Vila Rica, a vizinhança foi avaliada positivamente pelos moradores de HIS (85,7%) e do entorno (80%), assim como a aparência das casas do bairro, avaliada positivamente pelos moradores de HIS (91,4%) e do entorno (80%). Quando considerados os grupos separadamente, a aparência foi avaliada positivamente por quase a totalidade de moradores de UCs (92,3%) e pela maioria dos moradores de UPs (88,9%) e UEs (80%) do bairro Vila Rica. A vizinhança do bairro também foi avaliada positivamente por todos os grupos, sendo que os moradores de UCs foram os mais satisfeitos (88,4%). No bairro Carlos Humberto, foi constatado que a totalidade dos moradores de HIS (100%) e quase a totalidade dos moradores do entorno (90%) tendem a estar satisfeitos com a vizinhança. Em relação à satisfação com a proximidade do centro, há um percentual de moradores de HIS satisfeitos (45,5%) e insatisfeitos (27,3%), isso também ocorre em relação aos moradores do entorno (50% satisfeitos e 20% insatisfeitos).

Considerando-se os grupos separadamente, em relação à vizinhança, a totalidade de moradores de UCs e UPs e quase a totalidade de moradores do entorno do bairro Carlos Humberto tendem a estar satisfeitos (90%). Foram constatadas diferenças significativas entre moradores de UPs, UCs e UEs no bairro Vila Rica em relação aos níveis de satisfação com a iluminação (K-W, $\chi^2 = 6,213$; sig. = 0,045), sendo que os moradores de UPs estão mais satisfeitos do que os moradores de UCs e de UEs (Tabela 4.27).

Tabela 4.27: Indicadores dos níveis de satisfação dos moradores de UPs, UCs e UEs com a iluminação do bairro.

Moradores do bairro Vila Rica	Satisfação com a iluminação do bairro
UPc	38,67
UCs	26,29
UEs	25,43

Nota: Os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis.

A satisfação com o bairro também foi medida através do questionamento sobre onde os moradores gostariam de morar se houvesse possibilidade de mudança, sendo que no bairro Vila Rica os moradores de HIS permaneceriam no bairro (40%) ou se mudariam para um local mais próximo do centro (34,3%) e os moradores do entorno também se mudariam para mais próximo do centro (50%) ou permaneceriam no mesmo bairro (35%). No bairro Carlos Humberto os moradores de HIS permaneceriam no mesmo bairro (54,5%) assim como os moradores do entorno (50%), o que confirma a maior satisfação com o bairro dos moradores do bairro Carlos Humberto do que dos moradores do bairro Vila Rica. Considerando-se os grupos separadamente, no bairro Vila Rica a maioria de moradores de UPs permaneceria no mesmo bairro, enquanto moradores de UCs e UEs se mudariam para locais mais próximos do centro. No bairro Carlos Humberto a maioria dos moradores de UPs e também, moradores de UEs, permaneceria no bairro, enquanto os moradores de UCs iriam para locais próximos do centro (Tabela 4.28).

Tabela 4.28: Se pudesse se mudar onde gostaria de morar – moradores da Área 2.

	Área 2					
	Bairro Vila Rica			Bairro Carlos Humberto		
	UP (9)	UC (26)	UE (20)	UP (5)	UC (6)	UE (10)
No mesmo bairro	66,7%	30,8%	35,0%	80,0%	33,3%	50,0%
No bairro que morava antes	0,0%	23,1%	0,0%	0,0%	0,0%	20,0%
Mais próximo do centro	33,3%	34,6%	50,0%	20,0%	50,0%	30,0%
Em outro bairro	0,0%	11,5%	15,0%	0,0%	16,7%	0,0%

Portanto, a maioria dos moradores de UPs, tanto do bairro Vila Rica (66,7%) quanto no Carlos Humberto (80%), permaneceria no bairro, se houvesse uma possibilidade de mudança, assim como os moradores de UEs do bairro Carlos Humberto, o que corrobora com os resultados dos níveis de satisfação com o bairro que indicam estes moradores como os mais satisfeitos. O fato de querer permanecer no bairro sugere a avaliação positiva do bairro pelos moradores.

4.2.2.5 Satisfação com a rua

Foi constatado que, em geral, a maioria dos moradores do bairro Vila Rica tende a estar satisfeita em morar na rua (81,9%) e quase a totalidade de moradores do bairro Carlos Humberto também tendem a estar satisfeitos com a rua de moradia (90,4%). Quando comparados os grupos, separadamente, a totalidade de moradores de UPs está satisfeita nos dois bairros, destacando-se os moradores de UPs do bairro Vila Rica (55,6% muito satisfeitos) e somente um percentual de moradores de UCs, avaliou negativamente a rua de moradia (21,5%). A totalidade de moradores de UPs e UEs do bairro Carlos Humberto também está satisfeita com a rua, destacando – se que há um percentual de moradores de UCs (33,3%) que não está nem satisfeito nem insatisfeito com a rua de moradia.

A partir dos dados coletados, verificou-se que o nível de satisfação em morar na rua, dos moradores de HIS e entorno do bairro Vila Rica é influenciado pelos aspectos apresentados na Tabela 4.29, abaixo.

Tabela 4.29: Indicadores do nível de satisfação com a rua dos moradores de HIS e entorno e dos moradores de UPs, UCs e UEs dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto.

Indicadores de satisfação com a rua	Bairro Vila Rica	Bairro Carlos Humberto
	(amostra total)	(amostra total)
vizinhança	(Spearman, c = 0,355; sig.=0,008)	(Spearman, c = 0,677; sig.=0,001)
aparência das casas	(Spearman, c = 0,336; sig.=0,012)	-
prox. centro	(Spearman, c = 0,331; sig.=0,013)	-
esgoto (mau-cheiro)	-	(Spearman, c = 0,664; sig.=0,001)
iluminação	-	(Spearman, c = 0,604; sig.=0,004)

Também foi constatado que, no bairro Vila Rica, os moradores de HIS (82,9%) e do entorno (75%) avaliam positivamente a vizinhança da rua e tanto os moradores de HIS (80%) quanto os moradores do entorno (75%) estão satisfeitos

com à aparência das casas da rua. Em relação à proximidade do centro os moradores de HIS (45,7%) tendem a estar insatisfeitos e os moradores do entorno tendem a estar satisfeitos (45%), o que pode estar relacionado à maiores possibilidades de locomoção dos moradores do entorno. Comparando-se os grupos de moradores de UPs, UCs e UEs, em relação à aparência das casas da rua, os moradores de UCs tendem a estar mais satisfeitos (80,8%). Em relação à proximidade do centro, os moradores de UPs tendem a estar mais satisfeitos (66,7%) e os moradores de UCs, mais insatisfeitos (53,8%).

Assim como em relação à iluminação do bairro, também foram constatadas diferenças significativas entre moradores de UPs, UCs e UEs no bairro Vila Rica em relação aos níveis de satisfação com a iluminação da rua (K-W, $\chi^2 = 7,982$; sig. = 0,018), sendo que os moradores de UPs estão mais satisfeitos do que os moradores de UEs e de UCs (Tabela 4.30).

Tabela 4.30: Indicadores dos níveis de satisfação com a rua dos moradores de UPs, UCs e UEs do bairro Vila Rica.

Moradores do bairro Vila Rica	Satisfação com a iluminação da rua
UPc	39,94
UCs	24,17
UEs	27,60

Nota: Os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis.

No bairro Carlos Humberto, os moradores de HIS (90,9%) e do entorno (90%) tendem a estar satisfeitos com a vizinhança da rua. Em relação ao esgoto, os moradores do entorno tendem a estar mais satisfeitos (90%) do que os moradores de HIS (63,9%). A totalidade de moradores do entorno e a maioria dos moradores de HIS (72,7%) tendem a estar satisfeitos com a iluminação da rua. Considerando os grupos, separadamente, a totalidade de moradores de UPs está satisfeita com a vizinhança da rua enquanto os moradores de UCs tendem a estar mais satisfeitos com a aparência das casas da rua (83,3%) e os moradores do entorno tendem a estar mais satisfeitos com ausência de mau cheiro (90%). Dessa forma, os resultados sugerem que aspectos relacionados à qualidade da infraestrutura podem estar influenciando os níveis de satisfação com a rua no bairro Carlos Humberto, no entanto, isso não ocorre no bairro Vila Rica.

4.2.2.6 Satisfação com a moradia

Foi constatado que a maioria dos moradores de HIS e do entorno do bairro Vila Rica, tende a estar satisfeita com o local de moradia, entretanto os moradores de HIS tendem a estar mais satisfeitos (85,7%) do que os moradores do entorno (75%). Já no bairro Carlos Humberto, a totalidade de moradores do entorno e quase a totalidade dos moradores de HIS (90,9%) estão satisfeitos com o local de moradia, indicando que em geral, os moradores tendem a estar mais satisfeitos com a moradia no bairro Carlos Humberto do que no bairro Vila Rica.

Quando comparados os grupos, separadamente, no bairro Vila Rica, os moradores de UPs tendem a estar mais satisfeitos (88,9%) e há um percentual de moradores de UEs nem satisfeitos nem insatisfeitos (25,0%). No bairro Carlos Humberto, a totalidade dos moradores de UPs e UEs está satisfeita com o local de moradia, destacando-se que, destes, 80% estão muito satisfeitos.

Não foi constatada correlação entre a satisfação com o local de moradia e outros aspectos no bairro Vila Rica, entretanto, no bairro Carlos Humberto o nível de satisfação com a moradia é afetado positivamente pelo nível de satisfação com o moradores do bairro (Spearman, $c = 0,664$; sig.=0,001) e negativamente pela percepção de ruídos dos vizinhos (Spearman, $c = - 0,625$; sig.=0,001).

4.2.2.7 Relacionamento entre vizinhos

Na caracterização de relacionamento social entre vizinhos do bairro Vila Rica, a percepção de amizades está correlacionada positivamente com a satisfação com os moradores da rua (Spearman, $c = 0,270$; sig.=0,046) e mais fortemente com a percepção de apoio e ajuda entre os vizinhos (Spearman, $c = 0,567$; sig.=0,000). A percepção de homogeneidade dos moradores está correlacionada positivamente com a satisfação com os moradores da rua de moradia (Spearman, $c = - 0,321$; sig.=0,017) e negativamente com a percepção do ruído dos vizinhos (Spearman, $c = - 0,501$; sig.=0,000) e atritos com os vizinhos (Spearman, $c = - 0,286$; sig.=0,034). Assim, foi constatado que os moradores de UPs do bairro Vila Rica tendem a estar mais satisfeitos com os vizinhos da rua (88,9%) e do bairro (88,9%), a perceber ajuda (88,9%) e a homogeneidade entre vizinhos (55,6%). Os moradores de UEs tendem a perceber mais intensamente as relações de amizade (70%), e por outro

lado, percebem o ruído dos vizinhos (35%). Já os moradores de UCs tendem a perceber atritos (26,9%) entre os vizinhos e a não se sentir seguros no local de moradia (42,3%).

No bairro Vila Rica, foi verificado que a percepção de ruído dos vizinhos está correlacionada negativamente com a satisfação com os moradores da rua (Spearman, $c = -0,449$; sig.=0,001), com a satisfação com os moradores do bairro (Spearman, $c = -0,348$; sig.=0,009) e positivamente com problemas, como se irritar com os vizinhos com frequência (Spearman, $c = -0,597$ sig.=0,000). O sentimento de não se sentir em casa na vizinhança está correlacionado negativamente com a satisfação com os vizinhos da rua (Spearman, $c = -0,278$; sig.=0,040) e positivamente com o sentimento de não se sentir seguro no local onde mora (Spearman, $c = 0,320$; sig.=0,017).

No bairro Carlos Humberto a percepção de ajuda e apoio entre os vizinhos está correlacionada positivamente com a satisfação com os vizinhos da rua (Spearman, $c = 0,506$; sig.=0,019) e a satisfação com os moradores do bairro (Spearman, $c = 0,487$; sig.=0,025) e negativamente com problemas como o ruído dos vizinhos (Spearman, $c = -0,487$; sig.=0,025) e se irritar com os vizinhos com frequência (Spearman, $c = -0,487$; sig.=0,025). Os moradores de UCs tendem a perceber a ajuda dos vizinhos (83,3%), a estar mais satisfeitos com os moradores da rua (83,3%), e por outro lado, tendem a perceber mais atritos entre vizinhos (33,3%). Já os moradores de UEs estão mais satisfeitos com os moradores do bairro (90%). Foi constatada diferença significativa em relação à percepção do ruído dos vizinhos entre os moradores do bairro Carlos Humberto (K-W, $\chi^2 = 8,341$; sig. = 0,015), sendo os mais insatisfeitos, os moradores de UCs (Tabela 4.31).

Tabela 4.31: Indicadores dos níveis de satisfação dos moradores de UPs, UCs e UEs do bairro Carlos Humberto com os vizinhos.

Moradores do bairro Carlos Humberto	Meus vizinhos fazem muito ruído
UPc	9,40
UCs	16,33
UEs	8,60

Nota: Os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis.

A satisfação com os vizinhos da rua está correlacionada negativamente com atritos entre eles (Spearman, $c = -0,461$; sig.=0,035) e com a sensação de que se teria mais contato com amigos e familiares se morasse em outra parte da cidade

(Spearman, $c = -0,453$; sig.=0,039) e a satisfação com os vizinhos do bairro está correlacionada negativamente com o ruído dos vizinhos (Spearman, $c = - 0,551$; sig.=0,010) e com a sensação de que se teria mais contato com amigos e familiares se morasse em outra parte da cidade (Spearman, $c = -0,531$; sig.=0,013).

A percepção de que se teria mais contato com amigos e familiares se morasse em outra parte da cidade, está correlacionada com a percepção de ruído dos vizinhos (Spearman, $c = - 0,587$; sig.= 0,005) e atritos com os vizinhos (Spearman, $c = 0,463$; sig.= 0,034) e negativamente com a percepção de ajuda entre os vizinhos (Spearman, $c = - 0,482$; sig.=0,027). Apesar de reconhecer ajuda e estar satisfeito com os vizinhos da rua, os moradores de UCs (33,3%) tem a sensação de que teriam mais contato com amigos e familiares se morassem em outra parte da cidade.

4.2.2.8 Considerações sobre a Área 2

A análise dos dados permitiu a caracterização da Área 2, quanto à qualidade da infraestrutura, localização na malha e outros aspectos específicos de cada bairro, como, por exemplo, o fato de somente no bairro Vila Rica estarem inseridos quatro conjuntos habitacionais de diferentes tamanhos (3 conjuntos de porte médio – C2 e 1 conjunto de porte pequeno – C1), que permitem uma primeira verificação da influência da qualidade da infraestrutura nos níveis de satisfação dos moradores. Assim, o fato dos moradores do bairro Carlos Humberto, em geral, parecerem mais satisfeitos com o bairro, com a rua e com o local de moradia do que os moradores do bairro Vila Rica (melhor provido de equipamentos, comércio, serviços, linhas de ônibus) sugere que a avaliação de desempenho não estaria sendo afetada pela qualidade da infraestrutura.

Através das entrevistas, o conjunto Vila Rica (de menor porte da Área 2) foi identificado como problemático tanto pelos moradores do entorno, quanto pelos moradores do próprio conjunto, o que ficou evidente nos relatórios das assistentes sociais da Prefeitura. Por outro lado, o fato dos moradores de UPs, aqui considerados os de menor dimensão, parecerem mais satisfeitos com diversos aspectos do bairro, da rua e do local de moradia, pode estar sugerindo a influência do tamanho do conjunto na avaliação de desempenho, que será verificada a seguir.

4.3 VERIFICAÇÃO DA INFLUÊNCIA DA QUALIDADE DA INFRAESTRUTURA NO NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A MORADIA

4.3.1 Localização e qualidade da infraestrutura

Foi constatado que a Área 1 está melhor atendida pelos equipamentos de lazer, de saúde e educacionais, de acordo com a legislação, do que a Área 2. No entanto, a Área 2 está melhor localizada na malha urbana, com maior acesso ao sistema viário, maior número de linhas e paradas de ônibus, apresentando também maior diversidade de usos, estabelecimentos comerciais e serviços do que a Área 1, destacando-se equipamentos atratores como um atacado e um supermercado. Já a Área 1 possui dois equipamentos considerados desvalorizantes, de acordo com os parâmetros de análise de viabilidade de empreendimentos da Caixa Econômica Federal (CEF), que são o Presídio e o Cemitério municipais, além disso, recentemente, foram implantados, mais três conjuntos grandes do Projeto Minha Casa nesta área, justamente por esta se caracterizar como periferia em área de expansão na cidade.

4.3.2 Apropriação e percepção de território

As atividades de lazer e convívio realizadas pelos moradores de HIS e entorno, nas duas áreas de estudo, são semelhantes, pois os moradores, além de permanecerem em casa, costumam freqüentar a casa de vizinhos. Quanto às diferenças, foi constatado que os moradores de HIS freqüentam mais a igreja na Área 1, do que na Área 2 e os moradores de HIS da Área 2 freqüentam as ruas enquanto os moradores de HIS da Área 1 não freqüentam, conforme a Tabela 4.32.

Tabela 4.32: Atividades de lazer e convívio dos moradores de HIS e Entorno – Áreas 1 e 2

	Área 1		Área 2	
	HIS (49)	Entorno (30)	HIS 46 (100)	Entorno 30 (100)
praças, áreas verdes	8,2%	16,7%	6,5%	10,0%
associação moradores do bairro	14,3%	13,3%	15,2%	10,0%
comunidade religiosa	40,8%	23,3%	17,4%	23,3%
clube social ou esportivo	0,0%	6,7%	0,0%	0,0%
rua	0,0%	3,3%	17,4%	13,3%
casa de vizinhos	49,0%	46,7%	43,5%	43,3%
própria	98,0%	96,7%	82,6%	80,0%
outro	0,0%	0,0%	2,2%	3,3%

Considerando-se os grupos separadamente, foi constatado que os moradores de UPs não freqüentam praças na Área 2, o que sugere menor contato com os moradores do entorno, e os moradores de UPs e UCs não freqüentam as ruas na Área 1. Os moradores de UCs e UPs da Área 1 freqüentam mais a igreja do que os moradores destes grupos da Área 2 e os moradores do entorno participam de mais atividades de convívio na Área 1 do que na Área 2, o que sugere maior integração dos moradores de HIS com o entorno na Área 1 (Tabela 4.33).

Tabela 4.33: Atividades de lazer e convívio dos moradores de UP, UC e UE – Áreas 1 e 2

	Área 1			Área 2		
	UP (17)	UC (32)	UE (30)	UP (14)	UC (32)	UE (30)
praças, áreas verdes	5,9%	9,4%	16,7%	,0%	9,4%	10,0%
associação moradores do bairro	5,9%	18,8%	13,3%	7,1%	18,8%	10,0%
comunidade religiosa	35,3%	43,8%	23,3%	14,3%	18,8%	23,3%
clube social ou esportivo	0,0%	0,0%	6,7%	0,0%	0,0%	0,0%
rua	0,0%	0,0%	3,3%	7,1%	21,9%	13,3%
casa de vizinhos	41,2%	53,1%	46,7%	35,7%	46,9%	43,3%
própria	100,0%	96,9%	96,7%	92,9%	78,1%	80,0%
outro	,0%	,0%	,0%	,0%	3,1%	3,3%

Em relação às atividades das crianças, também foram constatadas semelhanças entre as crianças moradoras de HIS e do entorno, que além de brincarem em casa também brincam na casa de vizinhos. No entanto, foi constatado que as crianças moradoras do entorno da Área 1 tendem a brincar mais na praça do que as crianças do entorno da Área 2 (Tabela 4.34), o que sugere maior possibilidade de encontros com os moradores de HIS, possibilitando maior integração destes com o entorno.

Tabela 4.34: Atividades de lazer e convívio das crianças (HIS e Entorno) - Áreas 1 e 2

	Área 1		Área 2	
	HIS (49)	Entorno (30)	HIS (46)	Entorno (30)
praças, áreas verdes	28,6%	23,3%	21,7%	3,3%
ruas	34,7%	6,7%	13,0%	16,7%
casa vizinhos	30,6%	16,7%	17,4%	23,3%
própria casa	57,1%	56,7%	67,4%	50,0%
clube/associação bairro	4,1%	0,0%	0,0%	3,3%
não tem criança	32,7%	33,3%	28,3%	43,3%
outro	4,1%	10,0%	,0%	3,3%

Na comparação entre moradores de UPs, UCs e UEs nas duas áreas, foi constatado que as crianças moradoras de UPs realizam mais atividades de convívio na Área 1 do que na Área 2, o que, juntamente com o fato de brincarem mais na

casa de vizinhos, sugere maior integração destas com crianças do entorno na Área 1 do que na Área 2, conforme a Tabela 4.35.

Tabela 4.35: Atividades de lazer e convívio das crianças (UP, UC, UE) - Áreas 1 e 2

	Área 1			Área 2		
	UP (17)	UC (32)	UE (30)	UP (14)	UC (32)	UE (30)
praças, áreas verdes	41,2%	21,9%	23,3%	7,1%	28,1%	3,3%
ruas	17,6%	43,8%	6,7%	7,1%	15,6%	16,7%
casa vizinhos	29,4%	31,3%	16,7%	7,1%	21,9%	23,3%
própria casa	52,9%	59,4%	56,7%	64,3%	68,8%	50,0%
clube/associação bairro	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	0,0%	3,3%
não tem criança	29,4%	34,4%	33,3%	18,4%	42,1%	39,5%
outro	11,8%	0,0%	10,0%	0,0%	0,0%	3,3%

Por outro lado, comparando-se os bairros de cada área, que possuem características específicas quanto à proximidade de equipamentos e serviços, foi constatado que embora o bairro Vista Alegre possua maior número de áreas verdes e de lazer na Área 1, em geral, os adultos praticam mais atividades de lazer e convívio no bairro Missões do que no bairro Vista Alegre, exceto ir à igreja (atividade que foi citada por um número maior de moradores do bairro Vista Alegre).

Também foi constatado um número maior de crianças que praticam atividades de lazer e convívio no bairro Missões do que no bairro Vista Alegre na Área 1, indicando que essas áreas podem não estar atendendo adequadamente as necessidades dos moradores o que sugere que outros fatores podem estar afetando a apropriação. Já na Área 2, um percentual maior de moradores do bairro Vila Rica frequenta a praça, a igreja e a casa de vizinhos enquanto um percentual maior de moradores do bairro Carlos Humberto citou como atividade de convívio frequentar a associação e a rua, apesar de não existir associação de moradores neste bairro. Isso pode ser explicado pela presença da pastoral da criança, alguns dias num local que alguns moradores consideraram como a sede da associação dos moradores.

Em relação às crianças, um percentual maior delas brinca na rua e casa de vizinhos no bairro Vila Rica enquanto no bairro Carlos Humberto as brincadeiras ocorrem mais nas praças, o que pode estar associado à presença da pracinha no bairro e também no conjunto Carlos Humberto.

Portanto, foi constatado que os moradores (adultos) e as crianças realizam mais atividades de lazer e convívio na Área 1 do que na Área 2, o que pode estar associado à qualidade de infraestrutura da Área 1, superior à Área 2 quanto à

proximidade de equipamentos de lazer, educacionais e de saúde da moradia, indicando assim que a qualidade da infraestrutura pode estar afetando o uso e a apropriação dos bairros pelos moradores.

A apropriação das áreas pelos moradores, também foi medida através dos indicadores de uso e dos fatores socioeconômicos dos moradores. Foi constatado que os moradores respondentes, tanto de HIS como do entorno da Área 2 trabalham em casa e no bairro e costumam realizar as compras diárias no bairro, o que não ocorre na Área 1, onde a maioria dos moradores tanto de HIS quanto do entorno trabalha e realiza as compras no centro (Tabela 4.36).

Tabela 4.36 – Indicadores de uso e fatores socioeconômicos dos moradores de UPs, UCs e UEs das Áreas 1 e 2.

	Área 1			Área 2		
	UP (17)	UC (32)	UE (30)	UP (14)	UC (32)	UE (30)
Local de estudo dos filhos						
No bairro	82,4%	21,9%	50,0%	50,0%	50,0%	23,3%
Em outro bairro	5,9%	56,3%	20,0%	21,4%	31,3%	50,0%
Em outra cidade	0,0%	0,0%	3,3%	0,0%	0,0%	0,0%
Não tem filhos/não	11,8%	21,9%	26,7%	28,6%	18,8%	26,7%
Meio de locomoção						
a pé	29,4%	25,0%	10,0%	21,4%	25,0%	16,7%
bicicleta	23,5%	6,3%	3,3%	0,0%	12,5%	6,7%
motocicleta	11,8%	21,9%	6,7%	7,1%	3,1%	6,7%
carro	5,9%	0,0%	30,0%	7,1%	0,0%	20,0%
ônibus	29,4%	46,9%	50,0%	64,3%	59,4%	50,0%
Local de trabalho						
em casa	5,9%	15,6%	33,3%	57,1%	31,3%	46,7%
no bairro	0,0%	3,1%	3,3%	14,3%	15,6%	3,3%
outro bairro	29,4%	34,4%	13,3%	7,1%	12,5%	10,0%
no centro	47,1%	40,6%	33,3%	21,4%	34,4%	26,7%
outra cidade	17,6%	6,3%	16,7%	0,0%	0,0%	3,3%
não trabalha	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	6,3%	10,0%
Hábitos de compra						
no bairro	23,5%	25,0%	33,3%	78,6%	65,6%	63,3%
no centro	58,8%	43,8%	43,3%	7,1%	18,8%	26,7%
outros bairros	17,6%	18,8%	23,3%	14,3%	12,5%	10,0%

Portanto, o fato dos moradores de UPs, UCs e UEs trabalharem e realizarem as compras no bairro, associados à maior utilização do ônibus como meio de locomoção pelos moradores de UPs e UCs na Área 2, parece sugerir que à qualidade da infraestrutura da Área 2, superior à Área 1 em termos de provisão de comércio, transporte e serviços estaria afetando a apropriação, possibilitando mais encontros e trocas entre os moradores de HIS e do entorno nas paradas de ônibus e nos estabelecimentos comerciais na Área 2 do que da Área 1. Também foi constatado que em geral, os motivos apontados para a indicação de locais mais

agradáveis coincidem com equipamentos existentes (de lazer e educacionais) enquanto a indicação de locais desagradáveis está relacionada à questão da insegurança nos bairros. As ruas apontadas pelos moradores, nos mapas mentais, estão relacionadas com a percepção de limites do bairro e coincidem com as vias principais de cada bairro e com as ruas do entorno das moradias dos respondentes.

Em geral, os moradores da Área 2 apresentam percepção mais ampla de território quando comparados aos moradores da Área 1, que também foi medida através do questionamento de quando os moradores se sentem em casa, sendo que a maioria dos moradores, de todos os bairros, tanto da Área 1 quanto da Área 2 têm essa sensação ao chegar na quadra de moradia, destacando-se um percentual de moradores do bairro Vista Alegre, da Área 1, tem essa sensação ao chegar na frente de casa (36,4%) e um percentual de moradores do bairro Carlos Humberto tem essa sensação ao chegar dentro de casa (28,6%), o que demonstra a percepção mais restrita destes moradores, dos limites do bairro.

4.3.3 Imagem Percebida

A partir das informações obtidas através das entrevistas e questionários, foi constatado que os moradores tanto de HIS quanto do entorno, da Área 1, tendem a perceber negativamente os bairros de moradia. Já na Área 2, os moradores de HIS e entorno tendem a perceber positivamente os bairros. Comparando-se os bairros da Área 2, os moradores do bairro Vila Rica tendem a perceber mais positivamente o bairro do que os moradores do bairro Carlos Humberto, apesar de terem sido identificados muitos problemas de relacionamento entre vizinhos no conjunto Vila Rica (UC1 - de pequeno porte) nos relatórios das assistentes sociais da Prefeitura. Quando comparados os grupos, separadamente, os moradores de UPs tendem a ter uma imagem mais positiva dos bairros do que os moradores de UCs e UEs nas duas áreas.

Os moradores tanto de HIS quanto do entorno, da Área 1, tendem a perceber semelhanças entre a sua casa e as demais casas do bairro e dentre as diferenças percebidas destaca-se a manutenção das casas. No entanto, na Área 2, os moradores do entorno tendem a perceber semelhanças, enquanto os moradores de HIS tendem a perceber os cuidados com o jardim/pátio. Comparando-se os bairros

de cada área, tanto na Área 1 quanto na Área 2 os moradores tendem a perceber mais semelhanças entre a sua casa em relação às demais casas do bairro.

Os moradores de UPs, UCs e UEs da Área 1, além de perceberem semelhanças entre a sua casa e as casas do bairro, também percebem a manutenção. Já na Área 2 os moradores de UEs tendem a perceber as semelhanças entre as casas, enquanto moradores de UPs e UCs percebem os cuidados com o jardim/pátio. Isso sugere que os moradores de HIS da Área 1 consideram suas casas semelhantes às casas do bairro e se sentem mais parecidos com os moradores do entorno do que os moradores de HIS da Área 2. (Tabela 4.37).

Tabela 4.37: Diferenças identificadas entre a própria moradia e a casa dos vizinhos do bairro

	Área 1			Área 2		
	UP (9)	UC (28)	UE (20)	UP (8)	UC (4)	UE (10)
tipos de casas	17,6%	15,6%	23,3%	28,6%	40,6%	16,7%
materiais das casas	0,0%	0,0%	0,0%	7,1%	18,8%	20,0%
cores das casas	29,4%	25,0%	30,0%	28,6%	34,4%	13,3%
manutenção das casas	29,4%	31,3%	40,0%	35,7%	25,0%	30,0%
cuidados com o jardim/pátio	23,5%	18,8%	30,0%	42,9%	43,8%	26,7%
nenhuma acho parecidas	52,9%	53,1%	50,0%	28,6%	34,4%	60,0%

Em relação às diferenças identificadas pelos moradores entre a própria moradia e as casas dos vizinhos na rua, foi constatado que, na Área 1 os moradores do bairro Missões identificam mais semelhanças entre as suas casas e as demais casas da rua, do que os moradores do bairro Vista Alegre, o que pode ser influenciado pela dimensão do conjunto (de grande porte). Já na Área 2, tanto os moradores do bairro Vila Rica, quanto os moradores do bairro Carlos Humberto percebem mais semelhanças entre a sua casa e as casas dos vizinhos da rua.

Na Área 1, os moradores tanto de HIS quanto do entorno tendem a perceber mais semelhanças entre a sua casa e as demais casas da rua, e dentre as diferenças percebidas destaca-se os cuidados com o jardim/pátio. Já na Área 2, os moradores de HIS tendem a perceber mais semelhanças entre a sua casa e as casas dos vizinhos da rua enquanto os moradores do entorno tendem a perceber a manutenção e os cuidados com o jardim/pátio.

Na Área 1, os moradores de UPs tendem a perceber diferenças de cores, enquanto moradores de UCs e UEs percebem mais as semelhanças. Na Área 2, os moradores de UCs e UPs tendem a perceber mais semelhanças entre a sua casa e

as casas da rua, os moradores de UPs, juntamente com os moradores de UEs, também tendem a perceber os cuidados com o jardim/pátio, sendo que os moradores de UEs também percebem a manutenção. (Tabela 4.38).

Tabela 4.38: Diferenças identificadas entre a própria moradia e as casa dos vizinhos da rua

	Área 1			Área 2		
	UP (17)	UC (32)	UE (30)	UP (14)	UC (32)	UE (30)
tipos de casas	17,6%	9,4%	23,3%	28,6%	9,4%	16,7%
materiais das casas	29,4%	12,5%	23,3%	14,3%	9,4%	16,7%
cores das casas	52,9%	21,9%	26,7%	28,6%	12,5%	20,0%
manutenção das casas	29,4%	34,4%	20,0%	28,6%	18,8%	43,3%
cuidados com o jardim/pátio	23,5%	40,6%	33,3%	42,9%	15,6%	43,3%
nenhuma acho parecidas	35,3%	50,0%	46,7%	42,9%	65,6%	40,0%

Portanto, em geral, os moradores tendem a perceber mais positivamente os bairros de moradia e a observar mais diferenças entre as casas na Área 2 do que na Área 1, o que sugere que a percepção de diferenças entre as suas casas e as casas dos vizinhos pode não estar afetando a imagem percebida e a autoestima dos moradores.

O fato dos moradores perceberem mais semelhanças entre as casas do bairro também vem ao encontro do que foi constatado nos levantamentos de arquivos (maiores diferenças quanto ao padrão construtivo das casas na Área 2 do que na Área1). A imagem negativa do bairro Missões, na Área 1, conforme foi visto anteriormente pode ser explicada por problemas de relacionamento entre vizinhos e insegurança indicados nas entrevistas e nos relatórios das assistentes sociais da prefeitura que fizeram o acompanhamento das famílias.

4.3.4 Satisfação com o bairro

Considerando toda a amostra (moradores das Áreas 1 e 2), os moradores da Área 2 tendem a estar mais satisfeitos com o bairro do que os moradores da Área 1. Considerando os moradores de HIS e entorno dos bairros Missões e Vista Alegre, da Área 1 e dos bairros Vila Rica e Carlos Humberto, da Área 2, os níveis de satisfação com o bairro foram influenciados pelos aspectos apresentados na Tabela 4.39, abaixo.

Tabela 4.39: Indicadores do nível de satisfação com os bairros nas Áreas 1 e 2 (amostra total).

Indicadores de satisfação com o bairro	Área 1	Área 2
	(amostra total) HIS e E	(amostra total) HIS e E
Aparência das casas	(Spearman, c = 0,232; sig.=0,039)	(Spearman, c = 0,321; sig.=0,005)
Prox. posto de saúde	(Spearman, c = 0,274; sig.=0,027)	-
Prox. parques praças	(Spearman, c = 0,330; sig.=0,003)	-
Prox. do centro	-	(Spearman, c = 0,238; sig.=0,038)
Segurança	(Spearman, c = 0,380; sig.=0,001)	(Spearman, c = 0,227; sig.=0,048)
Vizinhança	(Spearman, c = 0,483; sig.=0,000)	(Spearman, c = 0,530; sig.=0,000)

Não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos (HIS e entorno ou UCs, UPs, UEs) em relação à satisfação com o bairro em nenhuma das áreas. No entanto, as freqüências sugerem que na Área 1, os moradores do entorno tendem a estar mais satisfeitos do que os moradores de HIS enquanto na Área 2 os moradores de HIS tendem a estar mais satisfeitos do que os moradores do entorno. Foram constatadas diferenças significativas entre moradores de HIS e entorno na Área 1 em relação aos níveis de satisfação com a aparência das casas do bairro (K-W, $\chi^2 = 4,187$; sig. = 0,041), proximidade do posto de saúde (K-W, $\chi^2 = 4,605$; sig. = 0,032) e proximidade de parques e praças (K-W, $\chi^2 = 6,460$; sig. = 0,011), sendo que os moradores do entorno estão mais satisfeitos com estes aspectos (Tabela 4.40).

Tabela 4.40: Relação dos indicadores de satisfação com o bairro dos moradores da amostras de HIS e Entorno da Área 1

Indicadores de satisfação com o bairro	Área 1	
	HIS (37)	E(20)
aparência das casas	36,31	46,03
proximidade do posto de saúde	36,53	45,67
proximidade da praça	35,11	47,98

Nota 1: Os números representam as médias dos valores ordinais obtidos a partir do teste estatístico não-paramétrico Kruskal – Wallis – K-W.

Ainda foram constatadas diferenças significativas entre moradores de UC, UP e UE da Área 1, em relação aos níveis de satisfação com a proximidade das creches e escolas (K-W, $\chi^2 = 5,973$; sig. = 0,050), proximidade de parques e praças (K-W, $\chi^2 = 6,466$; sig. = 0,039), e satisfação com a segurança (K-W, $\chi^2 = 5,973$; sig. = 0,050). Os moradores de UCs estão mais satisfeitos com a proximidade de equipamentos educacionais, (o que vem ao encontro do que foi constatado anteriormente, quanto ao melhor atendimento da Área 1 em relação à estes equipamentos) e os moradores do entorno estão mais satisfeitos com os demais

aspectos, conforme a Tabela 4.41, sugerindo, deste ponto de vista, a influência destes aspectos da infraestrutura na avaliação de desempenho dos moradores.

Tabela 4.41: Relação dos indicadores de satisfação com o bairro dos moradores da amostra de UC, UP, UE da Áreas 1

	Área 1		
	UP(17)	UC (32)	UE (30)
Satisfação com a proximidade de creches e escolas	33,26	44,56	38,95
Satisfação com a proximidade de parques e praças	34,79	35,28	47,98
Satisfação com a segurança do bairro	45,59	32,17	45,18

Nota 1: Os valores tratam das médias dos valores ordinais (obtidos a partir do teste Kruskal – Wallis – K-W. Quanto maior o valor maior a satisfação com os indicadores.

No bairro Vista Alegre os moradores de UCs tendem a estar mais satisfeitos com o bairro (100%) e um percentual de moradores de UCs no bairro Missões tende a estar insatisfeito (17,9%). No bairro Carlos Humberto os moradores de UEs tendem a estar mais satisfeitos com o bairro (100% e destes 40% muito satisfeitos).

As freqüências sugerem que, os moradores do bairro Vista Alegre tendem a estar mais satisfeitos na Área 1 e os moradores do bairro Carlos Humberto tendem a estar mais satisfeitos na Área 2, ou seja, que os bairros menos providos de infraestrutura tendem a estar mais satisfeitos nas duas áreas de estudo. Salienta-se que o conjunto de maior porte (C3 – Missões) está inserido na Área 1. Portanto, a qualidade da infraestrutura parece não estar afetando os níveis de satisfação dos moradores, já que estes dois bairros são os menos servidos por equipamentos, comércio e serviços, das duas área estudadas.

4.3.5 Satisfação com a rua

Os moradores da Área 2 tendem a estar mais satisfeitos com a rua de moradia do que os moradores da Área 1, sendo que os moradores do bairro Carlos Humberto tendem a estar mais satisfeitos com a rua de moradia na Área 2 e os moradores do bairro Vista Alegre tendem a estar mais satisfeitos com a rua de moradia na Área 1, sugerindo que a qualidade da infraestrutura pode não estar afetando a satisfação com a rua de moradia, e que esta, pode estar sendo afetada mais fortemente por outros fatores. A satisfação com a rua é influenciada por diferentes aspectos nas duas áreas, conforme a Tabela 4.42.

Tabela 4.42: Indicadores do nível de satisfação com a rua dos moradores de HIS e entorno das Áreas 1 e 2

Indicadores de satisfação com a rua	Área 1	Área 2
	(HIS e Entorno) e (UCs, UPs e UEs)	(HIS e Entorno) e (UCs, UPs e UEs)
esgoto (mau-cheiro)	(Spearman, $c = 0,304$; $sig.=0,006$)	(Spearman, $c = 0,265$; $sig.=0,021$)
aparência das casas	(Spearman, $c = 0,241$; $sig.=0,032$)	(Spearman, $c = 0,289$; $sig.=0,011$)
prox. praças	(Spearman, $c = 0,411$; $sig.=0,000$)	-
prox. centro	(Spearman, $c = 0,374$; $sig.=0,001$)	(Spearman, $c = 0,313$; $sig.=0,006$)
segurança (rua)	(Spearman, $c = 0,447$; $sig.=0,000$)	-
vizinhança (rua)	(Spearman, $c = 0,600$; $sig.=0,000$)	-
acesso ao transporte	-	(Spearman, $c = 0,278$; $sig.=0,015$)
prox. posto de saúde	-	(Spearman, $c = 0,259$; $sig.=0,024$)

O fato do nível de satisfação com a rua, na Área 1 estar sendo influenciado por aspectos, tais como, a segurança e a vizinhança pode estar relacionado aos problemas de insegurança e de relacionamento entre vizinhos do entorno e do próprio conjunto, citados pelos moradores do bairro Missões, nas entrevistas. Foi constatado que o acesso ao transporte influencia positivamente o nível de satisfação com a rua na Área 2, o que pode ser explicado pela maior quantidade de linhas de ônibus e pela proximidade das paradas de ônibus dos respondentes, que está relacionada à qualidade da infraestrutura superior à da Área 1. No entanto, o fato da proximidade de posto de saúde estar influenciando positivamente o nível de satisfação com a rua, na Área 2, vai de encontro ao que foi constatado em relação aos raios de abrangência, pois a Área 1 está melhor atendida por equipamento de saúde do que a Área 2, indicando que outros fatores podem estar influenciando mais fortemente os níveis de satisfação com a rua de moradia do que a qualidade da infraestrutura.

Considerando a amostra total, foram encontradas diferenças significativas entre os moradores da Área 1 e da Área 2 em relação à satisfação com a ausência de mau-cheiro na rua (K-W, $\chi^2 = 7,692$; $sig. = 0,006$), a aparência das casas (K-W, $\chi^2 = 7,897$; $sig. = 0,005$), a proximidade de posto de saúde (K-W, $\chi^2 = 5,196$; $sig. = 0,023$) e a segurança da rua (K-W, $\chi^2 = 11,045$; $sig. = 0,001$), sendo que os moradores da Área 2 estão mais satisfeitos com a ausência de mau-cheiro, a aparência das casas e a segurança, enquanto os moradores da Área 1 estão mais satisfeitos com a proximidade do posto de saúde (Tabela 4.43), o que corrobora com o levantamento físico, e com a verificação do melhor atendimento da Área 1 por este equipamento.

Tabela 4.43: Indicadores dos níveis de satisfação com a rua dos moradores das Áreas 1 e 2 (amostra total).

	Satisfação com a ausência de mau cheiro na rua	Satisfação com a aparência das casas da rua	Satisfação com a proximidade de posto de saúde	Satisfação com a segurança da rua
Moradores da A1	69,63	69,48	84,75	67,27
Moradores da A2	86,70	86,86	70,99	89,15

Nota: Os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis.

Na Área 1 foi encontrada diferença significativa nos níveis de satisfação dos moradores de HIS e do entorno em relação à proximidade de parques e praças (K-W, $\chi^2 = 4,931$; sig. = 0,026), sendo que os moradores do entorno estão mais satisfeitos (Tabela 4.34). Na Área 2, foi encontrada diferença significativa no nível de satisfação dos moradores de UCs, UPs e UEs, somente em relação à iluminação da rua (K-W, $\chi^2 = 11,934$; sig. = 0,003), sendo que os mais satisfeitos são os moradores de UPs, conforme a Tabela 4.44.

Tabela 4.44: Indicadores dos níveis de satisfação com a rua dos moradores de HIS e Entorno da Área 1 e moradores de UPs, UCs e UEs da Área 2

Moradores da Área 1	Satisfação com a proximidade de praças	Moradores da Área 2	Satisfação com a iluminação da rua
HIS	35,74	UPs	52,50
Entorno	46,95	UCs	31,19
		UEs	39,77

Nota: Os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis.

Portanto, apesar do nível de satisfação dos moradores das Áreas 1 e 2 estar sendo influenciado por aspectos relacionados à qualidade da infraestrutura, o fato dos moradores de bairros menos providos destes equipamentos estarem mais satisfeitos com o bairro e com a rua de moradia nas duas áreas, sugere que outros aspectos podem estar influenciando mais fortemente a avaliação de desempenho dos moradores.

4.3.6 Satisfação com a moradia

Contrariamente aos resultados dos níveis de satisfação com o bairro e com a rua, em que os moradores da Área 2 tendem a estar mais satisfeitos, em relação à

satisfação com o local de moradia, os moradores da Área 1 tendem a estar mais satisfeitos do que os moradores da Área 2, sendo que os moradores do bairro Missões tendem a estar mais satisfeitos na Área 1 e os moradores do bairro Carlos Humberto tendem a estar mais satisfeitos na Área 2. A partir dos dados coletados, verificaram-se os indicadores de satisfação com o local de moradia, conforme a Tabela 4.45.

Tabela 4.45: Indicadores do nível de satisfação com a moradia dos moradores de HIS e entorno das Áreas 1 e 2

Indicadores de satisfação com a moradia	Área 1	Área 2
	(HIS e Entorno)	(HIS e Entorno)
moradores da rua	(Spearman, c = 0,380; sig.=0,001)	-
moradores do bairro	(Spearman, c = 0,391; sig.=0,000)	(Spearman, c = 0,237; sig.=0,039)
vizinhos parecidos	(Spearman, c = - 0,271; sig.=0,016)	(Spearman, c = 0,250; sig.=0,029)

O fato da percepção de homogeneidade da vizinhança, afetar negativamente os níveis de satisfação com o local de moradia na Área 1 e positivamente, na Área 2 pode ser explicado através dos relatórios da Prefeitura que indicam que o Conjunto Missões apresenta problemas sociais e das entrevistas, onde moradores do conjunto e do entorno, principalmente do bairro Missões (Área 1), citaram que os vizinhos eram ‘todos iguais’, referindo-se negativamente aos demais moradores, considerando-se diferentes destes, enquanto os moradores da Área 2 se consideram mais parecidos com os vizinhos, o que sugere maior integração dos moradores da Área 2 no entorno.

Dessa forma, também foi encontrada diferença significativa entre os moradores das Áreas 1 e 2 quanto ao relacionamento com os moradores do bairro (K-W, $\chi^2 = 4,827$; sig. = 0,028), sendo que os moradores da Área 2 percebem melhores relações com os vizinhos do bairro, quando comparados aos moradores da Área 1 (Tabela 4.45). Em relação à satisfação com o local de moradia, foi encontrada diferença significativa entre os moradores de HIS e entorno, somente na Área 1 (K-W, $\chi^2 = 6,161$; sig. = 0,013), sendo que os moradores de HIS estão mais satisfeitos, conforme a Tabela 4.46.

Tabela 4.46: Indicadores dos níveis de satisfação: a) com o relacionamento com os vizinhos do bairro dos moradores das Áreas 1 e 2 e b) com a moradia, dos moradores de HIS e Entorno da Área 1

Amostra total	Relacionamento com os moradores do bairro	Moradores da Área 1	Satisfação com o local de moradia
Moradores da Área 1	71,44	HIS	44,34
Moradores da Área 2	84,82	Entorno	32,92

Nota: Os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis.

Portanto, observa-se que diferentemente dos níveis de satisfação com o bairro e com a rua, o nível de satisfação com o local de moradia parece ser influenciado mais fortemente por outros fatores, do que pelos aspectos relacionados à qualidade da infraestrutura.

4.3.7 Relacionamento entre vizinhos

Foi constatado que os moradores da Área 2 tendem a perceber melhores relações com os moradores do bairro (80,3%) e da rua (81,6%) quando comparados aos moradores da Área 1. Na caracterização do relacionamento social entre vizinhos da Área 1, a satisfação com os moradores da rua está correlacionada: a) positivamente com a satisfação com os moradores do bairro (Spearman, $c = 0,809$; sig.=0,000), com a relação de amizade (Spearman, $c = 0,302$; sig.=0,007) e com sentir-se seguro no local de moradia (Spearman, $c = 0,380$; sig.=0,001) e b) negativamente com a sensação de que haveria mais contato com amigos e familiares se morasse em outra parte da cidade (Spearman, $c = -0,355$; sig.=0,001), com o ruído dos vizinhos (Spearman, $c = -0,264$; sig.=0,019) e com atritos com os vizinhos (Spearman, $c = -0,264$; sig.=0,019).

Ainda, a ocorrência de atritos entre vizinhos está correlacionada positivamente com o ruído dos vizinhos (Spearman, $c = 0,434$; sig.=0,000) e com a sensação de que se teria mais contato com amigos e familiares morando em outra parte da cidade (Spearman, $c = 0,325$; sig.=0,003) e o sentimento de insegurança no local de moradia está correlacionado com não se sentir em casa na vizinhança (Spearman, $c = 0,267$; sig.=0,017).

Na Área 2 a satisfação com os moradores da rua está correlacionada: a) positivamente com a satisfação com os moradores do bairro (Spearman, $c = 0,551$; sig.=0,000), com a percepção de homogeneidade na vizinhança (Spearman, $c =$

0,329; sig.=0,004), com a percepção de ajuda mútua (Spearman, $c = 0,495$; sig.=0,000) e com a relação de amizade (Spearman, $c = 0,242$; sig.=0,036) e b) negativamente com o ruído dos vizinhos (Spearman, $c = - 0,445$; sig.=0,000), e com os atritos com os vizinhos (Spearman, $c = -0,415$; sig.=0,000). O ruído dos vizinhos está correlacionado positivamente com os atritos entre vizinhos (Spearman, $c = 0,605$; sig.=0,000) e não se sentir em casa na vizinhança está correlacionado com o sentimento de insegurança com o local de moradia (Spearman, $c = 0,276$; sig.=0,016).

Foi constatada variação estatística significativa entre os moradores das duas áreas em relação à satisfação com os moradores do bairro (K-W, $\chi^2 = 4,827$; sig. = 0,028), sendo que os moradores da Área 2 estão mais satisfeitos, e em relação à sensação de não estar em casa na vizinhança (K-W, $\chi^2 = 4,233$; sig. = 0,040), e os moradores da Área 2 se sentem mais em casa do que os moradores da Área 1 em relação à vizinhança, indicando maior integração.

4.3.8 Considerações sobre as Áreas 1 e 2

Concluindo sobre a influência da qualidade da infraestrutura na avaliação de desempenho e na integração dos moradores da habitação social na malha urbana existente, conforme comparadas as Áreas 1 e 2, foi constatado que, os moradores tendem a realizar mais atividades de lazer e convívio na Área 1 do que na Área 2, sendo que a Área 1 é melhor servida de equipamentos de lazer e educacionais, que estariam, portanto afetando a apropriação. Os moradores da Área 2, melhor atendida em termos de comércio, transporte e serviços, tendem a ter uma percepção mais ampla de território, a perceber mais positivamente a imagem da área e a estar mais satisfeitos com o bairro e com a rua de moradia, quando comparados aos moradores da Área 1.

Apesar do Conjunto Missões estar localizado numa periferia em área de expansão, na Área 1, ser de grande porte, dificultar a melhor localização e inserção na malha urbana, enquanto conjuntos de menor dimensão, como por exemplo, o Conjunto Vila Rica, apresentam maior facilidade de inserção em áreas melhores localizadas na cidade, com mais acesso à infraestrutura, possibilitando maior apropriação do bairro e do local de moradia pelos moradores da habitação de

interesse social, os moradores tanto do entorno quanto dos próprios conjuntos, tendiam a perceber negativamente esses dois conjuntos.

Assim, o Conjunto Vila Rica, localizado na Área 2, com maior qualidade de infraestrutura também apresentou problemas sociais, evidenciados nos relatórios dos assistentes sociais da Prefeitura, de relacionamento com os vizinhos e de integração com o entorno, sendo citados, pelos moradores do entorno, como locais desagradáveis no bairro de moradia, nas entrevistas e nos mapas mentais.

Portanto, também foi verificado que, apesar da qualidade da infraestrutura possibilitar maior contato entre os moradores da habitação social e do entorno, os moradores dos bairros menos providos de infraestrutura (Vista Alegre – na Área 1 e Carlos Humberto – na Área 2), tendiam a estar mais satisfeitos com o bairro e com a rua de moradia, nas duas áreas estudadas. Neste sentido, a partir da verificação da influência da qualidade de infraestrutura e da localização na malha urbana, os resultados indicam que existem outros fatores que afetam o desempenho da moradia, como por exemplo, os problemas sociais, indicando que a dimensão (número de moradias), parece ser independente da qualidade da infraestrutura, sendo possível, portanto, verificar se especificamente, o tamanho dos conjuntos habitacionais afeta nos níveis de satisfação e na integração dos moradores de habitação de interesse social, a partir da hipótese, apresentada a seguir. A verificação dos resultados analisa as atitudes e comportamento dos respondentes de acordo com os múltiplos métodos utilizados.

4.4 VERIFICAÇÃO DA INFLUÊNCIA DO TAMANHO DO CONJUNTO (NÚMERO DE UNIDADES) NO NÍVEL DE SATISFAÇÃO E NA INTEGRAÇÃO DOS MORADORES DE HABITAÇÃO SOCIAL

A hipótese investiga se a dimensão da habitação de interesse social (no tocante ao número de unidades) contribui para o desempenho da moradia, como elemento de inserção no contexto urbano, afetando o sentimento de pertencimento dos moradores, sendo que quanto menor o número de unidades de habitação de interesse social, menor o estigma dos moradores e maior a probabilidade de integração com o entorno, por ser maior a semelhança com a implantação de uma unidade isolada, quando comparados conjuntos de diferentes tamanhos, e vice-versa.

A verificação dessas relações foi realizada através da comparação, a partir do agrupamento das unidades concentradas (conjuntos de diferentes tamanhos) em UC1, UC2 e UC3 e das unidades pulverizadas (UPs), das duas áreas, ou seja, independentemente da área em que estão localizados, em relação à apropriação, à percepção dos limites de território, à imagem percebida, à satisfação com o bairro, com a rua e com a moradia e à percepção do relacionamento com os vizinhos, conforme segue.

4.4.1 Apropriação e percepção de território

Foi constatado que, em geral, os moradores de UC2 e UC3 tendem a realizar mais atividades de lazer e convívio com os vizinhos, o que sugere que moradores de conjuntos de maiores dimensões tendem a interagir mais com os moradores do próprio conjunto, quando comparados aos moradores de conjuntos menores e das unidades pulverizadas, conforme a Tabela 4.47. Cabe ponderar que a proximidade de outras moradias pode facilitar o contato entre os moradores.

Tabela 4.47: Atividades de lazer e convívio dos moradores de UP, C1, C2 e C3

Atividades adultos	UP (31)	C1 - pequeno (8)	C2 - médio (28)	C3 - grande (28)
praças	3,2%	0,0%	10,7%	10,7%
associação de moradores	6,5%	12,5%	21,4%	17,9%
igreja	25,8%	37,5%	21,4%	39,3%
rua	3,2%	0,0%	25,0%	0,0%
casa de vizinhos	38,7%	12,5%	53,6%	57,1%
própria casa	96,8%	100%	75,0%	96,4%
outro	0,0%	0,0%	3,6%	0,0%

Da mesma forma, os moradores de UC2 e UC3 tendem a freqüentar mais a casa de vizinhos do que os moradores de conjuntos menores (UC1 e UP), o que também é observado em relação às atividades das crianças moradoras de UC3, que costumam brincar mais nas ruas e na casa de vizinhos e as crianças moradoras de UC2 costumam brincar nas praças (Tabela 4.48).

Tabela 4.48: Atividades de lazer e convívio das crianças moradoras de UP, C1, C2 e C3

Onde as crianças brincam	UP (31)	C1- pequeno (8)	C2 - médio (28)	C3 - grande (28)
praças	25,8%	0,0%	32,1%	25,0%
ruas	12,9%	37,5%	10,7%	46,4%
casa de vizinhos	19,4%	12,5%	25,0%	32,1%
própria casa	58,1%	62,5%	67,9%	60,7%
clube/associação bairro	3,2%	12,5%	0,0%	0,0%
não tem criança	32,3%	25,0%	25,0%	35,7%
outro	6,5%	0,0%	0,0%	0,0%

Foi verificado que moradores do conjunto de maior dimensão (UC3) tendem a realizar mais atividades de convívio com os vizinhos, sustentando, portanto, o que diz na literatura, que moradores de conjuntos habitacionais localizados distantes da área urbana consolidada tendem a se relacionar mais entre si, diminuindo a possibilidade de integração com os moradores do entorno.

Em relação à percepção do território, os moradores que apresentaram informações mais detalhadas nos mapas mentais, foram os moradores de UC2 seguidos dos moradores de UPs, demonstrando que estes grupos têm uma percepção mais ampla dos limites do bairro de moradia. No entanto, ao serem questionados sobre quando se sentem casa, os moradores de UPs tendem a se sentir em casa quando chegam ao bairro (na parada de ônibus), os moradores de UC1 e UC2, quando estão próximos da quadra de moradia, e os moradores de UC3 quando chegam dentro de casa, o que sugere que quanto menor a dimensão da habitação de interesse social maior a percepção do território pelos moradores de habitação de interesse social.

É importante destacar que, conforme foi confirmado através dos mapas mentais, moradores de conjuntos habitacionais maiores, no caso do Conjunto Missões, podem perder a noção dos limites do bairro, tendendo a perceber o próprio conjunto como o bairro de moradia, repercutindo também na percepção da imagem do bairro, por estes moradores.

4.4.2 Imagem Percebida

Foi constatado que moradores de UC3 tendem a perceber mais negativamente o bairro de moradia (89,3%) quando comparados aos moradores de conjuntos de menores dimensões. Verificou-se, através das entrevistas e mapas

mentais, que os moradores do conjunto de maior porte (Conjunto Missões - C3) percebem negativamente a presença dos moradores do próprio conjunto no bairro. Assim, os resultados sugerem que a maior dimensão do conjunto pode estar afetando negativamente o sentimento de pertencimento, a autoestima dos moradores e a imagem do conjunto. Os moradores de UC3 tendem a perceber mais semelhanças do que diferenças entre a sua casa e as demais casas da rua, pois moram num grande espaço, com várias casas de mesma tipologia e tendem a perceber a homogeneidade na vizinhança, ou seja, o conjunto homogêneo, mas diferente do contexto. As diferenças físicas percebidas, que são a manutenção e cuidados com o jardim e pátio (Tabela 4.49), confirmam o que foi observado nos levantamentos físicos: melhor manutenção e cuidados com os jardins das moradias da primeira quadra do que da segunda quadra do conjunto, que tendem a reforçar a imagem negativa que os moradores do próprio conjunto têm destes moradores do segundo quarteirão.

Tabela 4.49: Diferenças identificadas entre a própria moradia e as casa dos vizinhos da rua

	UP (31)	C1- pequeno (8)	C2 - médio (28)	C3 - grande (28)
Tipos de casas	22,6%	12,5%	7,1%	10,7%
Materiais das casas	12,5%	7,1%	14,3%	22,6%
cores das casas	41,9%	25,0%	10,7%	21,4%
manutenção	29,0%	25,0%	17,9%	35,7%
cuidados com jardim/pátio	32,3%	25,0%	17,9%	39,3%
nenhuma acho parecidas	38,7%	62,5%	64,3%	50,0%

Por outro lado, em relação às diferenças percebidas pelos moradores entre a sua moradia e as casas dos vizinhos do bairro, os moradores de UC3 percebem mais semelhanças, já que a repetitividade, ou seja a semelhança resultante da repetição de um maior número de moradias faz com que os moradores tenham a tendência de considerar o conjunto como o próprio bairro (se sentem semelhantes entre si, mas perdem a noção do entorno), enquanto os moradores de UC2 (de tamanho médio) percebem mais diferenças quanto aos tipos, cores e cuidados com o jardim, quando comparados aos moradores dos demais grupos (tendem a se perceber como conjunto dentro de um entorno diferenciado), sendo que os moradores de UP, UC1 (menor dimensão) tendem a perceber mais semelhanças (Tabela 4.50).

Tabela 4.50: Diferenças identificadas entre a própria moradia e as casa dos vizinhos do bairro

	UP (31)	C1- pequeno (8)	C2 - médio (28)	C3 - grande (28)
tipos de casas	22,6%	12,5%	42,9%	17,9%
Materiais das casas	12,9%	12,5%	17,9%	17,9%
cores das casas	29,0%	25,0%	35,7%	25,0%
manutenção	32,3%	12,5%	25,0%	35,7%
Cuidados com jardim/pátio	32,3%	12,5%	46,4%	21,4%
nenhuma, acho parecidas	41,9%	75,0%	28,6%	50,0%

Assim, o fato dos moradores de UC2 se sentirem mais parecidos em relação às casas da rua e diferentes em relação às casas do bairro demonstra maior percepção de território quando comparados aos moradores de UC3 e o fato dos moradores de conjuntos de pequeno porte (UC1) e de unidades pulverizadas (UP) perceberem mais semelhanças entre as suas casas e as demais casas do bairro, sugere que estes moradores percebem a homogeneidade entre o conjunto e o entorno, se sentindo mais integrados, evidenciando que a dimensão da habitação de interesse social, no tocante ao número de unidades, está afetando o sentimento de pertencimento dos moradores de habitação social, sendo que os moradores de unidades pulverizadas e de conjuntos menores se sentem mais pertencentes ao entorno, e portanto menos segregados.

4.4.3 Satisfação com o bairro

Em geral, os moradores de todos os grupos tendem a estar satisfeitos com o bairro, no entanto, os moradores de unidades pulverizadas (UPs) tendem a estar mais satisfeitos com o bairro de moradia, seguidos dos moradores de conjunto de pequeno porte (UC1), o que sugere que a menor dimensão (número de unidades da habitação social) pode estar afetando positivamente a avaliação de desempenho e a inserção dos moradores. A partir dos dados coletados, considerando-se toda a amostra, verificou-se que o nível de satisfação em morar no bairro dos moradores de UP, UC1, UC2 e UC3 é influenciado pelos aspectos apresentados na Tabela 4.51.

Tabela 4.51: Indicadores do nível de satisfação com o bairro dos moradores de UP, UC1, UC2 e UC3

Indicadores de satisfação com o bairro	Amostra total
aparência das casas do bairro	(Spearman, c = 0,294; sig.=0,000)
proximidade de praças	(Spearman, c = 0,178; sig.=0,027)
proximidade do centro	(Spearman, c = 0,209; sig.=0,009)
segurança no bairro	(Spearman, c = 0,316; sig.=0,000)
vizinhança do bairro	(Spearman, c = 0,494; sig.=0,000)

Foi constatada variação significativa entre os moradores de todos os grupos (UP, UC1, UC2 e UC3) em relação à satisfação com a aparência das casas do bairro (K-W, $\chi^2 = 12,008$; sig. = 0,007), com a proximidade de creches e escolas (K-W, $\chi^2 = 10,659$; sig. = 0,014), com a segurança (K-W, $\chi^2 = 13,969$; sig. = 0,003) e com a vizinhança (K-W, $\chi^2 = 8,955$; sig. = 0,030) do bairro de moradia. Sendo que os moradores de UPs estão mais satisfeitos com a segurança e a vizinhança do bairro, enquanto os moradores de UC1 e UC2 têm uma avaliação mais positiva da aparência das casas do bairro. Já os moradores de UC3 estão mais satisfeitos, somente com a proximidade de creches e escolas, o que confirma o levantamento físico, que identificou a maior proximidade do conjunto Missões (C3 – grande porte) aos equipamentos educacionais do que os demais conjuntos (Tabela 4.52).

Tabela 4.52: Satisfação com o bairro

	UP	UC1	UC2	UC3
aparência das casas do bairro	49,65	56,25	56,25	35,57
proximidade de creches e escolas	45,61	37,88	42,96	58,57
Segurança do bairro	56,26	44,50	54,61	33,25
Vizinhança do bairro	53,92	53,00	49,98	38,04

Nota: os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis.

Além disso, foi constatado que os moradores do conjunto de maior dimensão (UC3) estão menos satisfeitos com os demais aspectos, o que valida a hipótese de que a maior dimensão pode afetar negativamente a satisfação dos moradores de habitação social com o bairro. É importante destacar que a aparência, a segurança e a vizinhança são os aspectos mais fortemente correlacionados à satisfação com o bairro de moradia. Ainda ressalta-se o que foi constatado anteriormente, nas entrevistas dos moradores do Conjunto Missões, que indicaram problemas de insegurança no bairro, associados à proximidade do conjunto ao presídio e problemas de relacionamento entre vizinhos, que pode estar associado aos problemas sociais que têm como consequência a menor integração com o entorno, a maior estigmatização dos moradores do conjunto Missões, pelos moradores do entorno e pelos moradores do próprio conjunto.

Também foram constatados nas entrevistas e relatórios da Prefeitura, problemas socioeconômicos e de relacionamento entre os vizinhos do próprio conjunto e entre vizinhos do conjunto e do entorno no Conjunto Vila Rica, de pequeno porte, no entanto, nos resultados dos questionários, os níveis de satisfação

desses moradores parecem não terem sido afetados, o poderia ser explicado pelo tamanho reduzido da amostra.

4.4.4 Satisfação com a rua

Da mesma forma que ocorre em relação à satisfação com o bairro, foi constatado que em relação à satisfação com a rua, os moradores de UPs tendem a estar mais satisfeitos, seguidos dos moradores de UC1, corroborando com a hipótese de que a menor dimensão pode estar afetando positivamente a avaliação da rua, pelos moradores. A partir dos dados coletados, considerando-se a amostra total, verificou-se que o nível de satisfação com a rua dos moradores de UP, UC1, UC2 e UC3 é influenciado positivamente pelos aspectos apresentados na Tabela 4.53.

Tabela 4.53: Indicadores do nível de satisfação com a rua dos moradores da amostra total

Indicadores de satisfação com a rua	Amostra total (UP, UC1, UC2 e UC3)
mau-cheiro (esgoto)	(Spearman, $c = 0,315$; sig.= 0,000)
acesso ao transporte (ônibus)	(Spearman, $c = 0,162$; sig.= 0,044)
aparência das casas da rua	(Spearman, $c = 0,393$; sig.= 0,000)
proximidade de comércios e serviços	(Spearman, $c = 0,215$; sig.= 0,007)
proximidade de posto de saúde	(Spearman, $c = 0,252$; sig.= 0,002)
proximidade do centro	(Spearman, $c = 0,298$; sig.= 0,000)
segurança no bairro	(Spearman, $c = 0,316$; sig.= 0,000)
vizinhança do bairro	(Spearman, $c = 0,494$; sig.= 0,000)

A satisfação com a rua, diferentemente da satisfação com o bairro, é influenciada por outros fatores relacionados à infraestrutura, tais como, a ausência de mau-cheiro (esgoto), o acesso ao ônibus, a proximidade de comércio e serviços, do posto de saúde e do centro. Foi constatada variação significativa entre os moradores de todos os grupos (UP, UC1, UC2 e UC3) em relação à satisfação com a iluminação da rua (K-W, $\chi^2 = 10,1830$; sig. = 0,017), à aparência das casas do bairro (K-W, $\chi^2 = 13,448$; sig. = 0,004), à proximidade de creche e escola (K-W, $\chi^2 = 7,961$; sig. = 0,047), e a satisfação com a segurança da rua (K-W, $\chi^2 = 16,085$; sig. = 0,001).

Também foi constatada a correlação positiva entre a iluminação e a segurança da rua (Spearman, $c = 0,185$; sig.= 0,021), sendo que respondentes de UPs estão mais satisfeitos com a iluminação e com a segurança na rua de moradia. Já os moradores de UC1 estão mais satisfeitos com a aparência das casas da rua e

os moradores de UC3 estão mais satisfeitos com a proximidade de creches e escolas, devido à presença da escola e da creche nas adjacências imediatas do conjunto, conforme a Tabela 4.54.

Tabela 4.54: Satisfação com a rua

	UP	UC1	UC2	UC3
Iluminação da rua	55,24	41,50	36,71	53,13
aparência das casas do bairro	48,71	63,00	55,46	35,46
proximidade de creches e escolas	44,34	35,44	47,79	55,86
segurança da rua	56,31	45,50	55,07	32,45

Nota: os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis.

Os resultados corroboram com a hipótese de que os moradores de habitação social de menor dimensão tendem a estar mais satisfeitos e integrados ao entorno, já que os moradores de unidades pulverizadas (UPs – 1 unidade) e os moradores de conjuntos de menor porte (UC1 – 6 e 7 unidades), avaliaram positivamente um maior número de aspectos da rua do que os moradores de conjuntos habitacionais de maiores dimensões.

4.4.5 Satisfação com a moradia

Os moradores de todos os grupos tendem a estar satisfeitos com o local de moradia, no entanto, foi verificado que os moradores de conjuntos de maior porte (UC3) tendem a avaliar mais positivamente o local de moradia, seguidos dos moradores de conjuntos de menor porte (UC1). Isto poderia ser explicado pela constatação de que o tempo de residência está associado à satisfação com o local de moradia, e que os moradores de UC3 tendem a ser os mais antigos quando comparados aos moradores dos conjuntos de menor dimensão (Cramér's $V = 0,477$, sig = 0,000), como demonstra a Tabela 4.55.

Tabela 4.55: Diferenças e semelhanças quanto ao tempo de moradia por grupo de morador

	Morador de UP	Morador de UC1	Morador de UC2	Morador de UC3
Tempo de moradia por grupo de morador	38,7% - 3 a 5 anos 25,8% - 1 a 2 anos	87,5% - 3 a 5 anos 12,5% - 1 a 2 anos	82,1% - 3 a 5 anos 17,9% - 1 a 2 anos	75% - 6 a 10 anos 17,9% - 3 a 5 anos

A satisfação com o local de moradia é fortemente influenciada tanto pelo relacionamento com os vizinhos da rua (Spearman, $c = 0,292$; sig.=0,000), como do

bairro (Spearman, $c = 0,326$; $\text{sig.} = 0,000$), o que sugere que a satisfação com o local de moradia pode ser afetada pelo relacionamento entre vizinhos, que também está correlacionado a outros aspectos, conforme segue.

4.4.6 Relacionamento entre vizinhos

Os resultados dos questionários indicam que os moradores de UPs, seguidos dos moradores de UC1, tendem a ter uma avaliação mais positiva do relacionamento com os vizinhos da rua, quando comparados com os moradores de conjuntos de maiores dimensões. Verificou-se que o relacionamento com os vizinhos da rua é influenciado pelos aspectos apresentados na Tabela 4.56.

Tabela 4.56: Indicadores do relacionamento entre moradores de UP, UC1, UC2 e UC3 e vizinhos da rua

Indicadores do relacionamento entre vizinhos	Amostra total
homogeneidade da vizinhança	(Spearman, $c = 0,164$; $\text{sig.} = 0,042$)
relações de amizade	(Spearman, $c = 0,260$; $\text{sig.} = 0,001$)
ajuda entre vizinhos	(Spearman, $c = 0,311$; $\text{sig.} = 0,000$)
ruído dos vizinhos	(Spearman, $c = - 0,350$; $\text{sig.} = 0,000$)
atrito entre vizinhos	(Spearman, $c = - 0,337$; $\text{sig.} = 0,000$)
mais contato com amigos se morar em outra parte da cidade	(Spearman, $c = - 0,275$; $\text{sig.} = 0,001$)

Conforme citado anteriormente, os moradores de conjuntos maiores tendem a relacionar-se mais com moradores do próprio conjunto, quando comparados aos moradores de conjuntos de dimensões menores. Neste caso, ao considerarem o relacionamento com os vizinhos da rua, os moradores de conjuntos maiores referem-se aos moradores do próprio conjunto, enquanto os moradores de conjuntos menores e de unidades pulverizadas referem-se aos moradores do entorno. Assim, o fato dos moradores de UPs e UC1 avaliarem mais positivamente o relacionamento com os vizinhos da rua, corrobora com a hipótese de que o menor número de unidades da habitação de interesse social afeta o sentimento de pertencimento dos moradores e contribui para a maior integração destes na cidade.

Os moradores de UPs também tendem a perceber mais positivamente o relacionamento com os vizinhos do bairro, quando comparados aos moradores dos demais grupos. Verificou-se que o relacionamento com os vizinhos do bairro é influenciado pelos mesmos indicadores do que o relacionamento com os vizinhos da rua, exceto pela homogeneidade da vizinhança (Tabela 4.57).

Tabela 4.57: Indicadores do relacionamento entre moradores de UP, UC1, UC2 e UC3 e vizinhos do bairro

Indicadores do relacionamento entre vizinhos	Amostra total
relações de amizade	(Spearman, $c = 0,218$; sig.= 0,007)
ajuda entre vizinhos	(Spearman, $c = 0,246$; sig.= 0,002)
ruído dos vizinhos	(Spearman, $c = - 0,289$; sig.= 0,000)
atrito entre vizinhos	(Spearman, $c = - 0,264$; sig.= 0,001)
mais contato amigos se morasse em outra parte da cidade	(Spearman, $c = - 0,249$; sig.= 0,002)

Também foi verificado que o sentimento de não pertencimento (não se sentir em casa na vizinhança) está fortemente correlacionado com a falta de segurança no local de moradia (Spearman, $c = 0,259$; sig.= 0,001). Foi constatada variação significativa entre os moradores de UP, UC1, UC2 e UC3 em relação ao ruído dos vizinhos da rua (K-W, $\chi^2 = 17,442$; sig. = 0,001), à insegurança com o local de moradia (K-W, $\chi^2 = 16,430$; sig. = 0,001) e à percepção de que teriam mais contato com amigos e familiares se morassem em outra parte da cidade (K-W, $\chi^2 = 15,449$; sig. = 0,001). Assim, os moradores de UC3 percebem mais o ruído dos vizinhos, os moradores de UC1, se sentem mais inseguros no local de moradia, e os moradores de UC2 sentem que teriam mais contato com amigos e vizinhos se morasse em outra parte da cidade, conforme a Tabela 4.58.

Tabela 4.58: Relacionamento entre vizinhos

	UP	UC1	UC2	UC3
ruído dos vizinhos	34,15	46,63	51,80	59,93
insegurança no local de moradia	57,60	24,50	52,71	39,38
mais contato com amigos se morasse em outra parte da cidade	35,42	49,63	59,86	49,61

Nota: os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis.

Indicando que outros fatores, além da dimensão, também podem contribuir para os problemas de relacionamento entre os vizinhos, como por exemplo, os problemas socioeconômicos indicados nos relatórios das assistentes sociais da Prefeitura, tanto em UC3 quanto em UC1, que podem gerar sentimento de insegurança nos moradores, contribuindo para maior o estigma do conjunto habitacional e menor a integração com o entorno. Já os moradores de UC2 sentem que teriam mais contato com amigos e vizinhos se morassem em outra parte da cidade, o que pode ser influenciado pelo local de moradia anterior, já que foi constatado que a maioria dos moradores de UC2 moravam em outros bairros distantes.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais resultados obtidos a partir da investigação que busca a compreensão dos efeitos da dimensão na avaliação de desempenho dos moradores de habitação de interesse social e na inserção do indivíduo no entorno imediato na cidade, são apresentados a seguir:

Sobre o papel da dimensão como elemento de inserção do indivíduo na estrutura social, verificou-se que:

- A dimensão do conjunto habitacional pode influenciar os níveis de satisfação e a autoestima dos moradores de habitação de interesse social, sendo que quanto menor for o número de unidades do conjunto, menor é o “estigma” de morador de habitação social e maior é a possibilidade de integração com o entorno imediato e com a cidade;

- Unidades pulverizadas (isoladas) e conjuntos de pequeno porte podem ser mais facilmente inseridos dentro da malha urbana existente e melhor localizados, próximos dos locais de serviços e comércio, o que pode afetar positivamente a autoestima, a percepção de ser igual ao entorno e a satisfação dos moradores com o local onde moram, com a rua e com o bairro;

- A inserção de moradias pulverizadas na malha urbana, ou de conjuntos de pequeno porte, tendem a diminuir a identificação visual e conseqüentemente, a imagem de “conjunto habitacional”, permitindo a manutenção das relações sociais, originalmente estabelecidas, minimizando a identificação da habitação de interesse social como um espaço estigmatizado;

- Moradores de unidades pulverizadas e conjuntos de pequeno porte tendem a apresentar melhor avaliação do relacionamento com os vizinhos da rua e do bairro onde moram, enquanto moradores de conjuntos maiores percebem mais o ruído dos vizinhos e ao mesmo tempo tendem a perceber mais relações de amizade entre eles, o que reforça a maior possibilidade de integração de moradores de UPs e de conjuntos menores com o entorno, já que os moradores de conjuntos maiores tendem a ter maior convívio com os moradores do próprio conjunto;

- A qualidade da infraestrutura pode proporcionar mais encontros e integração entre os moradores da habitação social e do entorno, facilitar o acesso à equipamentos, comércio, serviços, transporte, e afetar na apropriação do local de

moradia, pelos moradores. No entanto, a tendência dos moradores dos bairros menos providos de infraestrutura estarem mais satisfeitos nas duas áreas, sugere que a avaliação de desempenho da moradia pode ser influenciada mais fortemente por outros fatores, por exemplo, por problemas sociais e econômicos dos moradores e pelo tamanho do conjunto.

- Moradores do conjunto de maior porte (Conjunto Missões - UC3) foram percebidos como pertencentes ao bairro, de forma negativa, tanto pelos moradores do entorno quanto pelos moradores do próprio bairro, e moradores de um dos conjunto de pequeno porte (UC1 – Vila Rica) foram percebidos negativamente no bairro pelos moradores do entorno, o que sugere que o maior número de unidades pode facilitar a identificação e a estigmatização do conjunto na malha urbana, mas outros fatores, tais como os problemas sociais, também podem afetar a autoestima e a integração dos moradores da habitação de interesse social na cidade.

CAPÍTULO 5: CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo apresenta a conclusão geral do trabalho. Inicialmente são apresentados os aspectos relacionados ao problema de pesquisa, aos objetivos e aos métodos utilizados para a investigação. Após, os resultados das hipóteses investigadas são sintetizados e discutidos. Por fim, são apresentadas as limitações do estudo, a relevância dos resultados e as implicações destes nas políticas de produção da habitação de interesse social.

5.2 PROBLEMA DA PESQUISA OBJETIVOS E MÉTODOS

Considerando o contexto contemporâneo em que a questão da provisão da habitação está inserida nas políticas públicas de desenvolvimento urbano, a fundamentação para os programas e projetos torna-se relevante para a construção de bairros, conjuntos e vizinhanças que integrem e acolham os moradores no espaço urbano. Neste sentido, a partir da apresentação do histórico da produção da HIS, especialmente no Brasil, com o panorama das políticas e ações da última década, esta pesquisa analisou a inserção da habitação de interesse social pelas tradicionais políticas públicas e constatou, com base na literatura, que o lugar e a maneira como as moradias de interesse social são inseridas podem influenciar o uso e a apropriação dos espaços próximos à residência, afetando o nível de satisfação, o sentimento de pertencimento e a integração dos moradores da habitação social com o entorno.

Tendo como problema de pesquisa a verificação dos efeitos das formas de inserção da habitação através de programas habitacionais, nos níveis de satisfação e integração dos moradores da habitação de interesse social na cidade, foi realizado um estudo comparativo entre trinta e uma moradias isoladas e sete conjuntos habitacionais de diferentes tamanhos (número de unidades) inseridos pelo Projeto Minha Casa, em duas áreas urbanas diferenciadas quanto às características de infraestrutura (melhores ou piores condições urbanas e de localização), localizadas na cidade de Santiago – RS.

A comparação entre as duas áreas de estudo foi realizada a partir das percepções dos diferentes grupos de moradores (moradores de unidades pulverizadas, moradores de conjuntos de diferentes tamanhos e moradores do entorno) e contribuiu para a compreensão da influência da diferença no número de unidades habitacionais na avaliação de desempenho da habitação de interesse social. Levou-se em consideração que aspectos que constituem a qualidade de infraestrutura podem influenciar o uso, a apropriação do bairro e a interação social dos moradores.

O levantamento e análise dos dados foram realizados através da aplicação de múltiplos métodos, possibilitando maior confiabilidade, precisão e validade das informações. Os dados foram levantados com o objetivo de caracterizar o ambiente construído e os procedimentos adotados incluíram levantamento de arquivo sobre o Projeto Minha Casa, através do material fornecido pelo Desenvolvimento Social, órgão da Prefeitura municipal de Santiago; levantamento físico e fotográfico das moradias pulverizadas e conjuntos habitacionais selecionadas nas duas áreas investigadas; aplicação de mapas mentais com entrevistas e questionários, com o objetivo de compreender as diferenças na apropriação, percepção de território e os níveis de satisfação dos moradores dos diferentes grupos.

A análise de dados foi realizada através de recursos computacionais estatísticos, e os múltiplos métodos de coleta e análise de dados possibilitaram a complementaridade dos resultados obtidos, aumentando a validação da investigação, mostrando-se favoráveis ao desenvolvimento de uma metodologia adequada para avaliar o desempenho do ambiente construído quanto aos efeitos na integração dos moradores na cidade.

Os objetivos deste trabalho concentraram-se, basicamente, em analisar os aspectos que exercem influência nos níveis de satisfação e integração social dos moradores, avaliando, primeiramente, a questão relacionada às diferenças na qualidade da infraestrutura. Os objetivos foram parcialmente alcançados, pois apesar de verificada a influência da qualidade da infraestrutura na apropriação das áreas próximas à moradia, proporcionando mais encontros e integração entre moradores da habitação de interesse social e do entorno, foi constatado que a avaliação de desempenho também pode ser influenciada por outros fatores, tais como problemas sociais, além do tamanho dos conjuntos.

Foi possível medir os efeitos do tamanho dos conjuntos, no tocante ao número de moradias, enquanto elemento agregador ou desagregador do indivíduo na estrutura social, verificando as características de inserção mais adequadas à integração do morador de habitação de interesse social com o entorno.

Embora mais estudos sejam necessários, este trabalho responde ao problema de pesquisa sobre os efeitos das formas de inserção e do tamanho dos conjuntos nos níveis de satisfação e integração social dos moradores do próprio conjunto e do conjunto com o entorno imediato e com a cidade.

A partir das generalizações admitidas e limitações existentes, o estudo fornece subsídios teóricos que podem contribuir para programas de inserção da habitação de interesse social que propiciem de forma mais adequada maior integração entre os moradores da HIS e do entorno, contribuindo para o maior sentimento de pertencimento e integração à cidade.

5.3 HIPÓTESE DE PESQUISA

Os resultados obtidos permitem emitir algumas considerações relevantes sobre a influência das formas de inserção dos conjuntos habitacionais de interesse social, levando em consideração os aspectos relacionados à qualidade da infraestrutura e ao tamanho dos conjuntos, no tocante ao número de unidades, e seus efeitos na apropriação das áreas e na integração dos moradores da habitação de interesse social com os moradores do entorno. Assim, a hipótese de trabalho foi explorada em duas partes, conforme segue:

A primeira parte que trata da verificação da relação entre a qualidade da infraestrutura (melhores ou piores condições urbanas e localização na malha) e os níveis de satisfação e a integração da habitação de interesse social no entorno, foi sustentada quando comparadas as duas áreas. No entanto, quando comparados os bairros, os moradores dos bairros menos providos de qualidade de infraestrutura tendiam a estar mais satisfeitos, nas duas áreas, o que parece ter sido influenciado pelo fato de existirem conjuntos com problemas socioeconômicos nos outros bairros. Portanto, os resultados indicam que mesmo quando a qualidade da infraestrutura é mais adequada, o nível de satisfação com o local de moradia pode ser afetado pelos problemas relacionados ao perfil dos moradores.

A segunda parte trata da influência do tamanho dos conjuntos (de 1 até 50 unidades) nos níveis de satisfação, no sentimento de pertencimento e na integração dos moradores da habitação de interesse social com o entorno. Para esta hipótese é sustentado que quanto menor o tamanho dos conjuntos, mais facilmente eles podem ser inseridos na malha urbana existente e melhor localizados, próximos dos locais de serviços e comércio, o que pode afetar positivamente a autoestima dos moradores, a percepção de serem semelhantes aos moradores do entorno e o nível de satisfação com o local onde moram, pois menor é o “estigma” de morador de habitação social e maior é a possibilidade de integração com os moradores do entorno imediato e com a cidade.

A verificação da hipótese em duas partes foi necessária para explicar e identificar os fatores que podem contribuir para que as habitações de interesse social, na forma pulverizada ou em conjuntos, sejam espaços de integração dos moradores ao contexto urbano, em toda a sua dimensão: física, social e econômica. Nesse sentido, os resultados sustentam que a inserção de moradias pulverizadas na malha urbana, ou de conjuntos de pequeno porte, tendem a minimizar a identificação da habitação de interesse social como um espaço estigmatizado, permitindo a manutenção das relações sociais originalmente estabelecidas. Assim, moradores de unidades pulverizadas e conjuntos de pequeno porte tendem a apresentar melhor avaliação do relacionamento com os vizinhos do local onde moram, o que reforça a possibilidade de integração com entorno.

Ainda, segundo os resultados obtidos, conjuntos que apresentam problemas sociais de relacionamento e percepção de falta de segurança são percebidos negativamente como integrantes do bairro, tanto pelos moradores do entorno quanto pelos moradores do próprio conjunto, independentemente se serem de grande ou pequeno porte. Neste sentido, as evidências indicam que além do maior número de unidades salientar o reconhecimento do conjunto na malha urbana, os problemas sociais também podem afetar significativamente a autoestima e a integração dos moradores da habitação de interesse social na cidade, reconhecendo a relevância das variáveis socioeconômicas como fator de integração social dos moradores, confirmando que a produção do espaço urbano é constituída por indivíduos e grupos sociais, para além das tipologias, implantações ou dimensões dos assentamentos humanos.

A partir da verificação da hipótese, constata-se a viabilidade de realização de programas de inserção da habitação de interesse social que promovam a integração desses moradores ao entorno e à cidade. Os resultados obtidos, ao mesmo tempo em que demonstram a importância dos aspectos relativos ao tamanho dos conjuntos, destacam limitações e necessidades que devem ser consideradas nas decisões de projeto para que os indivíduos se sintam pertencentes à estrutura social.

5.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A discussão estabelecida neste estudo teve como premissa que o número de unidades influencia a satisfação e a interação dos moradores de habitação social com o entorno imediato e com a cidade, e confirmou que núcleos e conjuntos ditos de “interesse social”, na maioria das vezes de grandes dimensões, surgem como “apêndices” urbanos em áreas periféricas ou de expansão, com habitantes indesejados em áreas consolidadas.

De acordo com a literatura, durante o período em que as políticas públicas empurravam as HIS para áreas distantes do olhar e do convívio dos demais grupos sociais, a cidade podia desprezar e ocultar esses empreendimentos. Entretanto, atualmente, quando vêm sendo observados o direito à cidade, a função social da propriedade, não se admite mais ignorar esta ampla camada social da população. Neste contexto, deve-se continuar buscando o entendimento das conseqüências das decisões tomadas em programas, que podem contribuir para maior ou menor integração dos moradores de HIS na cidade, assim como outros fatores, tais como a qualidade da infraestrutura e a dimensão dos conjuntos, conforme enfatizado na literatura.

Ressalta-se que a qualidade de um espaço é o resultado do efeito conjunto entre o espaço e a sociedade que o ocupa, sendo que a diversidade de atividades ofertadas pode adquirir a função de dinamizadora do uso dos espaços. A literatura afirma que os aspectos físico-espaciais ou aspectos de projeto, apesar de não determinarem o comportamento dos usuários ou o nível de satisfação em relação à moradia, estabelecem um conjunto de qualidades físicas e espaciais que apóiam ou inibem os padrões de comportamento e desempenham um papel importante na qualidade da habitação de interesse social (por exemplo, LAY, 1992; REIS, 1992;

LAY e REIS, 2010). Outros estudos (por exemplo BASSO, 2001), acrescentam que os moradores da habitação de interesse social, em função de seu menor poder aquisitivo, quando comparados aos moradores de classes médias, tendem a utilizar espaços próximos à moradia, que não demandem maiores despesas. Assim, as características socioeconômicas também podem afetar o tipo e a intensidade de uso do bairro e de locais próximos à residência, sendo que a realização de atividade como trabalho e estudo, fora ou dentro do bairro de moradia, também parecem afetar as possibilidades de interação entre moradores da habitação de interesse social e o entorno.

Neste sentido, outros estudos também corroboram os resultados desta pesquisa, ilustrando que quanto mais adequado for o ambiente construído, em termos de qualidade de infraestrutura, equipamentos, serviços próximos à residência, que apoiem as atividades desejadas e necessárias aos moradores da habitação social e aos moradores do bairro, maior será a intensidade de apropriação da área e maior a probabilidade de interação social (contato) entre os grupos heterogêneos (LYNCH, 1980; GAMBIM, 2007). Isto é, confirma-se que a qualidade da infraestrutura pode proporcionar mais encontros e integração entre os moradores da habitação social e do entorno, afetando a apropriação do local de moradia pelos moradores. Também foi confirmado que os moradores tendem a realizar mais atividades de lazer e convívio em área melhor servida de equipamentos de lazer e educacionais, que estariam, portanto, afetando a apropriação, do que em área com melhores ou piores condições de infraestrutura. Conseqüentemente, moradores de áreas melhor atendidas em termos de comércio, transporte e serviço tendem a ter uma percepção mais ampla dos limites do território, a perceber mais positivamente a imagem da área e a estar mais satisfeitos com o bairro e com a rua de moradia.

Os resultados deste estudo também corroboram resultados de outras pesquisas (por exemplo, BASSO, 2001; GAMBIM, 2007) que constataram que a apropriação de uma área também pode ocorrer através da quantidade de movimento do pedestre, estimulada pela presença de paradas de ônibus, locais de consumo e de atividades próximos à residência. Assim as pessoas, individualmente ou de forma coletiva, necessitam identificar territórios como próprios, para construir sua personalidade, estruturar suas cognições e relações sociais e ao mesmo tempo suprir suas necessidades de pertencimento e identificação (Pol, 1996 apud MOURÃO E CAVALCANTE, 2006).

Outro aspecto relacionado à qualidade da infraestrutura que constitui um fator importante para a avaliação de conjuntos habitacionais trata-se da localização, sendo que a implantação de grandes conjuntos habitacionais, em locais mais distantes do centro pode ter influência sobre a condição de segregação dos moradores. Além disso, de acordo com Marques e Torres (2005), a localização da HIS determina o acesso diferenciado a serviços e equipamentos públicos e também remete à noção de acessibilidade, fortemente associada à estrutura do ambiente construído, sendo uma condição básica à existência de atividades sociais num lugar (CARR et al. 1992; GEHL, 1987). Segundo Coelho (2009), a rua é o elemento que delimita e configura o espaço urbano, constituindo um cenário de integração para os equipamentos coletivos e oferecendo um lugar de consenso possível, elo de continuidade urbana e espaço de ligação entre vizinhanças. Neste sentido, o uso e a apropriação dos espaços abertos, como ruas e praças, próximos ao ambiente residencial, pode promover contatos entre os moradores e afetar o sentimento de pertencimento, o que foi constatado pelos resultados que demonstraram que os moradores tendem a realizar mais atividades de lazer e convívio na área melhor servida de equipamentos de lazer e educacionais, que estariam afetando, portanto a apropriação.

Neste sentido, a acessibilidade destaca-se dentre os aspectos que influenciam no uso dos espaços abertos públicos, em conjunto com outras variáveis ligadas ao ambiente físico, tais como a imagem do local, a aparência e a segurança (FRANCIS, 1987). Verifica-se que a apropriação de espaços públicos está vinculada a acessibilidade dos usuários e cidadãos a esses espaços (GRAUMANN, 2001; Altman & Zube, 1989 apud GOMES, 2006). Ainda, a proximidade ou a distância de áreas melhor servidas de serviços e equipamentos públicos afeta a qualidade de vida das pessoas e quanto mais longe o conjunto habitacional estiver localizado do centro da cidade, mais baixa tende a ser a autoestima dos moradores, que tendem a avaliar negativamente a imagem do conjunto onde moram (HOURI, 2008; DREUX, 2004).

Também foi constatada, quando comparados os bairros, independentemente das áreas nas quais estavam localizados, a tendência dos moradores dos bairros menos providos de infraestrutura estarem mais satisfeitos, o que sugere que a avaliação de desempenho da moradia também pode ser influenciada por outros fatores, tais como, a dimensão, a aparência e a imagem.

De acordo com a literatura, a uniformidade no tratamento das edificações é uma característica comum da maioria dos conjuntos habitacionais e as semelhanças desses projetos repercutem no desempenho negativo desses espaços, prejudicando a imagem (por exemplo, CARVALHO, 1985), e contribuindo para a estigmatização dos moradores de HIS. Adiciona-se outros argumentos que revelam que o nível de satisfação dos moradores de conjuntos habitacionais aumenta quando se sentem semelhantes aos moradores do entorno (por exemplo, FRANCESCATO *et. al.*, 1979) enquanto as diferenças implicam maior ou menor necessidade de interação, assim como, diferentes graus de tolerância à diversidade ou homogeneidade dos grupos em contato (Rapoport, 1978 apud GAMBIM, 2007; ALTMAN & CHEMERS, 1989).

Os resultados obtidos neste estudo corroboram os da literatura (por exemplo, GAMBIM, 2007) que afirmam que quanto maior a semelhança entre a aparência das edificações da habitação de interesse social e das edificações da área, maior é a probabilidade de contato entre os moradores da habitação de interesse social e os do entorno. Portanto, conjuntos cujas moradias apresentem tipologias semelhantes ao entorno tendem a tornarem-se mais integrados, enquanto os conjuntos que se destacam na paisagem, pelas diferenças em relação ao entorno, tendem a tornarem-se mais “segregados”, o que evidencia a importância de considerar as características físicas do entorno e do contexto urbano no qual as habitações de interesse social serão inseridas .

Neste sentido, é possível concluir que a inserção de moradias pulverizadas ou de conjuntos de pequeno porte na malha urbana pré-existente, tendem a diminuir a identificação visual e conseqüentemente, a imagem de “conjunto habitacional”, permitindo a manutenção das relações sociais, originalmente estabelecidas, minimizando a identificação da habitação de interesse social como um espaço estigmatizado. Essas constatações confirmam estudos que indicam que a avaliação da imagem percebida pelo residente afeta seus sentimentos de autoestima, sua posição social na comunidade, o relacionamento com os vizinhos e a sensação de pertencer e identificar-se com o lugar em que vive, sensações consideradas necessárias para a satisfação ambiental, que afetam a apropriação e o comportamento espacial (por exemplo, LAY e REIS, 1995).

Os resultados obtidos neste estudo confirmam argumentos sugeridos na literatura, de que conjuntos de maior porte podem fazer com que as pessoas se relacionem somente entre si, em função da percepção da amplitude do espaço, que

está associada a distâncias aceitáveis para percorrer ou realizar atividades que propiciem encontros (GEHL, 1987; GAMBIM, 2007). A interação social na vizinhança também está relacionada às oportunidades de contato social formal (planejado) e informal (casual) pelas quais os moradores podem desempenhar os seus relacionamentos (Kim & Kaplan, 2004 apud GAMBIM, 2007).

Por outro lado, intervenções menores (conjuntos de menor porte), podem ser mais facilmente inseridos na malha urbana existente, além de contribuir para a integração dos moradores com o entorno (SIMONI, 2007; COELHO, 2009). Assim, foi confirmado que a implantação de unidades pulverizadas (isoladas) devido a maior facilidade de inserção em um contexto pré-existente, afeta positivamente a autoestima, a percepção de ser igual ao entorno e a satisfação dos moradores com o local de moradia, com a rua e com o bairro, resultando numa melhor avaliação do relacionamento com os vizinhos da rua e do bairro onde moram. Portanto, a moradia pulverizada e o conjunto de pequeno porte apresentam melhor desempenho do ponto de vista da integração do morador da habitação de interesse social na cidade.

Concluindo, os dados analisados permitiram verificar que o tamanho do conjunto habitacional, no tocante ao número de unidades pode influenciar os níveis de satisfação com a moradia e o sentimento de pertencimento dos moradores, sendo que quanto menor for o número de unidades do conjunto, maior é a integração social dos moradores com o entorno. No entanto, destaca-se que a variável sócio-econômica (problemas dessa ordem) parece afetar a integração social e ter implicações na variável dimensão.

5.5 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

O entendimento dos efeitos da qualidade da infraestrutura e do tamanho dos conjuntos na integração dos moradores da habitação de interesse social no entorno e na cidade se mostrou uma tarefa complexa necessitando múltiplos métodos de investigação para abranger as diferentes variáveis sugeridas na literatura.

Muitos dados foram coletados para a análise deste estudo, contudo nem todas as relações entre eles foram exploradas, pela falta de tempo que também impediu que se realizassem entrevistas com maior profundidade e que contribuiriam com mais detalhes sobre as relações analisadas. Dessa forma, limitaram-se os resultados embora outros relevantes tenham sido identificados. No entanto, como a

coleta e análise de dados foram realizadas inteiramente pela autora desta dissertação, ficou limitada a possibilidade de trabalhar uma amostra maior de cada área analisada. Acredita-se que a investigação com uma amostra maior de entrevistados e de respondentes, e conseqüentemente, de um número maior de mapas mentais, permitiriam a avaliação mais aprofundada dos efeitos relativos à percepção de território, ampliaria a validade e a precisão dos dados obtidos neste estudo.

Por tudo isso, fica evidente que mais estudos sobre as relações entre o tamanho de conjuntos (número de unidades) e a integração dos moradores da habitação de interesse social, são necessários. Outros aspectos não investigados também podem vir a contribuir e complementar a compreensão da moradia como elemento de integração social dos indivíduos com o entorno e com a cidade.

5.6 RELEVÂNCIA DOS RESULTADOS E SUGESTÕES

Destacada a importância da pesquisa junto aos moradores das unidades e conjuntos da habitação social, considera-se que a mesma seja de interesse de planejadores, e instituições ligadas a questões sociais, a partir da constatação de que iniciativas de inserção de moradias de interesse social devem ser planejadas de modo que atendam os interesses dos residentes dessas áreas.

Assim, a pesquisa realizada sustenta a importância das características de tamanho dos conjuntos habitacionais para a compreensão dos níveis de satisfação e integração dos moradores de diferentes grupos (moradores da habitação de interesse social e do entorno).

Concluindo, o estudo demonstra a viabilidade de realização de programas de inserção da habitação de interesse social que promovam a integração desses moradores ao entorno e à cidade. Os resultados obtidos, ao mesmo tempo em que demonstram a importância dos aspectos relativos ao tamanho dos conjuntos, destacam limitações e necessidades que devem ser consideradas nas decisões de projeto, tais como a análise das características físicas do entorno, para que os indivíduos, ali inseridos, se sintam pertencentes à estrutura social.

Assim, esses resultados, não somente ampliam o entendimento da interação social, bem como permitem incluir recomendações específicas para o Projeto Minha Casa em Santiago, por exemplo, estimular a inserção de moradias pulverizadas e

conjuntos de dimensões menores, no tocante ao número de unidades, podendo contribuir, também, para novas pesquisas sobre o tema e para a implementação de futuros programas em cidades de pequeno e médio porte, que atendam de forma mais adequada às necessidades dos moradores, refletindo no sentimento de pertencimento e na autoestima dos moradores da habitação de interesse social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Sergio de. **A Crise da Política Habitacional: dilemas e perspectivas para o final dos anos 90**. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; AZEVEDO, Sergio de. (Org.). A Questão da Moradia nas Grandes Cidades: da Política Habitacional à Reforma Urbana. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996.

ALEXANDER, Christopher et al. **Un language de patrones**. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 1980.

ALTMAN, Irwin & CHEMERS, Martin M. **Culture and Environment**. New York: Cambridge University Press, 1989.

ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira de, HAESBAERTH, Rogério. **Identidades e Territórios: Questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 136 p., 2007.

AS QUATRO ESTRATÉGIAS DO CPTED - **Crime prevention through environmental design: guia para projetos de empreendimentos multifamiliares**. Disponível em: <<http://www.cpted-watch.com/MultiFamily.html>>. Acesso em: 2 abr. 2009.

ATTADIA DA MOTTA, C. F. **Nível de satisfação de conjuntos habitacionais da Grande São Paulo**. São Paulo: IPT/FAPESP, 1975.

BASSO, Jussara Maria. **Investigação de fatores que afetam o desempenho e apropriação de espaços abertos públicos: o caso de Campo Grande - MS**. Porto Alegre, UFRGS, 2001. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

BONATES, Mariana Fialho. O Programa de Arrendamento Residencial – PAR: acesso diferenciado à moradia e à cidade. **Artigos e Ensaios: revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo EESC – USP**, São Paulo, n.1, p. 147 – 164, 2008.

BONDUKI, Nabil. **Critérios Sociais para Financiamento habitacional**. Habitação urgente - Folheto Habi/SEHAB, São Paulo, v. dez, n. nº 02, 1989.

BONDUKI Nabil. **Do mutirão à autogestão na produção da moradia: qualidade e produtividade a baixo custo**. In: Mutirão Habitacional - Curso de Formação em Mutirão. v. 1. Escola politécnica da USP, Politécnico di Torino, União Européia, São Paulo. 1992, p. 114.

BONDUKI, Nabil. Habitat II e a Emergência de um Novo Ideário em Políticas Urbanas. In: GORDILHO - SOUZA, Angela. **Habitar Contemporâneo: novas questões no Brasil dos anos 90**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Lab-Habitar, 1997.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil - Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria**. 4 ed. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 2004.

BONDUKI, Nabil. Por uma cidade mais digna. **Le Monde Diplomatique**, v. 27, p. 1-2, 2008.

BONDUKI, Nabil. **Política habitacional e inclusão social no Brasil: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula**. Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu, n.º.1-2008, p.70-104. Disponível em www.ustj.br/arq.urb/numero_01/artigo_05_180908.pdf. Acesso em: 18.dez.2009.

BRITO, Juliana Nunes de Sá. **Retroalimentação do processo de desenvolvimento de empreendimentos de habitação de interesse social a partir de reclamações de usuários: estudo do Programa de Arrendamento Residencial**. Porto Alegre, UFRGS, 2009. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS.

CAIXA. Melhores práticas em gestão local – 2005/2006. Disponível em www.caixa.gov.br/resources/minhacasa.pdf. Acesso em 10 de novembro de 2009.

CARDOSO, Adauto Lúcio, RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Os municípios e as políticas habitacionais. In: ABIKO, A. K.; ORNSTEIN, S. W. (Org). **Inserção Urbana e Avaliação Pós-Ocupação (APO) da Habitação de Interesse Social**. São Paulo: FAUUSP, 2002. (Coletânea Habitare/ FINEP, 1). 373 p.

CARMO, Riane Ricelli et al. Uma reflexão sobre a inserção urbana da habitação de interesse social a partir da experiência do município de Rio Doce, MG. **Anais...XIV Encontro Nacional da ANPUR**. Rio de Janeiro, RJ, 2011.

CARVALHO, Thereza.C.C. As dimensões da habitação. **Projeto**, n.º77, pp. 95-103, 1985.

CARR, Stephen; FRANCIS, Mark; RIVLIN, Leane; STONE, Andrew M. **Public Space**. New York: Cambridge, University Press, 1992.

COELHO, António B. Cidade e habitação de interesse social. In: Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído - SBQP. São Carlos, 2009.

COOPER, C. **Residents attitudes towards the environment at St. Francis Square, San Francisco: A summary of the initial findings.** Berkeley, Institute of Urban and Regional Development, University of California. Working Paper No.126, 1970.

COOPER, Clare C. **Easter Hill Village – Some social implications of design.** New York. Free Press, 1975.

COOPER MARCUS, C. & SARKISSIAN, W. **Housing as if People Mattered.** Berkeley, University of California Press, ltd, 1986.

DAVIES Llewelyn. **Safer Places: The Planning System and Crime Prevention.** Office of the Deputy Prime Minister. Thomas Telford Limited, London, 2004. Vol. 5, nº 2, Novembro 2010 *Gestão & Tecnologia de Projetos* [ISSN 19811543] 34 Disponível em www.cabe.org.uk/AssetLibrary/2245.pdf, acessado em 05/10/2009. ISBN 07277 32617.

DEBIAGI, M. **Distribuição dos equipamentos sociais urbanos.** Dissertação de Mestrado, PROPUR – UFRGS, Porto Alegre, 1978.

DREUX, Virgínia Paiva. **Uma avaliação da legislação urbanística na provisão de equipamentos urbanos, serviços e áreas de lazer em conjuntos habitacionais.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

FARIA, H. C. P. **Relatório final de iniciação científica.** Processo nº 160262/2002-0. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. Período da bolsa: maio 2001/abril 2003.

FERNANDES, Duval, RIBEIRO, Vera. A questão habitacional no Brasil: do BNH ao programa Minha Casa Minha Vida. **Anais... XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR.** Rio de Janeiro, 2011.

FERRARI, Célson. **Curso de Planejamento Municipal Integrado: Urbanismo.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 7ª ed., 1991.

FERREIRA, João Sette Whitaker. A cidade para poucos: breve história da propriedade urbana no Brasil. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL: INTERFACES DAS REPRESENTAÇÕES URBANAS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO. 2005, Bauru. Anais... Bauru: FAU Unesp Bauru / SESC Bauru, 2005. 1 CD.

FISCHER, Gustave-Nicholas. **La psychosociologie de l' espace**. Paris: Presses Universitaires de France, 127 p., 1981.

FRANCESCATO, G. et al. **Residents' satisfaction in HUD-Assisted Housing: design and management factors**. Washington D.C., US Department of Housing and Urban Development, 1979.

FRANCIS, Mark. **Urban Open Space**. In: ZUBE, E.; MOORE, G. (eds). *Advances in environment, behavior and Design*. New York: Plenum Press, 1987.

GAMBIM, Paula Silva. **A influência de atributos espaciais na interação entre grupos heterogêneos em ambientes residenciais**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GANS, H. J. **Planning and Social Life: Friendship and Neighbor Relations in Suburban Communities in Environmental**. *Psychology: People and Their Physical (Surroundings) Settings*, 1976.

GEHL, Jan. **Life between buildings: using public space**. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1987.

GOMES, Frederica Stanke Gonçalves. **Diversidade de grupos, características físico espaciais e apropriação do espaço urbano em cidades de crescimento recente**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

GOMIDE, Alexandre de Ávila. **Transporte Urbano e Inclusão Social: elementos para políticas públicas**. Texto para discussão do IPEA, n.960. Brasília DF, Brasil, 2003.

GRAUMANN, Carl F. *The Phenomenological Approach to People – Environment Studies*. IN: BECHTEL, Robert B.; CHURCHMANN, Arza. **Handbook of Environmental Psychology**. USA: John Wiley e Sons, 2001.

GUIMARÃES, Eduardo Cotrim. *Espaços urbanos da habitação: globalização e identidade*. In: GOMES, M.F.C.M. e PELEGRINO, A.I. de C. (Orgs.). **Política de habitação popular e trabalho social**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, pp. 59-75.

HOURI, Luciana Felicíssimo. **Políticas de produção de moradias e segregação residencial. Belo Horizonte – 1986 a 2000.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

HONDA, Sibila Corral de Area Leão. **Habitação de baixa renda como produto do capital.** Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Tese de Doutorado, 2011.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JACOBS, Allan B. **Great Streets.** London: Mit Press, 1993.

JOBIM, M. S. S. **Método de avaliação do nível de satisfação dos clientes de imóveis residenciais.** 1997. (158 p). Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Curso de Pós-graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS.

KAPLAN, Stephen; KAPLAN, Rachel; RYAN, Robert L. **With people in mind: design and management of everyday nature.** Washington: Island Press, 1998.

KELLET, P. Killingworth Towers: what went wrong? **Open House International**, Newcastle Upon Tyne, v. 12, n. 4, p. 4-11, 1987.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação, Científica e Tecnológica, 1990.

LANG, Jon. **Creating Architectural Theory: The Role of the Behavioral Sciences in Environmental Design.** New York, Van Nostrand Reinhold Company, 1987.

LAY, Maria Cristina Dias. **Responsive Site Design, User Environmental Perception and Behavior.** Tese de Doutorado, School of Architecture, Oxford Brookes University, 1992.

LAY, Maria Cristina Dias. O impacto da Qualidade da Habitação Popular na Imagem Urbana. In: ENTAC - Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, VI, 1995, Rio de Janeiro, **Anais do ENTAC 1995.** Rio de Janeiro: ANTAC, 1995, v. 1, p.313-318.

LAY, Maria Cristina Dias. Relationships Between Site Layout and Spatial Behaviour in Low Income Housing Schemes. In: CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR PEOPLE-ENVIRONMENT STUDIES, 14., 1996, Estocolmo. **Proceedings...**

Estocolmo: Royal Institute of Technology (KTH), The Department of Architecture and Townplanning, 1996. v. 1. p. 398-409.

LAY, Maria Cristina Dias. **Site, layout, territorial organization and social behavior in the residential environmental.** In: J Teklenburg, J. vanAdel, J. Smeets, & A. Seidel (eds.), *Shifting Balances*. Eindhoven, the Netherlands; EIRASS, p.187-201, 1998.

LAY, Maria Cristina Dias. *Effects of Dwelling Type Diversity on Appropriation of Outdoor Spaces and Community Formation in Housing Schemes.* In: Conference of the environmental design research association, 32., 2001, Edimburgo, **Proceedings...** Edimburgo: EDRA, 2001, v.1, p. 60-67.

LAY, Maria Cristina Dias; REIS, Antônio Tarcísio. *Satisfação e comportamento do usuário como critérios de avaliação pós-ocupação da unidade e do conjunto habitacional.* In: ENTAC - Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, V, 1993, São Paulo, **Anais do ENTAC 1993.** São Paulo: ANTAC, 1993, v.2, 902 -913, 1993.

LAY, Maria Cristina Dias; REIS, Antônio Tarcísio. *Principais fatores afetando a satisfação e o comportamento dos usuários em conjuntos habitacionais.* In: ENTAC - Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, VI, 1995, Rio de Janeiro, **Anais do ENTAC 1995.** Rio de Janeiro: ANTAC, 1995, v.1, p. 307 - 312, 1995.

LAY, Maria Cristina Dias; REIS, Antônio Tarcísio. *O papel de espaços abertos comunais na avaliação de desempenho de conjuntos habitacionais.* **Revista Ambiente Construído.** Porto Alegre, v.2, n.3, 2002, p.25-39.

LAY, Maria Cristina Dias; REIS, Antônio Tarcísio. **The influence of physical changes in communal open spaces on performance evaluation of housing schemes.** *Proceedings of the EDRA 34 – People Shaping Places shaping People.* Minneapolis 2003, pp. 123-132.

LAY, Maria Cristina Dias; REIS, Antônio Tarcísio. *Análise quantitativa na área de estudos ambiente comportamento.* **Revista Ambiente Construído.** Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 21-36, 2005.

LAY, Maria Cristina Dias; REIS, Antônio Tarcísio. *O projeto da habitação de interesse social e a sustentabilidade social.* **Revista Ambiente Construído** (Online), v. 10, p. 99-119, 2010.

LE CORBUSIER. **Carta de Atenas** (Tradução Rebeca Scherer). São Paulo: EDUSP, 1993.

LIMA, Márcia Azevedo de. **A influência da dimensão, configuração e localização de conjuntos habitacionais na interação social.** *Dissertação (Mestrado em Arquitetura) –*

Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

LYNCH, Kevin. **La buena forma de la ciudad**. Barcelona: G. Gilli, 1985.

LYNCH, Kevin. **City sense and city design: writings and projects of Kevin Lynch**. Massachussets: Mit Press, 1991.

LUCINI, Hugo Camilo. **Habitação social: procurando alternativas de projeto**. Univali Editora. Universidade do Vale do Itajaí, 2003, 131p.

MARICATO, Ermínia. O urbanismo na periferia do capitalismo: desenvolvimento da desigualdade e contravenção sistemática. In: GONÇALVES, Maria Flora (org.) **O novo Brasil urbano: impasses, dilemas e perspectivas**. Editora Mercado Aberto, Porto Alegre, 1995. P. 261-287.

MARICATO, Ermínia. Revista AU, Entrevista: 'É preciso repensar o modelo'. Edição 186, set. 2009.

MARQUES, Eduardo, SARAIVA, Camila. As políticas de habitação social, a segregação e as desigualdades sociais na cidade. In: MARQUES, E.; TORRES. H.G. (Orgs.) **São Paulo: segregação, pobreza e desigualdade**. São Paulo: Editora do Senac, 2005. p. 267-296.

MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo da Gama (Orgs.) **São Paulo: segregação, pobreza e desigualdade**. São Paulo: Editora do Senac, 2005. 324 p.

MEDVEDOVSKI, Nirce Saffer. As indefinições de responsabilidade da manutenção dos espaços exteriores em conjuntos habitacionais populares. In: **NUTAU** Seminário Internacional Tecnologia Arquitetura e Urbanismo, 1996. São Paulo: Anais... São Paulo: FAU/USP, 1997.

MEDVEDOVSKI, Nirce Saffer. Gestão de espaços coletivos em HIS – a negação das necessidades básicas dos usuários e a qualidade do cotidiano e do habitat. São Carlos, SP: Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído – IX Workshop Brasileiro de Gestão do Processo de Projeto na Construção de Edifícios, SBPQ, 2009.

MINISTÉRIO das Cidades. Disponível em: <www.cidades.gov.br> Governo Federal, 2010.

MOLES, Abraham, ROHMER, Elisabeth. **Psychosociologie de l'espace**. Paris: L' Harmattan. 1998

MORAES, Amauri Gomes de. **Desenvolvimento de uma ferramenta computacional para tomada de decisão na avaliação de projetos: aplicação em habitação de interesse social**. Passo Fundo, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade de Passo Fundo, 111 p., 2006.

MORETTI, Ricardo. **Normas urbanísticas para habitação de interesse social. Recomendações para elaboração**. São Paulo: IPT, 1997.

MOUDON, Annie Vernez. **Platting versus Planning. Housing at the Household Scale**. Landscape, v.29, n.1,p.30-38. 1986.

MOUETTE, D. **Utilização do Método de Análise Hierárquica no Processo de Tomada de Decisão no Planejamento de Transporte Urbano: Uma Análise Voltada para Impactos Ambientais**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, SP, Brasil, 1993.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira, CAVALCANTE, Sylvia. **O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada**. Estudos de Psicologia, 2006, p. 143 - 151.

NASAR, Jack, L. **The evaluative image of the city**. Thousand Oaks, Califórnia: SAGE Publication, 1998.

NEILD, Jill and PAYLOR, Ian. 1996. A case study and investigating the criminal activity among residents in an urban area. **Environment and Behavior**, Volume 28. Nº 6. November. PP. 748-763.

NEWMAN, Oscar. **Defensible Space – Crime Prevention Through Urban Design**. New York. The Macmillan Company, 1972.

NEWMAN, Oscar. **Defensible space, a new physical planning tool for urban revitalization**. In: EDRA 27 – Public and Private Places. Edmond, Oklahoma: Environmental Design Research Association, 1996, jun., p. 18-25.

PARKER, Jonh. **Safer Spaces & Places: Reducing Crime by Urban Design**. Council of Europe Internacional Conference on the Relationship Between The Physical Urban Environment and Crime Patterns. Szczecin Poland, 2000.

PICCININI, Livia Teresinha Salomão, MELLO, Oberon da Silva. Avaliação da política pública urbana: A relação entre padrões habitacionais e urbanísticos e inclusão sócio-espacial. XIV Encontro Nacional da ANPUR, Rio de Janeiro, 2011.

PROSHANSKY H. M., FABIAN, A. K. & KAMINOFF, R. Place-identity: physical world socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology**, 1983, 3, 57-83.

RAPOPORT, Amos. Human Aspects of Urban Form: Towards a Man – Environment Approach to Urban Form and Design. London: Pergamom Press, 1977.

RAPOPORT, Amos. **Cultura Arquitectura e Diseño**. Edicions UPC: Barcelona, 2003.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz. **Mass housing design, user participation & satisfaction**. Oxford, 1992. Thesis (Ph. D in Architecture). Post Graduate Research School, School of Architecture, Oxford, Polytechnic, UK.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz. Open Spaces of Housing Environments: Lack of Territorial Control, Maintenance, Use and Appearance. Proceedings of the 30 th Annual Conference of the EDRA, 1999, p. 179-187.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz. Housing appearance as an indicator of housing quality. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE ENVIRONMENTAL DESIGN RESEARCH ASSOCIATION, 32., 2001, Edinburg. Old World ~ New Ideas: proceedings. Edinburg, Escócia: EDRA, 2001. p. 68 -74.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz, LAY, Maria Cristina Dias. Principais fatores afetando a satisfação e o comportamento dos usuários em conjuntos habitacionais. In: ENTAC - Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, VI, 1995, Rio de Janeiro, **Anais do ENTAC 1995**. Rio de Janeiro: ANTAC, 1995, v.1, p. 307 - 312, 1995.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz, LAY, Maria Cristina Dias. Security in Private and Semi-Private Housing Spaces in Brazil. Proceedings of the 27th Environmental Design Research Association Conference - Public and Private Places - EDRA 27. Salt Lake City, Utah, USA; junho, 1996, p.117-123.

RIFRANO, L.C. **Avaliação de projetos habitacionais: determinando a funcionalidade da moradia**. São Paulo: Ensino Profissional, 2006,161 p.

ROMERO, Marcelo de Andrade; VIANNA, Nelson Solano. **Procedimentos metodológicos para aplicação de avaliação pós-ocupação em conjuntos habitacionais para a população de baixa renda: do desenho urbano à unidade habitacional**. Coletânea

Habitare, vol. 1 – Inserção Urbana e Avaliação Pós-Ocupação (APO) da Habitação de Interesse Social, 2002, p. 211-241.

SABATINI, Francisco; CÁCERES, Gonzalo; CERDA, Jorge. Segregação residencial nas principais cidades chilenas: tendências das três últimas décadas e possíveis cursos de ação. **Espaço & debates**. São Paulo, v.24, n.45, p. 60-74, jan./jul., 2004.

SABATINI, Francisco; SIERRALTA, Carlos. **Medição da segregação residencial: meandros teóricos e metodológicos e especificidade latino-americana**. In: CUNHA, J.M.P (Org.). Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação. Campinas: Nepo Unicamp, p. 169-195, 2006.

SANTIAGO. Prefeitura Municipal. **Plano Diretor: Lei Nº068/2006**. Santiago: Prefeitura Municipal, 2006.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Projeto: São Paulo, 1988, p.15-46.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo, Nobel, 1998.

SANTOS, Mauro César de Oliveira. Requisitos e critérios para análise e avaliação da eficácia de programas de habitação popular no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 3. Rio de Janeiro. Anais...ANTAC, 1995.

SAMORA, Patrícia Rodrigues. **Projeto de habitação em favelas : especificidades e parâmetros de qualidade**. FAUUSP, São Paulo, 2009. 348 p.:119il, Tese de Doutorado, 2009.

SILVA, Aline Martins da. Atratividade e dinâmica de apropriação de espaços públicos para o lazer e turismo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SIMONI, Tainá Lopes. **Habitação de interesse social e segregação social**. In: PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL – Ensaios Acadêmicos do CAUFAG em 2007/ organização Solange Irene Smolarek Dias. Cascavel: Smolarek Arquitetura Ltda, 2007. p. 110-118.

SKJAEVELAND, Oddvar & GARLING, Tommy. Effects of interactional space on neighbouring. **Journal of Environmental Psychology**, n. 17, p. 181-198, 1997.

SOMMER, B.; SOMMER, R. **A practical guide to behavioral research**. New York: Oxford University Press, 1997.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2003, p.21.

TALLEN, Emily. Measuring the Public Realm: A Preliminary Assessment of the Social Doctrine of New Urbanism. **Urban Studies**, v. 36, n. 8, p. 1361-1379, 1999.

TAYLOR, Ralph B. **Human territorial functioning: An empirical, evolutionary perspective on individual and small group territorial cognitions, behaviours and consequences**. New York, Cambridge University, cap. 5, 8, 1988.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: Do mito de origem à favela.com**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.

VALLADARES, Lícia do Prado (Org). **Repensando o espaço Urbano**. Rio de Janeiro: ZAHAR editores, 1982.

VALLADARES, Licia do Prado. **Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara. **Transporte Urbano em Países em Desenvolvimento: Reflexões e Propostas**. São Paulo: Annablume, 2000.

VIEIRA, Liése Basso. **Influência do espaço construído na ocorrência de crimes em conjuntos habitacionais**. 2002. 310 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

.

WHYTE, Willian H. **The social life of the small urban spaces**. Washington: The Conservation Foundation, 1980.

ZANATTA, Igor Fernando Santini. **Segregação residencial em Londrina: Condomínios Fechados e Áreas Subnormais**. 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Estadual de Londrina, 2010.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ZANOTTO, Karen da Rosa. **Segurança em area urbana central. Configuração, Forma urbana e Usuários.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

ANEXO A – ENTREVISTA

Data:

APLICAÇÃO DE MAPA MENTAL COM ENTREVISTA

Nome do entrevistado:

Tempo de moradia:

- 1) Bairro:
- () Missões
- () Vista Alegre
- () Vila Rica
- () Carlos Humberto

- 3) Gênero do entrevistado:
- () Masculino
- () Feminino

- 2) Local da moradia:
- () no conjunto
- () na unidade pulverizada
- () no entorno

- 4) Faixa Etária:
- () até 20 anos
- () de 21 a 59 anos
- () acima de 60 anos

5) Você gosta de morar neste bairro? Por que?

.....
.....

6) Qual a razão de você ter vindo morar aqui?

.....
.....
.....

7) Mencione as coisas boas de morar neste bairro

.....
.....
.....

8) Na sua opinião, quais são os maiores problemas do seu bairro?

.....
.....
.....

9) Você está satisfeito com os serviços (comércio, mercado, posto de saúde, escola, creche) que o bairro onde você mora oferece? Por quê?

.....
.....
.....

10) Como é o seu relacionamento com os vizinhos mais próximos e moradores do bairro em geral?.....

.....

11) Você gostaria de morar em outro bairro? Qual e por quê?

.....

ANEXOS

.....
.....

12) Você poderia fazer o desenho do bairro onde vive ?

.....
.....

13) Localize no desenho a sua casa e as ruas que considera mais importantes do bairro.

.....
.....

14) Localize no desenho e mencione quais os serviços em geral que costuma utilizar no seu dia a dia (comércio, mercado, posto de saúde, escola, creche).

.....
.....

15) O que acha das condições das praças e calçadas existentes no local onde mora? Por quê?

.....
.....
.....
.....

16) Indique os lugares que costuma utilizar para lazer e convívio com vizinhos próximos e/ou moradores do bairro (por exemplo, praças, associações de bairro, e calçadas).

.....
.....
.....
.....

17) Identifique e localize no desenho os lugares mais agradáveis do bairro e mencione por quê são agradáveis.

.....
.....
.....

18) Identifique e localize no desenho os lugares menos agradáveis do bairro e mencione por quê são desagradáveis.

.....
.....
.....
.....

19) Qual você acha que é a opinião das pessoas que moram em outros bairros da cidade sobre seu bairro? Você concorda com o que eles pensam?

.....
.....

ANEXOS**ANEXO B – QUESTIONÁRIO**

Endereço:	Questionário nº:
Conjunto:	Data:

O objetivo deste questionário é entender como o(a) Senhor(a) utiliza os espaços do bairro e como se relaciona com os vizinhos.

Para descobrir essas informações, preciso de sua ajuda. Por isso gostaria que completasse o questionário a seguir, indicando a opção que corresponde melhor a sua opinião. Lembre-se que não existem respostas certas e erradas, o que interessa é a sua opinião sincera.

O uso deste questionário é acadêmico. Todas as informações ditas aqui são confidenciais e os respondentes do questionário não serão identificados.

1) Área:

- Área 1
 Área 2

2) Bairro:

- Missões
 Vista Alegre
 Vila Rica
 Carlos Humberto

3) Tipo de moradia:

- C1 - pequeno
 C2 - médio
 C3 - grande
 P
 E

5) Onde você morava antes?

- no bairro
 em outro bairro próximo
 em outro bairro distante
 em outra cidade

6) Para atividades de lazer e convívio, no seu bairro, você costuma utilizar: (pode marcar mais de uma alternativa, se necessário).

- praças/ áreas verdes do seu bairro
 associação de moradores do bairro
 comunidade religiosa (igreja ou assemelhados)
 clube social ou esportivo
 trabalho voluntário (ONGs)
 rua
 casa de vizinhos
 própria casa
 outro

7) No caso de existir criança em casa, onde elas costumam brincar: (pode marcar mais de uma alternativa, se necessário):

- praças/ áreas verdes do seu bairro
 ruas
 casa de vizinhos
 própria casa
 clube/ associação no bairro
 não tem criança
 outro:

ANEXOS

Indique o grau de satisfação com a rua onde mora em relação à:	Muito satisfeito	Satisfeito	Nem satisfeito nem insatisfeito	Insatisfeito	Muito Insatisfeito
8) iluminação					
9) esgoto					
10) acesso ao transporte (ônibus)					
11) aparência das casas da rua					
12) proximidade de comércio e serviços básicos (quitanda, mercado, padaria)					
13) proximidade de creches e escolas					
14) proximidade de hospitais e postos de saúde					
15) proximidade de parques e praças					
16) proximidade do centro					
17) segurança na rua onde mora					
18) vizinhança					
19) como se sente em morar nesta rua?					
Indique o grau de satisfação com o bairro onde mora em relação à:	Muito satisfeito	Satisfeito	Nem satisfeito nem insatisfeito	Insatisfeito	Muito Insatisfeito
20) iluminação					
21) esgoto					
22) acesso ao transporte (ônibus)					
23) aparência das casas do bairro					
24) proximidade de comércio e serviços básicos (quitanda, mercado, padaria)					
25) proximidade de creches e escolas					
26) proximidade de hospitais e postos de saúde					
27) proximidade de parques e praças					
28) proximidade do centro					
29) segurança no bairro onde mora					
30) vizinhança					
31) como se sente em morar neste bairro?					

32) Se você tivesse de se mudar, onde gostaria de morar?

- () no mesmo bairro
 () no bairro que morava antes
 () mais próximo do centro
 () em outro bairro

Indique se concorda ou discorda das seguintes alternativas:	Concordo muito	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo muito
33) Gosto dos moradores da rua onde moro.					
34) Gosto dos moradores do meu bairro.					
35) Acho que os moradores do local onde moro são parecidos.					
36) Se eu precisar de ajuda posso ir até um vizinho desconhecido.					
37) Eu tenho novos amigos vivendo neste bairro.					
38) Meus vizinhos fazem muito ruído.					
39) Me irrita com meus vizinhos com frequência.					
40) Nunca me senti realmente seguro no local onde moro.					
41) Gosto muito da minha residência.					
42) Não me sinto em casa nessa vizinhança.					
43) Eu teria mais contato com amigos e familiares se morasse em outra parte da cidade.					

ANEXOS**44) Quando é que você se sente “em casa”?**

- quando chega no bairro (por exemplo, na parada de ônibus)
- quando está próximo (por exemplo, na quadra) ao local onde mora
- quando chega na frente da sua casa
- quando chega dentro de casa

45) Você identifica alguma diferença entre a sua casa e a casa dos vizinhos na sua rua? (marque mais de uma alternativa quando for o caso):

- tipos de casas
- materiais das casas
- cores das casas
- manutenção das casas
- cuidados com o jardim/ pátio
- nenhuma das alternativas, acho parecidas.

46) Você identifica alguma diferença entre a sua casa e a casa dos vizinhos no seu bairro? (marque mais de uma alternativa quando for o caso):

- tipos de casas
- materiais das casas
- cores das casas
- manutenção das casas
- cuidados com o jardim/ pátio
- nenhuma das alternativas, acho parecidas.

47) Qual você acha que é a opinião de pessoas que moram em outros bairros da cidade sobre seu bairro?

- falam bem
- não falam bem nem mal
- falam mal

INFORMAÇÕES SOBRE O RESPONDENTE:

48) Há quanto tempo você vive nesta moradia?

- mais de 10 anos
- de 6 a 10 anos
- de 3 a 5 anos
- de 1 a 2 anos

49) Principal meio de locomoção:

- a pé
- bicicleta
- motocicleta
- carro
- ônibus

50) Hábitos de compras no dia a dia:

- no próprio bairro
- no centro
- em outros bairros
- outro:

51) Local de trabalho:

- em casa
- no bairro
- em outro bairro
- no centro
- em outra cidade
- não trabalha

52) Local de estudo dos filhos:

- no bairro
- em outro bairro
- em outra cidade
- não tem filhos ou não estudam

ANEXOS**53) Gênero do entrevistado:**

- masculino
 feminino

54) Escolaridade:

- ensino fundamental: () incompleto () completo
 ensino médio: () incompleto () completo
 ensino superior: () incompleto () completo
 outro:

55) Faixa Etária:

- até 20 anos
 de 21 a 59 anos
 acima de 60 anos

56) Faixas de renda familiar:

- abaixo de R\$1.530,00 (abaixo de 3 salários mínimos)
 de R\$1.531,00 à R\$2.550,00 (de 3 a 5 salários mínimos)
 de R\$2.551,00 a R\$5.100,00 (de 5 a 10 salários mínimos)
 de R\$5.101,00 a R\$9.690,00 (de 10 a 19 salários mínimos)
 acima de R\$9.691,00 (mais de 20 salários mínimos)

ANEXOS

ANEXO C – SÍNTESE DE FREQUÊNCIAS DOS QUESTIONÁRIOS

Área, bairro e local de moradia: (HIS – Habitação de Interesse Social e E - Entorno)

	Área 1				Área 2				Total
	Missões		Vista Alegre		Vila Rica		Carlos Humberto		
HIS	37	64,9	12	54,5	35	63,6	11	52,4	95
Entorno	20	35,1	10	45,5	20	36,4	10	47,6	60
Total	57	36,8%	22	14,2%	55	35,5%	21	13,5%	155

Área, bairro e local de moradia: (UC – unidade concentrada, UP – unidade pulverizada, UE – unidade do entorno)

	Área 1				Área 2				Total
	Missões		Vista Alegre		Vila Rica		Carlos Humberto		
UC - Conjunto	28	49,1	4	18,2	26	47,3	6	28,6	64
UP- Pulverizada	9	15,8	8	36,3	9	16,3	5	23,8	31
UE- Entorno	20	35,1	10	45,5	20	36,4	10	47,6	60
Total	57	36,8%	22	14,2%	55	35,5%	21	13,5%	155

Área e local de moradia: (UC1, UC2, UP, UE)

	Área 1		Área 2		Total
UC1 – Conjunto pequeno	4	5,1	4	5,3	8
UC2 – Conjunto médio	0	0,0	28	36,8	28
UC3 – Conjunto grande	28	35,4	0	0,0	28
UP - Pulverizada	17	21,5	14	18,4	31
UE - Entorno	30	38,0	30	39,5	60
Total	79	51,0%	76	49,0%	155

Bairro e local de moradia: (UC1, UC2, UP, UE)

	Área 1				Área 2				Total
	Missões		Vista Alegre		Vila Rica		Carlos Humberto		
UC1 – Conjunto pequeno	0	0,0	4	18,2	4	7,3	0	0,0	8
UC2 – Conjunto médio	0	0,0	0	0,0	22	40,0	6	28,6	28
UC3 – Conjunto grande	28	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	28
UP- Pulverizada	9	15,8	8	36,4	9	16,4	5	23,8	31
UE- Entorno	20	35,1	10	45,5	20	36,4	10	47,6	60
Total	57	36,8%	22	14,2%	55	35,5%	21	13,5%	155

Onde você morava antes?

	Tipo de moradia de HIS			
	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
no bairro	14 (45,2)	3 (37,5)	4 (14,3)	1 (3,6)
em outro bairro próximo	5 (16,1)	4 (50,0)	9 (32,1)	10 (35,7)
em outro bairro distante	5 (16,1)	1 (12,5)	13 (46,4)	16 (57,1)
em outra cidade	7 (22,6)	0 (0,0)	2 (7,1)	1 (3,6)

Para atividades de lazer/convívio no seu bairro você costuma utilizar : (se aplica)

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
V6-praças/áreas verdes	1(3,2)	0 (0,0)	3 (10,7)	3 (10,7)
V7-associação de	2 (6,5)	1 (12,5)	6 (21,4)	5 (17,9)
V8-comunidade religiosa	8 (25,8)	3 (37,5)	6 (21,4)	11 (39,3)
V9-clube social ou	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
V10-trabalho voluntário	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
V11-rua	1 (3,2)	0 (0,0)	7 (25,0)	0 (0,0)
V12-casa de vizinhos	12 (38,7)	1 (12,5)	15 (53,6)	16 (57,1)
V13-própria casa	30 (96,8)	8 (100)	21 (75,0)	27 (96,4)
V14-outro	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,6)	0 (0,0)

ANEXOS

No caso de existir crianças em casa, onde elas costumam brincar: (se aplica)

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
V15-praças/áreas verdes	8 (25,8)	0 (0,0)	9 (32,1)	7 (25,0)
V16 -ruas	4(12,9)	3(37,5)	3(10,7)	13 (46,4)
V17-casa de vizinhos	6 (19,4)	1 (12,5)	7 (25,0)	9 (32,1)
V18-própria casa	18 (58,1)	5 (62,5)	19 (67,9)	17 (60,7)
V19-clubes/associação bairro	1 (3,2)	1 (12,5)	0 (0,0)	0 (0,0)
V20-não tem criança	10 (32,3)	2 (25,0)	7 (25,0)	10 (35,7)
V21-outro	2 (6,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)

Satisfação com a rua onde mora em relação à iluminação:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	0 (0,0)	2 (25,0)	2 (7,1)	0 (0,0)
insatisfeito	2 (6,5)	0 (0,0)	6 (21,4)	4 (14,3)
nem nem	6 (19,4)	0 (0,0)	4 (14,3)	1 (3,6)
satisfeito	14 (45,2)	6 (75,0)	16 (57,1)	18 (64,3)
muito satisfeito	9 (29,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	5 (17,9)

Satisfação com a rua onde mora em relação ao esgoto (presença de mau-cheiro):

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	5 (16,1)	1 (12,5)	1 (3,6)	7 (25,0)
insatisfeito	5 (16,1)	1 (12,5)	4 (14,3)	2 (7,1)
nem nem	0 (0,0)	1 (12,5)	2 (7,1)	1 (3,6)
satisfeito	17 (54,8)	5 (62,5)	20 (71,4)	16 (57,1)
muito satisfeito	4 (12,9)	0 (0,0)	1 (3,6)	2 (7,1)

Satisfação com a rua onde mora em relação ao acesso ao transporte (paradas de ônibus):

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
insatisfeito	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,6)
nem nem	4 (12,9)	1 (12,5)	1 (3,6)	0 (0,0)
satisfeito	19 (61,3)	6 (75,0)	23 (82,1)	22(78,6)
muito satisfeito	7 (22,6)	1 (12,5)	4 (14,3)	5 (17,9)

Satisfação com a rua onde mora em relação à aparência das casas dos vizinhos da rua:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,6)	0 (0,0)
insatisfeito	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	6(21,4)
nem satisfeito nem insatisfeito	12 (38,7)	0 (0,0)	5 (17,9)	10(35,7)
satisfeito	17 (54,8)	8 (100,0)	20 (71,4)	12(42,9)
muito satisfeito	2 (6,5)	0 (0,0)	2 (7,1)	0 (0,0)

Satisfação com a rua onde mora em relação à proximidade comércio e serviços básicos :

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28(100)
muito insatisfeito	1 (3,2)	0 (0,0)	1 (3,6)	1 (3,6)
insatisfeito	1 (3,2)	1 (12,5)	4 (14,3)	3 (10,7)
nem satisfeito nem insatisfeito	4 (12,9)	0 (0,0)	1 (3,6)	4 (14,3)
satisfeito	22 (71,0)	6 (75,0)	22 (78,6)	19(67,9)
muito satisfeito	3 (9,7)	1 (12,5)	0 (0,0)	1 (3,6)

ANEXOS

Satisfação com a rua onde mora em relação à proximidade creches e escolas:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	1 (12,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
insatisfeito	0 (0,0)	4 (14,3)	0 (0,0)	4 (12,9)
nem satisfeito nem insatisfeito	2 (25,0)	0 (0,0)	2 (7,1)	2 (6,5)
satisfeito	5 (62,5)	22 (78,6)	21 (75,0)	24 (77,4)
muito satisfeito	0 (0,0)	2 (7,1)	5 (17,9)	1 (3,2)

Satisfação com a rua onde mora em relação à proximidade de hospitais e postos de saúde:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	0 (0,0)	1 (12,5)	1 (3,6)	1 (3,6)
insatisfeito	3 (9,7)	1 (12,5)	8 (28,6)	4 (14,3)
nem satisfeito nem insatisfeito	7 (22,6)	0 (0,0)	3 (10,7)	5 (17,9)
satisfeito	21 (67,7)	6 (75,0)	15 (53,6)	15 (53,6)
muito satisfeito	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,6)	3 (10,7)

Satisfação com a rua onde mora em relação à proximidade do centro:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	2 (6,5)	1 (12,5)	2 (7,1)	2 (7,1)
insatisfeito	6 (19,4)	2 (25,0)	12 (42,9)	7 (25,0)
nem satisfeito nem insatisfeito	6 (19,4)	1 (12,5)	5 (17,9)	3 (10,7)
satisfeito	17 (54,8)	3 (37,5)	9 (32,1)	15 (53,6)
muito satisfeito	0 (0,0)	1 (12,5)	0 (0,0)	1 (3,6)

Satisfação com a rua onde mora em relação à segurança na rua:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	1 (3,2)	0 (0,0)	1 (3,6)	8 (28,6)
insatisfeito	4 (12,9)	4 (50,0)	4 (14,3)	9 (32,1)
nem satisfeito nem insatisfeito	6 (19,4)	0 (0,0)	5 (17,9)	3 (10,7)
satisfeito	19 (61,3)	4 (50,0)	18 (64,3)	8 (28,6)
muito satisfeito	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)

Satisfação com a rua onde mora em relação à vizinhança:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,6)	0 (0,0)
insatisfeito	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	3 (10,7)
nem satisfeito nem insatisfeito	2 (6,5)	1 (12,5)	4 (14,3)	6 (21,4)
satisfeito	21 (67,7)	7 (87,5)	21 (75,0)	15 (53,6)
muito satisfeito	7 (22,6)	0 (0,0)	2 (7,1)	4 (14,3)

Como se sente em morar nesta rua?

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,6)	2 (7,1)
insatisfeito	1 (3,2)	1 (12,5)	1 (3,6)	5 (17,9)
nem satisfeito nem insatisfeito	0 (0,0)	0 (0,0)	5 (17,9)	4 (14,3)
satisfeito	19 (61,3)	4 (50,0)	13 (46,4)	11 (39,3)
muito satisfeito	11 (35,5)	3 (37,5)	8 (28,6)	6 (21,4)

ANEXOS

Satisfação com o bairro onde mora em relação à iluminação:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
insatisfeito	3 (9,7)	2 (25,0)	5 (17,9)	4 (14,3)
nem satisfeito nem insatisfeito	7 (22,6)	2 (25,0)	4 (14,3)	5 (17,9)
satisfeito	16 (51,6)	4 (50,0)	19 (67,9)	18 (64,3)
muito satisfeito	5 (16,1)	0(0,0)	0 (0,0)	1 (3,6)

Satisfação com o bairro onde mora em relação ao esgoto (presença de mau-cheiro):

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	5(16,1)	0(0,0)	0(0,0)	8(28,6)
insatisfeito	5(16,1)	1(12,5)	3(10,7)	2(7,1)
nem satisfeito nem insatisfeito	0(0,0)	1(12,5)	3(10,7)	0(0,0)
satisfeito	19(61,3)	6(75,0)	22(78,6)	16(57,1)
muito satisfeito	2(6,5)	0(0,0)	0(0,0)	2(7,1)

Satisfação com o bairro onde mora em relação ao acesso ao transporte (paradas de ônibus):

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
insatisfeito	1(3,2)	0 (0,0)	1 (3,6)	1 (3,6)
nem satisfeito nem insatisfeito	4 (12,9)	0 (0,0)	1 (3,6)	0 (0,0)
satisfeito	21 (67,7)	8 (100,0)	26 (92,9)	22 (78,6)
muito satisfeito	5(16,1)	0(0,0)	0(0,0)	5 (17,9)

Satisfação com o bairro onde mora em relação à aparência das casas dos vizinhos:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
insatisfeito	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	6 (21,4)
nem satisfeito nem insatisfeito	11(35,5)	1 (12,5)	5 (17,9)	9 (32,1)
satisfeito	17 (54,8)	7 (87,5)	21 (75,0)	13 (46,4)
muito satisfeito	3 (9,7)	0 (0,0)	2 (7,1)	0 (0,0)

Satisfação com o bairro onde mora em relação à proximidade de comércio e serviços básicos:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	1 (3,2)	0 (0,0)	1 (3,6)	1 (3,6)
insatisfeito	2 (6,5)	0 (0,0)	5 (17,9)	3 (10,7)
nem satisfeito nem insatisfeito	5 (16,1)	1 (12,5)	0 (0,0)	4 (14,3)
satisfeito	19 (61,3)	7 (87,5)	22 (78,6)	19 (67,9)
muito satisfeito	4 (12,9)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,6)

Satisfação com o bairro onde mora em relação à proximidade creches e escolas:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
insatisfeito	5(16,1)	2(25,0)	6(21,4)	0(0,0)
nem satisfeito nem insatisfeito	2(6,5)	1(12,5)	1(3,6)	2(7,1)
satisfeito	23(74,2)	5(62,5)	21(75,0)	21(75,0)
muito satisfeito	1(3,2)	0(0,0)	0(0,0)	5(17,9)

ANEXOS

Satisfação com o bairro onde mora em relação à proximidade hospitais e postos de saúde:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	1(3,2)	1(12,5)	2(7,1)	1(3,6)
insatisfeito	4(12,9)	1(12,5)	12(42,9)	4(14,3)
nem satisfeito nem insatisfeito	8(25,8)	0(0,0)	0(0,0)	5(17,9)
satisfeito	18(58,1)	6(75,0)	13(46,4)	15(53,6)
muito satisfeito	0(0,0)	0(0,0)	1(3,6)	3(10,7)

Satisfação com o bairro onde mora em relação à proximidade de praças:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	5(16,1)	1(12,5)	4(14,3)	1(3,6)
insatisfeito	5(16,1)	1(12,5)	7(25,0)	11(39,3)
nem satisfeito nem insatisfeito	16(51,6)	6(75,0)	8(28,6)	11(39,3)
satisfeito	5(16,1)	0(0,0)	9(32,1)	5(17,9)

Satisfação com o bairro onde mora em relação à proximidade centro:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	2 (6,5)	1 (12,5)	2 (7,1)	2 (7,1)
insatisfeito	8 (25,8)	2 (25,0)	13 (46,4)	7 (25,0)
nem satisfeito nem insatisfeito	5 (16,1)	1 (12,5)	3 (10,7)	2 (7,1)
satisfeito	16 (51,6)	3 (37,5)	10 (35,7)	15 (53,6)
muito satisfeito	0 (0,0)	1 (12,5)	0 (0,0)	2 (7,1)

Satisfação bairro onde mora em relação à segurança:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28(100)
muito insatisfeito	1 (3,2)	2 (25,0)	0 (0,0)	9(32,1)
insatisfeito	7 (22,6)	2 (25,0)	6 (21,4)	7 (25,0)
nem satisfeito nem insatisfeito	5 (16,1)	0 (0,0)	8 (28,6)	6 (21,4)
satisfeito	17 (11,0)	4 (2,6)	14 (9,0)	6 (3,9)
muito satisfeito	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)

Satisfação com o bairro onde mora em relação à vizinhança:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28(100)
muito insatisfeito	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
insatisfeito	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	5 (17,9)
nem satisfeito nem insatisfeito	4 (12,9)	0 (0,0)	3 (10,7)	6 (21,4)
satisfeito	22 (71,0)	8 (100,0)	24 (85,7)	15(53,6)
muito satisfeito	5 (16,1)	0 (0,0)	1 (3,6)	2 (7,1)

Como se sente em morar neste bairro?

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
muito insatisfeito	0 (0,0)	0(0,0)	0(0,0)	0(0,0)
insatisfeito	0 (0,0)	0(0,0)	0(0,0)	5 (17,9)
nem satisfeito nem insatisfeito	3 (9,7)	1 (12,5)	4 (14,3)	6 (21,4)
satisfeito	22 (71,0)	5 (62,5)	18 (64,3)	13 (46,4)
muito satisfeito	6 (19,4)	2 (25,0)	6 (21,4)	4 (14,3)

ANEXOS

Se você tivesse que se mudar, onde gostaria de morar?

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
no mesmo bairro	15 (48,4)	3 (37,5)	9 (32,1)	4 (14,3)
no bairro que morava antes	1 (3,2)	3 (37,5)	4 (14,3)	8 (28,6)
mais próximo do centro	14 (45,2)	2 (25,0)	11 (39,3)	11 (39,3)
em outro bairro	1 (3,2)	0 (0,0)	4 (14,3)	5 (17,9)

Relacionamento com os vizinhos : gosto dos moradores do meu bairro

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
discordo	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	3 (10,7)
nem concordo nem discordo	7 (22,6)	2 (25,0)	7 (25,0)	9 (32,1)
concordo	20 (64,5)	5 (62,5)	20 (71,4)	16 (57,1)
concordo muito	4 (12,9)	1 (12,5)	1 (3,6)	0 (0,0)

Relacionamento com os vizinhos: acho os moradores do local onde moro parecidos

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
discordo muito	3 (9,7)	2 (25,0)	3 (10,7)	8 (28,6)
discordo	10 (32,3)	2 (25,0)	15 (53,6)	6 (21,4)
nem concordo nem discordo	5 (16,1)	0 (0,0)	2 (7,1)	1 (3,6)
concordo	13 (41,9)	4 (50,0)	8 (28,6)	13 (46,4)
concordo muito	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)

Relacionamento com os vizinhos: se eu precisar de ajuda posso ir até um vizinho

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
discordo muito	1 (3,2)	0 (0,0)	1 (3,6)	2 (7,1)
discordo	0 (0,0)	1 (12,5)	0 (0,0)	3 (10,7)
nem concordo nem discordo	2 (6,5)	0 (0,0)	3 (10,7)	0 (0,0)
concordo	24 (77,4)	6 (75,0)	22 (78,6)	18 (64,3)
concordo muito	4 (12,9)	1 (12,5)	2 (7,1)	5 (17,9)

Relacionamento com os vizinhos: tenho novos amigos vivendo neste bairro

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
discordo muito	1(3,2)	0(0,0)	1(3,6)	0(0,0)
discordo	7(22,6)	4(50,0)	9(32,1)	4(14,3)
nem concordo nem discordo	3(9,7)	2(25,0)	3(10,7)	3(10,7)
concordo	19(61,3)	2(25,0)	13(46,4)	21(75,0)
concordo muito	1(3,2)	0(0,0)	2(7,1)	0(0,0)

Relacionamento com os vizinhos: meu vizinhos fazem muito ruído

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
discordo muito	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
discordo	27 (87,1)	5 (62,5)	13 (46,4)	11(39,3)
nem concordo nem discordo	1 (3,2)	0 (0,0)	3 (10,7)	0 (0,0)
concordo	2 (6,5)	2 (25,0)	9 (32,1)	8 (28,6)
concordo muito	1 (3,2)	1 (12,5)	3 (10,7)	9 (32,1)

ANEXOS

Relacionamento com os vizinhos: me irrito com meus vizinhos com frequência

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
discordo muito	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,6)
discordo	27 (87,1)	5 (62,5)	19 (67,9)	18 (64,3)
não concordo nem discordo	2 (6,5)	0 (0,0)	2 (7,1)	0 (0,0)
concordo	0 (0,0)	2 (25,0)	6 (21,4)	7 (25,0)
concordo muito	1 (3,2)	1 (12,5)	1 (3,6)	2 (7,1)

Relacionamento com os vizinhos: nunca me senti realmente seguro no local onde moro

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
concordo muito	1 (3,2)	0 (0,0)	1 (3,6)	5 (17,9)
concordo	7 (22,6)	8 (100,0)	8 (28,6)	11 (39,3)
nem concordo nem discordo	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (7,1)	1 (3,6)
discordo	23 (74,2)	0 (0,0)	17 (60,7)	11 (39,3)
discordo muito	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)

Relacionamento com os vizinhos: gosto muito da minha residência

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
discordo	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,6)	0 (0,0)
nem concordo nem discordo	1 (3,2)	1 (12,5)	3 (10,7)	0 (0,0)
concordo	15 (48,4)	2 (25,0)	11 (39,3)	13 (46,4)
concordo muito	15 (48,4)	5 (62,5)	13 (46,4)	15 (53,6)

Relacionamento com os vizinhos: não me sinto em casa nessa vizinhança

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
concordo muito	1 (3,2)	0 (0,0)	1 (3,6)	1 (3,6)
concordo	10 (32,3)	4 (50,0)	13 (46,4)	9 (32,1)
nem concordo nem discordo	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,6)	3 (10,7)
discordo	19 (61,3)	4 (50,0)	13 (46,4)	15 (53,6)
discordo muito	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)

Relacionamento: Teria mais contato com amigos e familiares se morasse em outra parte da cidade

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
discordo muito	1(3,2)	0(0,0)	0(0,0)	2(7,1)
discordo	27(87,1)	5(62,5)	11(39,3)	15(53,6)
nem concordo nem discordo	2(6,5)	1(12,5)	7(25,0)	2(7,1)
concordo	1(3,2)	2(25,0)	9(32,1)	8(28,6)
concordo muito	0(0,0)	0(0,0)	1(3,6)	1(3,6)

Quando é que você se sente em casa?

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
quando chega no bairro parada	11(35,5)	0(0,0)	4(14,3)	3(10,7)
quando está próximo quadra	8(25,8)	5(62,5)	14(50,0)	10(35,7)
quando chega na frente da sua	10(32,3)	3(37,5)	3(10,7)	3(10,7)
quando chega dentro de casa	2(6,5)	0(0,0)	7(25,0)	12(42,9)

ANEXOS

Você percebe diferenças entre sua casa e a casa dos vizinhos na rua em relação à:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
Tipos de casas	7 (22,6)	1 (12,5)	2 (7,1)	3 (10,7)
Materiais das casas	1 (12,5)	2 (7,1)	4 (14,3)	7 (22,6)
cores das casas	13 (41,9)	2 (25,0)	3 (10,7)	6 (21,4)
manutenção	9 (29,0)	2 (25,0)	5 (17,9)	10 (35,7)
Cuidados com jardim/pátio	10 (32,3)	2 (25,0)	5 (17,9)	11(39,3)
nenhuma das alternativas,	12 (38,7)	5 (62,5)	18 (64,3)	14 (50,0)

Você percebe diferenças entre sua casa e a casa dos vizinhos no bairro em relação à:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
tipos de casas	7 (22,6)	1 (12,5)	12 (42,9)	5 (17,9)
Materiais das casas	4 (12,9)	1 (12,5)	5 (17,9)	5 (17,9)
cores das casas	9 (29,0)	2 (25,0)	10 (35,7)	7 (25,0)
manutenção	10 (32,3)	1 (12,5)	7 (25,0)	10 (35,7)
Cuidados com jardim/pátio	10 (32,3)	1 (12,5)	13 (46,4)	6 (21,4)
nenhuma das alternativas,	13 (41,9)	6 (75,0)	8 (28,6)	14 (50,0)

Qual você acha que é a opinião de pessoas que moram em outros bairros da cidade sobre seu bairro?

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
falam bem	8 (25,8)	2 (25,0)	10 (35,7)	0 (0,0)
não falam bem nem mal	16 (51,6)	5 (62,5)	12 (42,9)	3 (10,70)
falam mal	7 (22,6)	1 (12,5)	6 (21,4)	25 (89,3)

Tempo de moradia:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	28 (100)	31 (100)	8 (100)	28 (100)
mais de 10 anos	6 (19,4)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
de 6 a 10 anos	5 (16,1)	0 (0,0)	0 (0,0)	21 (75,0)
3 a 5 anos	12 (38,7)	7 (87,5)	23 (82,1)	5 (17,9)
1 a 2 anos	8 (25,8)	1 (12,5)	5 (17,9)	2 (7,1)

Principal meio de locomoção:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
a pé	8 (25,8)	2 (25,0)	7 (25,0)	7 (25,0)
bicicleta	4 (12,9)	0 (0,0)	4 (14,3)	2 (7,1)
motocicleta	3 (9,7)	1 (12,5)	1 (3,6)	6 (21,4)
carro	2 (6,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
ônibus	14 (45,2)	5 (62,5)	16 (57,1)	13 (46,4)

Hábitos de compra no dia-dia:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
no próprio bairro	15(48,4)	5 (62,5)	18 (64,3)	6 (21,4)
no centro	11(35,5)	3 (37,5)	5 (17,9)	12 (42,9)
em outros bairros	5 (16,1)	0 (0,0)	4 (14,3)	6 (21,4)
outro	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,6)	4 (14,3)

ANEXOS

Local de trabalho:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
em casa	9 (29,0)	2 (25,0)	9 (32,1)	4 (14,3)
no bairro	2 (6,5)	1 (12,5)	4 (14,3)	1 (3,6)
em outro bairro	6 (19,4)	0 (0,0)	4 (14,3)	11 (39,3)
no centro	11 (35,5)	4 (50,0)	9 (32,1)	11 (39,3)
em outra cidade	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
não trabalha	3 (9,7)	1 (12,5)	2 (7,1)	1 (3,6)

Local de estudo dos filhos:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
no bairro	21(67,7)	2 (25,0)	14 (50,0)	7 (25,0)
em outro bairro	4 (12,9)	4 (50,0)	9 (32,1)	15 (53,6)
em outra cidade	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
não tem filhos ou não estudam	6 (19,4)	2 (25,0)	5 (17,9)	6 (21,4)

Gênero do entrevistado:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
masculino	6 (19,4)	0 (0,0)	3 (10,7)	3 (10,7)
feminino	25(80,6)	8 (100,0)	25 (89,3)	25 (89,3)

Escolaridade:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
ensino fundamental incompleto	23 (74,2)	6 (75,0)	23 (82,1)	13 (46,4)
ensino fundamental completo	0 (0,0)	1 (12,5)	0 (0,0)	3 (10,7)
ensino médio incompleto	2 (6,5)	1 (12,5)	2 (7,1)	7 (25,0)
ensino médio incompleto	1 (3,2)	0 (0,0)	2 (7,1)	4 (14,3)
ensino médio completo	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
ensino superior incompleto	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,6)
ensino superior completo	4 (12,9)	0 (0,0)	1 (3,6)	0 (0,0)

Faixa etária:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
até 20 anos	1 (3,2)	0 (0,0)	3 (10,7)	3 (10,7)
de 21 a 59 anos	27 (87,1)	8 (100,0)	22 (78,6)	25 (89,3)
acima de 60 anos	3 (9,7)	0 (0,0)	3 (10,7)	0 (0,0)

Faixas de renda familiar:

	UP	UC1- pequeno	UC2 - médio	UC3 - grande
	31 (100)	8 (100)	28 (100)	28 (100)
abaixo de R\$ 1530,00 (abaixo	30(96,8)	8 (100,0)	27 (96,4)	26 (92,9)
de R\$ 1531,00 a R\$ 2550,00	1(3,2)	0 (0,0)	1 (3,6)	2 (7,1)